

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

MARIA INÊS FONTANA

**A PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL:
A VINCULAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO E DA INTERVENÇÃO NA PRÁTICA
PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL**

DOUTORADO EM SERVIÇO SOCIAL

**SÃO PAULO
2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

MARIA INÊS FONTANA

**A PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL:
A VINCULAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO E DA INTERVENÇÃO NA PRÁTICA
PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em Serviço Social, sob a orientação da Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli.

**SÃO PAULO
2010**

Fontana, Maria Inês

A pesquisa em Serviço Social: a vinculação da investigação e da intervenção na prática profissional do assistente social / Maria Inês Fontana; orientadora Maria Lúcia Martinelli. - São Paulo, 2010.

238f. : fig. ; tab.

Tese (Doutorado em Serviço Social. Área de Concentração: Identidade, Formação e Prática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1. Pesquisa; Serviço Social; Prática profissional 2. Serviço Social

CDD

Banca Examinadora

Meus filhos queridos, AUGUSTO e AGNES

Obrigado por compreenderem minha ausência, pelo apoio dado para o alcance deste sonho, pelo respeito aos meus ideais profissionais e pela minha paixão pelo Serviço Social.

Meus amados pais, JUCA e DIRCE

Obrigado por serem sempre meu porto seguro, por terem transmitido exemplo de vida e de luta; pela simplicidade e honestidade que me ensinaram, por me acolherem sempre com ternura e carinho.

“Se um dia já homem feito e realizado, sentires que a terra cede a seus pés, que tuas obras desmoronam, que não há ninguém à tua volta para te estender à mão, esquece a tua maturidade, passa pela tua mocidade, volta à tua infância e balbucia entre lágrimas e esperanças, as últimas palavras que sempre te restarão na alma: minha mãe, meu pai, sou-lhes grato”. (Rui Barbosa)

Amo vocês...

Aos meus avós, BEPE e AURORA:

Vocês se foram, mas não me esqueço de vocês nem um minuto. Plantaram no meu coração atributos preciosos: humildade, coragem e luta. Sei que esta vitória é sustentada em tudo que me ensinaram, por isso dedico esta vitória a vocês. Estou conformada pela certeza de que: “As pessoas não morrem, ficam encantadas” (Guimarães Rosa)

A você FERNANDO, que se faz INESQUECÍVEL...

... que entrou em minha vida como um presente de Deus, me trazendo alegria e paz; pela sua ternura e tranquilidade, fazendo-me conhecer o que há de mais belo na vida: o amor. Obrigada por ter acreditado em mim, por me fortalecer sempre e por estar ao meu lado incondicionalmente! Obrigada!!!

Dedico este trabalho a vocês, que são a minha vida.

HOMENAGEM ESPECIAL

Querida Professora e Orientadora, Dra. Maria Lúcia Martinelli

Ensinar é acreditar que pode contribuir, é compartilhar de sua própria existência.

A você querida professora,
que me guiou para além das teorias, das filosofias e das técnicas, que me deu a consciência do valor da nossa profissão, alertando-me sobre as responsabilidades que temos que assumir, mostrando-me que sempre há algo mais para se aprender a cada dia.

E, acima de tudo, por ter acreditado na minha capacidade, aceitando e respeitando meus limites e potencializando minhas habilidades. A você meu carinho, minha gratidão e respeito eterno.

A você que gosta de poesia e que faz da vida de seus alunos uma poesia, nos ensinando a viver, sonhar, ousar e acreditar:

QUEM É?

Celso Antunes

Quem é este estranho personagem?

Homem ou mulher, velho ou moço, que em sua ação ao mesmo tempo músico e regente?

Quem é esta figura que em seu trabalho chora e ri, fala e escuta, canta e encanta?

Quem é este ator que precisa entusiasmar o grupo e ao mesmo tempo atender ao apelo individual? Precisa manter a ordem sem perder a serenidade; falar a todos, ouvindo cada um?

Quem é este estranho personagem? Que possui a indômita magia para ajudar a todos a desabrochar e se expressar, aprender a se transformar, construir e sonhar? Quem é este estranho malabarista que necessita se equilibrar entre conteúdos e competências, limitando excessos, favorecendo autonomia, acordando inteligências, provocando pensamentos?

Quem é este anjo que empresta a filhos dos outros o tempo que para os seus não tem e que, cobrado pelos desafios da vida, sempre dura, não consegue apagar a emoção que a retina propicia?

Quem é este estranho personagem? Que necessita sempre resolver, saber, decidir, propor, desafiar, sem oportunidade de perder instante, sem o recurso de deixar para depois?

Quem possui esta aura para esgotado renovar esforços, combatido encontrar energia?

Quem pode ao entrar em cada classe, refazer-se novo, como se aquela fosse a única?

Quem é este estranho personagem? Que aprende a empatia que ensina, pratica a solidariedade que prega, administra a progressão do currículo que deseja, avalia com olhar abrangente, vibra com sucessos que não são seus? Quem é este distribuidor de sementes que não colhe para uso próprio os frutos que plantou?

Quem é este estranho personagem? Quem é este teimoso otimista que confia no aluno, que acredita no amanhã, que espera sempre pelo sonho?

Quem é este estranho personagem?

Se ignorar a resposta, busque-a no espelho, prezado professor...

**Tudo isso e muito mais é a minha querida, amada e inesquecível professora,
Dra. Maria Lúcia Martinelli.**

AGRADECIMENTOS

“Se cheguei a ver mais longe, foi porque subi aos ombros de gigantes”

Isaac Newton

A DEUS

“Eu tenho tanta estrada no meu caminho e muitas ilusões para tropeçar. Quem segue a tua luz não vai sozinho, tem sempre uma estrela para guiar, transforma a minha voz na voz do vento que eu levo o meu canto. O sentimento de cantar retira dos olhos de Deus esse brilho divino, para o meu destino iluminar” (Noca da Portela, Tranca, Toninho Nascimento).

Às minhas amigas de sempre:

ILDA CHICALÉ ATAURI, minha irmã de coração, que está comigo sempre!

SILVANA MAZIEIRO CUSTÓDIO, amiga de todas as horas, sempre!

Às minhas colegas da Vara da Infância e Juventude da Comarca de Bauru- SP e às colegas do Escritório de Consultoria,

MARIA CRISTINA e ANA CLAUDIA, que sempre me apoiaram na luta pelos meus ideais.

Às iluminadas professoras de minha Banca de Qualificação,

Dra. MARIA CARMELITA YAZBEK, NEIDE A. S. LEHFELD, MARIA INÊS GÂNDARA GRACIANO, pelas contribuições efetivadas para a tese e pelo exemplo de luta pela construção de conhecimento no Serviço Social.

Aos meus queridos alunos da FSSB,

que construíram comigo este sonho, participando com entusiasmo e dedicação na coleta de dados da pesquisa. Em especial, às alunas ROSELI GOBBI e REGIANE LUCA, pelo apoio na efetivação da pesquisa qualitativa.

Agradeço a vocês todos por todo o incentivo e vibração que transmitiam nas minhas conquistas.

Aos queridos profissionais/supervisores dos campos de Estágio da FSSB,

sujeitos da minha pesquisa, a quem tenho apreço e consideração, já que constroem a identidade da nossa profissão.

A direção da ITE e da FSSB,

pelo apoio oferecido para o alcance deste ideal.

Vocês todos impulsionaram meu sonho e estarão para sempre comigo, passe o tempo que passar... Estarão no meu pensamento, na minha lembrança e no meu coração. Obrigada!

MINHA RELAÇÃO COM O SERVIÇO SOCIAL

A vida é para ser vivida,
de forma intensa e por inteiro...
Sempre compartilhando com o outro,
agindo com paixão e determinação.
Certo de que as decepções fazem parte,
elas passam e nós permanecemos.
Apesar das dificuldades,
é preciso continuar...
Indo em busca dos nossos objetivos.
Observando tudo com olhos abertos,
vendo com sensibilidade,
acreditando sempre nas possibilidades.
Sendo feliz, não sozinho,
mas pelos outros, por todos.
O egoísmo não deve ter vez,
a fé e o amor terão voz e
estaremos construindo
um mundo pautado:
na liberdade, no respeito,
na igualdade, na dignidade
onde reine a justiça social.
Essa é a luta do Serviço Social...
Do seu projeto profissional.
Então, é a minha luta também,
pois eu sou com prazer
Assistente Social !!!!!
Amém!!!

*Maria Inês Fontana
(Eu mesma!!!)*

RESUMO

Esta tese tem como objetivo geral compreender a vinculação da pesquisa com a prática profissional do assistente social no seu cotidiano institucional, nas diferentes áreas de atuação. Os sujeitos da pesquisa foram profissionais que trabalhavam em instituições públicas ou privadas e que, concomitantemente, eram supervisores de campo de estágio de alunos da Faculdade de Serviço Social de Bauru, em 17 municípios da 7ª Região Administrativa do Estado de São Paulo. A pesquisa levantou dados quantitativos e qualitativos, com a participação de 63 sujeitos, que responderam a um questionário. Dentre estes sujeitos foram selecionados oito profissionais para participar do grupo focal. Os dados obtidos evidenciaram que os assistentes sociais reconhecem a relevância da pesquisa no exercício profissional, apontam a sua necessidade para uma maior qualificação do trabalho profissional, e descrevem-na como instrumento fundamental de conhecimento da realidade, bem como das demandas profissionais, atribuindo-lhe relevância no direcionamento à intervenção profissional. Também foi considerada pelos sujeitos como uma das formas de sustentação da competência e da manutenção da profissão no mundo do trabalho; responsável por encaminhar os projetos profissionais na direção da efetivação do projeto ético-político da profissão. Os sujeitos também destacaram que, por ter perspectiva superadora, a pesquisa pode ser trabalhada como uma forma de fortalecimento de luta da população, como possibilidade de transposição das práticas sociais e, pelo seu alcance democrático, marcar a participação dos sujeitos. Os sujeitos afirmaram ainda, que a categoria utiliza a pesquisa de forma incipiente e atribuíram a sua não utilização na prática profissional à falta de hábito e domínio metodológico em pesquisa, à dificuldade de sistematização e à pouca tradição de pesquisa no Serviço Social. Evidenciaram que a alteração deste quadro será possível por uma construção coletiva, que deve ser estimulada e efetivada pelos órgãos representativos (CRESS, CFESS e ABPESS) e que deve acontecer na formação, bem como fazer-se presente na agenda e nas pautas da capacitação continuada dos profissionais. Ficou evidenciado o sentimento de humildade e de consciência por parte dos sujeitos quanto à necessidade de superação do quadro atual.

Palavras-chave: Pesquisa; Serviço Social; Prática profissional.

ABSTRACT

The general objective of this thesis is to comprehend the liaison between academic research and professional practice of the Social Assistant during its daily work in the various actuation areas. This research subjects were professionals who work on public and private institutions and, concomitantly, were trainee supervisors of students from University of Social Services of Bauru, in 17 cities inside the 7th Administrative region of São Paulo state. The research took quantitative and qualitative data from the answers of 63 people, who answered a list of specific questions. Between these subjects were selected eight professionals who participated of a focal group. The collected data showed that the Social Assistants recognize the relevance of the research on their daily work, point it as a need for a better qualification of the professional work and describe it as a fundamental instrument of reality knowledge as well as the professional demand, attributing it relevance on the directionally professional intervention. Also the research was qualified by the subjects as one way to maintain the professional competence and job on daily work; responsible to forward the professional projects on the direction of the ethic-politic accomplishment inside the profession. The subjects also detached that having a distinguished perspective, this research can be used as a strength way of population struggle, as a possibility of social practices transposition and, per its democratic sign, to mark the subjects take part. They still related that the category uses the research only as an insipient way, attributing its non usage on the professional practice to the leak of habit and research method knowledge, behind the difficulty of a systemization and to the poor tradition of research on the Social Service. They explained that the alteration of this scenario will be possible per a collective construction which must be stimulated and effectuated by the representative agencies (CRESS, CFESS e ABPESS) which should happen during the studies and be present on the agenda and roll of continuous capacitating of theses professionals. Finally it was evident the humility feeling by the subjects and the conception that the current scenario must be improved.

Keywords: Research; Social Service; Professional Practice

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Regiões Administrativas do Estado de São Paulo	27
Figura 2	- Mapa da Região Administrativa de Bauru	27
Figura 3	- Perfil de valor adicionado de economia dos municípios - 7ª Região	30
Figura 4	- Mapa da Região Administrativa de Bauru com os municípios campo de estágio da FSSB – 2008	38
Figura 5	- Distribuição de campos de estágio por município – 2008	40
Figura 6	- Distribuição de campos de estágio por área de atuação	52
Figura 7	- Município nos quais os sujeitos pesquisados estão inseridos profissionalmente	53
Figura 8	- Porcentagem de supervisores e respectivo número de estagiários supervisionados	54
Figura 9	- Faixa etária dos sujeitos pesquisados	54
Figura 10	- Porcentagem dos sujeitos quanto ao estado civil	55
Figura 11	- Porcentagem dos sujeitos quanto ao gênero	56
Figura 12	- Porcentagem dos sujeitos quanto ao ano formação	56
Figura 13	- Porcentagem dos sujeitos quanto à Instituição de formação	57
Figura 14	- Porcentagem dos sujeitos quanto ao tempo de trabalho no espaço ocupacional	58
Figura 15	- Porcentagem dos sujeitos quanto ao tempo de trabalho como supervisor de estágio	59
Figura 16	- Porcentagem dos sujeitos quanto ao tempo de experiência como assistentes sociais	59
Figura 17	- Porcentagem de sujeitos quanto a outra formação acadêmica	60
Figura 18	- Porcentagem de sujeitos quanto à pós-graduação	60
Figura 19	- Porcentagem dos sujeitos quanto ao nível de pós-graduação	61
Figura 20	- Porcentagem de sujeitos quanto à disposição em participar do grupo focal	61
Figura 21	- Totalização das dissertações e teses da PUCSP (1991-2006)	79
Figura 22	- Totalização do número de publicações que tinham a pesquisa como temática, na Revista Serviço Social e Sociedade, no período de 1980 a 2008	85
Figura 23	- Porcentagem de publicações que tinham a pesquisa como temática, na Revista Serviço Social e Sociedade, no período de 1980 a 2008	85
Figura 24	- Porcentagem de publicações que tinham a pesquisa como temática, por fonte, no período de 2004 a 2008	93

Figura 25	- Totalização do número de publicações que tinham a pesquisa como temática, por fonte, no período de 2004 a 2008	93
Figura 26	- Porcentagem de respostas quanto à relevância da pesquisa na profissão	127
Figura 27	- Distribuição dos sujeitos quanto à utilização da pesquisa na prática profissional	141
Figura 28	- Motivos que levavam à utilização da pesquisa na prática profissional	142
Figura 29	- Situações em que a pesquisa é utilizada na prática profissional	144
Figura 30	- Distribuição dos sujeitos, de acordo com a frequência com que utilizam a pesquisa	159
Figura 31	- Tipo de pesquisa utilizada na prática profissional	161
Figura 32	- Justificativas utilizadas para a opção metodológica utilizada	161
Figura 33	- Instrumentos de pesquisa mais utilizados pelos sujeitos	168
Figura 34	- Aspectos facilitadores para o uso da pesquisa	175
Figura 35	- Aspectos apontados como perspectivas para o uso contínuo da pesquisa na prática profissional	180
Figura 36	- Justificativas dos sujeitos para a não utilização da pesquisa na prática profissional	180
Figura 37	- Elementos que dificultam a aplicação da pesquisa na prática profissional	181
Figura 38	- Sugestões dos sujeitos para ampliar o uso da pesquisa no trabalho profissional	198

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Caracterização territorial e demográfica dos municípios – Campos de Estágio da FSSB – 2008	28
Tabela 2	- Caracterização dos campos estágio da FSSB – 2008	39
Tabela 3	- Número de campos de estágio por município – 2008	40
Tabela 4	- Campos de estágio por área de atuação – 2008	52
Tabela 5	- Caracterização dos sujeitos da pesquisa participantes do grupo focal	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Totalização de produções com temática sobre a pesquisa em dissertações e teses da PUCSP (1991 a 2008)	80
Quadro 2	- Demonstrativo de artigos científicos da revista Serviço Social e Sociedade, no período 2004-2008	81
Quadro 3	- Totalização, por década, de produções com temática sobre a pesquisa em Serviço Social, na revista Serviço Social e Sociedade	83
Quadro 4	- Totalização de produções com temática sobre a pesquisa em Serviço Social nas revistas ABESS e Temporalis	86
Quadro 5	- Demonstrativo de artigos científicos da revista Construindo o Serviço Social – FSSB-ITE (1997-2008)	87
Quadro 6	- Demonstrativo de artigos científicos (Revistas ABESS, Temporalis e Serviço Social e Sociedade), teses e dissertações sobre pesquisa em Serviço Social da PUCSP (2004-2008)	88

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Serviço Social
ABESS	Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social
ALAESS	Associação Latino Americana de Ensino de Serviço Social
APL	Arranjos Produtivos Locais
CAPESS	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBCISS	Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais
CEAGESP	Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo
CEDEPSS	Centro de Documentação e Pesquisa em Políticas Sociais e Serviço Social
CELATS	Centro Latino Americano de Trabalho Social
CFE	Conselho Federal de Educação
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CIAVI	Centro Integrado de Atenção a Vítimas de Violência
CIESP	Centro das Indústrias do Estado de São Paulo
CITE	Centro de Interação Social
COHAB	Companhia Habitacional de Bauru
CPA	Comissão Própria de Avaliação
CPG	Centro de Pós Graduação
CRAMI	Conselho Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos à Infância
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social
DAESP	Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo
DATA-ITE	Publicação da Faculdade de Ciências Econômicas de Bauru
DIRA	Divisão Regional Agrícola
EADI	Estação aduaneira do interior
EDITE	Editora da ITE
ENESSO	Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social
ENPESS	Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social
EUA	Estados Unidos da América

FATES	Faculdade de Tecnologia de São Paulo
FOB	Faculdade de Odontologia de Bauru
FSSB	Faculdade de Serviço Social de Bauru
FUNDATO	Fundação Toledo
HRAC-USP	Hospital de Reabilitação de Anomalias craniofaciais da Universidade de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IES	Instituição de Ensino Superior
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPMet	Instituto de Pesquisas Meteorológicas
IPRS	Índice Paulista de Responsabilidade Social
ITE	Instituição Toledo de Ensino
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NAF	Núcleo de Apoio Familiar
PNAS	Plano Nacional de Assistência Social
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PP	Projeto Pedagógico
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica- São Paulo
RA	Região Administrativa
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SEBES	Secretaria Municipal do Bem Estar Social
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação de Ensino Superior
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UNAERP	Universidade de Ribeirão Preto
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”
USP	Universidade de São Paulo
VA	Valor adicionado na economia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O CONTEXTO DA PESQUISA	25
2.1 Lugar da pesquisa	26
2.2 Sujeitos da pesquisa	41
2.3 Caminho metodológico construído	62
3 PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL	78
3.1 O mapeamento da produção de conhecimento sobre o objeto de estudo	78
3.2 A prática profissional do Assistente Social	96
3.3 A articulação pesquisa/intervenção profissional	116
4 A VINCULAÇÃO DA PESQUISA COM A PRÁTICA PROFISSIONAL: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS PELOS SUJEITOS	125
5 CONCLUSÕES: COMPARTILHANDO OS CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS	208
REFERÊNCIAS	217
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	227
APÊNDICES	231

1 INTRODUÇÃO

O tema desta tese e a construção do seu objeto pautaram-se na trajetória profissional desta pesquisadora, iniciada há vinte e cinco anos, com atuação em diferentes espaços ocupacionais: nas diversas políticas públicas e práticas profissionais (assistência social, saúde, criança e adolescente, habitação, judiciário), no exercício de supervisora de estágio, por mais de uma década, e também no exercício da docência, por vinte anos, na graduação em Serviço Social. Especificamente no magistério, são quase quinze anos na disciplina de Pesquisa em Serviço Social; na pós-graduação, cinco anos junto ao Curso de Especialização em Serviço Social, na área de saúde e reabilitação da Universidade de São Paulo (USP), no campus de Bauru; há dois anos no Centro de Pós-Graduação da Instituição Toledo de Ensino de Bauru e há quatro anos na coordenação do Programa de Apoio à Pesquisa, na Faculdade de Serviço Social de Bauru (FSSB).

Esse caminhar possibilitou visualizar e acreditar na existência de vinculação entre a ação investigativa, efetivada pela pesquisa, e a ação interventiva, identificando um movimento importante, que propicia competência e qualificação ao profissional, condição fundamental para o atendimento das demandas que são postas à profissão, oriundas das transformações societárias. Observou-se ainda, que essa articulação (pesquisa-intervenção) não ocorre de modo sistemático no âmbito da categoria profissional, dificultando, assim, a marca de pesquisador na identidade da categoria profissional do assistente social. É nesse contexto que se buscou desvendar essa realidade, para melhor compreender suas determinações e condicionantes e contribuir para o avanço profissional, uma vez que a questão tem sido colocada como um desafio a ser superado.

A percepção de sujeito engajado no objeto desta pesquisa, de profissional da prática, de docente e pesquisadora na Instituição de Ensino Superior – responsável pelo Programa de Apoio à Pesquisa, com vistas à formação de profissionais preparados para utilizarem a pesquisa na prática profissional – permite a certeza do alcance e relevância dos resultados desta pesquisa, pois a trajetória percorrida amplia e direciona caminhos para o efetivo exercício da pesquisa no trabalho profissional.

Destaque-se que os sujeitos desta pesquisa, no momento de sua realização, exerciam a profissão nos diferentes espaços ocupacionais e eram também supervisores de estágio, participando efetiva e ativamente na formação profissional e na construção da identidade profissional.¹

Assim, é imperioso reconhecer que o enfrentamento da questão da identidade, como campo fecundo onde pulsam diversidades, alteridade, tempo, movimento, é vital se queremos que o Serviço social assuma a plenitude de suas potencialidades e cumpra sua vocação como uma, entre outras práticas sociais, direcionada para o processo de transformação social da realidade (MARTINELLI, 1995, p. 140).

Na divisão sociotécnica do trabalho, tem sido observada a sede dos profissionais na busca de atuação mais qualificada e competente, que os faça sentirem-se seguros quanto à manutenção e ampliação da profissão e propicie a valorização e reconhecimento de suas competências no mundo do trabalho. Entende-se que o uso da pesquisa na prática profissional tem grande relevância para que esta sede seja saciada. No entanto, para que isso aconteça, é indispensável desmistificar a pesquisa como processo vinculado apenas à academia e também no contexto institucional, onde deve ser efetivado de forma sistemática e contínua. Essa postura possibilitará que o Serviço Social assuma o lugar que lhe é de direito, potencializando a construção de um conhecimento calcado na própria prática profissional, uma vez que, no âmbito científico, já é reconhecido pelas agências nacionais de pesquisa como área de conhecimento no campo das Ciências Sociais.

Frente a este contexto, entende-se que é relevante compreender como o assistente social vem utilizando a pesquisa em sua prática cotidiana, tendo em vista a sua importância como forma de conhecer o modo de vida e de trabalho da população usuária das políticas sociais. Efetivamente, é a pesquisa que cria o acervo de conhecimentos sobre as expressões da questão social, nos diferentes espaços ocupacionais do assistente social. Somente a aquisição sistemática de conhecimento poderá alimentar ações inovadoras, capazes de propiciar condições

¹ Identidade Profissional: síntese dialética entre modos de ser e de aparecer socialmente da profissão, expressando as respostas construídas profissionalmente, em diferentes momentos históricos, para atender às demandas que incidem em seu campo de ação (MARTINELLI, 2005, p. 68).

de atendimento efetivo de direitos individuais e sociais dos segmentos excluídos dos bens e serviços socialmente produzidos.

O espírito científico é condição essencial ao exercício profissional do assistente social e oportuniza que o discurso genérico seja ultrapassado para dar lugar ao enfrentamento de situações particulares. Valendo-se da pesquisa da realidade para decifrar situações particulares e conectá-las aos processos sociais macroscópicos que as geram, o profissional do Serviço Social fortalece o seu compromisso ético-político e a sua competência teórico-metodológica. Norteado por esse compromisso a sua ação investigativa construirá uma prática crítica, capaz de interferir diretamente nas condições de vida do cidadão, estreitamente ligada à dimensão política assumida na Lei de Regulamentação da Profissão (1993), no Código de Ética Profissional² (1993) e no Projeto Ético-Político da Profissão, um marco referencial para o efetivo exercício profissional.

Com base nessa convicção é que esta tese foi construída, acreditando-se na sua contribuição para a profissão e para a formação profissional, uma vez que as Diretrizes Curriculares também valorizam a pesquisa.

Na Oficina Nacional da Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social (ABESS), realizada em 1995, a reflexão sobre a direção social da profissão reforçou o delineamento do perfil profissional: a redefinição da formação profissional implica em recuperar os impasses anteriormente apontados no trato de algumas questões que afetam a relação entre conhecimento profissional e realidade e o significado social do exercício profissional.

O Projeto de Formação Profissional, regulamentado em 1996, na sua proposta básica, evidenciou a defesa da continuidade do processo de aprimoramento das principais matrizes do pensamento social contemporâneo, de modo a identificar as particularidades dos processos sociais que tecem o cenário da sociedade brasileira, expressos e presentes em situações concretas que impulsionam a ação profissional, ao mesmo tempo em que evidenciam as possibilidades de transposição, requerendo para isso:

² O Código de Ética Profissional do Assistente Social tem como um dos princípios fundamentais a “ampliação e a consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantidos direitos civis, sociais e políticos das classes trabalhadoras” (Código de Ética do Assistente Social – Resolução CFESS no. 273, de 13/03/1993).

- ✓ o desenvolvimento de pesquisas acerca do processo histórico real, que tanto articulem suas determinações gerais como suas expressões particulares;
- ✓ a realização de pesquisas sobre os fenômenos com os quais o Serviço Social lida – tanto para compreendê-los como para formular respostas profissionais enraizados na realidade e capazes de acionar as possibilidades nela contida.

Na construção desta tese, assumiu-se um compromisso com a formação profissional e com a luta pelo espaço profissional da categoria na divisão sociotécnica do trabalho, que necessita incessantemente de qualificação nas suas ações, não somente para sua manutenção como também para sua superação.

Assim, foi com determinação e compromisso que efetivou-se a reflexão e a compreensão da questão, reconhecendo-se sua dimensão sócio-histórica, com um forte propósito de delinear com os participantes (assistentes sociais), as alternativas para transpor esse desafio posto à profissão: algo relevante e urgente, em tempos de acirramento das transformações societárias e de reestruturação do mundo do trabalho, e também porque o profissional assistente social deve ser ativo na luta pela consolidação da democracia e da justiça social, numa sociedade capitalista e globalizada.

Nesta perspectiva, o objeto de estudo desta tese foi o processo de pesquisa na prática profissional do assistente social, nos diferentes espaços ocupacionais, numa perspectiva de instrumentalização e qualificação da prática profissional. O objetivo geral deste estudo, portanto, foi compreender a vinculação da pesquisa com a prática profissional do assistente social, no seu cotidiano institucional, nas diferentes áreas de atuação. Para alcançá-lo, estabeleceu-se como objetivos específicos:

- ✓ identificar a percepção e compreensão dos assistentes sociais sobre a vinculação da pesquisa com a prática profissional do Serviço Social;
- ✓ identificar os condicionantes internos e externos da prática da pesquisa no exercício profissional;
- ✓ levantar a incidência de pesquisas realizadas pelo assistente social nos diferentes espaços ocupacionais já delimitados,

- ✓ relacionar o uso da pesquisa com as demandas que instigaram sua realização;
- ✓ identificar os processos de pesquisas realizadas pelo assistente social, especificando seus objetivos, os instrumentos de coleta de dados mais utilizados e suas perspectivas.

Como inicialmente esboçado, esta investigação se inseriu na busca de conhecimento acerca da prática profissional do assistente social. Assim sendo, uma das questões norteadoras de suas atividades foi a possibilidade de tornar-se um instrumento de compreensão do cotidiano do exercício profissional, já que revelou dados que até então estavam implícitos e que podem vir a contribuir e oportunizar a construção de processos de alteração e qualificação da prática profissional.

Esta investigação emergiu dos seguintes questionamentos: Como o assistente social concebe e efetiva a pesquisa no seu trabalho cotidiano? Identifica o vínculo entre a pesquisa e a intervenção na sua prática profissional?

Teve também as indagações de estudo estabelecidas pelas seguintes questões norteadoras:

- ✓ Como o profissional concebe a pesquisa na sua prática profissional cotidiana? Atribui relevância a sua utilização no trabalho profissional?
- ✓ Quais são os elementos facilitadores para a utilização da pesquisa na prática profissional?
- ✓ Quais elementos se colocam como dificultadores para a efetivação da pesquisa no exercício profissional?
- ✓ O assistente social vem utilizando a pesquisa em sua prática profissional?
- ✓ Em que situações a tem buscando? Com que frequência? Em quais perspectivas? Quais os instrumentos de coleta de dados mais utilizados nas pesquisas que realiza?
- ✓ Quais são as perspectivas vislumbradas para o uso da pesquisa de forma contínua e sistemática, pelo assistente social, em sua prática profissional cotidiana?

Para tais questões, levantou-se a hipótese de que o assistente social é um trabalhador inserido e legitimado na divisão sociotécnica do trabalho e que sua prática profissional é materializada pela intervenção nas expressões da questão social, realizando a mediação das políticas sociais. Ou seja, é uma profissão que se determina pela dinâmica das relações sociais e pelas respostas que oferece para as demandas que lhe são colocadas; que realiza sua prática profissional no âmbito da prestação de serviços socioassistenciais, com vinculação institucional e que tem, majoritariamente, o Estado como seu empregador.

É notório que, na área de produção de conhecimentos, houve avanços na profissão, efetivados com o uso da pesquisa, uma vez que esta fornece sustentação teórico-metodológica para o exercício profissional. Porém, o assistente social vivencia – em seu processo de trabalho, nos diferentes espaços ocupacionais – limites para a efetivação da pesquisa na sua prática profissional, que podem ser atribuídos:

- ✓ ao diminuto ou inexistente investimento para fomento à pesquisa;
- ✓ à falta de reconhecimento institucional quanto a produção de conhecimento, visto que nem sempre é materializada e possível de ser contabilizada como produtiva;
- ✓ à baixa incorporação da prática investigativa pelos profissionais, algo que pode ser compreendido pela formação profissional, pois somente em 1982 é que a pesquisa foi introduzida como disciplina no Currículo, pelo Parecer no. 413/1982, embora estivesse presente, em alguns casos, no Currículo Pleno;
- ✓ à identidade profissional do assistente social, atribuída socialmente e referendada pela própria categoria profissional, que foi e é fundada pela legitimação da profissão no campo interventivo.

Desta forma, a efetivação da pesquisa na prática profissional do assistente social, nos diversos espaços ocupacionais, é incipiente, justificando o sentimento de despreparo e de incapacidade para construir conhecimento na prática profissional, tarefa delegada à academia e aos intelectuais.

Como delineado por Bourguignon (2005), trata-se de ver a pesquisa como uma particularidade da profissão, como um elemento constitutivo e constituinte do trabalho do assistente social, pois a profissão é interventiva e busca

a transformação social. Essas características denotam a necessidade de realizar uma análise crítica da realidade social e de renovar as ações profissionais cotidianamente, num movimento dialético, no qual a teoria e a prática não estejam desvinculadas. Enfim, num relacionamento inesgotável, refazendo-se numa espiral constante e tendo como centralidade os sujeitos e o retorno dos resultados alcançados à realidade que sustentou a produção de conhecimentos.

O desafio está posto: o assistente social precisa efetivar sua prática, que inegavelmente é interventiva, mas é preciso trilhar o caminho para o reconhecimento e exercício da competência da pesquisa. Esta adquire particularidade na profissão, pela riqueza do trabalho que realiza, pela sua centralidade na vivência social dos sujeitos que constroem a história humana e que têm capacidade *sui generis* de criar e transformar sua inteligência e espiritualidade.

Construir conhecimento sobre o tema foi um desafio, mas sempre houve uma posição de compromisso com a formação profissional e de luta pelo espaço profissional da categoria na divisão sociotécnica do trabalho, que necessita incessantemente de qualificação nas suas ações.

Assim, foi com determinação e compromisso que se deu a construção desta tese, reconhecendo-se sua dimensão sócio-histórica, ciente do forte propósito de delinear com os participantes, que são assistentes sociais, as alternativas para transposição deste desafio posto a profissão, algo relevante e urgente em tempos de acirramento das transformações societárias e de reestruturação do mundo do trabalho, levando-se em conta que o assistente social é membro ativo na luta pela consolidação da democracia e da justiça social, numa sociedade capitalista e globalizada.

A elaboração do conhecimento envolve um esforço de reconstrução da realidade, colocando-se como referência um objeto concreto, delineada por aproximações e abstrações de suas relações, determinações e historicidade, porém, sem pretensão de esgotar a complexidade e dinamicidade do real. O pressuposto que orientou esta investigação foi o de que existe uma vinculação entre a pesquisa e a prática profissional do assistente social, entendendo-se que existe um sentido de complementaridade entre a ação investigativa e a ação interventiva presentes no cotidiano do trabalho profissional.

Percebe-se que o Serviço Social – seja na prática institucional, no âmbito público ou privado no exercício profissional, seja na academia, no processo de

formação profissional – vem apresentando fortes tendências em acertar suas contas com a produção de conhecimento, fazendo isso de uma forma peculiar. Ou seja, trilhando as preocupações da prática profissional e, ao mesmo tempo, lançando mão do espaço rico de vitalidade, presente no contexto sócio-ocupacional onde presta serviços. Vale-se para isso da mediação, como categoria reflexiva e ontológica, como um caminho para a efetivação do projeto ético-político como construção coletiva, democrática e norteadora do trabalho do assistente social.

Em Iamamoto (1998, p.186) encontra-se importantes reflexões nesse sentido:

O debate contemporâneo, nos marcos da profissão com um passado eivado pelo pragmatismo e pelo utilitarismo, representa um avanço significativo no estabelecimento de bases para o seu repensar crítico. Estabelece parâmetros teoricamente sólidos, porque fundamentais, ao recuperar o que há de mais criativo, do ponto de vista do método e da teoria social crítico dialética, como pano de fundo para o enriquecimento das interpretações de situações sociais a partir das quais atua o Serviço Social, assim como das próprias particularidades profissionais.

Nesta mesma direção, Martinelli (1996, p. 147) afirma que:

É indispensável que o profissional tenha claro que em toda prática há um espaço de criatividade a ser explorado, há vias de transformação a serem acionadas. Nenhuma prática é um bloco monolítico, impenetrável, sempre há caminhos críticos, vias de superação a serem trilhadas, porém a verdade é que só são encontrados por quem os procura pacientemente, por quem os constrói corajosamente.

Assim, com o objetivo de expressar toda a trajetória percorrida, a presente tese constitui-se desta Introdução, de três capítulos e de uma conclusão.

O capítulo “O contexto da pesquisa”, teve como preocupação a apresentação e valorização do contexto, dos sujeitos e dos procedimentos metodológicos da pesquisa em tela.

O capítulo “A pesquisa em Serviço Social” apresenta o mapeamento da produção científica construída sobre pesquisa em Serviço Social, nas principais fontes de divulgação e veiculação de conhecimentos utilizados pela categoria profissional, efetiva uma incursão à vinculação existente entre a ação investigativa e a ação interventiva na prática profissional do assistente social, contextualizando o Serviço Social como prática interventiva, inserida no movimento sócio-histórico, e a

pesquisa como construção de conhecimento, numa perspectiva de superação dos desafios.

No capítulo “A vinculação da pesquisa com a prática profissional: significados atribuídos pelos sujeitos” apresenta-se os significados que os sujeitos sociais da pesquisa (profissionais/supervisores) atribuem à vinculação da pesquisa com a prática profissional do assistente social.

No último item, “Conclusões: compartilhando os conhecimentos construídos”, apresenta-se análises sobre o conhecimento construído, com objetivo de apontar os limites e entraves a serem superados, bem como as alternativas delineadas pelos sujeitos sociais, dando-lhes centralidade e oportuzinando que esta construção de conhecimento alcance a categoria, já que se tornará pública, compartilhando-a com todos aqueles que querem uma sociedade mais justa e um Serviço Social fortalecido e direcionado na luta contra a hegemonia nas relações do atual contexto societário.

Como impulsionador para a leitura desta tese, apresenta-se o que é a expressão mais viva desta pesquisa, o significado atribuído por um sujeito social. Trata-se do depoimento de um profissional do Serviço Social, que constrói cotidianamente a identidade da profissão e que reforça a necessidade de se utilizar a pesquisa como instrumento para o aprimoramento do exercício profissional, um desafio posto atualmente para o assistente social.

A pesquisa é o processo de investigar e compreender a realidade, a fim de criar ou reforçar alternativas para o desenvolvimento de ações profissionais. É um processo de aprendizagem, tanto do indivíduo que a realiza, quanto da sociedade, por isto precisa ser mais usada pelos assistentes sociais. (Sujeito 32, organizacional, 2 anos)

2 O CONTEXTO DA PESQUISA

É preciso sonhar e acreditar, cada vez mais, no nosso sonho. E confrontá-lo cada vez mais com a realidade. E realizar inescrupulosamente a nossa fantasia.

(Lênin)

O processo de construção desta tese teve como base o entendimento de que, para se conhecer e interpretar, é necessário partir do empírico, ou seja, do vivido, para assim se entender as relações e o movimento dos fenômenos. Desta forma, neste primeiro capítulo, tratou-se de evidenciar o cenário, os sujeitos sociais, de que forma este processo científico se engendrou e que produção foi construída sobre a temática em tela nesta pesquisa.

A presente tese fundou-se no estudo sobre a utilização que o assistente social faz da pesquisa na sua prática profissional, buscando a compreensão de suas tendências e do seu movimento no campo profissional e no contexto sócio-histórico onde vivem e realizam o seu trabalho.

A originalidade do objeto de estudo foi um fator decisivo para a motivação de sua construção, constatando-se este sentimento também nos sujeitos da pesquisa, especialmente quando reconheceram os benefícios que poderá trazer para a qualificação da prática profissional, bem como aos usuários de seus serviços, reforçando-se, nesse aspecto a qualidade política desta pesquisa. Vale ressaltar, neste sentido, algumas falas que expressam os significados atribuídos pelos sujeitos:

O objeto de estudo apresentado é de muita relevância para o Serviço Social e o legal é que nós profissionais da prática fomos ouvidos, creio que propiciará a qualificação do agir profissional. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos).

Que oportunidade hoje! Participar deste grupo, ser ouvida! Esta tarde serviu para mim como reflexão, uma pesquisa, eu acho que isso aqui serviu pra mim como um curso. O tema muito novo e importante e tão pouco discutido, aqui mesmo nas reuniões de supervisão pouco falado. (Sujeito 3, saúde, 13 anos).

Parabenizo a pesquisadora pelo tema inovador e pela relevância, já que oportunizará à categoria a avaliar a importância da pesquisa na prática profissional. (Sujeito 26, assistência social, 2 anos).

Esta reunião para mim foi uma super motivação para continuar a ser pesquisadora, acho que nunca havia refletido sobre esta questão. Parabéns pelo tema de sua pesquisa e pela oportunidade oferecida para nós, que somos da prática. (Sujeito 59, assistência social, 6 anos).

O presente capítulo foi organizado em três eixos: o lugar da pesquisa, os sujeitos e o caminho metodológico construído.

2.1 Lugar da pesquisa

"A verdadeira viagem de descoberta consiste em não procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos."

(Marcel Proust)

Para a compreensão do objeto de estudo – que é o processo de pesquisa na prática profissional do assistente social nos diferentes espaços ocupacionais – fez-se necessário caracterizar o contexto em que os sujeitos envolvidos desenvolvem sua prática profissional e, assim, participam cotidianamente do processo de construção e reconstrução da identidade do Serviço Social.

A pesquisa se efetivou junto aos profissionais assistentes sociais/supervisores dos Campos de Estágio, no ano de 2008, da Faculdade de Serviço Social de Bauru (FSSB). A FSSB tem sua sede no Município de Bauru e seus campos de estágio estão estabelecidos predominantemente na 7ª Região Administrativa do Estado de São Paulo.

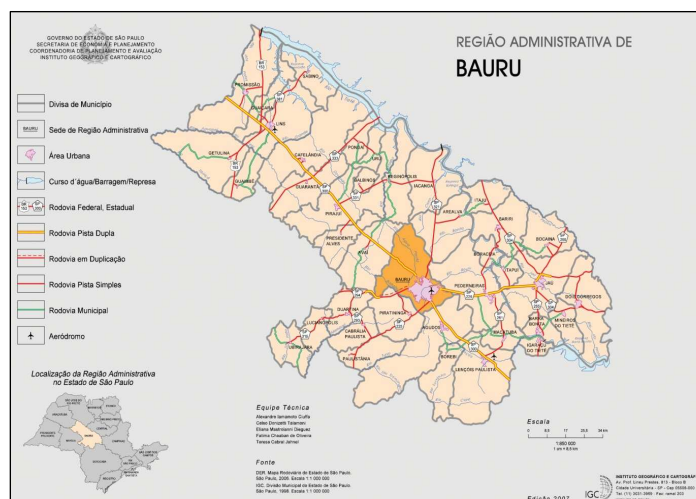
A 7ª Região Administrativa localiza-se no centro-oeste do Estado de São Paulo (Figura 1), com uma área de 16.105 km², caracterizando-se como uma das regiões de menor extensão territorial do estado. É também conhecida por RA (Região Administrativa) Bauru. A RA Bauru é composta por 39 municípios (Figura 2): Agudos, Arealva, Avaí, Balbinos, Bariri, Barra Bonita, Bauru, Bocaina, Boracéia,

Borebi, Cabrália Paulista, Cafelândia, Dois Córregos, Duartina, Getulina, Guaiçara, Guaimbê, Guarantã, Jacanga, Igarapu do Tietê, Itaju, Itapuí, Jaú, Lençóis Paulista, Lins, Lucianópolis, Macatuba, Mineiros do Tietê, Paulistânia, Pederneiras, Pirajuí, Piratininga, Pongaí, Presidente Alves, Promissão, Reginópolis, Sabino, Ubirajara e Uru. O maior município da RA é Bauru, sede da região e onde fica a Faculdade de Serviço Social de Bauru. O município de Bauru possui 357.701 habitantes, distribuídos em 673,49 km², e concentra 33% da população regional.



Fonte: IGC (2008a)

Figura 1 - Regiões Administrativas do Estado de São Paulo



A densidade demográfica da RA é de 65,49 hab./km² e sua população é de 1.054.759 habitantes. Seguindo a tendência estadual, a RA vem apresentando importantes alterações em sua estrutura etária, expressas por menor proporção de crianças ou mesmo redução nos números absolutos, maior população em idade

ativa e participação crescente de idosos (FUNDAÇÃO SEADE, 2007). Apresenta-se a seguir a Tabela 1, fruto da investigação desta pesquisa, acerca da caracterização territorial e demográfica dos municípios que sediam os campos de estágio da FSSB.

Tabela 1 - Caracterização territorial e demográfica dos municípios – Campos de Estágio da FSSB – 2008

Município	RA	Área territorial (km ²)	Nº de habitantes (Mil)	Densidade demográfica (hab/km ²)	Taxa crescimento anual 2000-2008 (%)
Arealva	Bauru	506,47	7.651	15,11	0,69
Bariri	Bauru	440,60	31.089	70,56	1,23
Barra Bonita	Bauru	150,18	39.006	259,73	1,21
Bauru	Bauru	673,49	357.701	531,12	1,58
Bocaina	Bauru	364,04	10.926	30,21	1,95
Botucatu	Sorocaba	1.482,87	121,37	81,85	1,46
Cabralia Paulista	Bauru	239,21	5.255	21,97	1,55
Dois Córregos	Bauru	632,56	25.388	40,14	1,53
Duartina	Bauru	264,28	13.510	51,12	1,01
Iacanga	Bauru	548,03	8.921	16,28	0,94
Igaraçu do Tietê	Bauru	96,62	24.297	251,47	0,91
Itápolis	Central	997,13	41.432	41,55	1,19
Jaú	Bauru	688,34	128.685	186,95	1,76
Lençóis Paulista	Bauru	803,86	63.407	78,78	1,81
Macatuba	Bauru	226,18	17.893	79,11	1,62
Pederneiras	Bauru	729,18	40.302	55,27	1,22
Sta. Cruz Rio Pardo	Marília	1.116,38	44.991	40,30	1,21

Fonte: Fundação SEADE (2008)

Em termos históricos, pode-se dizer que desde o período da expansão cafeeira a RA Bauru exhibe claramente uma infraestrutura que permite a ligação regional com a capital, o porto de Santos e outras regiões do estado e do país. Em razão da localização central no Estado de São Paulo, ocupa posição privilegiada para comércio, comunicações e transportes, constituindo-se em entroncamento rodo-hidro-ferroviário. Por estar estrategicamente localizada e ser base logística para a penetração no interior, Bauru foi se definindo como centro regional. A indústria nunca se projetou além de seus contornos iniciais e o que caracterizou a região foi sua condição de polo terciário, ao centralizar atividades comerciais, financeiras, de serviços e administrativas, cuja abrangência extrapolava seus limites.

A economia da RA em tela é bastante diversificada. Em seu parque industrial destacam-se as agroindústrias alimentícias, sucroalcooleira e de óleos vegetais. A existência do maior entroncamento rodo-hidro-ferroviário do interior da América Latina criou condições para um desenvolvimento econômico

auto-sustentado, favorecendo não apenas as atividades industriais e agropecuárias como também os empreendimentos turísticos e contribuindo para a diversificação da economia local.

A região respondia por 7,2% da produção agropecuária do Estado de São Paulo, em 2001, destacando-se a produção de cana-de-açúcar, a pecuária de corte e a avicultura, responsáveis por cerca de 70% do valor da produção regional. Pode-se citar ainda a importância da produção de café e frutos cítricos e do cultivo do bicho-da-seda.

A região tem participação industrial no Estado, especialmente pela fabricação de alimentos e bebidas, preparação e confecção de artefatos em couro, a produção e refino de álcool e a fabricação de máquinas, equipamentos e papel.

Analisando-se o setor terciário, observa-se que o comércio da região absorve mais de 45 mil pessoas, em mais de 11 mil estabelecimentos; os serviços, entretanto, contam com mais de 58 mil pessoas ocupadas. Conforme a Fundação SEADE (2003), dos diversos segmentos de serviços, os que mais empregam são: educação formal (8,3%), transporte (8,0%) e saúde (6,3%).

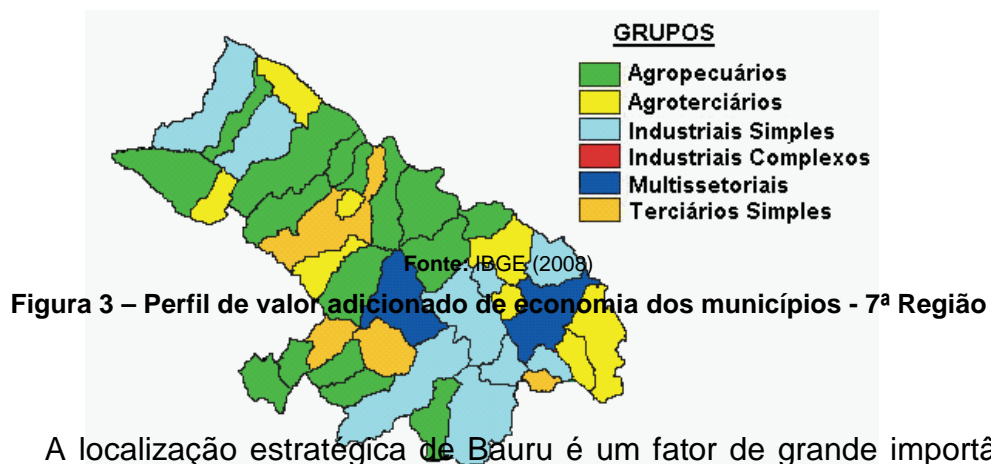
O setor de serviços está concentrado principalmente no município de Bauru, que exerce a função de polo das atividades terciárias. A educação formal é um bom exemplo do potencial do município-sede da região administrativa.

Quanto ao Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS, criado pela Fundação SEADE e pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, que visa caracterizar os municípios paulistas quanto ao desenvolvimento humano por meio de indicadores referentes às dimensões riqueza, longevidade e escolaridade, a RA Bauru, quando comparada às demais regiões do Estado de São Paulo, ocupa a oitava posição na dimensão riqueza e a quinta em escolaridade e longevidade (SEADE, 2008).

Com perspectivas promissoras para a produção de etanol e biodiesel, estão sendo implantadas várias usinas e destilarias de álcool na região. Em Lins, está sendo implantada a maior destilaria de biodiesel brasileira, que utilizará o sebo bovino e oleaginosas vegetais como matriz.

Em 2005, a participação do valor adicionado fiscal industrial da Região Administrativa de Bauru (Figura 3), no total do Estado, foi de 1,8%. No caso dos vínculos empregatícios, ocupados por trabalhadores da indústria e dos estabelecimentos industriais, respectivamente, 2,9% e 3,0% do total do Estado,

estavam nesta região. Em comparação a 1996 e 2001, todos esses indicadores apresentaram crescimento em 2005. Tais resultados devem-se ao processo de interiorização da indústria paulista dos últimos anos (BRASIL, 2005).



A localização estratégica de Bauru é um fator de grande importância na estruturação do terciário, em especial do comércio atacadista. O crescimento e a concentração da riqueza gerada, especialmente pela produção sucroalcooleira, provocaram expansão dos segmentos sociais de médias e altas rendas, gerando novos padrões de consumo, o que se refletiu na modernização e sofisticação do setor terciário.

O setor terciário exerce importante papel na geração de empregos em várias cidades da região, principalmente no município de Bauru, considerado polo das atividades na área do ensino, com destaque para as unidades universitárias públicas. Na área do ensino, têm papel fundamental no município de Bauru: a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – cujo campus abriga também o Colégio Técnico Industrial “Prof. Isaac Portal Roldan” e o Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet) – além da Universidade de São Paulo (USP), que mantém a Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB). No município de Jaú, sobressaem-se a Faculdade de Tecnologia (FATEC) e as Faculdades Integradas de Jaú, da Fundação Educacional “Dr. Raul Bauab”, que oferecem cursos ligados à vocação econômica da região.

O município de Bauru abriga instituições renomadas nos campos da pesquisa e tratamento de doenças como hanseníase, malformações craniofaciais,

câncer, neurocirurgia e gestação de alto risco, destacando-se o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais, mantido pela USP, referência em toda a América do Sul no tratamento de anomalias craniofaciais congênitas. O município também possui clínicas médicas e centros especializados.

A estrutura ambulatorial e hospitalar de Bauru estabelece a cidade como sede regional na categoria de centro hospitalar e universitário, atendendo a toda região. No município de Jaú, a rede de saúde abrange hospitais como a Fundação “Dr. Amaral Carvalho”, referência em oncologia e tratamento da dor e de transplantes de medula óssea.

A Hidrovia Tietê-Paraná imprime importante potencial às atividades turísticas, com suas extensões de rios em corrente livre, paisagens naturais, praias, camping e pesca e recursos energéticos. O turismo de lazer e cultural é possibilitado, ainda, pela riqueza arquitetônica de edificações erguidas no auge do período cafeeiro, complementado pelo turismo de negócios, em Lins e Bauru. Localizam-se na RA de Bauru: os Arranjos Produtivos Locais (APL) de café, em Piraju; cerâmica estrutural, em Tatuí; e calçados femininos, em Jaú (SÃO PAULO, 2008).

Bauru é a cidade polo da região, exercendo atração comercial e de prestação de serviços, firmando-se como líder no desenvolvimento regional. Foi fundada em 1º de agosto de 1891 e localiza-se no centro-oeste do Estado de São Paulo. Está distante 286 km da capital e tem uma área geográfica de 702 km². Confronta-se ao norte com o município de Reginópolis, a noroeste com Avaí, a nordeste com Arealva, a leste com Pederneiras, ao sul com Agudos e a Sudeste com Piratininga. Possui apenas um Distrito, denominado Tibiriçá, distante 23 km do centro urbano, localizado na zona rural do município.

É um município de médio porte, com perímetro urbano que se aproxima de 120 km², o que corresponde a 17% do seu total. É uma cidade que possui perfil moderno, traçado com largas avenidas, um anfiteatro a céu aberto, alguns edifícios arrojados e bairros residenciais com belas mansões. É uma das cidades interioranas que mais cresceu nas últimas décadas, mas que ainda não apresenta todos os problemas das grandes.

Representa o 178º IDHM nacional e a 50ª posição no Estado de São Paulo, com um índice de 0,825 – numa escala de 0 a 1000 – número que a coloca

entre as 256 cidades, num total de 645 no Estado, com características de alto desenvolvimento humano (FUNDAÇÃO SEADE, 2000).

Caracteriza-se como um município voltado para o setor terciário da economia, com população crescente, fruto das correntes migratórias e pela possibilidade de colocação no mercado de trabalho, em virtude de ser polo regional nas áreas de educação, comércio e prestação de serviços em geral.

Nos últimos dez anos, a cidade ganhou 56.331 novos habitantes e, desse total, pelo menos 50% chegaram em massa nas ondas migratórias inter-regionais e interestaduais, registradas de maneira ininterrupta pelo município desde sua criação. Estes dados foram registrados em pesquisas demográficas realizadas pelo Núcleo de Estudo da População da Universidade Estadual de Campinas (BOCHEMBUZO, 2001a, p.12). Como o crescimento da população urbana não acompanha a infraestrutura e não há oferta de empregos suficiente para atender à demanda, amplia-se o leque das questões sociais no perímetro urbano.

O polo universitário de Bauru seduz os estudantes de diversas regiões do estado e do país. O grupo é composto pela Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista, Universidade do Sagrado Coração, Instituição Toledo de Ensino, Faculdades Integradas de Bauru e pela Universidade Paulista, a mais nova delas. São oferecidos mais de sessenta cursos de graduação pelas Faculdades e Universidades, fator apontado como “ímã populacional” (BOCHEMBUZO, 2001b, p.13).

A cidade é sede da 7ª Região Administrativa e da Região de Governo, ambos com objetivos de promover a integração dos setores da administração pública do Estado e Municípios.

Em decorrência do próprio desenvolvimento histórico, a região dispõe atualmente de um importante entroncamento rodo-ferroviário, com sede em Bauru, continuando sua vocação de polarizadora de diversas atividades que visam o oeste paulista, facilitando a movimentação da população, dos serviços e das mercadorias. O papel redistribuidor que Bauru assume, ultrapassa as fronteiras regionais na erradicação das atividades econômicas, devido à facilidade de infraestrutura que a região apresenta e também devido a sua localização geográfica, próxima dos principais municípios do estado, cerca de 300 km em diferentes direções.

Segundo a Fundação SEADE (2005), alguns aspectos significativos da economia do município contribuem para a compreensão do seu perfil:

- ✓ No setor primário, o município é referência para a região, especialmente quanto à infraestrutura de apoio ao setor agrícola, concentrando organismos importantes, como: Posto de Sementes, Recinto de Exposições Agropecuárias, Entrepasto Comercial Hortifrutigranjeiro, CEAGESP (Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo) e a DIRA (Divisão Regional Agrícola). Segundo o último cadastro do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o município conta com 646 propriedades rurais, a maioria caracterizada como minifúndios, centralizando 40% da produção estadual de abacaxi, fruto que se adapta ao tipo de solo ácido do município. São cultivados ainda, em menor escala, a laranja, a cana-de-açúcar, o eucalipto, o abacate e outros tipos de culturas, mas representam apenas 0,41% do VA (Valor Adicionado) da economia municipal.
- ✓ No setor secundário, o parque industrial é relativamente diversificado, caracterizando-se pelas indústrias de bens de consumo não duráveis: produtos alimentícios, têxteis, acumulador de energia, materiais plásticos, bebidas e produtos gráficos. O município possui três Distritos Industriais, segundo o cadastro da Central de Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), com 567 empresas de micro e pequeno porte, muitas espalhadas na malha urbana da cidade, representando 20,20% do VA da economia municipal.
- ✓ No setor terciário, os dados apresentados mostram que Bauru não se fixou como polo industrial, mas se fortaleceu como “ponto de conexão”, tornando-se um elo entre o oeste do Estado de São Paulo e o Mato Grosso. Por ser um entroncamento rodo-ferroviário, consolidou as vendas e hospedagem aos viajantes, ampliando seu comércio e a prestação de serviços, o que representa 79,39% do VA na economia do município.

As atividades de prestação de serviços são bastante diversificadas, predominando os serviços de hotelaria e hospedagem, bares e restaurantes e alimentação em geral, reparação e manutenção de bens, clínicas na área da saúde, laboratórios, transportes, instituições bancárias e de locação. Tem um grande peso

na economia da cidade o número de órgãos federais e estaduais sediados no município que geram muitos postos de trabalho.

Ainda na questão econômica, vale elucidar que no setor de transportes, na última década, a rede rodoviária atingiu uma infraestrutura compatível e a rede ferroviária sofreu o processo de privatização, com avanços lentos. No transporte aéreo, a cidade conta com um novo aeroporto, operado pelo Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo (DAESP).

De acordo com o estudo sobre o Índice de Exclusão Social, organizado por Pochmann e Amorim (2003), com base nos dados do Censo de 2000, entre os 5.507 municípios brasileiros, Bauru é o 490º com o menor Índice de Exclusão Social, de 0,654; pobreza, 0,829; vulnerabilidade juvenil, 0,789; escolaridade, 0,756; emprego formal, 0,238; violência, 0,930 e desigualdade, 0,364.

O índice de pobreza na cidade, portanto, não é tão elevado, mas o grande desafio é o fosso da desigualdade que distancia, cada vez mais, pobres e ricos, trazendo como consequência sérios problemas, como a violência. Os índices que apresentam maior grau de risco referem-se justamente aos de emprego formal e de desigualdade, que puxam para baixo o índice de exclusão social, o que demonstra claramente que a atenção das políticas públicas deve se voltar prioritariamente para esses dois focos. De fato, Bauru reproduz a profunda desigualdade de distribuição de renda da sociedade brasileira e pode-se dizer, ainda, que é diretamente proporcional à desigualdade na escolaridade da população, a qual também se difere das regiões mais ricas, onde a incidência é de pessoas com maior escolaridade, para as mais periféricas, onde ainda existe o analfabetismo (DATA-ITE, 2003).

Na política da assistência social, o órgão gestor do município é a Secretaria de Bem-Estar do Município (SEBES), que implantou o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e realiza atendimento através de seis Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), distribuídos pelas regiões, que concentram famílias empobrecidas. Tem como gestora, desde o início da atual administração, uma assistente social. O governo local possui em seu quadro de funcionários um total de 20 assistentes sociais, distribuídos em: 58 na política da assistência social, um na política da educação e 25 na política da saúde.

O município não foge à realidade nacional. Vive o acirramento das expressões da questão social, decorrentes da forma como o país se inseriu no processo de globalização, verificando-se um esforço do poder público municipal e da

sociedade civil em atender às demandas; no entanto, permanece aquém das necessidades sociais da população.

A Faculdade de Serviço Social de Bauru é mantida pela Instituição Toledo de Ensino, criada em outubro de 1963, pelo educador Antônio Eufrásio de Toledo. Possui oito cursos de graduação e um centro de pós-graduação, nos níveis de mestrado e doutorado, com um total aproximado de 4.200 alunos. A instituição foi autorizada a funcionar em 1963, através do Parecer CFE nº. 143/1963, publicado no Diário Oficial da União de 10 de setembro de 1964. Seu reconhecimento deu-se em 1968, pelo Parecer CFE nº. 53/1968, publicado na Documenta nº. 62.394/1969 e no Diário Oficial da União de 18 de março de 1968.

Já nos primeiros anos assumiu a marca que é, ainda hoje, a sua feição peculiar: a da forte inserção na comunidade bauruense e na região, particularmente por intermédio da pesquisa e extensão. Oferece o curso de graduação em Serviço Social, com 100 vagas, no período noturno. Possui hoje cerca de 250 alunos e dezesseis professores (um livre docente, dois doutores, oito mestres, entre os quais quatro cursando doutorado, um cursando mestrado e quatro com titulação de especialistas).

Em 1965, desenvolveu sua primeira pesquisa nos bairros periféricos de Bauru, solicitada pela Prefeitura Municipal, contribuindo assim para o estabelecimento de um convênio com o Banco Nacional de Habitação, que visava a implantação dos primeiros núcleos habitacionais para classes populares, por intermédio da COHAB.

Sua presença foi decisiva para a profissionalização do Serviço Social no município, por meio da implantação dos campos de estágio nas tradicionais entidades assistenciais da cidade, bem como em organizações empresariais, hospitalares e órgãos públicos. A região, da mesma forma, é marcada pela sua influência, pois das cidades circunvizinhas também procedem seus alunos, os quais, após graduados, vão implantar o Serviço Social nas organizações locais.

Em 1987, foi criado o Centro Regional de Registro e Atenção aos Maus Tratos a Infância (CRAMI), entidade destinada à defesa e proteção de crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar e fruto de uma pesquisa realizada pela Faculdade, que constatou a necessidade do serviço no município, antecipando-se ao que determinou o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8069/90. Essa entidade se traduz em um dos campos que absorve maior número de estagiários da

Faculdade, constituindo-se em projeto de extensão, campo de pesquisa de alunos e professores e fonte de realimentação do ensino. Atualmente, no Município de Bauru, por ser referência para a expressão social violência, passou a se chamar Centro Integrado de Atenção a Vítimas de Violência (CIAVI).

Em 1997, o Centro Iteano de Ação Socioeducativa (CITE) foi criado, inicialmente destinado a atender crianças em situação de risco pessoal e social, residentes nos bairros periféricos próximos à ITE, ampliando posteriormente sua área de atuação por meio do Projeto Serviço Social Escolar e Grupo de Terceira Idade “Eternos Jovens”, constituindo-se também em campos de estágio e de pesquisa para a FSSB.

No ano de 2000, a FSSB foi convidada pela Prefeitura Municipal de Bauru, por intermédio da Secretaria do Bem-Estar Social (SEBES), a firmar uma parceria para implantação de um Núcleo de Apoio Sócio Familiar (NAF) na região noroeste do município, onde a Faculdade se insere, objetivando uma ação que possibilitasse a inclusão social das famílias em situação de pobreza dessa região; essa unidade converteu-se em mais um projeto de extensão da Faculdade.

Em 2005, mais um NAF foi inaugurado, com sede no Parque Real, região também próxima à ITE, fruto de um laboratório vivencial desenvolvido por professores e alunos da Faculdade. Em 2007, também foi implantado o Centro Integrado de Atenção a Vítimas de Violência, o qual incorporou o CRAMI, além de realizar atendimento a idosos, pessoas com deficiências e mulheres, que anteriormente era executado diretamente pelo poder público municipal.

O primeiro Projeto Pedagógico da Faculdade foi elaborado em 1988, como resultado de construção coletiva da direção, docentes, discentes, assistentes sociais, supervisores de estágio, definindo-se as diretrizes para o ensino, pesquisa e extensão e tornando-se o grande instrumento de orientação do curso, o qual é avaliado sistematicamente e reconstruído, adequando-se às rápidas e sucessivas transformações societárias.

A partir de 1996, efetivou-se a presença dos professores de estágio nas diferentes organizações públicas e privadas, que se constituem campos de estágio dos alunos da Faculdade em Bauru e região. Tal ocorrência tem possibilitado, *in loco*, o estabelecimento de fortes canais de interlocução com os diferentes contextos sócio-institucionais e as múltiplas expressões da questão social, sintonizando-as com as demandas tradicionais e emergentes do mercado de trabalho. Também

oportunizaram a possibilidade de nelas intervir, na busca da efetivação dos direitos sociais da população com a qual se trabalha, e conhecer as dificuldades e defasagens teóricas, permitindo visualizar as necessárias e sistemáticas alterações nos componentes curriculares do curso e gerar subsídios para isso.

No ano de 1996, por intermédio do Instituto de Pesquisa e Estudos da ITE, foi instituída a edição da Revista “Construindo o Serviço Social”, com publicação semestral, destinada à divulgação de relatos de pesquisas e experiências, monografias, trabalhos apresentados em congressos e outros eventos científicos – de alunos, profissionais de Serviço Social e docentes – constituindo-se em espaço de debate acadêmico, de interlocução entre cursos, profissionais e alunos de Serviço Social, a Faculdade e a comunidade. Nesse mesmo ano estabeleceu, ainda, como meta principal, a titulação de seu corpo docente. Concomitantemente, vem efetivando a capacitação continuada dos supervisores da Faculdade, proporcionando oficinas, cursos de extensão, seminários e outros.

A FSSB criou, no 2º Semestre de 2004, o Núcleo de Apoio à Pesquisa, órgão responsável por inúmeras pesquisas, entre outras, sobre demandas socioeconômicas de Bauru e região, cujo objetivo foi envolver os alunos e integrar diferentes disciplinas, formando a parte essencial para uma experiência extremamente rica, na medida em que possibilita a vivência concreta e objetiva da realidade aos alunos e contribui com a comunidade local e regional.

Determinou-se como missão:

formar profissionais generalistas críticos e criativos, com perfil investigativo, capazes de formular e implementar propostas de intervenção relacionadas com sua área de ação, com base em sólido conhecimento teórico-metodológico, comprometidos com os valores e princípios éticos gerais e da profissão, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e democrática (MUNIZ, 2004).

A fim de cumprir sua missão e o objetivo de melhoria crescente da qualidade de ensino, a Faculdade vem desenvolvendo um processo sistemático de auto-avaliação, particularmente no que se refere às metas estabelecidas no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), no Projeto Pedagógico, no ensino, na pesquisa e extensão, por meio da Comissão Interna de Avaliação (CPA), órgão autônomo, de natureza instrumental, instituído em 29/06/2004, pela Portaria n.02/04,

1	PM de Arealva	Arealva	Ass. Social	1	1
2	Centro Prom. Social Bariri	Bariri	Ass. Social	1	2
3	PM Barra Bonita	Barra bonita	Ass. Social	1	1
4	APAE Bauru	Bauru	Ass. Social	3	5
5	Lar Social Sto. Aníbal – Lassa	Bauru	Ass. Social	1	1
6	CEISA	Bauru	Ass. Social	2	7
7	Central penas alternativas	Bauru	Sociojurídico	1	1
8	Central atend. ao egresso	Bauru	Sociojurídico	1	1
9	ClAVI	Bauru	Ass. Social	3	11
10	CITE	Bauru	Ass. Social	1	1
11	Correios	Bauru	Organizacional	2	2
12	CRAS Unidade I (Nova Bauru)	Bauru	Ass. Social	1	1
13	Família de Nazaré	Bauru	Ass. Social	1	3
14	FUNDATO Sede	Bauru	Organizacional	1	1
15	Hospital Estadual	Bauru	Saúde	4	4
16	Hospital Unimed Bauru	Bauru	Saúde	1	1
17	HRAC - Centrinho	Bauru	Ass. Social	6	8
18	Instituto Bauru de Saúde	Bauru	Saúde	1	1
19	NAF Jaraguá I	Bauru	Ass. Social	2	7
20	NAF Real	Bauru	Ass. Social	2	7
21	Núcleo Amizade	Bauru	Ass. Social	1	1
22	Org. Funerária Terra Branca	Bauru	Organizacional	1	4
23	PROFIS - Centrinho	Bauru	Saúde	1	1
24	Residência Terapêutica	Bauru	Saúde	1	1
25	Secretaria Mun. Educação	Bauru	Educação	1	4
26	Unimed Bauru	Bauru	Saúde	1	2
27	PM de Bocaina - CRAS	Bocaina	Ass. Social	1	1
28	Induscar	Botucatu	Organizacional	1	1
29	PM de Botucatu	Botucatu	Ass. Social	1	1
30	PM de Cabrália Paulista	Cabrália Paulista	Ass. Social	1	1
31	Casa da Criança	Dois Córregos	Ass. Social	1	1
32	Depto Municipal de Saúde	Dois Córregos	Saúde	1	1
33	PM de Dois Córregos – CRAS	Dois Córregos	Ass. Social	1	3
34	PM Duartina - CRAS	Duartina	Ass. Social	1	1
35	PM de Iacanga	Iacanga	Ass. Social	1	4
36	Projeto Vida	Igaraçu do Tiete	Ass. Social	1	1
37	PM de Itápolis	Itápolis	Ass. Social	1	1
38	Hospital Amaral Carvalho	Jau	Saúde	5	17
39	Hospital Thereza Perlati	Jau	Saúde	2	2
40	Santa Casa de Jau	Jau	Saúde	1	1
41	Serviço de Luto Paulista	Jau	Organizacional	1	1
42	Fórum Lençóis Paulista	Lençóis Paulista	Sociojurídico	1	1
43	PM de Lençóis Paulista	Lençóis Paulista	Ass. Social	2	4
44	PM Lençóis Paulista – CRASS	Lençóis Paulista	Ass. Social	1	1
45	Fórum Macatuba	Macatuba	Sociojurídico	1	1
46	PM de Macatuba	Macatuba	Ass. Social	1	1
47	Centro de Saúde	Pederneiras	Saúde	1	2
48	Legião Mirim de Pederneiras	Pederneiras	Ass. Social	1	1
49	PM de Pederneiras	Pederneiras	Ass. Social	4	6
50	PM Sta. Cruz do Rio Pardo	Sta. Cruz Rio Pardo	Ass. Social	1	2
Total		50 campos		75	137

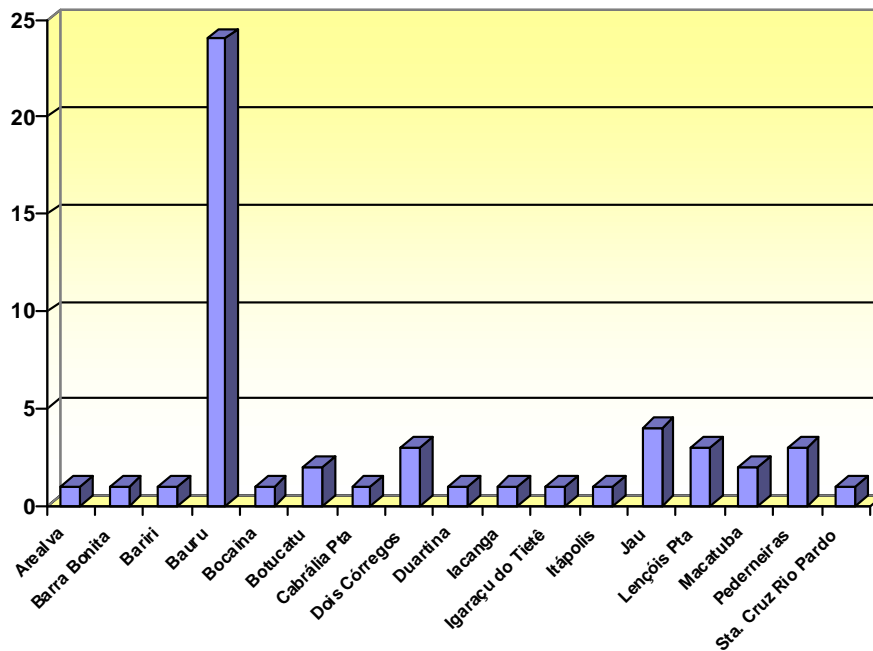
Fonte: Departamento de Estágio da FSSB

Como pode ser constatado, os Campos de Estágio estão distribuídos em diferentes Municípios, a maioria de médio e pequeno porte, o que é característico no interior do Estado. O Município de Bauru, sede da RA e da FSSB, absorve o maior número de assistentes sociais/supervisores: 23; a seguir vem Jaú, com quatro; Lençóis Paulista, Dois Córregos e Pederneiras, com três (Tabela 3 e Figura 5).

Tabela 3 – Número de campos de estágio por município – 2008

Nº	Município	Nº Campos
1	Arealva	1
2	Bariri	1
3	Barra Bonita	1
4	Bauru	23
5	Bocaina	1
6	Botucatu	2
7	Cabrália Paulista	1
8	Dois Córregos	3
9	Duartina	1
10	Iacanga	1
11	Igaraçu do Tietê	1
12	Itápolis	1
13	Jaú	4
14	Lençóis Paulista	3
15	Macatuba	2
16	Pederneiras	3
17	Sta. Cruz R Pardo	1
Total		50

Fonte: Departamento de Estágio da FSSB



Fonte: Departamento de Estágio da FSSB

Figura 5 – Distribuição de campos de estágio por município – 2008

Os campos de Estágio da FSSB estão distribuídos em cinco áreas de atuação, com predominância na política da assistência social, reforçando o quadro de empregabilidade da profissão na divisão sociotécnica do trabalho.

Após apresentação do contexto da pesquisa, considera-se importante apresentar e caracterizar os sujeitos sociais que participaram ativamente na construção deste estudo.

2.2 Sujeitos da pesquisa

Para fazermos grandes coisas não é preciso sermos gênios, e nem estar acima dos homens, é preciso estar com eles.

(Montesquieu)

Constituíram o universo da presente pesquisa, 75 assistentes sociais inseridos em 50 espaços ocupacionais e em cinco áreas de trabalho: assistência social, saúde, organizacional, sociojurídica e educação. Todos lotados e sediados em 17 municípios de pequeno e médio porte, a maior parte localizada na 7ª RA de Bauru, e exerciam, concomitantemente, a função de supervisores de estágio de intervenção da FSSB. Eram, portanto, portadores de uma dupla relevância e significação enquanto sujeitos sociais, pois além de atuarem na profissão – legitimando-a na divisão sociotécnica do trabalho e construindo o projeto profissional – eram também agentes ativos na formação profissional, responsáveis pela supervisão de estágio de futuros profissionais.

No momento da pesquisa, a maioria dos sujeitos atuava estreitamente ligada ao setor público, face à progressiva ampliação do controle e do âmbito da ação do Estado junto à sociedade civil. Acompanhando o quadro nacional, no contexto em tela, a profissão também se consolida como parte integrante do aparato estatal e de empresas privadas. Assim, os sujeitos eram assalariados a serviço de instituições públicas e privadas e desenvolviam seu trabalho articulado às demandas socialmente produzidas, como igualmente constatou Fontana (2001).

Uma reflexão feita por Martinelli (1996, p. 147) contribui para uma melhor compreensão da atuação e função dos profissionais junto às instituições:

[...] Nós seres humanos é que lhe damos vida cotidianamente com o exercício profissional, o qual, coerentemente com nosso projeto político singular, em articulação com projetos sociais mais amplos, deverá impulsionar o processo de transformação da realidade.

Não se pode compreender os sujeitos desta pesquisa, portanto, sem levar em consideração a vinculação institucional que permeava seu trabalho profissional, bem como a vitalidade que lhes era inerente.

Destaque-se que, embora o assistente social seja responsável pela prática profissional, não é sujeito único: tanto ele como os usuários com os quais e pelos quais trabalha são sujeitos sociais. É, pois, nesta perspectiva, que se institui a força social capaz de construir verdadeiros caminhos para a efetivação de direitos e do projeto ético-político profissional.

É preciso reconhecer, assim, a relevância do trabalho realizado pelos sujeitos desta pesquisa na supervisão do aluno em formação. A ele cabe animar a fundamental relação existente entre a graduação em Serviço Social e o ato de supervisionar, pois, como supervisor, compartilha com a Instituição de Ensino Superior (IES) a responsabilidade de bem formar o aluno que virá a desenvolver uma prática profissional vivenciada, exercitada e aprendida dentro das metas e objetivos de excelência de sua categoria profissional. Porém, como afirmou Galileu Galilei, “Não se pode ensinar tudo a alguém, pode-se apenas ajudá-lo a encontrar a si mesmo”.

O atual quadro da educação superior revela um grande número de cursos e universidades que se limitam a executar atividades direcionadas ao mercado, sem qualquer preocupação com a qualidade da formação profissional (YAZBEK, 2005b). Cabe ressaltar ainda, o papel das instâncias organizativas da categoria do Serviço Social, que em sua maioria vem lutando pela garantia dos princípios de qualidade no ensino superior, propondo estratégias para atingir esse fim. Entende-se que essa posição se sustenta pelo projeto profissional, que defende a democracia, igualdade, liberdade e princípios do Código de Ética Profissional vigente.

Entre outras dificuldades enfrentadas pelo Serviço Social, existe a questão da crise da universidade, com destaque para o tripé ensino/extensão/pesquisa. A retomada histórica da discussão da pesquisa em Serviço Social, destaca que o elemento constitutivo do exercício e da formação profissional sempre foi reduzido quando comparado ao ensino. Este é o foco desta tese, que visa identificar como os profissionais e supervisores vislumbram e efetivam a pesquisa na sua prática cotidiana.

Os campos de estágio são, assim, espaços ocupacionais, como apontou Abreu (2002, p.31):

[...] correspondem às instâncias sócio-institucionais por meio das quais a prática do assistente social se objetiva como parte das respostas a determinadas requisições colocadas pelas classes sociais no enfrentamento da questão social. Tais requisições materializam-se sob formas de atribuições mobilizadoras do desenvolvimento de competências profissionais – respostas técnico-político-pedagógicas à referida questão social.

Fruto de um amplo debate promovido pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Serviço Social, estabelecidas na Resolução nº. 15, de 13 de março de 2002, reforçam a relevância do estágio, como condição fundamental para a capacitação do aluno ao exercício profissional, inserindo-o no espaço socioinstitucional, por meio de supervisões sistemáticas.

O estágio supervisionado favorece, portanto, a relação entre teoria e prática, ou seja, a vivência concreta da práxis profissional, na qual o aluno aprende fazer, utilizando o instrumental e a interação social e cultural, em situações concretas do cotidiano profissional, materializadas nas ações profissionais.

Buriolla (1995, p. 13) afirmou que o estágio é “lócus onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida”. É estagiando que o aluno inicia a construção da sua identidade profissional, um processo fundamental na sua formação, no qual se destaca a relevância do papel do assistente social/supervisor de estágio.

Nesse processo, a IES tem grande relevância, uma vez que é responsável pelo acompanhamento do estágio, primando pela sua qualidade, muito embora ele ocorra no espaço sócio-ocupacional. Cabe ao assistente social a função de inserir o aluno nos primeiros passos na profissão, já que é ele quem acompanha todo o processo de adaptação, conhecimento, superação de limites, motivação e preparo para o trabalho profissional. Este se faz com o exercício dos instrumentais técnicos operativos, da postura ético-política e da fundamentação teórico-metodológica. Desta forma, é preciso ressaltar que, quando a IES não está comprometida com as Diretrizes Curriculares, ocorre uma perda na qualidade do estágio e uma sobrecarga para o assistente social supervisor.

Pacchioni (2000, p. 32) trouxe relevantes contribuições para compreensão da questão, ao pontuar que:

O aprendizado profissional se dá a partir do conhecimento das atividades processuais (técnico-metodológicas) existentes nas organizações públicas (prefeituras, hospitais, secretarias), empresas privadas, entidades sociais, entre outras. O aluno busca conhecer suas atribuições, de acordo com a orientação do assistente social. O modo de fazer profissional é assimilado a partir do seu engajamento na sistemática do trabalho. O campo de estágio é um espaço que em geral favorece a inserção do aluno que chega como aprendiz. Nessa situação, o estagiário encontra-se em exigências de conhecimentos prévios sobre o processo de trabalho. O supervisor de campo, normalmente, avalia o grau de conhecimento do aluno, introduzindo-o nas atividades programadas. Posteriormente, de acordo com a capacidade de iniciativa que ele venha a demonstrar, poderá estar apto ou não para ter suas atividades ampliadas. O campo de estágio dá oportunidade para que o aluno aprenda um fazer específico da prática profissional. Ele vivencia questões referentes à profissão e situações relacionadas aos problemas cotidianos da população (usuários). O processo educacional do estágio se constitui a partir da interação do aluno com o mundo do trabalho, no qual ele assimila uma cultura e uma dada imagem do que é ser profissional. O aluno busca também se apropriar do seu modo de fazer, tendo suas próprias interpretações e iniciativas.

O estágio é amplamente defendido nas Diretrizes Curriculares, como aponta Abramides (2004, p.100-103):

- o estágio é de responsabilidade acadêmico-pedagógica das unidades de ensino no processo formativo do aluno, constituindo-se em uma atividade curricular obrigatória;
- o estágio é concebido como processo de qualificação e treinamento teórico-metodológico, técnico-operativo e ético-político na formação profissional;
- o estágio, como atividade curricular obrigatória, é desenvolvido de forma diferenciada, ao longo do curso, considerados os momentos específicos da formação profissional;
- o 3º e o 4º períodos têm se caracterizado como estágios de observação, visando a aproximação das demandas sociais nas diferentes expressões da questão social, sendo acompanhados na unidade de ensino com espaços pedagógicos previstos na grade curricular, por intermédio de oficinas de formação profissional, de trabalho profissional e núcleos temáticos transversais existentes nos cursos, entre outras possibilidades;
- os estágios desenvolvidos 5º e 8º períodos configuram-se pela inserção do aluno no espaço sócio-institucional de realização do exercício profissional o que pressupõe supervisão acadêmica em espaço pedagógico previsto na grade curricular, conforme curriculares aprovadas;
- o estágio é acompanhado pelo assistente social de campo, que deve ser inscrito no CRESS, como estabelece a lei de regulamentação da profissão. A natureza do trabalho do assistente social pressupõe a reflexão, acompanhamento e sistematização das atividades desenvolvidas pelo aluno com base no plano do estágio, elaborado conjuntamente com a unidade de ensino (supervisores acadêmicos, assistente sociais de campo e alunos);
- a inserção do aluno no estágio prevê que o aluno tenha cursado ou esteja cursando: ética profissional, fundamentos teóricos metodológicos da profissão; oficinas de trabalho profissional e supervisão acadêmica;

- a política de estágio deve estabelecer claramente a diferenciação entre as atividades de estágio e de trabalho quando ocorre a concomitância de emprego e estágio do aluno, na mesma organização. Nesse sentido, cabe a qualificação das atividades de estágio junto ao profissional supervisor e aluno estagiário (FSS PUCSP - Currículo, 1996);
- a Unidade de Ensino deve definir uma clara política de estágio que estabeleça: o processo de abertura, acompanhamento e revisão dos convênios com as instituições sociais mediante exigências acadêmico-pedagógicas de qualificação dos espaços ocupacionais; a interpretação do significado do estágio na formação profissional; a consolidação das relações entre unidades de ensino e instituições sociais em um processo contínuo de reflexão, problematização e sistematização relativa ao estágio profissional, envolvendo alunos, supervisores acadêmicos e assistentes sociais de campo;
- estabelecer a articulação constante entre ensino, pesquisa e extensão em sua indissociabilidade no processo de formação profissional;
- o estágio constitui-se em espaço privilegiado do caminho investigativo do exercício profissional que pode traduzir-se em projetos de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso, na produção e sistematização de saberes profissionais;
- sistematizar as experiências de estágio nos projetos de extensão nas unidades de ensino, estabelecendo uma política de expansão de estágios nestes espaços ocupacionais;
- estabelecer uma política estrutural nas unidades de ensino de ampliação dos estágios, junto às instituições sociais; e de remuneração dos mesmos;
- debater, acompanhar e interferir na nova lei de estágio em tramitação na Câmara Federal.

A supervisão direta de estágio teve sua regulamentação pela Resolução do CFESS n. 533, de 29 de setembro de 2008, tendo sido aprovada durante o último Encontro Nacional do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e Conselho Regional de Serviço Social (CRESS), realizado em Brasília-DF, fruto de debate já acumulado da categoria, que teve seu início no XXXII Encontro Nacional dos referidos órgãos, realizado em Salvador, em 2003, com representantes do CFESS, da ABEPSS e da Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO). Na ocasião, discutiu-se a relação do estágio supervisionado com a Política Nacional de Fiscalização, com vistas a reconhecer a importância de se garantir a qualidade do exercício profissional do assistente social, que para tanto deve ter assegurada uma aprendizagem de qualidade, por meio da supervisão direta, além de outros requisitos necessários à formação profissional.

Iamamoto (2001) colocou em relevo uma questão importante: de que a supervisão técnico-pedagógica do acadêmico de Serviço Social é atribuição privativa do assistente social. Para o autor, esse profissional, na sua atribuição específica de supervisor de campo de estágio, se vê mediando, diariamente, o desenvolvimento

de sua função e a relação de força estabelecida junto à instituição empregadora, buscando constantemente estratégias criativas e competentes para colocar em ação o movimento entre a teoria/prática, com os estagiários/acadêmicos de Serviço Social. A mesma autora destacou que:

[...] o desafio pedagógico central está em articular elementos, teórico-metodológicos e históricos, transmitidos e aprofundados no decorrer das várias disciplinas do curso, resgatando-os seletivamente, atualizando-os e aprofundando-os em função da explicação e do encaminhamento prático de situações particulares e singulares, capazes de elucidá-las e sugerir criativamente formas de seu enfrentamento no campo profissional. [...] tal especificidade pedagógica tem sido frequentemente caracterizada como espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática (IAMAMOTO 2004a, p. 203-204).

Como se vê, o embasamento na literatura define que, no seu cotidiano os sujeitos da pesquisa, como supervisores de campo, assumem a dimensão pedagógica e acabam desenvolvendo um trabalho sócio-educativo, do qual fazem parte sua história pessoal e institucional, bem como seu cotidiano profissional.

O supervisor constitui o elo privilegiado da relação entre instituição/campo de estágio e o processo de ensino, cabendo-lhe o acompanhamento cotidiano do aluno no âmbito de dinâmica institucional, apoiando-o no exercício das atividades do estágio, subsidiando-o na análise e enfrentamento das estruturas e relações de poder, das políticas institucionais, no reconhecimento do público-usuário, inserindo-o na rede de relações intra e interprofissionais. Em síntese, cabe ao supervisor contribuir com o aluno na particularização da problemática que envolve a ação profissional no tocante às especificidades dos organismos institucionais, o que exige uma aproximação ao projeto acadêmico-pedagógico do curso e, em especial, às orientações adotadas no ensino da prática (IAMAMOTO, 2004b, p. 206).

Dessa forma, na trajetória de busca pela compreensão da supervisão de estágio, o assistente social passa a desenvolver esse mesmo exercício para com os estagiários de Serviço Social, criando, a partir desse movimento, uma relação entre profissional/estagiário, oportunizando que as responsabilidades sejam desenvolvidas sob o mesmo compromisso ético-político, pois serão esses novos profissionais que ingressarão no mercado de trabalho e estarão enfrentando as contradições existentes no contexto social.

A etapa de planejamento desta pesquisa foi permeada pela indagação: os sujeitos selecionados possuem relevante experiência social? São sujeitos que podem contribuir para alcançar os objetivos de pesquisa?

Os sujeitos pesquisados enfrentam desafios cotidianamente na prática e necessitam da riqueza deste cotidiano, dos demais sujeitos com os quais trabalham e das estratégias que utilizam para o enfrentamento das demandas que lhes são designadas. Utilizando a pesquisa, se apropriam desta realidade e contexto, construindo conhecimentos para área do Serviço Social e para outras, o que oportuniza a construção de um significado social e de identidade profissional focados na efetivação do projeto ético-político profissional.

Nesta pesquisa foram selecionados como sujeitos os profissionais de Serviço Social que cotidianamente dão legitimidade à profissão, trabalham nas instituições, no atendimento das demandas, e atuam no processo de formação profissional na prática da supervisão de estágio. Portanto, profissionais que atribuem identidade à profissão, nos contextos onde estão inseridos e que pela sua vivência e experiência, possuem a condição fundamental para o desvendamento de caminhos para a superação do antigo e presente desafio da profissão: vincular a ação investigativa e a ação interventiva na prática profissional.

Nesse cotidiano, situações comuns, fatos e relações, com sua história e seu sistema de tipificações e relevâncias, determinam interpretações norteadas por uma “concepção relativamente natural do mundo” – comum aos diferentes membros da categoria profissional e aos que com eles se relacionam, cujo significado subjetivo contém não apenas interpretação mais geral de seu lugar na sociedade, mas também um conjunto de receitas, de hábitos, costumes, normas, conhecimentos, etc. mais ou menos institucionalizados, que regulam o seu comportamento prático no campo social e técnico e que os ajudam a viver em harmonia com os demais sujeitos que compartilham das mesmas situações. Esse sistema de tipificações e relevâncias compartilhando vai definindo os papéis sociais [...] e institucionalizando a profissão.

Essa profissão, como as demais, na medida em que se refazem e se reconstróem as relações na sociedade, vai se refazendo e reconstruindo [...] Nesse processo de construção, as ações individuais dos profissionais podem assumir, ao mesmo tempo, as dimensões de síntese - resultante do processo coletivo de elaboração de conhecimentos e práticas desenvolvidos pela categoria - e de criação de novas propostas e conhecimentos (MARTINELLI, 1995, p.116-117).

Nesta pesquisa, buscou-se construir conhecimento com sujeitos significativos, profissionais que vivem no cotidiano a prática profissional do Serviço

Social, portanto, pessoas comuns que, na maioria das vezes, se sentem despreparadas para a produção de conhecimentos, subestimando a vivência que possuem, a qual permitiria elaborar pesquisas sobre a realidade social em que trabalham.

Nosso enigma é hoje o enigma da captura desse homem comum, pelos mecanismos de estranhamento de uma cotidianidade que exacerba a mutilação de nosso relacionamento com nossas possibilidades históricas e mutila a compreensão dos limites que cada momento histórico nos propõe. É nos limites, nos extremos, na periferia da realidade social que a indagação sociológica se torna fecunda, quando fica evidente que a explicação do todo concreto é incompleta e pobre se não passa pela mediação do insignificante. [...] É nesses momentos e situações do protagonismo oculto e mutilado dos simples, das pessoas comuns. [...] São os simples que nos libertam do simplismo, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvela e se oculta (MARTINS, 2000, p. 12-13).

Assim sendo, sempre esteve presente na construção da pesquisa a preocupação de desvelar a experiência dos sujeitos, revelando a história construída com suas ações manifestadas na sua prática profissional e nas relações que estabelecem com os usuários de seus serviços. Elegeu-se, portanto, profissionais com protagonismo individual e coletivo, considerando-se que em suas relações particulares acabavam por expressar vinculações de classe.

A pensadora húngara Agnes Heller (1989) definiu como cotidiano a vida de todo homem, algo já nasce com ele. Para a autora, a organização do trabalho e da vida privada, o lazer, o descanso e a atividade social sistematizada são partes orgânicas da vida cotidiana, que é heterogênea e hierárquica, que sofre alteração de acordo com os interesses particulares e sociais dos indivíduos, em razão das diferentes estruturas econômico-sociais. O cotidiano é, assim, o espaço onde o ser humano se manifesta, trazendo muito de sua individualidade. De acordo com Heller, este homem é um ser singular e genérico: singular por ter sua própria maneira de expressar seus sentimentos e por ser motivado pelas necessidades do *eu*, sinais da unicidade e irrepetibilidade do indivíduo; genérico, porque não deixa de ser produto e expressão das relações sociais e preservador do desenvolvimento humano.

A mesma autora destacou que, na vida cotidiana, os choques entre a particularidade e a generalidade não costumam tornar-se conscientes, porém,

podem se elevar pela *homogeneização* – o processo no qual o indivíduo concentra seus esforços e os utiliza em uma atividade humana genérica, fazendo uma escolha consciente e autônoma. As formas de elevação desse cotidiano são a ciência e a arte, e nem mesmo estas categorias separam o ser humano totalmente do pensamento cotidiano.

Heller (1989, p.38) enfatizou ainda que as formas de pensamento e comportamento produzidas pela estrutura da vida cotidiana podem deixar no indivíduo

[...] uma margem de movimento e possibilidades de explicitação, permitindo-lhe enquanto unidade consciente do humano genérico e do individual particular, uma condensação “prismática”, por assim dizer, da experiência da cotidianidade, de tal modo que possa manifestar-se como essência unitária das formas heterogêneas de atividade, próprias de cotidianidade e nelas objetivar-se.

Da mesma maneira, se dá a estrutura da vida cotidiana dos sujeitos desta pesquisa: com limitações próprias – impostas pelo espaço físico e social da sua intervenção profissional – mas que acabam por estabelecer uma atitude crítica e racional. Entende-se, assim, que somente pela experiência cotidiana profissional, que se expressa em atividades normatizadas, burocratizadas e fragmentadas da prática institucional, é que emerge o ponto de partida para o conhecimento ativo do Serviço Social e, portanto, do desenvolvimento da competência profissional.

Para Lefèbvre (1991), a sociedade capitalista moderna é muito submissa à burocracia, uma vez que tudo é muito estruturado e que os processos humanos deixam de ser constituintes para serem constituídos, ou seja, que tudo é visto e tido como pronto. Para o autor, vem daí a dificuldade do exercício da reflexão crítica sobre o trabalho profissional cotidiano, a qual amplia horizontes, possibilidades e estratégias, já que não existe competência de forma solitária; o ser humano se define nas relações sociais.

Iamamoto (1997, p.120-121), quanto a esta questão da reflexão crítica e do cotidiano, lembrou que:

Aprender, pois, o sentido político-social do Serviço Social supõe ir além da máscara social através da qual esta prática se apresenta na superfície da vida social; como um mero conjunto de ações intermitentes, burocratizadas, dispersas, descontínuas, dotadas de um pseudo-caráter filantrópico, marcadas pelo fornecimento dos chamados benefícios sociais, podendo ser

realizadas por qualquer pessoa, independente de sua qualificação técnica e intelectual. Parece-me que este mundo é o das aparências necessárias, ainda que sejam meras aparências.

Portelli (1996, p.72) também se reportou a esta questão, ao considerar que a atribuição de significados aos fatos é um ato histórico, cultural e social e que depende da experiência social compartilhada, declarando que:

Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. Mas esta miríade de diferenças individuais nada mais faz do que nos lembrar que a sociedade não é uma rede geometricamente uniforme, como nos é representada nas necessárias abstrações das ciências sociais, parecendo-me mais com um mosaico, um patchwork, em que cada fragmento, cada pessoa é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum. É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos.

Sobre o contexto profissional, Martinelli (1995, p. 149) referiu que:

Nenhuma prática é um bloco monolítico, impenetrável, sempre há caminhos críticos, vias de superação a serem trilhadas, porém a verdade é que só são encontrados por quem os procura pacientemente, por quem os constrói corajosamente.

Durante o processo desta pesquisa, o relacionamento com os sujeitos também se fundamentou nas relevantes contribuições reflexivas de Bourguignon (2007, p. 83):

- ✓ atribuir a particularidade da pesquisa para o Serviço Social, vendo-a como um processo de instigação com vistas à superação de desafios;
- ✓ dar centralidade aos sujeitos da pesquisa, já que são plenos de significados, condição fundada na sua prática profissional cotidiana;
- ✓ dar retorno e alcance social das pesquisas em Serviço Social, visando construir o caminho de volta aos sujeitos, evidenciar a dimensão política que todo conhecimento deve garantir, bem como dar materialidade ao projeto profissional.

Juntamente com o questionário, foi enviada uma carta de explicação com os objetivos da pesquisa e firmado o compromisso de garantir a confidencialidade dos dados que pudessem revelar a identidade dos participantes da pesquisa (Apêndice A). Assim, visando garantir o anonimato dos sujeitos, utilizou-se uma identificação numérica, de acordo com a ordem de chegada das devolutivas dos questionários, para garantir o sigilo e a ética profissional. Desta forma, neste trabalho, os depoimentos são identificados com o número do sujeito, sua área de atuação e tempo de exercício profissional (p. ex.: Sujeito 1, assistência social, 12 anos).

Com vistas a efetivar a caracterização dos sujeitos, valorizar sua condição pessoal e dar visibilidade a sua rica experiência e conhecimento, fez-se um levantamento, de forma censitária, por meio de questionário (Apêndice B), das seguintes categorias: área de atuação, município sede do campo de estágio, número de estagiários em supervisão, idade, estado civil, sexo, ano de formação, unidade escolar, tempo que trabalha como assistente social, tempo que trabalha no espaço ocupacional, se possui outra graduação, se fez ou está fazendo pós-graduação, nível (doutorado, mestrado, especialização), área da pós-graduação, tempo de exercício de supervisão e disponibilidade para participação em grupo focal.

Vale ressaltar que o questionário foi encaminhado para os 75 supervisores de campo da FSSB. Destes, 63 responderam e 12 não o fizeram, justificando sua posição, em data posterior, alegando férias, licença médica e licença-prêmio na ocasião da coleta de dados.

Após o recebimento dos questionários respondidos, cuja devolutiva se fez conforme data solicitada na carta de explicação, iniciou-se a etapa do estabelecimento de categorias, uma vez que as questões eram, na sua maioria, abertas. Depois de efetivada a codificação, seguida da tabulação eletrônica, foram construídos os gráficos que sintetizam, com objetividade e clareza, os resultados alcançados. Procedeu-se, em seguida, à análise dos dados, apresentada nos capítulos 3 e 4 desta tese.

Antecipadamente considerado importante, delineou-se ainda o perfil dos sujeitos pesquisados, conforme categorias levantadas no questionário enviado, que teve isso também por objetivo específico, pois já se sabia de antemão que os sujeitos eram assistentes sociais inseridos em diferentes contextos históricos e que, no exercício da prática profissional do Serviço Social, construíam sua identidade

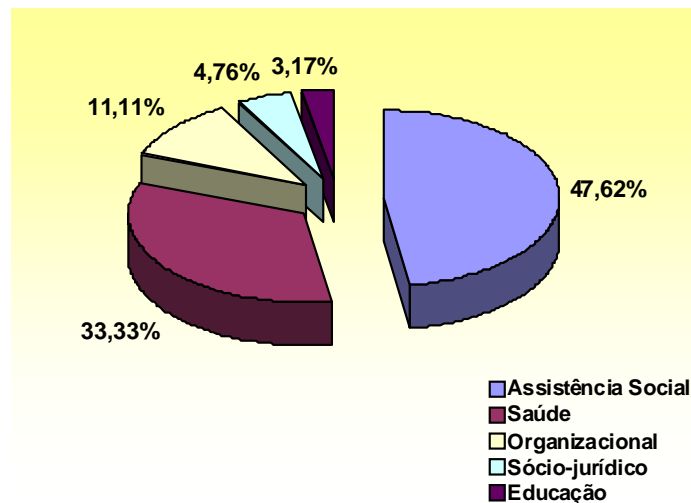
profissional e, outrossim, participavam ativamente na formação profissional de alunos e de futuros assistentes sociais.

As informações apresentadas a seguir referem-se aos 63 assistentes sociais que responderam os questionários. A Tabela 4 e a Figura 6 apresentam os números e porcentagem das áreas de atuação e campos de estágio dos sujeitos.

Tabela 4 – Campos de estágio por área de atuação – 2008

Área de atuação / Campos de estágio FSSB	Nº
Assistência Social	30
Saúde	21
Organizacional	7
Sociojurídico	3
Educação	2
Total	63

Fonte: Departamento de Estágio da FSSB



Fonte: Departamento de Estágio da FSSB

Figura 6 – Distribuição de campos de estágio por área de atuação

Como é possível perceber, as áreas de atuação dos sujeitos desta pesquisa seguem a tendência dos quadros de inserção profissional no país: o de maior incidência é a assistência social, seguida da saúde. Existem ainda campos de estágio nas áreas que vêm se destacando como demandas advindas da internacionalização econômica: a área organizacional e suas repercussões societárias, especialmente o direito, área sociojurídica e suas exigências, e área educacional.

A Figura 7 apresenta a porcentagem de distribuição dos sujeitos nos campos de estágio da FSSB, por município.

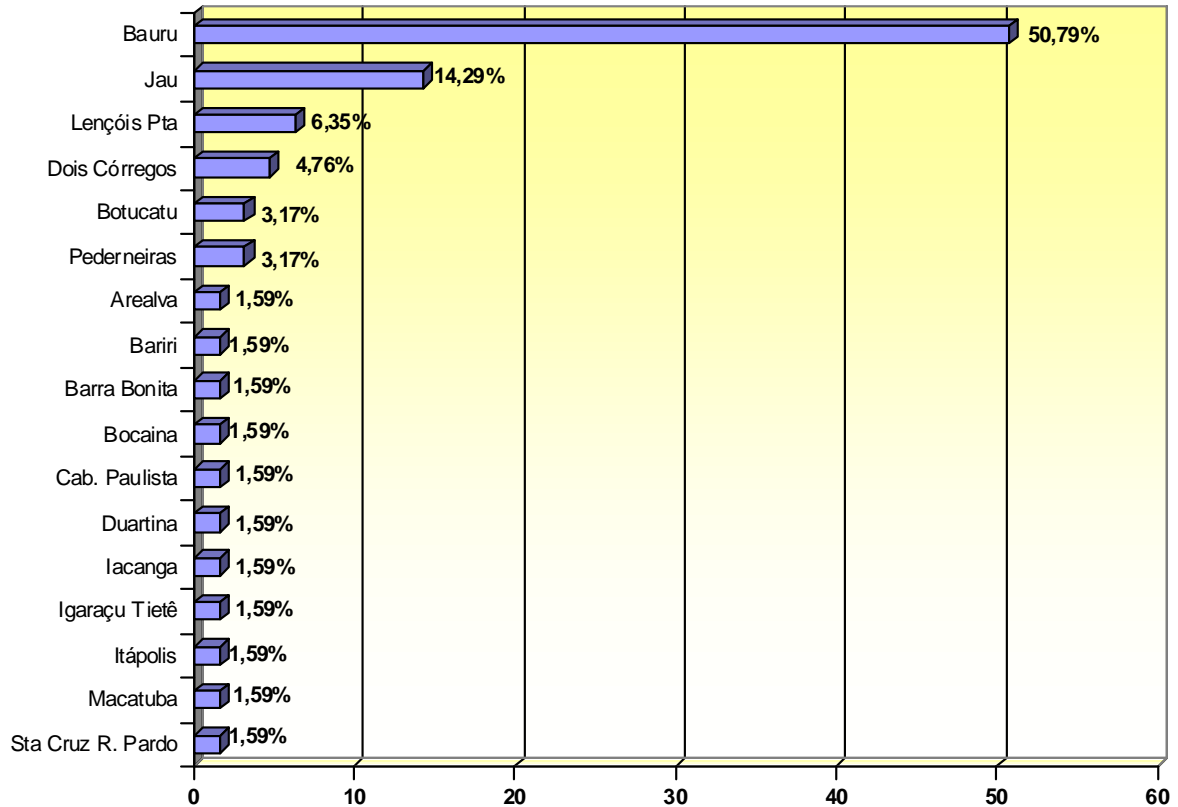


Figura 7 – Município nos quais os sujeitos pesquisados estão inseridos profissionalmente

Os dados obtidos demonstraram que os sujeitos pesquisados estavam inseridos profissionalmente em 17 municípios, campos de Estágio da FSSB, distribuídos com supremacia em Bauru (50,79% dos sujeitos), sede da FSSB. Jaú, município possui um hospital de referência no tratamento de câncer, é a segunda localidade com maior incidência de estagiários, onde estão estabelecidos 14,29% dos sujeitos desta pesquisa.

A Figura 8 apresenta a porcentagem de supervisores e o número correspondente de alunos supervisionados.

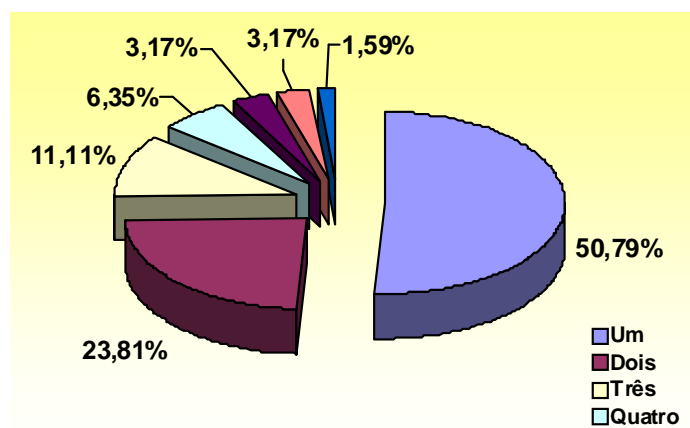


Figura 8 – Porcentagem de supervisores e respectivo número de estagiários supervisionados

Com relação ao número de estagiários que os sujeitos da pesquisa supervisionavam, observou-se que 32 (50,79%) orientavam apenas um estagiário, 15 (23,81%) tinham duas estagiárias e sete (11,11%) supervisionavam três estagiários. Ou seja, 85,71% dos sujeitos tinham entre um e três orientados, o que evidencia uma condição qualitativa e privilegiada no processo da formação profissional – tanto para quem supervisiona, que tem um ganho no tempo de orientação para cada um dos estagiários, como para quem é supervisionado, que recebe uma atenção individualizada maior.

A Figura 9 apresenta a faixa etária dos sujeitos.

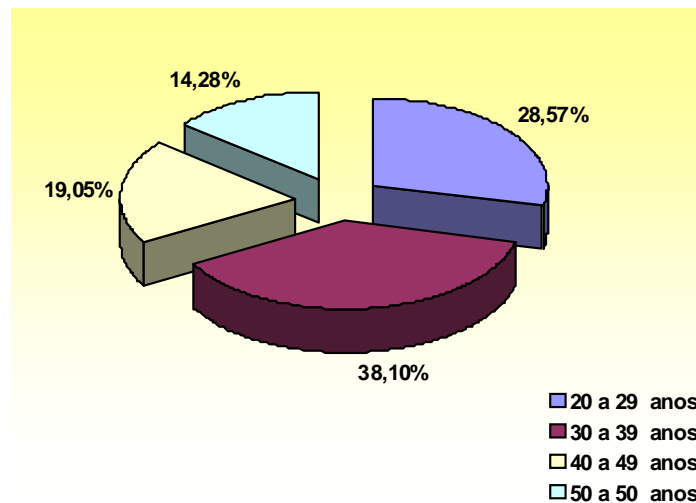


Figura 9 – Faixa etária dos sujeitos pesquisados

Quanto às características pessoais, pôde-se constatar que os sujeitos distribuíam-se nas várias faixas etárias. A maior concentração ocorreu na faixa etária de 30 a 39 anos, com 38,10%, seguido de profissionais mais jovens, na faixa de 20 a 29 anos, atingindo 28,57%. Entre estes últimos, a maioria possui formação profissional recente, portanto, com experiência nas alterações curriculares ocorridas mais recentemente. Merece destaque, porém, que 14,28% dos sujeitos possuem

entre 50 e 60 anos, o que sinaliza que eram profissionais com larga experiência, a maioria em fase de pré-aposentadoria.

A Figura 10 apresenta a porcentagem dos sujeitos quanto ao estado civil.

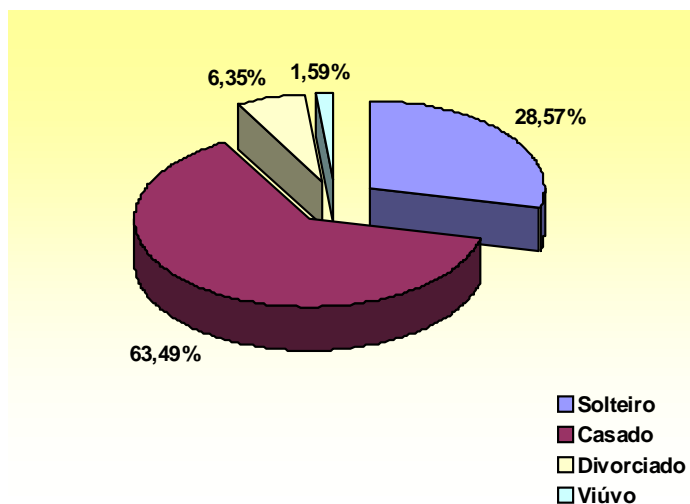


Figura 10 – Porcentagem dos sujeitos quanto ao estado civil

A maioria dos sujeitos pesquisados (63,49%) era de casados, o que pode indicar a necessidade de conciliar trabalho profissional e trabalhos domésticos/atividades domésticas. A porcentagem de solteiros, divorciados e viúvos foi de 36,51%.

A Figura 11 apresenta as porcentagens encontradas quanto ao gênero dos sujeitos desta pesquisa.

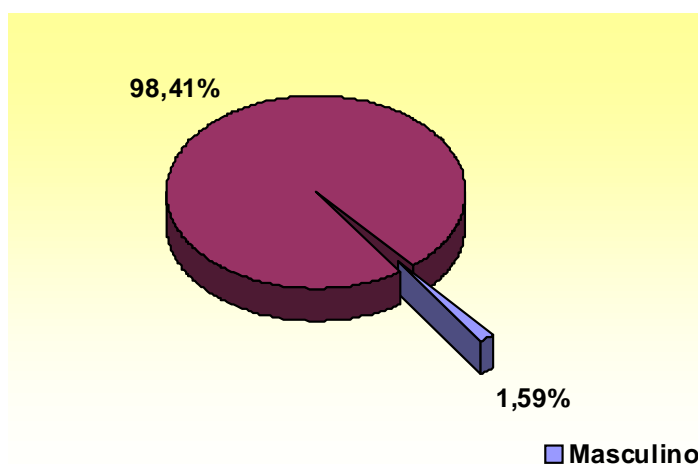


Figura 11 – Porcentagem dos sujeitos quanto ao gênero

A quase unanimidade dos sujeitos pesquisados era do sexo feminino (98,41%), o que tem correspondência com a realidade profissional nacional, cuja identidade historicamente construída é marcada pela presença da mulher. O perfil sócio-histórico dos assistentes sociais apresenta o traço marcante de ser uma profissão “atravessada por relações de gênero, enquanto tem uma composição social predominantemente feminina, o que afeta sua imagem na sociedade e as expectativas sociais vigentes diante da mesma” (IAMAMOTO, 1998, p.64).

A Figura 12 apresenta o ano de conclusão da graduação dos sujeitos.

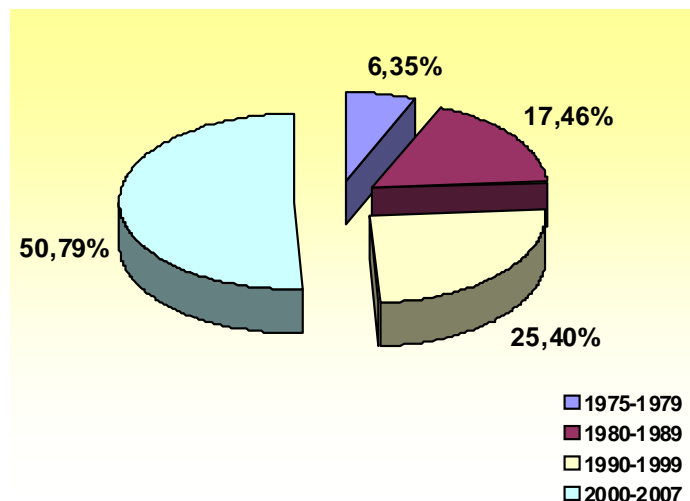


Figura 12 – Porcentagem dos sujeitos quanto ao ano de formação

A formação profissional é uma das grandes preocupações da categoria dos assistentes sociais e por isso vem sendo alvo de debates, mobilizados principalmente pela ABEPSS.

O ano de formação dos profissionais parece influenciar na construção da identidade profissional, pois se verificou que a maior incidência de sujeitos (50,79%) se concentrava no período entre 2000 e 2007. Merece ser destacado que o currículo

destes profissionais inaugura uma direção social fundada no paradigma da Teoria Social Crítica, indicando uma ruptura com as fontes tradicionais da profissão, inserindo o Serviço Social numa dimensão histórica, na divisão sociotécnica do trabalho, pela qual a compreensão da profissão só é possível interpretando-se o processo de produção e reprodução da vida social nas diferentes conjunturas históricas, nas quais as determinações influenciam tanto as demandas profissionais quanto suas respostas, exigindo que a categoria se municie de estratégias de enfrentamento.

A Figura 13 apresenta a porcentagem de sujeitos de acordo com a IES em que se formaram.

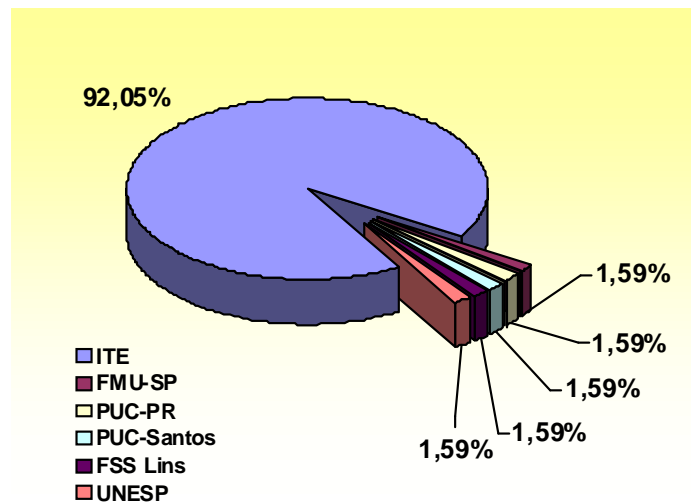


Figura 13 – Porcentagem dos sujeitos quanto à Instituição de formação

Os dados levantados demonstraram que, na sua maioria (92,05%), os assistentes sociais foram formados pela FSSB-ITE, cenário desta pesquisa. Cabe ressaltar ainda, que apenas um profissional teve sua formação realizada em instituição pública, evidenciando o avanço do ensino particular no Brasil, em detrimento do investimento público. A totalidade dos pesquisados era proveniente da Região Sul da ABEPSS e apenas um profissional era da Região Sul I, composta pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os demais sujeitos eram advindos da Região Sul II, composta pelos Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

As Figuras 14 e 15 apresentam respectivamente a porcentagem de sujeitos quanto ao tempo de trabalho na instituição e como supervisor de estágio.

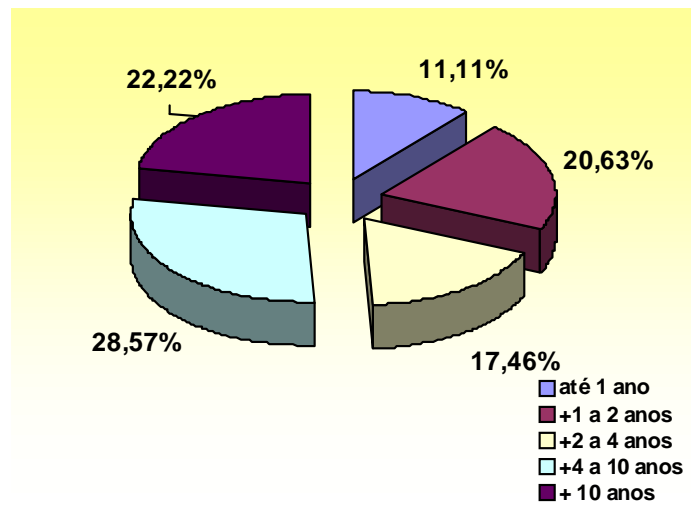


Figura 14 – Porcentagem dos sujeitos quanto ao tempo de trabalho no espaço ocupacional

Entre os sujeitos pesquisados, 77,77% exerciam a profissão por até dez anos, reforçando o indicador já levantado, de que eram profissionais jovens e com formação posterior às mudanças das diretrizes curriculares propostas pela ABEPSS.

Recorde-se que entre 1994 e 1996 foram realizadas várias oficinas nas unidades escolares filiadas à ABEPSS, com o objetivo de promover a revisão curricular e organizar uma proposta nacional para o Serviço Social. Uma vez elaborada, esta proposta foi aprovada em Assembléia Geral, em novembro de 1996, e encontra-se em vigor até os dias atuais. O projeto que fundamentou esse currículo inaugurou uma direção social fundada no paradigma da Teoria Social Crítica e apontou para uma ruptura com as bases tradicionais da profissão.

Diretrizes que estabelecem um patamar comum, assegurando ao mesmo tempo, a flexibilidade e a descentralização do ensino em Serviço Social, de modo a acompanhar as profundas transformações da ciência e da tecnologia na contemporaneidade (ABESS, 1996).

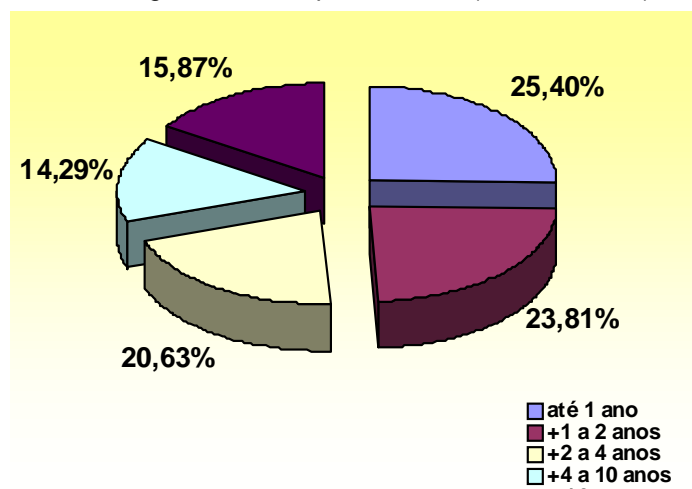


Figura 15 – Porcentagem dos sujeitos quanto ao tempo de trabalho como supervisor de estágio

Quanto ao tempo em que os sujeitos eram supervisores de estágio, pôde-se constatar que apenas 30,16% possuíam mais de quatro anos na função, tempo que garante experiência no processo pedagógico de formação profissional. O maior índice de sujeitos tinha até um ano (25,40%) na função; 23,81% tinham mais de 1 a 2 anos e, 20,63%, mais de 2 a 4 anos, o que evidencia que 69,84% dos sujeitos tinham menos do que 4 anos no processo de formação profissional.

A Figura 16 apresenta a porcentagem de sujeitos de acordo com o tempo de experiência como assistentes sociais.

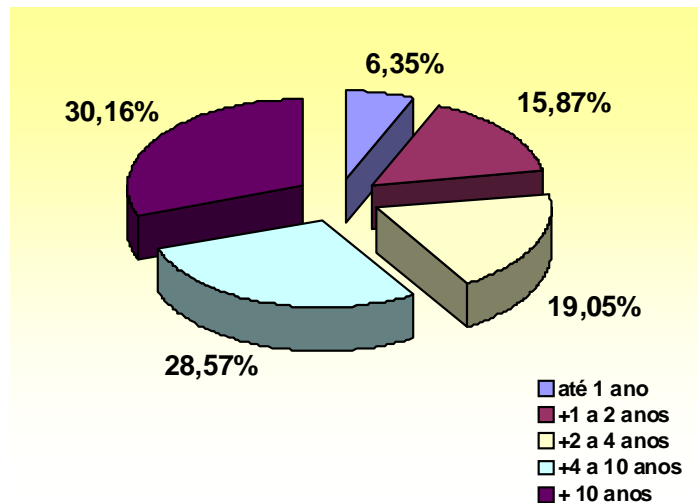


Figura 16 – Porcentagem dos sujeitos quanto ao tempo de experiência como assistentes sociais

Outro indicador levantado, o tempo de trabalho no espaço ocupacional onde a supervisão de estágio se efetivava, indicou que a maior concentração se deu nas categorias +2 anos a 4 anos e +10 anos, que somadas totalizaram 58,73%, ou seja, indivíduos com prática profissional e dotados de conhecimento sobre a dinâmica institucional e demandas existentes onde atuam profissionalmente. Vale ressaltar que os dados evidenciaram que os supervisores/profissionais possuíam

vivências e experiências acumuladas no cotidiano, bem como reflexões teóricas construídas no processo de supervisão de estágio.

Dos sujeitos pesquisados, 7,94% possuíam outro curso superior (Figura 17); 4,76% estavam cursando pós-graduação e 53,97% já havia concluído um dos seus níveis (Figura 18).

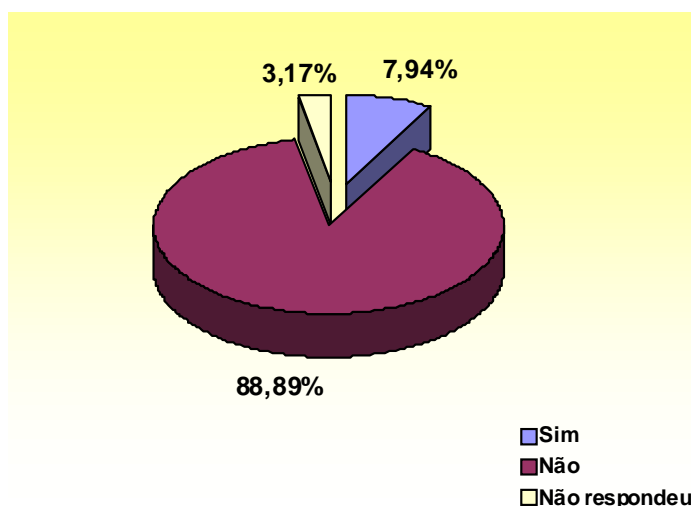


Figura 17 – Porcentagem de sujeitos quanto a outra formação acadêmica

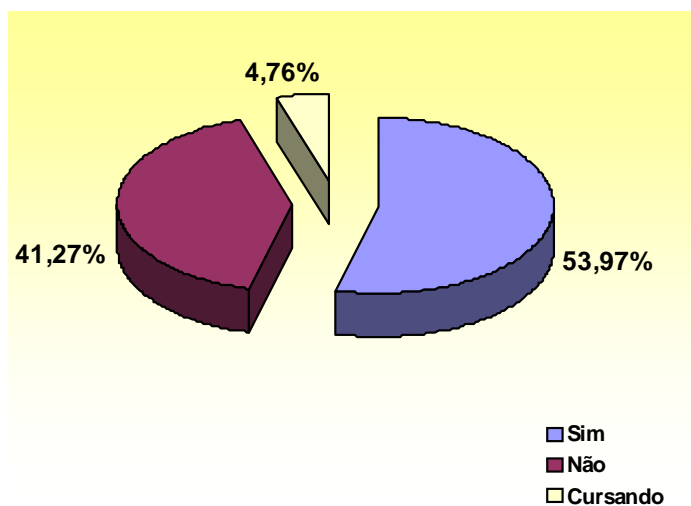


Figura 18 – Porcentagem de sujeitos quanto à pós-graduação

Entre os pós-graduados, 91,66% tinham feito especialização; 5,56% possuíam mestrado e apenas 2,78% tinham doutorado (Figura 19).

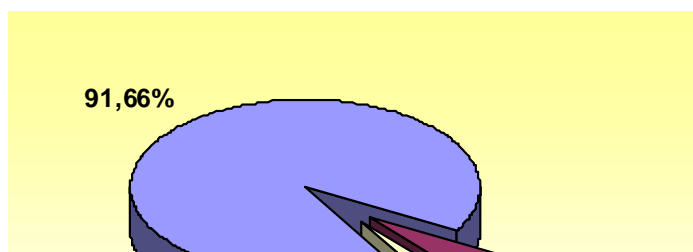


Figura 19 – Porcentagem dos sujeitos quanto ao nível de pós-graduação

A situação encontrada é condizente com o atual mundo do trabalho, cujo foco de atuação profissional se faz nas complexas relações do capitalismo e, por outro lado, responde às exigências do mercado de trabalho, cada vez mais exigente e excludente.

Com relação à participação dos sujeitos no grupo focal, com vistas à efetivação da pesquisa qualitativa no estudo em tela, 53,97% dos pesquisados, se colocaram com disponibilidade em participar (Figura 20).

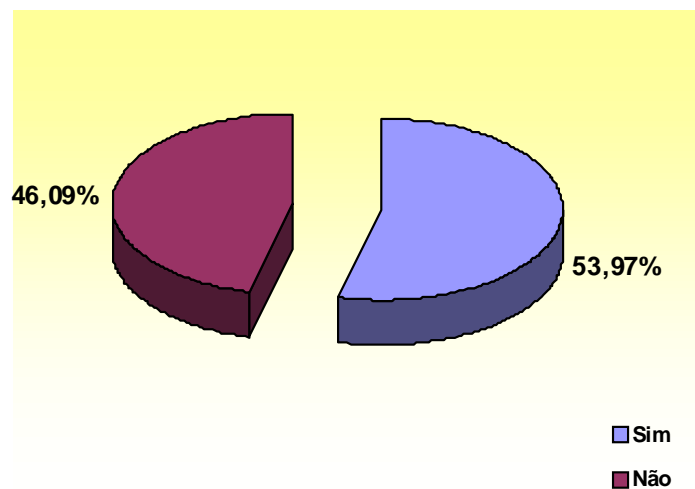


Figura 20 – Porcentagem de sujeitos quanto à disposição em participar do grupo focal

Foi solicitado ainda, no questionário, que os participantes colocassem suas preferências quanto ao horário e a necessidade de ajuda de custo para o deslocamento. Estas informações coletadas foram tabuladas e avaliadas quanto à relevância, para a definição e organização do evento. São descritas a seguir, no próximo item deste mesmo capítulo, que apresenta a forma como o processo científico desta tese se engendrou, para o alcance de seus objetivos.

2.3 Caminho metodológico construído

Esta investigação inspirou-se na vertente marxista, tendo como método de abordagem o materialismo histórico-dialético, que valoriza a contradição dinâmica do fato observado, as oposições contraditórias entre o todo e as partes, os vínculos entre o saber e o fazer, com ênfase na compreensão. Como pontuou Minayo (1994, p. 24-25):

A abordagem da Dialética (...) se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. A dialética pensa a relação da quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos. Busca encontrar na parte, a compreensão e relação com o todo, e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos. Dessa forma, considera que o fenômeno ou processo social tem que ser entendido na suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreende uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o mundo natural e social, entre o pensamento e a base material. Advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou “objetos sociais” apresentam.

Esta pesquisa foi planejada e construída em quatro etapas complementares e interligadas:

- ✓ na primeira etapa, realizou-se um estudo exploratório, utilizando a pesquisa bibliográfica sobre a temática do objeto de estudo, fundamentado nas indicações da orientadora deste trabalho e nas contribuições da tese de doutorado de Bourguignon (2005), que entre outros objetivos, mapeou a produção científica construída sobre pesquisa em Serviço Social, nas seguintes fontes: Revista Serviço Social e Sociedade, Revista ABESS e Temporalis e nas dissertações e teses da PUC/SP até o ano de 2003;
- ✓ na segunda etapa, deu-se prosseguimento ao mapeamento feito pela referida autora, sistematizando-se as produções elaboradas sobre a mesma temática, de 2004 até 2008, ou seja, a pesquisa em Serviço

Social. Ampliando-se as fontes, já que o contexto deste estudo tem como universo os profissionais/supervisores da FSSB, realizou-se o mapeamento de produções junto à Revista da Unidade Escolar, intitulada “Construindo o Serviço Social”. Também foi feito um estudo sobre o contexto da pesquisa, delineando-se uma compreensão sobre a 7ª. Região administrativa, os municípios que são campos de estágio da FSSB, o Município de Bauru, onde se situa a Instituição Toledo de Ensino e a FSSB;

- ✓ na terceira etapa, os esforços se centraram na efetivação da pesquisa empírica, construindo-se, conjuntamente com a orientadora, o questionário. Após a realização de um pré-teste, os questionários foram enviados. Destaque-se a colaboração dos alunos da Faculdade de Serviço Social, matriculados na disciplina de Estágio de Intervenção, no envio dos questionários aos destinatários. Em seguida ao recebimento dos questionários devolvidos pelos sujeitos, efetuou-se a tabulação dos dados. Concomitantemente, foi organizada e realizada uma reunião focal para a coleta dos dados subjetivos, que se fez nas instalações da Faculdade de Serviço Social, em uma sala de aula com excelentes condições de som, servida por equipamentos audiovisuais cedidos pela ITE e coordenados e monitorados por profissionais qualificados para a ação;
- ✓ na quarta etapa, desenvolveu-se a análise dos dados – que se fez como proposto no projeto e delineado pela banca examinadora no Exame de Qualificação – com a interlocução do referencial teórico e os dados objetivos e subjetivos coletados, no contexto e com os sujeitos já mencionados, o que sustentou de forma efetiva a presente tese de doutorado.

O estudo se fez na abordagem quali-quantitativa, tendo em vista que foram levantados dados objetivos e subjetivos do objeto em estudo, buscando-se um sentido de complementaridade. O enfoque quantitativo oportunizou dimensionar a realidade, o qualitativo permitiu expressar a experiência social dos sujeitos e, assim, constatou-se concretamente que ambos os enfoques possuem sentido de complementaridade, não de oposição. A opção de fazer o levantamento de dados

objetivos, centrando-os nas categorias relacionadas à efetividade da prática da pesquisa – frequência, perspectivas, objetivos, os instrumentos de coleta de dados mais utilizados pelos profissionais – se deu pela certeza de que nem sempre eles são suficientes, por si só, para efetivar a possibilidade da construção coletiva almejada. Assim, buscou-se também os dados subjetivos, como forma de reconhecer a singularidade do sujeito, a importância de se conhecer a sua experiência social (MARTINELLI, 1999c, p. 22-27).

Esta opção metodológica apoiou-se também em Chizzotti (1998, p.79), que enfatizou que a abordagem qualitativa: “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”, ou seja, apoiou-se na visão de que a realidade social traduz toda a riqueza de significados que transborda do dinamismo da vida individual e coletiva.

Assim sendo, com vistas a ir além das frequências e dos índices, buscando conhecer plenamente os sujeitos da pesquisa, entabulou-se um diálogo com eles, na realização do grupo focal, compartilhando-se o pensamento de Martinelli (1999c, p. 22-23), de que o sentimento do pesquisador é o de fazer parte da pesquisa, pois ela se dá em um espaço repleto de emoções, visualizando-se diversas possibilidades e, portanto, atribuindo-se importância às descrições, interpretações e histórias. Enfim, um movimento que dá vida aos números e amplia a possibilidade de desvendamento, pelo contato direto com o sujeito emergem oportunidades de aprofundar a análise dos fatos que repercutem diretamente na vida dos sujeitos, sem desconectá-los da estrutura.

Os dados subjetivos possibilitaram desvendar a concepção que os profissionais têm sobre a pesquisa, enquanto instrumento e ferramenta de trabalho do assistente social, de acordo com a sua própria vivência.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados e valores, ou seja, um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos e não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade (MINAYO, 1999, p.21-22).

Essa opção, baseada na certeza da pesquisadora de que essa é a abordagem que melhor convém à análise do objeto de estudo, apoiou-se na sua participação como discente, nos anos de 2006, 2007 e 2008, no Núcleo de Estudos

e Pesquisas sobre Identidade História Oral (NEPI), e se fortaleceu pelas reflexões realizadas por Martinelli (1995), quando afirmou que a concepção do saber se dá num espaço múltiplo, no sentido de um saber coletivo, pois os sujeitos envolvidos nos diferentes contextos é que delineiam o significado do processo de trabalho do assistente social.

Conforme Martinelli (1999b, 1999c), conhecer a experiência do grupo pesquisado e os significados que ele atribui a esta experiência é a finalidade última da pesquisa qualitativa. Para a autora, todo fenômeno humano, para ser bem compreendido, exige uma permanente interação entre a pesquisa qualitativa e quantitativa, como forma de alcançar a compreensão das lógicas internas dos grupos pesquisados.

Enquanto os dados objetivos foram levantados junto aos 75 assistentes sociais/supervisores dos campos de estágio da FSSB que responderam ao questionário, os dados subjetivos foram coletados de forma não probabilística, do tipo intencional, mediante apropriação dos dados quantitativos oriundos dos questionários respondidos pelos sujeitos. Assim, 12 dos profissionais/sujeitos foram selecionados, fixando-se como critério de escolha a utilização e reconhecimento da pesquisa na prática profissional e disponibilidade para participar do grupo focal.

Esse procedimento apoiou-se no pensamento de Queiroz (1992, p. 99), que apontou a importância de escolher informantes válidos para as questões a serem estudadas, considerando informante válido “aquele que se supõe de antemão que possua vivência do que se procura conhecer”.

Apoiou-se também em Martinelli (1999b, p.14), que destacou que, quando se trabalha com pesquisa na abordagem qualitativa, um recurso metodológico é o da concepção de sujeito coletivo, compreendendo-se que aquela pessoa que está sendo convidada a participar da pesquisa tem uma referência grupal e expressa de forma típica o conjunto de vivências de seu grupo. Para essa autora, o importante nesse contexto não é o número de pessoas que vão prestar a informação, mas o significado que estes sujeitos atribuem à sua experiência e vivência social, em função do que se está buscando com a pesquisa. Quanto aos pressupostos da pesquisa qualitativa, ressaltou ainda, a importância do “reconhecimento da singularidade do sujeito, reconhecimento da peculiaridade da experiência do sujeito e o reconhecimento da importância de conhecer o modo de vida do sujeito, a sua experiência social cotidiana” (MARTINELLI, 2005a, p. 119).

Lehfeld (2004, p.19-20) também fez reflexões à pesquisa qualitativa, afirmando que:

[...] no Serviço Social, os profissionais pesquisadores, com a fundamentação e base dos métodos qualitativos, consagram um diferencial significativo às pesquisas sociais que realizam. Revelaram-se como especiais ao pesquisador que deseja conhecer os significados de um dado fenômeno, a partir de uma dada situação e realidade social. Aproximam-se muito a pressupostos importantes do Serviço Social, como a concepção de sujeito, a questão da identidade, os modos de vida, as experiências sociais e culturais e políticas dos grupos sociais e da sociedade em geral. Outra característica da pesquisa qualitativa é que o pesquisador tem a possibilidade de criar tanto técnica como metodologicamente, procedimentos mais adequados à captação de seu objeto de pesquisa, bem como produzir sua teoria a partir da composição entre o teórico e a coleção de materiais empíricos.

O estudo documental (o mapeamento do “estado das artes”) e os instrumentos de coleta de dados utilizados (a observação sistemática, o questionário e o grupo focal, com o uso da técnica do gravador) foram suportes indispensáveis para a concretização desta tese.

A observação sistemática foi articulada aos demais instrumentos de coleta de dados e utilizada de forma contínua, o que permitiu maior concretude à análise das categorias, com vistas ao alcance dos objetivos propostos. A observação pode ser entendida como participante, já que esta pesquisadora faz parte da profissão, exerceu a supervisão de estágio e dialogou com os sujeitos diretamente relacionados à questão em tela.

Na escolha do instrumento de coleta de dados, compartilhou-se o pensamento de Gil (1991), de que o questionário é um instrumento de investigação composto por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito, preenchido sem a presença do pesquisador no momento das informações. Optou-se por esse meio porque permitia que um grande número de pessoas fosse alcançado, mesmo que dispersas em áreas distantes, e também porque possibilitava ao pesquisado responder no momento que julgasse conveniente, sem estar exposto à influência do pesquisador ou a constrangimento, pela sua presença. Além disso, levou-se em consideração que os sujeitos possuíam elevado grau de escolaridade, o que garantia a compreensão das questões e a clareza das respostas.

O questionário foi entregue em mãos aos sujeitos da pesquisa (profissionais supervisores), no mês de outubro de 2008, acompanhado de uma

carta de esclarecimento (Apêndice A) assinada pela pesquisadora e pela Diretora da FSSB, contendo informações quanto aos objetivos, rigor metodológico e ético do processo da pesquisa, bem como instruções para o seu preenchimento. O questionário contemplou perguntas fechadas e, predominantemente, abertas, cujo conteúdo direcionou-se ao levantamento do perfil dos sujeitos e às questões focadas nos objetivos propostos no estudo. Enfim, foi construído com um olhar aguçado quanto ao problema, às questões norteadoras e aos objetivos traçados no projeto de pesquisa e aprovados no Exame de Qualificação.

Por ser um tipo de instrumento estruturado, realizou-se um pré-teste com dois profissionais, visando validá-lo quanto à operatividade, fidedignidade, clareza e ordenação das questões. Verificando-se sua aplicabilidade, passou-se à efetivação da pesquisa de campo.

A coleta de dados quantitativos ocorreu de forma adequada, de acordo com o planejado, com uma intensa participação e envolvimento dos alunos da FSSB. Os sujeitos responderam e encaminharam o questionário na data solicitada e previamente informada na carta de explicação. Dos 75 sujeitos, 63 responderam o instrumento de pesquisa, encaminhando-o em tempo hábil para a tabulação dos dados.

Em seguida, iniciou-se a etapa da análise dos dados – ancorada em Selltiz et al. (1967) e Gil (1991) – e a sua codificação, seguida do estabelecimento de categorias, já que o questionário era composto predominantemente por perguntas abertas. Em seguida, efetuou-se a tabulação eletrônica, cujos resultados estão expressos nos quadros e gráficos apresentados de forma integrada com os referenciais teóricos utilizados, ao longo desta tese.

O grupo focal, utilizado para compreensão das dimensões subjetivas da questão em estudo, foi escolhido por ser uma técnica de avaliação que oferece informações qualitativas e que é amplamente utilizada para aprofundar discussões e garantir a confiabilidade dos resultados da pesquisa. O uso de "relatos orais" abre para o pesquisador a possibilidade de se aproximar dos sujeitos, que são fontes riquíssimas e inesgotáveis de informações.

Para Gatti (2005, p. 11), o estabelecimento de um grupo cria uma sinergia própria, o que faz emergir idéias diferentes das opiniões particulares, resultado da troca, do consenso e dissensos:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de idéias partilhadas por pessoas no dia a dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.

Ainda reforçando a compreensão sobre essa técnica, apresenta-se o pensamento de Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002, p. 5) a respeito de grupo focal:

Uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

Pode-se afirmar, portanto, que um grupo focal consiste em uma sessão grupal, com pessoas que representam os sujeitos de estudo, aos quais cabe discutir vários aspectos de um tópico específico. A sua escolha como técnica desta pesquisa se deu por ser apropriado para entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos, foco deste estudo.

A determinação do número de participantes convidados, de 12 sujeitos, embasou-se nas contribuições de Gatti (2005, p. 22) “[...] grupo focal não pode ser grande, mas também não pode ser exclusivamente pequeno, ficando sua dimensão preferencialmente entre seis a 12 pessoas”.

Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002, p. 6 e p. 12) reiteraram essa questão, pontuando que, por ser uma técnica que visa a coleta de dados qualitativos, não é rigidamente determinada por fórmulas matemáticas, não se prende em estabelecer relações de amostragem; também para estes autores, um grupo focal deve ser composto por no mínimo de quatro e no máximo de 12 pessoas.

Os sujeitos selecionados foram informados quanto à data, horário e local da reunião, determinados de acordo com a preferência expressa dos sujeitos no questionário respondido. Foram confirmadas as presenças e, antes do início da reunião, assinaram previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, (Apêndice C) autorizando a publicação do depoimento oral.

Gatti (2005, p. 23) destacou que, mesmo a adesão sendo voluntária, é comum a ocorrência de ausências e o pesquisador deve estar preparado para isso, pois é preciso lidar com a situação de forma a não prejudicar o andamento do trabalho. Frente a isto, optou-se por fixar o número máximo de sujeitos sugerido pelos autores, para que, no caso de incidência de faltas, o número de sujeitos participantes garantisse o pleno desenvolvimento da coleta de dados.

Comparecerem para a coleta de dados, oito sujeitos, embora os doze tenham confirmado presença, cabendo destacar que, após o evento, justificaram suas faltas, de forma voluntária e respeitosa, por contato telefônico.

Considerando-se que, na abordagem qualitativa, o pesquisador não tem preocupação com o número de respostas, mas com os significados atribuídos pelos sujeitos sociais, efetivou-se a caracterização dos sujeitos participantes do grupo focal.

Os sujeitos eleitos estavam inseridos nas várias áreas de atuação (assistência social, educação, saúde e organizacional), no município de Bauru, privilegiando-se aqueles que atuavam nos campos de estágio de municípios de pequeno porte, para ser fiel ao contexto geopolítico deste estudo. Suas características pessoais seguiram o universo: eram, na totalidade, do sexo feminino; na faixa etária entre 24 a 51 anos, com predominância entre 30 a 35 anos.

Quanto ao ano de formação profissional, os sujeitos estavam assim distribuídos: uma profissional formada em 1980, três na década de 1990 e quatro formadas de 2002 a 2007. Todos os sujeitos se formaram na IES, contexto desta pesquisa, ou seja, na FSSB.

Os dados sobre o tempo de exercício profissional e tempo de atuação no espaço ocupacional no momento da pesquisa eram correlacionados, variando de um a mais de 10 anos. Apenas um sujeito possuía apenas um ano; duas tinham mais de 10 anos e cinco entre 2 a 8 anos.

Quanto ao tempo no exercício de supervisão de estágio, somente uma possuía menos de um ano; seis exerciam a função de 2 a 6 anos e uma possuía 12 anos. Com relação ao número de alunos que supervisionavam, quatro sujeitos tinham apenas um aluno, dois supervisionavam de 2 a 3 alunos e duas supervisionavam de 4 a 6 alunos.

Os sujeitos do grupo focal, na sua totalidade, não haviam cursado outra graduação e a maioria, seis deles, tinham feito pós-graduação, todos com

especialização voltada à área de atuação profissional (Tabela 5). Cabe destaque a correlação com a condição priorizada para a escolha dos sujeitos – utilizavam a pesquisa na sua prática profissional – pois eram profissionais que buscavam a ampliação de conhecimentos e a qualificação profissional pela inserção em cursos de pós-graduação, o que exige a postura investigativa de seus participantes conforme destacaram Kameyama (1998), Carvalho e Silva e Silva (2005).

Para Setúbal (1995, p. 77 e 83):

[...] o movimento da pesquisa como produção de conhecimento científico sistemático ocorreu em sentido diferente no Serviço Social, pois, de forma mais maciça, essa tem se apresentado a partir da criação dos cursos de pós-graduação.

[...]

Todos os trabalhos relativos à pós-graduação no Brasil apontam esses programas como estimuladores da pesquisa, e, conseqüentemente, a universidade como celeiro da produção de conhecimento formalmente constituído.

Tabela 5 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa participantes do grupo focal

Sujeito	Área de atuação	Município	Idade (anos)	Gênero	Ano de formação	I.E.S. de formação	Tempo de exercício profissional (anos)	Tempo de trabalho no espaço ocupacio-nal (anos)	Tempo de Supervi-são de Estágio (anos)	Nº de estagiá-rios supervi-sionados	Cursou outra gradua-ção	Cursou Graduação nível e em qual área	Pós-graduação
3	Saúde	Bauru	35	Fem.	1994	FSSB	13	12	12	2	Não	Sim, especialização Saúde Pública	
7	Assistência Social	Iacanga	51	Fem.	1980	FSSB	19	10	4	6	Não	Não	
14	Saúde	Jaú	30	Fem.	2007	FSSB	1	1	9 meses	1	Não	Sim, especialização Recursos Humanos	
19	Educação	Bauru	24	Fem.	2005	FSSB	3	3	3	3	Não	Sim, especialização Administração	
38	Assistência Social	Bauru	26	Fem.	2004	FSSB	4	2	2	4	Não	Não	
48	Saúde	Bauru	34	Fem.	1997	FSSB	8	5	6	1	Não	Sim, especialização Saúde e Reabilitação	
52	Organiza-cional	Bauru	34	Fem.	2002	FSSB	6	6	6	1	Não	Sim, especialização Serviço Social	
59	Assistência Social	Igaraçu do Tietê	30	Fem.	1999	FSSB	6	3	4	1	Não	Sim, especialização Gestão de Pessoas	

Para o desenvolvimento da técnica do grupo focal, o planejamento fundamentou-se em Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002, p. 7-10) e se fez necessária a composição de uma equipe de trabalho, composta por:

- ✓ um mediador (que foi a própria pesquisadora), responsável pela qualidade dos dados e cuja função foi realizar, cuidar e organizar a sessão, fazer a etapa introdutória, apresentar ao grupo as questões norteadoras da discussão; em suma, responsável pela motivação e conclusão dos debates, realizando intervenções quando necessário, de forma amistosa e cuidadosa;
- ✓ uma observadora e relatora (que foi uma aluna do terceiro ano da IES), antecipadamente preparada pela pesquisadora para suas atribuições: acompanhar o processo de condução do grupo e observar cuidadosamente se os participantes estavam à vontade diante do pesquisador, se ocorria integração entre os sujeitos, se havia compreensão das finalidades da pesquisa e como as funções de moderador, relator e operador de gravação eram exercitadas;
- ✓ um operador de gravação, responsável pelo material de áudio, teste equipamentos, função desempenhada por um técnico do setor de recursos audiovisuais da Instituição Toledo de Ensino, o qual é dotado de equipamentos de excelente qualidade e composto por uma equipe treinada;
- ✓ transcritor de fitas e digitador, função desempenhada por uma aluna do terceiro ano da FSSB, sob supervisão direta da pesquisadora, com cuidado constante para que a transcrição fosse efetivada da maneira mais fiel possível, de modo a não causar danos nas informações, até com as pausas mantidas e assinaladas para a análise.

Pela trajetória como aluna na FSSB, como profissional atuante na região administrativa em tela e por lecionar aproximadamente há 20 anos na mesma IES, a pesquisadora conhecia todos os sujeitos da pesquisa e estes, na sua maioria, também se conheciam, seja pela própria dinâmica de trabalho ou por participação em reuniões de supervisores, palestras, eventos ou cursos. Isso foi avaliado pela equipe como positivo para a operatividade do instrumento, já que a reunião ocorreu

em clima de respeito e empatia mútua.

A reunião do grupo focal aconteceu nas dependências da FSSB, em sala fechada, devidamente climatizada, com as cadeiras organizadas em círculo, de forma a propiciar o desenrolar do processo interativo, sem interrupção ou prejuízo por barulho ou quaisquer outras intercorrências, seguindo orientações de Gatti (2005, p.24):

O local dos encontros deve favorecer a interação entre os participantes. Pode-se trabalhar em cadeiras avulsas, em círculo, ou em volta de uma mesa [...] os participantes devem se encontrar face a face para que sua interlocução seja direta [...] como os participantes permanecerão um tempo razoável em reunião, certo conforto é necessário.

A reunião iniciou-se, como previsto, no dia 5 de dezembro de 2008, às 15:30 horas, com término às 17:00 horas. A pesquisadora fez uma abertura e procurou situar os sujeitos quanto à equipe de trabalho, aos objetivos da pesquisa, a opção pela escolha da técnica qualitativa do grupo focal. Ratificou a necessidade do consentimento para a utilização da técnica de gravação e requereu a assinatura do Termo de Consentimento, destacando a importância da interação e a liberdade inerente de todos em construir um espaço dialógico em que houvesse troca de experiências, interação de idéias, sentimentos, valores, dificuldades, vivências, concepções, enfim, trazendo suas experiências. Foi feita ainda uma pequena explanação sobre como se procederia com os resultados da coleta de dados subsidiados nas falas dos participantes. Em seguida, solicitou-se a todos que se apresentassem.

Conforme Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002, p. 16), “Tal procedimento deverá fazer que eles sintam-se confiantes e privilegiados por estarem tomando parte do processo de pesquisa e, com isso, engajarem-se com afinco nas discussões”. Gatti (2005, p. 31) reforçou esse pensamento ao afirmar que “Os primeiros momentos do grupo focal podem ser a chave do sucesso do trabalho”, alertando também que “não se recomenda dar aos participantes informações detalhadas sobre o objeto de pesquisa.

Thompson (1981), historiador britânico de tradição marxista, enfatizou que, ao se falar da experiência humana, o passado é avaliado, a particularidade e a

multiplicidade das ações vêm à luz e criam-se oportunidades de mudanças de direção. Eis, portanto, uma relevante categoria de análise da realidade histórico-social.

De acordo com Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002, p.6), o pesquisador deve usar como referencial para estabelecer o número de questões, o tempo de duração da reunião focal e cada sessão não deve ultrapassar de 15 a 20 minutos, modificando-se a delimitação das questões de acordo com o transcorrer do processo, aspectos que foram respeitados nesta pesquisa. Com relação às questões norteadoras apresentadas ao grupo, foi possível perceber que elas foram capazes de instaurar e fomentar o debate entre os participantes, de forma que todos tiveram possibilidades iguais de apresentar concepções discutindo-as e refinando-as. O roteiro de questões (Apêndice D) foi usado, não de forma estática, mas como orientador, indagando-se:

- ✓ Como se efetiva o processo de pesquisa na sua prática profissional?
- ✓ Quais são as demandas que, no seu trabalho, têm exigido a prática da pesquisa?
- ✓ Quais os elementos facilitadores e dificultadores para o uso da pesquisa no trabalho profissional do assistente social?
- ✓ Quais as condições necessárias para ampliação e valorização da pesquisa na prática profissional do assistente social?

As questões foram encaminhadas ao grupo, tomando-se o cuidado de interferir o mínimo possível no diálogo estabelecido, buscando-se trazer a vivência dos supervisores pela história oral, já que estes narraram suas experiências em um encontro marcado pelo respeito e pela escuta.

O desenvolvimento da reunião mostrou a importância de que a memória não seja apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. De acordo com Portelli (1997, p. 33), a utilidade específica das fontes orais, repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado, quanto nas mudanças forjadas pela memória. Para o autor, as modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado, dar forma às suas vidas e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.

Após a coleta de dados, iniciou-se a fase da transcrição da gravação do

áudio e a revisão, na qual contou-se com a participação da equipe de colaboradores que tinha o papel de transcritor e relator.

Transcrever significa, assim, uma nova experiência da pesquisa, um novo passo, em que todo o processamento dela é retomado, com seus envolvimentos e emoções, o que leva a aprofundar o significado de certos termos utilizados pelo informante, de certas passagens, de certas histórias que em determinado momento foram contadas, de certas mudanças na entonação da voz (QUEIROZ, 1992, p.88).

Cabe ressaltar, que nesta etapa foi despendido muito tempo e esforço, pois além da transcrição das falas dos sujeitos, a fita gravada em DVD foi assistida inúmeras vezes, o que proporcionou à pesquisadora uma apreensão de inúmeros detalhes e comportamentos importantes para a compreensão da expressão dos sujeitos, nos seus relatos e no desenrolar da técnica como um todo. Depois da transcrição, com o documento em mãos, foram feitas várias leituras, verificando-se claramente os significados atribuídos e que deveriam se constituir categorias na etapa da análise.

Dando prosseguimento, iniciou-se a etapa de análise de dados, que teve por finalidades: estabelecer a compreensão dos dados coletados; confirmar ou não as questões formuladas; ampliar o conhecimento sobre o assunto, articulando-o ao contexto de que fazia parte (especificidade e totalidade).

A análise de dados qualitativos, segundo Minayo (1994), deve ser processada da seguinte forma: pelo estabelecimento de categorias – que se faz pelo estabelecimento de classificação dos elementos encontrados, ou seja, significa agrupar as idéias – e pela análise de conteúdo. A mesma autora destacou que, nesta etapa, é importante a pré-análise do material, para o estabelecimento das unidades que devam ser contempladas nas categorias planejadas ou para a ampliação de outras que surjam na comunicação, seguida da exploração do material para codificar e preparar as unidades a serem organizadas. Assim foi feito nesta pesquisa.

A organização dos dados realizou-se conforme apontamento de Martinelli (1999), para quem a preparação de uma grelha dos dados coletados facilita a sua organização e possibilita ao pesquisador uma visualização das mensagens nas respectivas categorias, numa perspectiva de totalidade e inter-relação.

Sobre o mesmo assunto, Gatti (2005) enfatizou a importância de que o pesquisador se volte para os objetivos do estudo, oportunidade em que se faz importante entrelaçar as questões, os dados e os argumentos. Para a autora, além do material transcrito, é necessário compatibilizá-lo com as anotações do relator, cuidando da expressão das falas, pois estas estão impregnadas de muitos sentidos atribuídos pelos sujeitos. O pesquisador deve traçar rotas de análise e manter a capacidade de julgar a pertinência dos rumos analíticos.

Gatti (2005, p. 46) afirmou ainda que:

[...] não existe modelo único e acabado de análise de dados para os grupos focais. A capacidade de elaboração de um processo de busca de significados nos dados obtidos está vinculado à formação do pesquisador, a seu estofo teórico e a sua criatividade.

Para Demo (2001), nesta fase o pesquisador deve efetuar a operacionalização de sua avaliação por meio da análise de cultura e de contexto do outro, devendo ir além das aparências do que foi percebido, questionando o implícito; ou seja, deve-se buscar as contradições dialética das falas. Para esse autor, o pesquisador “deve estar sempre aberto a rever a interpretação realizada, encaminhando-se para a reinterpretação”.

Na construção da tese, buscou-se efetivar um exercício sistemático de articulação entre os dados empíricos coletados no contexto da pesquisa (dados objetivos, coletados pelo questionário, e subjetivos, coletados por meio da história oral, com a técnica do grupo focal) e os conhecimentos bibliográficos levantados sobre a temática em tela. Esta opção metodológica se fez como forma de propiciar uma compreensão crítica do objeto de estudo, na sua totalidade, a fim de identificar a interlocução possível de ser construída entre a prática profissional do assistente social e a utilização da pesquisa, nessa prática cotidiana, para o enfrentamento da questão social e para a efetivação do projeto ético-político da profissão.

Pode-se apontar como facilidades o custo da pesquisa, que foi diminuto, pois os gastos foram apenas com a impressão dos questionários e com a compra do CD de gravação. Para isso contou-se com parceiros fundamentais, que foram os alunos da FSSB, que além de levar o instrumental ao campo de estágio, ou seja, ao

sujeito da pesquisa, se empenharam em motivar o supervisor a responder e retornar os questionários à pesquisadora. Esta pesquisa também se valeu dos equipamentos de áudio da unidade escolar, bem como do envolvimento e comprometimento de seus funcionários, que sem dúvida foram fundamentais para o êxito do evento.

Após esta descrição da metodologia desta tese, apresenta-se outra etapa do processo de conhecimento acerca do tema, que culminou com o mapeamento da produção científica sobre a pesquisa em Serviço Social, exposta no próximo capítulo.

3 PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL

A pesquisa no Serviço Social é um processo fundamental no trabalho do assistente social, já que traz o aprofundamento do conhecimento das expressões da questão social e o aprimoramento da ação profissional. (Sujeito 22, assistência social, 20 anos)

Este capítulo teve por objetivo sedimentar as bases para a análise dos dados coletados, buscando subsídios na literatura para compreender e delinear a real importância da pesquisa, no cotidiano do assistente social, como instrumento efetivo para compreender a realidade da população usuária de seus serviços, bem como um meio para a adoção de práticas interventivas mais propositivas e adequadas, que primem por uma maior qualidade do exercício profissional.

Como resultado do estudo exploratório a respeito da utilização da pesquisa na produção de conhecimento no Serviço Social, apresenta-se a seguir o mapeamento realizado nas revistas *Serviço Social e Sociedade*, *ABESS*, *Temporalis* e *Construindo o Serviço Social* e nas dissertações e teses da PUC/SP, a partir de 1980 até 2008, pelo qual buscou-se compreender a utilização que o assistente social faz da pesquisa no seu trabalho profissional cotidiano, ampliando e aprofundando as temáticas sobre a profissão do Serviço Social, a sua prática profissional e a pesquisa, e evidenciando a vinculação da ação investigativa com a ação interventiva atribuída pelos sujeitos da pesquisa, fundamentada também pelos vários autores mapeados pelo estudo bibliográfico, sistematizado anteriormente.

3.1 O mapeamento da produção de conhecimento sobre a pesquisa em Serviço Social

Com base no mapeamento realizado por Bourguignon (2005), a respeito de produções sobre pesquisa em Serviço Social até 2003, em dissertações e teses da PUC/SP e nas Revistas *Serviço Social e Sociedade* e *Temporalis*, realizou-se o

seu prosseguimento, do período de 2003 até 2008, nas mesmas fontes, ampliadas com a contemplação da Revista “Construindo o Serviço Social”, da FSSB.

Os resultados deste mapeamento foram organizados em quadros e gráficos, expostos a seguir:

- ✓ dissertações e teses da PUC/SP (1991 a 2008);
- ✓ Revista Serviço Social e Sociedade (2004 a 2008) e (1980 a 2008, por décadas);
- ✓ Revista ABESS e Temporalis (1989 a 2008);
- ✓ Revista Construindo o Serviço Social (1997 a 2008);
- ✓ Gráfico com a totalização geral – Teses e Dissertações, Revistas: Serviço Social e Sociedade, ABESS e Temporalis (1979 até 2008); e,
- ✓ Gráfico da totalização percentual das produções sistematizadas por tipo de fonte (1980 a 2008).

A Figura 21 apresenta o total de teses e dissertações defendidas na PUCSP entre 1991 e 2006.

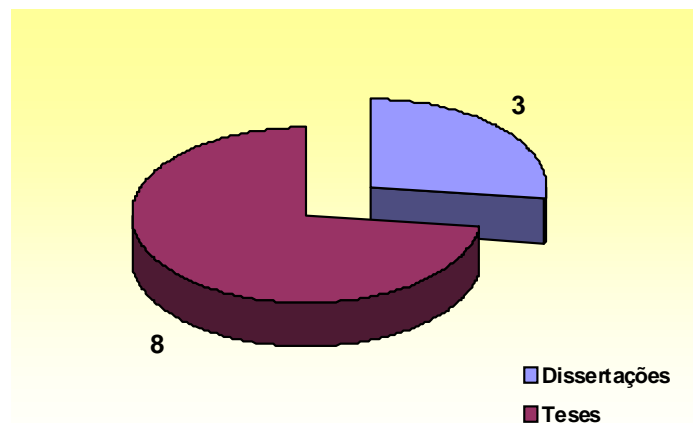


Figura 21 - Totalização das dissertações e teses da PUCSP (1991-2006)

Quadro 1 - Totalização de produções com temática sobre a pesquisa em dissertações e teses da PUCSP (1991 a 2008)

DISSERTAÇÕES		TESES	
Autor	Título	Autor	Título
1991			
		Odária Battini	O Estado das Artes no Serviço Social: Estudo sobre a construção do conhecimento na prática profissional do assistente social
1992			
Tânia M. R. G. Diniz	Pesquisa em Serviço Social: análise das implicações metodológicas na técnica estudo de caso	Dilséa Adeodata Bonetti	Produção do mestrado em Serviço Social da PUCSP: uma análise
1994			
Maria da Consolação Viana	As tendências do ensino de pesquisa na graduação de Serviço Social: o caso da grande São Paulo		
1997			
Sandra de Faria	Serviço Social e o mundo do trabalho: balanço da produção dos cursos de mestrado (1990 a 1995)		
1998			
		Tânia M.R.G. Diniz	Método e Serviço Social do nosso tempo: desafios do conhecimento para intervenção profissional
2003			
		Denise Cristina Guelfi	Os autores e seus pensamentos: um estudo das concepções de Serviço Social na produção da pós-graduação da PUCSP
		Sandra de Faria	Produção de conhecimento e agenda sócio-profissional no Serviço Social brasileiro
2005			
		Jussara Ayres Bourguignon	A Particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social
2006			
		Mabel Mascarenhas Torres	A coruja e camelo: a interlocução construída pelos assistentes sociais com as tendências teórico-metodológicas do Serviço Social
		Maria Emília Freitas Ferreira	Serviço Social e construção do conhecimento: contextos, lógicas e significados no Serviço Social português

Quadro 2 – Demonstrativo de artigos científicos da revista Serviço Social e Sociedade, no período 2004-2008

Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
2004				
77	121	Maria Dalva C. Silva	A produção de conhecimento no SS e sua relação com os princípios éticos	Apresenta a pesquisa empírica em torno da produção de conhecimento dos assistentes sociais e sua relação com a prática profissional. Considera indispensável uma sólida base teórico-metodológica que possibilite ao profissional responder às exigências do exercício profissional.
79	72	ABEPSS	A formação do assistente social no Brasil e a consolidação do projeto ético-político	Destaca o papel da ABEPSS, no âmbito da formação profissional, a partir das Diretrizes Gerais do Curso de Serviço Social. Ressalta que esta foi inspirada numa tradição cultural que privilegia a história. Destaca ainda, que para uma intervenção profissional qualificada se faz necessário que os processos sociais sejam apreendidos de forma dinâmica e flexível, para acompanhar as profundas transformações da ciência e da tecnologia na contemporaneidade.
79	82	Maria Célia Correia Nicolau	Formação e fazer profissional: trabalho e representações sociais	Discute a dicotomia entre o teorismo e o pragmatismo historicamente vinculado à profissão. Pontua que a direção do trabalho profissional do assistente Social se faz pela leitura e compreensão do homem, da sociedade e da profissão. Mostra a necessidade da pesquisa numa postura histórico-crítica, que precisa ser remetida para a formação profissional, trazendo-a como modalização da prática mediatizada pelo trabalho.
80	48	Rosany Barcelos de Souza Verônica Gonçalves Azeredo	O assistente social e a ação competente: a dinâmica cotidiana	Apresenta reflexões acerca da competitividade no mercado de trabalho, reforçando a necessidade de transformar habilidades em competências e destaca que o lócus privilegiado é o cotidiano profissional que deve ser interrogado para o alcance de sentidos humano-genéricos.
80	59	Cirlene A. Hilário da Silva Oliveira	O estágio supervisionado na formação profissional do assistente social: desvendando significados.	Analisa o estágio supervisionado como um lócus privilegiado para a aproximação do aluno com a realidade social, mediatizada pela fundamentação teórico-metodológica do Serviço Social. Reforça a importância do aluno em requerer domínio das estratégias e do deciframento da realidade social, tendo para tal, que possuir uma postura crítica para desvendar as contradições da sociedade capitalista.
2005				
81	156	Luiz Eduardo Wanderley	Universidades e Sociedades	Estabelece uma discussão sobre os desafios da Universidade na atualidade e destaca como centralidade a ciência e a responsabilidade social, delineando a necessidade de desenvolver uma formação crítica e humanística em parceria com setores da sociedade, para que a Universidade se situe como promotora de desenvolvimento sustentável.
84	5	Jose Paulo Netto	O Movimento da Reconceituação, 40 anos depois	Sinaliza o desenvolvimento trazido pelo Movimento de Reconceituação à constituição da vertente crítica e contemporânea do Serviço Social, comprometida com a qualificação acadêmica e com a interlocução com as ciências sociais e investindo fortemente na pesquisa.
84	21	Vicente de Paula Faleiros	Reconceituação do Serviço Social no Brasil: uma questão em movimento?	Pontua o Movimento da Reconceituação como um movimento crítico ao positivismo e ao funcionalismo, fundamentado na visão marxista da história e da estrutura, tendo como ponto chave a dialética teoria/prática, ressentindo uma maior articulação entre as análises e o cotidiano da profissão, o que trouxe um avanço significativo na produção teórica e científica da profissão.

(Continua)

Quadro 2 – Demonstrativo de artigos científicos da revista Serviço Social e Sociedade, no período 2004-2008 (Continuação)

Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
2005				
84	37	Norbeto Alayón	Acerca del movimiento de reconceptualización	Resgata o desenrolar do Movimento da Reconceituação na América Latina, reforçando que precisa ser melhor trabalhado o papel dos profissionais no interior das instituições, para o vencimento de práticas rotineiras e o avançar para a prática que atenda as demandas sociais, numa perspectiva crítica, de forma permanente para a contribuição profissional no campo político e social.
84	48	Nora Aquín	Reconceptualización: Um trabajo alternativo o uma alternativa al trabajo social?	Apresenta uma análise dos quarenta anos do Movimento de Reconceituação, apontando entre outras coisas, que as representações advindas foram: a necessidade de construção da visão histórica situada nos fenômenos e nos sujeitos, o avanço da produção teórica e reafirmação conflituosa entre teoria, método e realidade.
2006				
85	62	Lúcia C. S. Rosa Sergio I. F. Costa Maria J. Soares	Serviço Social e a Resolução 196/96 sobre a ética em pesquisas envolvendo seres humanos	Trata o disciplinamento da pesquisa com seres humanos, com a preocupação não apenas do cumprimento legal, mas como medida de proteção aos sujeitos da pesquisa e de defesa da integridade da pesquisa. Estabelece uma relação dos aparatos legais da profissão com a referida resolução.
2007				
91	5	Yolanda Guerra	O projeto profissional crítico: estratégias de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional	Discute as condições e relações atuais do exercício profissional do assistente social para a efetivação do projeto profissional e o atendimento às demandas que lhes são postas. Coloca que é necessário o profissional transcender a imediatividade do cotidiano, reconstruindo-o como um rico sistema de mediações, percebendo que as possibilidades não estão na profissão ou no conhecimento, mas na própria realidade. Ressalta ainda que o projeto profissional é um elemento de unidade teoria e prática, que possui dimensão crítico-reflexiva para o alcance dos compromisso ético-político.
92	159	Lúcia C. S. Rosa Sergio I. F. Costa	A vulnerabilidade das pessoas com transtornos mentais em situação de pesquisa	Expõe o desafio dos pesquisadores quanto à condição de vulnerabilidade das pessoas com transtornos mentais, quando na condição de sujeitos de pesquisa, tendo como eixo as diretrizes nacionais e internacionais que disciplinam a pesquisa em seres humanos. Ressalta que mais que obediência legal, o pesquisador precisa ser compromissado com os direitos humanos e respeitar a adversidade.
2008				
93		Dirce Koga; Frederico Ramos; Kazuo Nakano	A disputa territorial redesenhando relações sociais nas cidades brasileiras.	Apresenta ferramenta de pesquisa para análises quantitativas, levando em consideração a perspectiva territorial, parâmetro intensamente utilizado nas políticas públicas da Assistência Social e da saúde e, assim, a serem utilizados pelo assistente social para a efetivação de pesquisas e deciframento da realidade social.
95		Marina Maciel Abreu	ABEPSS: A perspectiva da unidade da graduação, pós-graduação e a produção do conhecimento na formação profissional	Traz a trajetória e os desafios da ABEPSS enquanto organismo político acadêmico e associação científica, já que a pesquisa e a produção de conhecimentos constituem eixos articuladores do desenvolvimento acadêmico-teórico do Serviço Social, visando o debate das bases histórico-políticas e éticas na luta pela emancipação humana.

Quadro 3 – Totalização, por década, de produções com temática sobre a pesquisa em Serviço Social, na revista Serviço Social e Sociedade

Ano	Nº	Autor	Título
1980 a 1989= 7 publicações			
1984	14	Safira Bezerra Ammann	A produção científica do Serviço Social no Brasil
1986	21	Vicente de P. Faleiros	Alternativas metodológicas da pesquisa em Serviço Social
1986	21	André Laino	A Interdisciplinidade na pesquisa
1986	21	Potyara A. P. Pereira	bordagem da Pesquisa em Serviço Social
1986	21	João Bosco Pinto	A Pesquisa e a Construção da Teoria no Serviço Social
1988	28	Úrsula M. S. Karsch	A Produção acadêmica do assistente social : alguns pontos de vista sobre pesquisa
1989	31	Maria Osanira da Silva e Silva	Pesquisa Participante e Serviço Social
1990 a 1999= 12 publicações			
1990	33	Francisco Ari F. de Medeiros	Pesquisa para graduados em Serviço Social: gerar conhecimentos ou intervir?
1990	34	Mário da Costa Barbosa	A práxis do Serviço Social nas instituições
1990	34	Carlos Nelson Coutinho	Gramsci e as Ciências Sociais
1990	34	Bernadete de L. F. de Almeida	A construção de uma alternativa metodológica de pesquisa qualitativa em Serviço Social
1992	38	Marilda V. Iamamoto, Úrsula M. S. Karsch e Jairo Melo de Araújo	Relatório avaliativo da área de pós-graduação em Serviço Social (Período de 1987/1989)
1992	38	José Rogério Lopes	A Lógica da pesquisa: uma proposta didática para a definição do objeto
1992	39	Myriam V. Baptista	Introdução à reflexão sobre problemas da pesquisa histórica no Serviço Social
1993	43	Aglair A. Setúbal	Do Sincretismo da prática a prática sem sincretismo
1994	44	Maria Lúcia Martinelli	O Ensino teórico-prático do Serviço Social: demandas e alternativas
1996	50	José Paulo Netto	Transformações societárias e o Serviço Social: notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil
1996	51	Sandra H. M. Santiago	Pesquisa-ação e pesquisa participante: uma atualização no confronto
1998	57	Maria Lúcia Martinelli	O Serviço Social na transição para o próximo milênio: desafios e perspectivas

(Continua)

Quadro 3 – Totalização, por década, de produções com temática sobre a pesquisa em Serviço Social, na revista Serviço Social e Sociedade (Continuação)

Ano	Nº	Autor	Título
2000 a 2008= 16 publicações			
2000	64	Jane C. Prates, Carlos N. Reis e Paulo B. Abreu	Metodologia de Pesquisa para populações de rua: alternativas de enfrentamento pelo poder local
2004	77	Maria Dalva C. Silva	A produção de conhecimento no Serviço Social e sua relação com os princípios éticos
2004	79	ABEPSS	A formação do assistente social no Brasil e a consolidação do projeto ético-político
2004	79	Maria Célia Correia Nicolau	Formação e fazer profissional: trabalho e representações sociais
2004	80	Rosany B. de Souza e Verônica G. Azeredo	O assistente social e a ação competente: a dinâmica cotidiana
2004	80	Cirlene A. Hilário S. Oliveira	O estágio supervisionado na formação profissional do assistente social: desvendando significados
2005	81	Luiz Eduardo Wanderley	Universidades e Sociedades
2005	84	Jose Paulo Netto	O Movimento da Reconceituação – 40 anos depois
2005	84	Vicente de Paula Faleiros	Reconceituação do Serviço social no Brasil: uma questão em movimento?
2005	84	Norbeto Alayón	Acerca del movimiento de reconceptualización
2005	84	Nora Aquín	Reconceptualización: Um trabajo alternativo o uma alternativa al trabajo social?
2006	85	Lúcia C. dos S. Rosa, Sergio I. F. Costa e Maria de J. R. Soares	Serviço Social e a Resolução 196/96 sobre a ética em pesquisas envolvendo seres humanos
2007	91	Yolanda Guerra	O projeto profissional crítico: estratégias de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional
2007	92	Lúcia Cristina dos Santos Rosa e Sergio Ibiapina Ferreira Costa	A vulnerabilidade das pessoas com transtornos mentais em situação de pesquisa
2008	93	Dirce Koga, Frederico Ramos e Kazuo Nakano	A disputa territorial redesenhando relações sociais nas cidades brasileiras
2008	95	Marina Maciel Abreu	ABEPSS: A perspectiva da unidade da graduação, pós-graduação e a produção do conhecimento na formação profissional

As Figuras 22 e 23 apresentam respectivamente o número e a porcentagem de publicações a respeito de pesquisa, na Revista Serviço Social e Sociedade, entre 1980 e 2008.

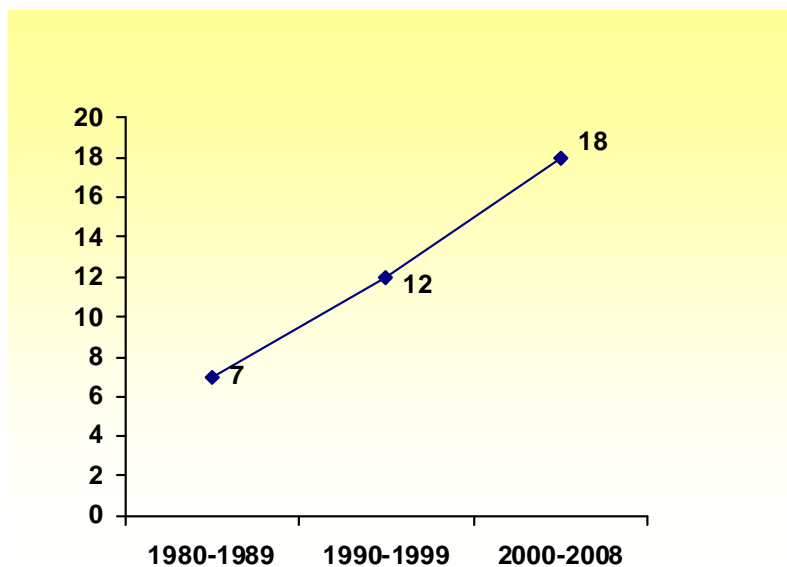


Figura 22 – Totalização do número de publicações que tinham a pesquisa como temática, na Revista Serviço Social e Sociedade, no período de 1980 a 2008

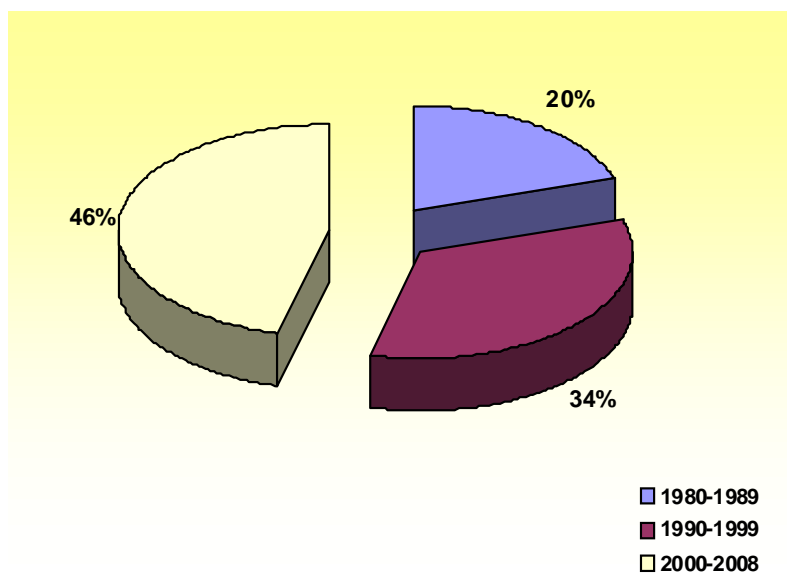


Figura 23 – Porcentagem de publicações que tinham a pesquisa como temática, na Revista Serviço Social e Sociedade, no período de 1980 a 2008

Quadro 4 – Totalização de produções com temática sobre a pesquisa em Serviço Social nas revistas ABESS e TEMPORALIS

Ano	Nº	Autor	Título
Revista ABESS: de 1989 a 1998 = 14 publicações			
1989	3	João F. de Souza	A produção de conhecimento na educação popular
1989	3	José Paulo Netto	Notas para discussão da sistematização da prática e teoria em Serviço Social
1989	3	Marina Maciel e Franci G. Cardoso	Metodologia do Serviço Social: a práxis como base conceitual
1992	5	José Paulo Netto	A controvérsia paradigmática nas ciências sociais
1992	5	João A. de Paula	A produção de conhecimento em Marx
1992	5	Alba M. P. Carvalho e Irllys Barreira	A pesquisa no debate contemporâneo e o Serviço Social
1992	5	Myriam V. Baptista	A produção do conhecimento social contemporâneo e sua ênfase no Serviço Social
1993	6	João Bosco Pinto	Buscando uma metodologia de pesquisa para o SS: reflexões de um prof. de pesquisa à margem dos paradigmas
1993	6	Ademir da Silva	Os paradigmas do conhecimento e seus rebatimentos no cotidiano do ensino, da pesquisa e do exercício profissional
1993	6	Marilda V. Iamamoto	Ensino e pesquisa no Serviço Social: desafios na construção de um projeto de formação profissional
1993	6	Lídia M. M. Rodrigues da Silva	A construção do conhecimento profissional e o Serviço Social
1997	7	Isabel C. C. Cardoso et al.	Proposta básica para o projeto de formação profissional: novos subsídios para o debate
1998	8	Franci Gomes Cardoso	A pesquisa na formação profissional do assistente social: algumas exigências e desafios
1998	8	Nobuko Kameyana	A trajetória da produção de conhecimentos em Serviço Social avanços e tendências (1975 a 1997)
Revista TEMPORALIS: de 2000 a 2005 = 16 publicações			
2000	2	Franci Gomes Cardoso	As novas diretrizes curriculares para a formação profissional: principais polêmicas e desafios
2000	2	Yolanda Guerra	Ensino da prática profissional no Serviço Social: subsídios para uma reflexão
2003	7	Jane Cruz Prates	Planejamento da pesquisa social
2004	8	Jussara M. Rosa Mendes	Os desafios das DC na afirmação do projeto ético-político do SS: a proposta da oficina – perspectiva ABEPSS
2004	8	Ivanete S. Boschetti Ferreira	O desenho das Diretrizes Curriculares e dificuldades na sua implementação
2004	8	Ivete Simionatto	Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social
2005	9	Jussara Maria Rosa Martins	Os desafios na pesquisa e na produção do conhecimento em Serviço Social – perspectiva IX ENPESS
2005	9	Maria Lorena Molina	Contribuciones al debate sobre los dilemas en la producción de conocimientos
2005	9	Ivete Simionatto	Os desafios na pesquisa e na produção do conhecimento em Serviço Social
2005	9	Margarita Rojas Pagaza	Algunas reflexiones sobre la investigación em trabajo social em la Argentina
2005	9	Jorge Ferreira	Trajetórias e produção do conhecimento: a experiência do ISSS Lisboa- Portugal
2005	9	Luis D. Araneda Alfero	Producción de conocimientos en trabajo social sus implicaciones y desafios
2005	9	Maria Lúcia Barroco	Reflexões sobre ética, pesquisa e Serviço Social
2005	9	Maria Lúcia Martinelli	Os métodos na pesquisa qualitativa: a pesquisa qualitativa
2005	9	Jane Cruz Prates	O método e o potencial interventivo e político da pesquisa social
2005	9	Maria Carmelita Yazbek	Os caminhos da pesquisa para o Serviço Social

Fonte: Revista ABESS e Temporalis (1989 a 2008)

Quadro 5 – Demonstrativo de artigos científicos da revista Construindo o Serviço Social – FSSB-ITE (1997-2008)

Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
1997				
2	6	Clorinda Mansani da Luz Queda	Um estudo da competência e intervenção profissional no Serviço Social	Aponta que a competência profissional no Serviço Social é um conjunto global de mediações, que move funções e atribuições desempenhadas através de capacidade teóricas, metodológicas, técnicas, políticas, dialeticamente articuladas com o compromisso ético. Coloca que o profissional, em sua ação, necessita referenciar-se à realidade social, buscando nas mediações aí contidas os fundamentos de seu trabalho.
1998				
3	9	Yolanda Guerra	A categoria instrumentalidade do Serviço Social no equacionamento de "pseudos problemas" da/na profissão.	Trata da dicotomia teoria-prática do SS e a ausência de instrumental técnico para a intervenção. Aponta tendências que acompanham a prática profissional. Ressalta a importância de o profissional superar a dimensão apenas técnico-operativa e de ser guiado pela ontologia histórica e crítica, na qual a realidade se constitui fundamentação do pensamento e da ação dos homens.
2000				
6	111	João Antonio Rodrigues	A questão do método na teoria social de Marx e o Serviço Social	Aborda as categorias do materialismo dialético, totalidade, mediação, universalidade, singularidade e particularidade, como categorias fundamentais para a compreensão da dinâmica das relações sociais, relacionando-as à práxis profissional. Afirma que os dois "momentos metodológicos", a partir da teoria de Marx, são o conhecimento e a ação.
2001				
7	27	Mercedes Malosci A.	A era do conhecimento: considerações gerais sobre a nova sociedade	Destaca que a atualidade é marcada por grandes transformações societárias, cuja grande estrela é a tecnologia, e o conhecimento, o capital principal. Enfatiza o pensamento complexo como novo paradigma na busca do entendimento da cosmologia
7	49	Lília C. de Oliveira Martins	A pesquisa científica: elemento primordial da postura investigativa do assistente social	Trata da importância da pesquisa científica para o Serviço Social, enfatizando que ela vem auxiliar a superação do caráter fundamentalmente prático da profissão e cria, no profissional, a postura investigativa permanente.
9	213	Mercedes Malosci A.	Por uma reforma do pensamento: os princípios do conhecimento pertinente na ótica de Edgar Morin	Efetiva uma reflexão em torno das complexidades que permeiam a questão do conhecimento no mundo contemporâneo. Traz para esta discussão: a pertinência do conhecimento, a inteligência geral e os problemas essenciais
2003				
12	203	Yolanda Guerra	O ensino da prática no novo currículo: elementos para o debate	Faz uma reflexão sobre o ensino da prática, com base no atual projeto profissional dos assistentes sociais brasileiros, apontando para uma nova lógica, que pretende enfrentar o ranço positivista que opera com a fragmentação entre ciência pura e aplicada, entre profissionais que investigam e os que intervêm.
2005				
16	143	Lília C. de Oliveira Martins	Práxis: reflexões pertinentes ao assistente social	Traz reflexões sobre a categoria práxis, concebendo-a como relação mútua entre teoria e prática. Afirma que a prática fundamenta a teoria, realimentada à medida que se aproxima da realidade.
2006				
17	181	Ilda Chicalé Aauri	A contribuição do programa de iniciação científica na vida acadêmica de discentes e docentes	Registra a implantação, execução e resultados obtidos com a participação e socialização de alunos/prof. do Progr. de Iniciação Científica; investiga a realidade de Bauru e região e oportuniza a produção de conhecimentos do SS e demais áreas.

Fonte: Revista Construindo o Serviço Social (1997 a 2008)

Quadro 6 – Demonstrativo de artigos científicos (Revistas ABESS, TEMPORALIS e Serviço Social e Sociedade), teses e dissertações sobre pesquisa em Serviço Social da PUCSP (2004-2008)

Revista	Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
2004					
Serviço Social e Sociedade	77		Maria Dalva C. Silva	A produção de conhecimento no Serviço Social e sua relação com os princípios éticos	Apresenta a pesquisa empírica na produção de conhecimento dos assistentes sociais e sua relação com a prática profissional. Considera indispensável uma sólida base teórico-metodológica que permita ao profissional responder às exigências do exercício
Serviço Social e Sociedade	79	72	ABEPSS	A formação do assistente social no Brasil e a consolidação do projeto ético-político	Destaca o papel da ABEPSS na formação profissional, a partir das Diretrizes Gerais do Curso de Serviço Social. Ressalta que esta foi inspirada numa tradição cultural, que privilegia a história. Destaca ainda, que para uma intervenção profissional qualificada faz-se necessário que os processos sociais sejam apreendidos de forma dinâmica e flexível, para acompanhar as profundas transformações da ciência e da tecnologia.
Serviço Social e Sociedade	79	82	Maria Célia Correia Nicolau	Formação e fazer profissional: trabalho e representações sociais	Discute a dicotomia entre o teorismo e o pragmatismo, historicamente vinculado à profissão. Pontua que a direção do trabalho profissional do assistente Social se faz pela leitura e compreensão do homem, da sociedade e da profissão. Mostra a necessidade da pesquisa, numa postura histórico-crítica que precisa ser remetida para a formação profissional, trazendo-a como modalização da prática mediatizada pelo trabalho.
Serviço Social e Sociedade	80	48	Rosany Barcelos de Souza e Verônica G. Azeredo	O assistente social e a ação competente: a dinâmica cotidiana	Apresenta reflexões sobre a competitividade no mercado de trabalho, reforçando a necessidade de transformar habilidades em competências e destaca que o lócus privilegiado é o cotidiano profissional, que deve ser interrogado para o alcance de sentidos humano-genéricos.
Serviço Social e Sociedade	80	59	Cirlene A. Hilário da Silva Oliveira	O estágio supervisionado na formação profissional do assistente social: desvendando significados	Analisa o estágio supervisionado como um lócus privilegiado para a aproximação do aluno com a realidade social, mediatizada pela fundamentação teórico-metodológica do Serviço Social. Reforça a importância do aluno em requerer domínio das estratégias e do deciframento da realidade social, tendo, para tanto, que possuir uma postura crítica para desvendar as contradições da sociedade capitalista.
Revista Temporalis	8	9	Jussara M. R. Mendes	Os desafios das Diretrizes Curriculares na afirmação do projeto ético-político do SS: a proposta da Oficina Perspectiva ABEPSS	Reitera a contribuição da ABEPSS na formação profissional, reafirmando a importância da efetivação das Diretrizes Curriculares, no sentido de propiciar subsídios para apreensão crítica dos processos sociais para a afirmação do projeto ético-político do SS.
Revista Temporalis	8	17	Ivanete S. Boschetti Ferreira	O desenho das Diretrizes Curriculares e dificuldades na sua implementação	Pontua os princípios da diretrizes curriculares da ABEPSS, que são a flexibilidade de organização dos currículos plenos, rigoroso trato teórico, histórico e metodológico da realidade social e do Serviço Social, a adoção de uma teoria social crítica, a presença da interdisciplinaridade, a compreensão ética e o estabelecimento das dimensões investigativa e interpretativa, apontando também as dificuldades que vêm sendo encontradas para sua implementação pelas IES.
Revista Temporalis	8	31	Ivete Simionatto	Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social	Aponta que os princípios elencados como pilares na formação profissional implicam numa capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, para que o profissional na prática profissional faça melhores leituras da dinâmica societária e apresente propostas oportunas.

(Continua)



Quadro 6 – Demonstrativo de artigos científicos (Revistas ABESS, TEMPORALIS e Serviço Social e Sociedade), teses e dissertações sobre pesquisa em Serviço Social da PUCSP (2004-2008) - Continuação

Revista	Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
2005					
Serviço Social e Sociedade	81	156	Luiz Eduardo Wanderley	Universidades e sociedades	Estabelece uma discussão quanto aos desafios da Universidade no atual momento e destaca como centralidade a ciência e a responsabilidade social, delineando que é preciso ser desenvolvida uma formação crítica e humanística e que devem ser realizadas parcerias com setores da sociedade, para que a Universidade se situe como promotora de desenvolvimento sustentável.
Serviço Social e Sociedade	84	5	Jose Paulo Netto	O Movimento da Reconceituação - 40 anos depois	Sinaliza o desenvolvimento trazido pelo Movimento de Reconceituação, no tocante à constituição da vertente crítica e contemporânea do Serviço Social comprometida com a qualificação acadêmica e com a interlocução com as ciências sociais e investindo fortemente na pesquisa.
Serviço Social e Sociedade	84	21	Vicente de Paula Faleiros	Reconceituação do Serviço social no Brasil: uma questão em movimento?	Pontua o Movimento da Reconceituação como um movimento crítico ao positivismo e ao funcionalismo, fundamentado na visão marxista da história e da estrutura, tendo como ponto chave a dialética teoria/prática, ressentindo uma maior articulação entre as análises e o cotidiano da profissão, o que trouxe um avanço significativo na produção teórica e científica da profissão.
Serviço Social e Sociedade	84	37	Norbeto Alayón	Acerca del movimiento de reconceptualización	Resgata o desenrolar do Movimento da Reconceituação na América Latina, reforçando que precisa ser melhor trabalhado o papel dos profissionais no interior das instituições, para o vencimento de práticas rotineiras e o avançar para a prática que atenda as demandas sociais, numa perspectiva crítica, de forma permanente para a contribuição profissional no campo político e social.
Serviço Social e Sociedade	84	48	Nora Aquín	Reconceptualización: un trabajo alternativo o una alternativa al trabajo social?	Apresenta uma análise dos quarenta anos do Movimento de Reconceituação, apontando entre outras coisas, que as representações advindas foram: a necessidade de construção de visão histórica situada nos fenômenos e nos sujeitos, o avanço da produção teórica e reafirmação conflituosa entre teoria, método e realidade.
Revista Temporalis	9	9	Jussara Maria Rosa Martins	Os desafios na pesquisa e na produção do conhecimento em SS: perspectiva IX ENPESS	Apresenta as propostas do IX Encontro Nacional de pesquisadores em Serviço Social bem como seu processo de construção, enfatizando a necessidade de produção de conhecimento para atender demandas profissionais e efetivar o projeto ético-político.
Revista Temporalis	9	15	Maria Lorena Molina	Contribuciones al debate sobre los dilemas em la producción de conocimientos	Aborda a trajetória da produção de conhecimentos, destacando seus desafios: a compreensão ontológica e o posicionamento ético-político e o dilema epistemológico e os desafios pedagógicos na formação.
Revista Temporalis	9	51	Ivete Simionatto	Os desafios na pesquisa e na produção do conhecimento em Serviço social	Aborda a trajetória de produção de conhecimento do Serviço Social brasileiro nos diferentes períodos históricos, destacando sua legitimidade enquanto área de conhecimento no contexto das ciências sociais particulares e perante agências de fomento.
Revista Temporalis	9	63	Margarita Rojas Pagaza	Algunas reflexiones sobre la investigación em trabajo social em la Argentina.	Aponta a importância da produção de conhecimento, enfatizando que este é a base da intervenção profissional, já que se referem à expressão do movimento do real. Pontua que o desenvolvimento da profissão está atrelado à produção de conhecimentos.

(Continua)

Quadro 6 – Demonstrativo de artigos científicos (Revistas ABESS, TEMPORALIS e Serviço Social e Sociedade), teses e dissertações sobre pesquisa em Serviço Social da PUCSP (2004-2008) - Continuação

Revista	Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
2005					
Revista Temporalis	9	75	Jorge Ferreira	Trajétórias e produção do conhecimento: a experiência do ISSS Lisboa - Portugal	Identifica os marcos significativos da produção de conhecimento do Serviço Social português, trazendo sua trajetória; situa ainda a contribuição do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa no contexto. Identifica também os marcos sobre esta produção científica e referencia os desafios colocados ao SS na atualidade.
Revista Temporalis	9	85	Luis D. Araneda Alfero	Producción de conocimientos en trabajo social sus implicaciones y desafios	Analisa que o processo de produção de conhecimento implica uma profunda preparação, que nem sempre ocorre na formação profissional: posição ideológica, atitude científica relacionado ao todo, ou seja, está relacionado à teoria, à realidade social e ao método. Ressalta que o trabalho social exige que o SS dê respostas às demandas requeridas socialmente e para tal é fundamental o conhecimento.
Revista Temporalis	9	103	Maria Lúcia Barroco	Reflexões sobre ética, pesquisa e Serviço Social	Problematiza os rumos da pesquisa no Serviço Social brasileiro, destacando: as relações entre conhecimentos e processos sócio-históricos; a relação entre conhecimento e hegemonia e os vínculos entre a pesquisa e a Universidade. Apresenta as particularidades e dilemas da produção de conhecimento em Serviço Social, destacando a relação entre a teoria e a prática e a questão dos referenciais teórico-metodológicos desse processo. (cf resumo)
Revista Temporalis	9	117	Maria Lúcia Martinelli	Os métodos na pesquisa qualitativa: a pesquisa qualitativa	Trata dos elementos conceituais e teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, situando os fundamentos e pressupostos para sua sustentação no âmbito do método científico, explorando ainda a relação quantitativo-qualitativo. Aponta a fonte oral como recurso privilegiado para a pesquisa em Serviço Social e sua importância sob o ponto de vista do projeto ético-político profissional.
Revista Temporalis	9	131	Jane Cruz Prates	O método e o potencial interventivo e político da pesquisa social	Versa sobre a importância da apreensão do método e suas principais categorias constitutivas, como condição para a efetivação de um processo de trabalho consistente e competente. Explicita o método materialista dialético e histórico para fundamentar processos investigativos essenciais à intervenção profissional do SS, com vistas à efetivação do projeto ético-político profissional. (cf. resumo)
Revista Temporalis	9	147	Maria Carmelita Yazbek	Os caminhos da pesquisa para o Serviço Social	Problematiza os rumos da pesquisa no Serviço Social brasileiro, dando destaque para as relações entre conhecimento e processos sócio-históricos, conhecimento e hegemonia e os vínculos da pesquisa e a Universidade. Aponta as particularidades da produção do conhecimento em Serviço Social, no tocante à relação teoria e prática e os referenciais teórico metodológicos, ressaltando que o desafio é o desvendar as mediações, com vistas a fundamentar teoricamente os processos de emancipação.

(Continua)

Quadro 6 – Demonstrativo de artigos científicos (Revistas ABESS, TEMPORALIS e Serviço Social e Sociedade), teses e dissertações sobre pesquisa em Serviço Social da PUCSP (2004-2008) – Continuação

Revista	Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
2005					
PUCSP Tese de Doutorado			Jussara Ayres Bourguignon	A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social	Analisa a particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social, apontando os desafios decorrentes desta particularidade, no contexto contemporâneo. Apresenta a compreensão do processo de produção do conhecimento como uma das expressões do trabalho humano, numa perspectiva histórico-crítica. Pontua que a pesquisa é constitutiva e constituinte da prática profissional do Serviço Social, sendo determinada pela sua natureza interventiva e pela sua inserção histórica na divisão sociotécnica do trabalho (cf. resumo)
2006					
Serviço Social e Sociedade	85	62	Lúcia C. dos S. Rosa, Sergio I. F. Costa e Maria de J.R. Soares	Serviço Social e a Resolução 196/96 sobre a ética em pesquisas envolvendo seres humanos	Trata sobre o disciplinamento da pesquisa com seres humanos, com a preocupação não apenas do cumprimento legal, mas como medida de proteção aos sujeitos da pesquisa e de defesa da integridade da pesquisa. Estabelece uma relação dos aparatos legais da profissão com a referida resolução.
PUCSP Tese de Doutorado			Maria Emília Freitas Ferreira	Serviço Social e construção de conhecimento: contexto, lógicas e significados no Serviço Social português	Analisa o Serviço Social e o seu papel na construção do conhecimento, esboçando a produção resultante do processo de formação pós-graduada, envolvendo as instituições acadêmicas – ISSSL/PUC-SP. Apresenta as áreas de concentração da produção de conhecimentos, denotando uma forte ligação com a prática profissional, pontuando-a na produção, quer os sujeitos e suas demandas, quer as problemáticas sociais, quer ainda as políticas públicas que legitimam e dão suporte à operacionalização da prática interventiva. (cf. resumo)
PUCSP Tese de Doutorado			Mabel Torres Mascarenhas	A coruja e o camelo: a interlocução construída pelos assistentes sociais com as tendências teórico-metodológicas do SS	Analisa o modo como os assistentes sociais se reconhecem como profissionais da prática, com as tendências teórico-metodológicas. Traz a compreensão que os sujeitos têm do significado do conhecimento no exercício profissional, expondo as condições sociais sob as quais o Serviço Social se materializa e se concretiza como profissão inserida na divisão sociotécnica do trabalho.
2007					
Serviço Social e Sociedade	91	5	Yolanda Guerra	O projeto profissional crítico: estratégias de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional.	Discute as condições e relações atuais do exercício profissional do assistente social com a efetivação do projeto profissional e o atendimento às demandas que lhes são postas. Ressalta a necessidade do profissional transcender a imediatividade do cotidiano, reconstruindo-o como um rico sistema de mediações, substanciado no conhecimento da própria realidade. Aponta que o projeto profissional possui dimensão crítico-reflexiva, para o alcance dos compromissos ético-políticos.

(Continua)

Quadro 6 – Demonstrativo de artigos científicos (Revistas ABESS, TEMPORALIS e Serviço Social e Sociedade), teses e dissertações sobre pesquisa em Serviço Social da PUCSP (2004-2008) – Continuação

Revista	Nº	Pág	Autor	Título	Síntese
2007					
Serviço Social e Sociedade	92	159	Lúcia Cristina dos Santos Rosa e Sergio Ibiapina Ferreira Costa	A vulnerabilidade das pessoas com transtornos mentais em situação de pesquisa.	Expõe o desafio dos pesquisadores quanto à condição de vulnerabilidade das pessoas com transtornos mentais, quando na condição de sujeitos de pesquisa, tendo como eixo as diretrizes nacionais e internacionais que disciplinam a pesquisa em seres humanos. Ressalta que, mais que obediência legal, o pesquisador precisa ser comprometido com os direitos humanos e respeitar a adversidade.
2008					
Serviço Social e Sociedade	94	73	Dirce Koga, Frederico Ramos e Kazuo Nakano	A disputa territorial redesenhando relações sociais nas cidades brasileiras.	Apresenta ferramenta de pesquisa para análises quantitativas, tendo como consideração a perspectiva territorial, parâmetro intensamente utilizado nas políticas públicas da assistência social e da saúde, e assim, a serem utilizados pelo assistente social para a efetivação de pesquisas e deciframento da realidade social.
Serviço Social e Sociedade	95	173	Marina M. Abreu	ABEPSS: A perspectiva da unidade da graduação, pós-graduação e a produção do conhecimento na formação profissional	Traz a trajetória e os desafios da ABEPSS, enquanto organismo político acadêmico e associação científica, já que a pesquisa e a produção de conhecimentos constituem eixos articuladores do desenvolvimento acadêmico-teórico do Serviço Social, visando o debate sobre as bases histórico-políticas e éticas na luta pela emancipação humana.

As Figuras 24 e 25 apresentam respectivamente a percentagem e o número de publicações a respeito de pesquisa, de acordo com a fonte, no período entre 2004 e 2008.

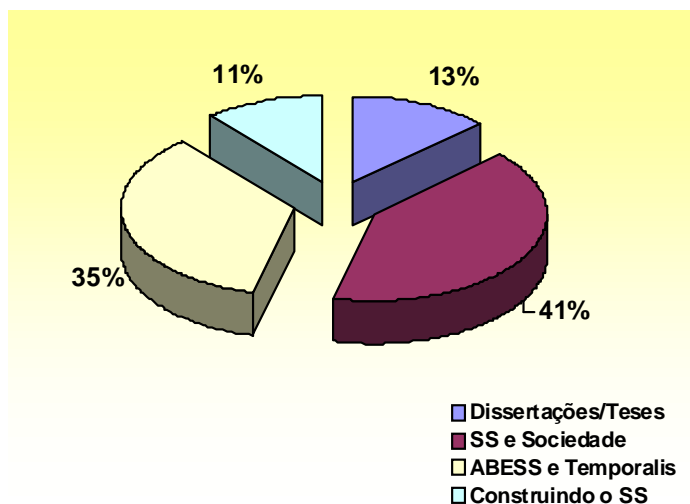


Figura 24 – Percentagem de publicações que tinham a pesquisa como temática, por fonte, no período de 2004 a 2008

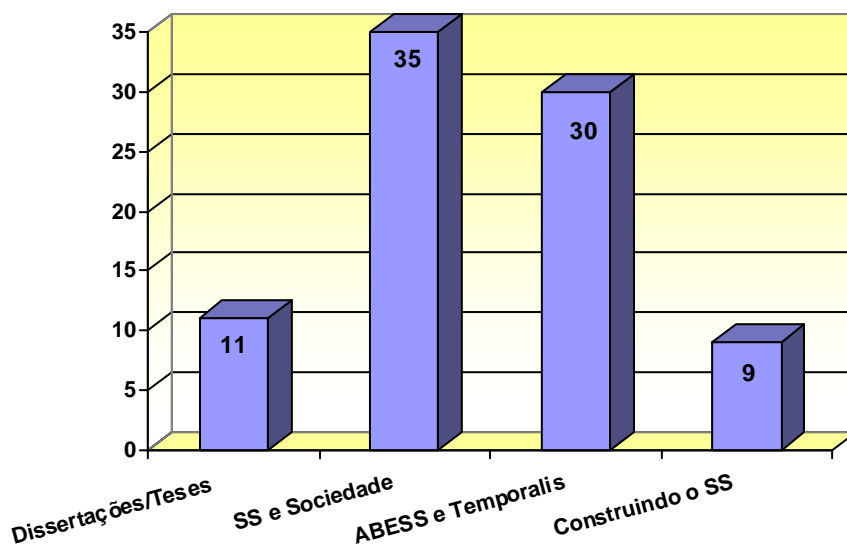


Figura 25 – Totalização do número de publicações que tinham a pesquisa como temática, por fonte, no período de 2004 a 2008

A sistematização do estado das artes sobre a pesquisa e o Serviço Social oportunizou um conhecimento bibliográfico e documental muito significativo para o processo de pesquisa da presente tese.

A profissão do Serviço Social tem uma história de avanços e conquistas na produção de conhecimento, impulsionada pela luta de dar sustentação teórica e metodológica para intervir na realidade social de forma crítica e criativa, respaldada pelo projeto ético-político profissional, hegemônico e comprometido com a construção de uma sociedade justa e igualitária.

De acordo com Simionatto (2004), os diversos temas que surgiram e se consolidaram no campo da pesquisa em Serviço Social vêm sinalizando o significativo avanço da produção de conhecimento desta área. Este avanço, marcado pelo rigor teórico, histórico e metodológico da realidade social e do Serviço Social amplia o conhecimento sobre os processos sociais contemporâneos – que implicam na constituição e desenvolvimento do capitalismo, do Estado, da sociedade civil, do trabalho, da pobreza, da exclusão, da democracia, da cidadania, das políticas sociais e do Serviço Social.

Kameyama (1998) afirmou que foi nos anos de 1970 que se efetivou a presença das ciências sociais no âmbito das agências de fomento à pesquisa no Brasil, fator fundamental para a construção da “maioridade” das ciências sociais, que veio a se efetivar nos anos de 1980 e 1990.

As décadas de 1980 e 1990 foram marcantes, pois na primeira se configurou uma etapa de amadurecimento da produção teórica da profissão, na qual foi plausível o papel da universidade; na segunda década, aconteceu a consolidação do projeto ético-político, com grande preocupação com a formação profissional e com a direção social da profissão.

Yazbek (2009), sobre o papel da pós-graduação, destacou que:

É importante lembrar que a pós-graduação configura-se, por definição, como espaço privilegiado de interlocução e diálogo entre as áreas do saber e entre diversos paradigmas teórico-metodológicos. Neste espaço, o Serviço Social brasileiro vem dialogando e se apropriando de debate intelectual contemporâneo na área das ciências sociais do país e do exterior.

Cabe ser ressaltado ainda, que a sistematização de conhecimento em Serviço Social se edifica com a criação e implementação de veículos significativos de divulgação, como os *Cadernos ABESS*, que circularam entre 1986 a 1998, e da revista *Temporalis*, que começou sua edição em substituição à primeira. Não pode deixar de ser referenciada a revista *Serviço Social e Sociedade*, editada pela Cortez desde 1979, que desde sua origem até os dias atuais tem significativa relevância e amplitude na categoria profissional.

Com relação à produção de teses e dissertações sobre pesquisa, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUCSP, pôde-se constatar um número diminuto, de apenas três dissertações e de oito teses, totalizando 11 produções no período de 1991 a 2008, resultado que impulsionou a firmar a escolha do objeto de estudo, fundada na relevância da pesquisa para o exercício profissional.

Efetivou-se ainda um mapeamento na revista *Construindo o Serviço Social*, editada pela Instituição Toledo de Ensino, mantenedora da FSSB, cujos resultados apontaram uma produção de 9 artigos no período entre 1997 e 2008. Esse desempenho parece refletir as repercussões da Reforma Curricular, que objetivou aprofundar a reflexão sobre a dimensão técnica e operativa do Serviço Social, de forma coerente com a dinâmica societária.

Trazendo a questão da produção de conhecimento para o foco do objeto de estudo desta tese, também foi notório que o crescimento da produção se fez em todas as fontes utilizadas, posto que as produções surgiram a partir de 1980 e vêm, de forma crescente, aumentando significativamente, oportunizando avaliar que a pesquisa vem ganhando reconhecimento como temática de pesquisa, haja vista seu alcance em atender aos desafios que se colocam à profissão, respaldando o corpo teórico, fundamento para a habilidade, autoridade e identidade da profissão nos diferentes espaços ocupacionais.

Quanto à quantificação das produções sobre a temática, ficou evidenciado que o maior veículo de divulgação de conhecimento no período de 1980 a 2008, sobre a temática da tese, foi a revista *Serviço Social e Sociedade*, seguida da *Revista da ABESS* e *Temporalis*, de dissertações e teses da PUCSP e da revista *Construindo o Serviço Social*.

3.2 A prática profissional do assistente social

O homem feliz é aquele que faz os outros felizes. A melhor profissão portanto, deve ser a que proporciona ao homem a oportunidade de trabalhar pela felicidade do maior número de pessoas, isto é: pela humanidade.

(Karl Marx)

De acordo com Iamamoto e Carvalho (1995), o Serviço Social é uma profissão inserida e legitimada na divisão sociotécnica do trabalho como especialização do trabalho coletivo, cuja prática profissional é a intervenção direta nas expressões da questão social³, inserida num projeto societário⁴. É uma profissão determinada pela dinâmica das relações sociais e da interferência nestas. O assistente social realiza sua prática profissional no âmbito da prestação de serviços socioassistenciais, com normas deferidas pelo Estado e por empresas privadas, em sua maioria na condição de assalariado, vinculado a uma instituição, que compra sua força de trabalho. Assim sendo, atende a interesses contraditórios, já que é demandado institucionalmente pelos organismos de dominação e exploração e, ao mesmo tempo, responde às necessidades da classe trabalhadora (YAZBEK, 1999 b).

Para Martinelli (1991) as profissões têm identidades atribuídas e construídas que, na trama das relações sociais, só se efetivam quando se fazem necessárias no cotidiano da vida em sociedade – pleno de movimento e de objetivação humana, daí seu caráter de historicidade. Desta forma, a autora definiu identidade como uma categoria de natureza dialética, ressaltando que:

³ Questão Social “[...] conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem como raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade”. Expressão utilizada por Iamamoto (1997, p.13), que situa a questão social como a base da fundação do Serviço Social enquanto especialização do trabalho.

⁴ *Projeto societário* refere-se a tipos de projetos estratégicos e coletivos, voltados para o conjunto da sociedade, na perspectiva de uma nova ordem social, política e econômica e que disputam a hegemonia.

Esta é, portanto, uma história viva, cadente, multidimensional, plena de movimento, pulsando com a própria vida. Seu ritmo relaciona-se diretamente com o amadurecimento das contradições internas dos diferentes períodos da vida da sociedade, o que lhe imprime um movimento contraditório e complexo, que se expressa tanto de momentos de lentidão como por outros de intensa atividade, capazes de determinar uma repentina mudança na direção do fluxo histórico, de promover a transição de uma época histórica e sua estrutura social para outra (MARTINELLI, 1995, p. 35).

Portanto, a identidade é “uma construção coletiva incessante”⁵, que requer um movimento, pelo qual os profissionais se tornem sujeitos de suas práticas. E, como alerta Martinelli (1997, p. 23), “Temos que ter coragem de inverter a leitura que fazemos da realidade, ao invés de esperarmos por práticas prontas para serem realizadas, temos que nos colocar como seus efetivos construtores [...]”.

Para uma compreensão mais clara do desenvolvimento da profissão, faz-se necessário percorrer seu processo histórico e isso foi feito nesta pesquisa, alicerçado pela contributiva obra intitulada “Identidade e Alienação”, de Maria Lúcia Martinelli (1991), bem como por Netto (1996; 1998), Iamamoto (1997) e Yazbek (1999b).

No Brasil, o Serviço Social surgiu nos primeiros anos da década de 1930, como fruto da iniciativa particular de vários setores da burguesia – fortemente respaldados pela Igreja Católica – e seu referencial era o modelo europeu. Em 1932, foi realizado o primeiro curso de preparação para o exercício da ação social, com perspectivas de aliança com a burguesia, já que a tentativa era garantir a ordem social. Portanto, desde o princípio já se cobrou, da profissão, ação e imediatismo.

O fetiche da prática, fortemente impregnado na estrutura da sociedade, se apossou dos assistentes sociais, insuflando-lhes um sentido de urgência e uma prontidão para a ação, que roubavam qualquer possibilidade de reflexão e de crítica (MARTINELLI, 1991, p. 128).

A identidade assumida pelo Serviço Social era, na verdade, a da burguesia, que penetrou na consciência dos profissionais. Com isso, avançou em

⁵ Expressão utilizada por Fontana (2001), no título do artigo: *Identidade: uma construção coletiva incessante*.

seu processo de institucionalização; mas, em contrapartida, se distanciava dos interesses da classe trabalhadora. Com suas ações de cunho conciliador entre capital/trabalho, o Serviço Social, “[...] não conseguia tomar consciência das contradições que o envolviam e, em consequência não tinha como superá-las” (MARTINELLI, 1991, p.130).

Nas décadas de 1940, 1950 e 1960, o Estado passou a ser o grande empregador do assistente social e, assim, ampliou seu controle sobre a estrutura e organização da categoria. No Brasil, no final da década de 1940, o Serviço Social adotou o método da abordagem comunitária, uma linha adotada dos Estados Unidos, e suas propostas de trabalho foram permeadas pelo caráter conservador da teoria social positivista.

Surgiu, ainda nesta mesma época, a necessidade de ampliar o número de profissionais. Desta forma, a categoria, que era formada somente por profissionais oriundos da alta burguesia, passou a contar também com a da pequena burguesia e isso trouxe alterações no contexto da categoria.

Seus novos componentes não eram movidos apenas por ideais religiosos ou vocação para servir, nem sequer estavam preocupados com a preservação de poderes hegemônicos ou patrimônios particulares na base de suas escolhas, o que estava presente era a busca da qualificação profissional, de carreira remunerada e de melhores salários (MARTINELLI, 1991, p. 134).

O Serviço Social teve sua institucionalização e legitimação⁶ na sociedade, ao responder às necessidades sociais derivadas da prática histórica das classes sociais, na produção e reprodução dos meios de subsistência e de trabalho⁷ de forma socialmente determinada. Neste sentido, a mesma autora destacou ainda que:

O fato de ter operado durante anos seguidos com a identidade atribuída pelo capitalismo, sem um projeto profissional próprio e específico, marcou historicamente o Serviço Social como uma profissão complementar, a serviço de terceiros, representando permanentemente formas mistificadas

⁶ Processo pelo qual o Serviço se institui e se estabelece como profissão, adquirindo o reconhecimento social de suas atribuições e competências na divisão social do trabalho (YAZBEK, 1999, p. 91)

⁷ Trabalho: processo composto pela prévia ideação e pela objetivação; resulta sempre na transformação da realidade e, ao mesmo tempo, do indivíduo e sociedade envolvidos; é a necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana.

de repressão e controle. [...] Para muitos agentes nada havia de misterioso ou contraditório. [...] À medida, porém, que os agentes críticos conseguiram libertar-se dos tentáculos da alienação, iniciou-se uma verdadeira odisséia, ao longo da qual negavam aquilo que tornaram historicamente por válido e real. [...] adquiram condições de refletir, procurando desvendar as tramas do real [...] aprender tanto a identidade do Serviço Social, como sua prática no mundo capitalista, como contraditórias e complexas [...] não respondiam nem às suas demandas nem aos desafios colocados pela realidade (MARTINELLI, 1991, p. 139-140).

O primeiro suporte teórico-metodológico, para a qualificação da profissão, foi na matriz positivista e em sua apreensão instrumental e imediatista do ser social, com a busca pela eficiência e sofisticação nos modelos de análise, diagnóstico e planejamento, ou seja, focada para a burocratização das atividades institucionais (YAZBEK, 1999a, p.23).

Os anos 1960 marcaram o questionamento crítico da realidade e da prática social, bem como marcaram o início da exclusão do processo de produção e, assim, se reproduzia e ampliava a pobreza. Mas, para controlar o quadro social, emergiu o golpe de 1964; por conseguinte, os avanços da organização das classes populares foram obstruídos e o Serviço Social continuava com seu percurso, reproduzindo, predominantemente, os interesses das classes dominantes e importando modelos dos Estados Unidos da América e da Europa.

Entretanto, a existência de uma semente de consciência crítica, iniciou a expansão de base do Serviço Social e, conseqüentemente, no interior da categoria, encontrava-se opostos à crítica e à alienação.

O próprio agravamento do quadro conjuntural brasileiro ao longo da década de 60, demandando novas alternativas de prática, novas formas de aproximação à realidade, aliado a existência de idéias revolucionárias, foi determinando a ampliação dos espaços críticos da categoria e tornando dialético o ser social dos agentes profissionais [...] A esse momento de desenvolvimento da consciência crítica correspondeu um fortalecimento da consciência corporativa da categoria profissional (MARTINELLI, 1991, p. 140).

O questionamento desse referencial ocorreu com as mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais dos anos 1960, caracterizadas pela expansão do capitalismo. A profissão assumiu insatisfações com o momento

histórico e com o Serviço Social tradicional. Os profissionais críticos sentiram a necessidade de lutar e de se engajar em um Movimento, denominado *Reconceituação*, que abriu espaço para o debate e a reflexão e impôs a necessidade de elaborar um novo projeto profissional, comprometido com as classes subalternas⁸. No bojo desse Movimento, de questionamentos não-homogêneos, ocorreu a interlocução com o marxismo, com apropriação da teoria social de Marx.

Mas, frente à contrariedade do real, a nova ruptura fez surgir divisão na categoria, com a explicitação de diferentes vertentes de análise, como destacou Yazbek (1999b, p.25):

- a vertente modernizadora: caracterizada pela incorporação de abordagens funcionalistas, estruturalistas e mais tarde sistêmicas, [...] configuram um projeto renovador fundado na busca da eficiência e da eficácia, que devem nortear a produção de conhecimento e a intervenção profissional;
- a vertente inspirada na fenomenologia, que emerge como metodologia dialógica [...] dirige-se ao vivido humano, aos sujeitos nas suas vivências. [...] Esta tendência que no Serviço Social vai priorizar as concepções de pessoas, diálogo e transformação social (dos sujeitos);
- a vertente marxista, que remete a profissão à consciência de sua inserção na sociedade de classes e que no Brasil vai configurar-se, em um primeiro momento, como uma aproximação ao marxismo, sem o recurso ao pensamento de Marx.

A apropriação da vertente marxista, no Serviço Social, se deu com muitos problemas, caracterizados por fatores diversos, que se desdobrariam em muitas análises que não serão aprofundadas neste estudo. No entanto, é com este referencial precário, inicialmente sob o ponto de vista teórico, mas posicionado do ponto de vista sociopolítico, que a profissão questionou sua prática institucional e seus objetivos, focando-se na ruptura com o Serviço Social tradicional. Configuravam-se assim, linhas diferenciadas de fundamentação teórico-metodológica, que acompanharam a trajetória da profissão e que estão presentes até os dias atuais, apesar de todo movimento e busca de novos referenciais.

⁸ Classes subalternas: categoria fundamentada em Gramsci, contempla uma diversidade de situações e não expressa apenas a exploração, mas também a dominação e exclusão econômica, política, cultural e social. É resultante das relações de poder na sociedade, expressa em diferentes circunstâncias e condições da vida social (YAZBEK, 1999a, p.95).

Com a ampliação de um espaço mais crítico, os profissionais passaram a atuar pautados não pelo imediato, mas, pela aproximação com a realidade como espaço contraditório e complexo. Ao longo da década de 1970, a prática profissional se mostrou vinculada aos interesses das classes populares. Houve, então, uma expansão da categoria, relacionada ao aumento das profissões sociais, em estreita ligação com a conjuntura histórica que se vivia.

O avanço significativo que a profissão conquistou foi evidenciado nas décadas de 1970/1980; o tradicionalismo foi amplamente discutido e a preocupação era buscar critérios alternativos de caráter teórico, metodológico e interventivo, até por causa das mudanças históricas ocorridas nas classes sociais e nas camadas exploradas e subalternadas. Esse projeto de ruptura foi selado e consagrado pelo Método BH⁹.

Neste momento, atingiu-se a hegemonia no discurso teórico-metodológico da profissão. O alvo era atingir a produção científica, iniciando importante contribuição na formação acadêmica. Foi revelador nessa nova postura, a publicação da revista *Serviço Social & Sociedade*, que garantiu um precioso espaço de divulgação dessa nova visão que o Serviço Social adquiria.

Foi no início dos anos 1980 que se efetivou a interlocução da Teoria Social Crítica,¹⁰ de Marx, com a profissão. Esta matriz teórico-metodológica, baseada em mediações, buscava a apreensão do ser social com base no princípio de que a natureza do ser social é relacional e não pode ser percebida em sua imediaticidade¹¹, bem como de que era preciso aceitar os fatos como indicadores, mas não como fundamentos últimos de análise. Foi assim, um conhecimento que apreendia dialeticamente a realidade, na sua totalidade¹² como um movimento contraditório, no qual se engendravam as relações sociais da sociedade capitalista.

⁹ Método BH: elaborado pela equipe da escola de Serviço Social de Belo Horizonte, no período de 1972 a 1975, e que propunha a constituição de uma metodologia alternativa às perspectivas das abordagens funcionalistas da realidade; buscava articular teoria e ação, em sete momentos.

¹⁰ Teoria Social Crítica: categoria decisivamente entre as abordagens positivista-funcionalistas; se sustenta na perspectiva histórica, que é a totalidade social, que permite apreender a realidade em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade.

¹¹ Categoria intelectual que corresponde à apreensão de uma dimensão abstrata do real, ou seja, não ultrapassa o nível dos fatos.

¹² Categoria ontológica que representa o concreto, síntese das determinações. Lukács (1979, p.39) estabeleceu que “totalidade é um complexo constituído de outros complexos subordinados, ou seja, que toda parte é também um todo [...] um complexo de forças com relações diversas que agem em conjunto, não eliminando o caráter de elemento”.

Nesse período, eclodiu a idéia de pensar o Estado e as Instituições no seu caráter contraditório e considerá-los na perspectiva dos interesses dos setores populares. A categoria começou a articular as práticas desenvolvidas institucionalmente com os movimentos sociais da sociedade civil, constituídos em campo específico da atuação de assistentes sociais.

Netto (1998) sintetizou quatro aspectos decorrentes do processo de renovação do Serviço Social: o pluralismo teórico, ideológico e político no contexto da profissão, a utilização de variados recursos teóricos metodológicos, a articulação com as discussões existentes nas ciências sociais, numa posição de interlocutor e não mais de subalterno, e a constituição de sujeitos coletivos dedicados à pesquisa e à formação profissional.

O mesmo autor afirmou que esses avanços “remetem direta, mas não exclusivamente à pesquisa, à produção de conhecimentos e às alternativas de sua instrumentalização – e no caso do Serviço Social quer dizer conhecimento da realidade social” (NETTO, 1996, p.106), já que é com a dinâmica das relações sociais que o Serviço Social trabalha e busca alternativas para a intervenção profissional.

Na segunda metade da década de 1980 (Nova República), manifestaram-se no país sinais de falência do padrão do Estado intervencionista; o novo padrão foi a sua minimização. Nesse quadro, ampliou-se o número de profissionais que reclamavam por novas alternativas, pois encontravam-se desprovidos de condições para sustentar sua prática diante da incapacidade de investimento do Estado no setor social.

O projeto de formação edificado e implantado a partir dos anos 1980 marcou o início de renovação na profissão, pois as universidades, apoiadas pela categoria dos assistentes sociais, se envolveram em amplas discussões. Nesse período, aconteceram reflexões e mudanças no Código de Ética Profissional e no modo de estudar e pesquisar as realidades sociais. Os rumos assumidos nessa caminhada (1982-1995) atingiram a formação profissional, que passou a ser feita de forma mais consistente, pois o foco de estudo, hoje, visa a direção social, os eixos fundamentais, a perspectiva teórica metodológica, o mercado de trabalho e a análise da nova realidade social brasileira.

Foi no século 20, que o Serviço Social procurou abandonar definitivamente as marcas de uma profissão submissa. O lugar e o papel do assistente social, no século 21, vão depender da capacidade e da competência teórico-política e do potencial ético-político da profissão, formado principalmente ao longo destes últimos vinte anos.

Para Yamamoto (1997, p. 6)

A premissa é que o atual quadro sócio-histórico não se reduz a um pano de fundo para que se possa, depois, discutir o trabalho social. Ele atravessa e conforma o cotidiano do exercício profissional do assistente social, afetando suas condições de trabalho e as suas relações de trabalho, assim como as condições de vida da população usuária.

As transformações que reconfiguraram a sociedade contemporânea resultaram em novas formas organizativas da produção, do trabalho e da cultura da sociedade, atingindo o conjunto da classe trabalhadora e recaindo igualmente sobre o Serviço Social – que, como as demais categorias, tem que competir e manter sua empregabilidade¹³. Dessa forma, a formação dos assistentes sociais necessita responder às necessidades do mercado de trabalho, que está cada vez mais exigente e excludente, e para tal precisa de competências teórico-metodológicas e ético-políticas que se sustentem no ideário do Código de Ética Profissional.

O contexto atual demonstra que, no mercado de trabalho, sobrevive o trabalhador polivalente; e o assistente social é um trabalhador, não se pode esquecer disso. Ele também é um profissional que vende sua força de trabalho e, dessa forma, precisa desenvolver um trabalho com competência, criatividade e eficiência, para garantir seu espaço.

Frente ao agravamento das expressões da questão social existem fortes projeções sobre a necessidade da ação interdisciplinar e interativa¹⁴ das profissões, incluindo o Serviço Social, conforme apontou Martinelli (1996):

[...] vejo que realmente este é o momento em que adquire efetividade a dimensão social das profissões. A nossa profissão, o Serviço Social, ao

¹³ Refere-se às condições individuais de competência e aptidão para a inserção e manutenção no mercado de trabalho. Associa-se à qualificação profissional e à formação profissional (KOIKE, 1999, p. 105)

¹⁴ Ação interdisciplinar e interativa: ação que congrega profissionais de diferentes áreas de conhecimento, trabalhando conjuntamente por uma causa determinada.

contrário de estar em via de extinção, é, mais do que nunca, necessária, sobretudo na perspectiva da interdisciplinaridade, pois esta prática que realizamos, a prática do assistente social, é fundamental na construção de nexos de articulação entre as diferentes práticas sociais.

Interagir com outras áreas profissionais, priorizando a interdisciplinaridade, se faz presente e necessário na atualidade, pois possibilita decodificar a realidade e socializar os conhecimentos sobre ela e sobre a vida humana. A troca de informações é essencial e traz uma ação interativa, conjunta e de totalidade, clareando o deciframento da realidade, das condições de trabalho e os caminhos a serem trilhados.

Fazenda (1979, p. 13) definiu interdisciplinaridade como

[...]interação entre duas ou mais disciplinas, havendo troca de informações e de conhecimentos e transferência de métodos de uma disciplina para outra. Esta interação pode ir da simples comunicação de idéias à integração mútua de conhecimentos, [...] da terminologia, da metodologia, dos procedimentos.

O enfrentamento das questões sociais não pode ser reduzido a metas de ações individuais, ou seja, de responsabilidade e competência de uma só profissão. As questões sociais são de natureza conjuntural e, portanto, requerem o concurso de saberes interdisciplinares.

Como pontuou Maria Lúcia Rodrigues On (1995, p. 94): “a possibilidade de abarcar modos de pensar e conhecimentos diferentes garante a expectativa plural. A correlação entre alteridade e intencionalidade dá suporte a esta expectativa”.

A mesma autora chamou atenção para um aspecto importante, quando afirmou que: “o campo social não é privativo de uma única área [...] é possível que fecunda interlocução entre as áreas que se ocupam do social constitua uma trajetória importante para que não se estreitem nem se cristalizem no interior de seus respectivos conhecimentos” (RODRIGUES ON, 1995, p. 156). Na interdisciplinaridade, cada especialista acaba por cuidar da totalidade.

O momento atual é de reconstruir o tecido social; então o trabalho social precisa de atuação conjunta, de contribuição múltipla e complementar dos subsídios fornecidos pelas várias ciências. É preciso que as diferenças e especialidades se

apresentem, abordando um objeto comum, propiciando o reencontro, a parceria, a reconstrução.

Teixeira e Oliveira (1996, p. 182) oportunizaram outra reflexão pertinente, quando afirmaram “que a racionalidade técnica dos serviços, sua incapacidade de normatização deve ser substituída por qualidades como competência de interação, consciência de responsabilidade, simpatia e experiência casualisticamente adquirida”. Assim sendo, fica claro que não se deve perguntar o que separa o Serviço Social das outras profissões, mas o que o une a todas.

Os mesmos autores abordaram a questão em uma perspectiva positiva para o Serviço Social, no mundo do trabalho, ressaltando que todos os ramos do trabalho criativo permanecerão e serão desenvolvidos quantitativamente com mais intensidade do que hoje, as profissões legadas à organização da vida social não poderão ser realizadas por autômatos (TEIXEIRA; OLIVEIRA, 1996).

Entretanto, é preciso destacar que não é possível olhar a questão só por este prisma e ficar de braços cruzados; há muitos desafios a serem superados, pois no momento atual vive-se não só a transformação, mas a degradação do mundo do trabalho. Para enfrentar isso é preciso, acima de tudo, ter coragem para decifrar a realidade e criar práticas sociais consistentes.

Em síntese, o Serviço Social, em sua trajetória histórica, tinha seus modelos fundados em matriz positivista e, a partir dos anos 1960, as contradições sociais se tornam mais agudas e as investigações sociais tradicionais, pautadas na neutralidade e objetividade, não conseguiram dar sustentação e respostas aos problemas societários. Emerge assim, a concepção de que o conhecimento é uma exigência fundamental para a intervenção comprometida, fundada no materialismo histórico-dialético que pontuou o Serviço Social com o Movimento de Reconceituação. Este, entre outras coisas, destacou a pesquisa como objeto de preocupação, numa perspectiva de superar o pragmatismo e pautar-se nos interesses das classes populares.

Ainda nos anos 1980, dois fatos ocorridos devem ser referenciados como fundamentais para impulsionar a investidura dos profissionais no ato de pesquisar e assim, de produzir conhecimentos: a reforma curricular de 1982, em que a pesquisa aparece como uma das exigências da formação profissional, e a criação, em 1987,

do Centro de Documentação em Pesquisa e Políticas Sociais e Serviço Social (CEDEPSS). Novos espaços de divulgação do conhecimento emergiram e, o que é importante, evidenciavam as preocupações da pesquisa em relação à discussão metodológica, as controvérsias paradigmáticas nas ciências sociais e suas relações com o Serviço Social e a construção do conhecimento na intervenção profissional (SIMIONATTO, 2005, p. 54).

Na década de 1990, o assistente social enfrentou o desafio de decifrar as lógicas do capitalismo e as transformações societárias e precisou intervir nas novas configurações da questão social, que se expressavam pela precarização do trabalho e a penalização dos trabalhadores na sociedade capitalista. Mas, a posição de luta pela classe popular está configurada e legitimada também no vigente Código de Ética Profissional do assistente social (consolidado pela Resolução do CFESS no. 273, de 13 de março de 1993), na Lei de Regulamentação da profissão do assistente social (Lei Federal nº. 8.662, de 7 de junho de 1993) e nas Diretrizes Curriculares do Curso de Serviço Social (1998) (regulamentadas pela Resolução de 15 de março de 2002), todos alicerces fundantes do projeto ético-político da profissão¹⁵ e que dão sentido e direção à prática profissional.

O projeto ético-político do Serviço Social foi construído ao longo das duas últimas décadas e hoje constitui-se um projeto profissional que foi coletivamente discutido por segmentos significativos do Serviço Social (CFESS, CRESS, ABEPSS, ENESSO, os sindicatos e demais associações de assistentes sociais), cujo traço peculiar é o fato de propor projetos macroscópicos para o conjunto da sociedade. É, entretanto, um projeto que, pela sua dimensão política e heterogeneidade, tem divergências e dificuldades para firmar-se neste contexto societário, seja no âmbito da categoria, seja no âmbito da sociedade como um todo.

Netto (1999, p. 95) destacou que:

Os projetos profissionais apresentam a auto-imagem de uma profissão,

¹⁵ Ao longo das duas últimas décadas foi construído, e hoje está constituído, um projeto profissional que foi coletivamente discutido por segmentos significativos do Serviço Social. Seus princípios fundamentais estão descritos no Código de Ética profissional do Assistente Social vigente, na Lei de Regulamentação da profissão de Serviço Social e também na proposta das Diretrizes Gerais do Curso de Serviço Social. É um projeto que tem uma hegemonia posta pela categoria, mas existem divergências e dificuldades para firmar-se neste contexto societário, seja no âmbito da categoria seja no âmbito da sociedade como um todo.

elegem os valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam os seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, institucionais e práticos) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as balizas da sua relação com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais, privadas e públicas (entre estas, também e destacadamente com o Estado, ao qual coube, historicamente, o reconhecimento jurídico dos estatutos profissionais).

O projeto profissional do Serviço Social, como das demais profissões, possui estruturas dinâmicas – que se alteram de acordo com as necessidades sociais que lhes são demandadas e pelo desenvolvimento teórico e prático da categoria –, cujas modificações devem ser vistas como um processo em contínuo desdobramento.

Outro aspecto a ser ressaltado é que o sujeito coletivo que constrói o projeto profissional é heterogêneo; são pessoas diferentes, inseridas em contextos diversos, com condições, preferências e comportamentos teóricos, ideológicos e políticos diferentes, aspectos que fazem de toda categoria um campo de lutas. Daí vem a necessidade de construir um projeto profissional permeado de pluralismo, que privilegie o princípio democrático.

No campo de direitos sociais, os acontecimentos importantes necessitam ser balizados com renovadas e ampliadas possibilidades de prática profissional, como a Constituição de 1988 e a Política Nacional de Assistência Social¹⁶, em 2004, introduzindo o conceito de Seguridade Social¹⁷, nos qual novas perspectivas de prática ganham materialidade e concretude. Merecem destaque a descentralização política, a participação e controle popular, fatores responsáveis pelos diversos Conselhos, espalhados por diferentes políticas públicas, bem como o crescimento do novo segmento de organizações não-governamentais, que ampliou o atendimento dos serviços socioassistenciais numa perspectiva de publicização¹⁸. Destaque-se

¹⁶ Detalhamentos sobre a Política Nacional da Assistência Social e o Sistema Único da Assistência Social. Ver na Revista Serviço Social e Sociedade, n. 78 de julho de 2004, publicados pela ED. Cortez e na versão Oficial.

¹⁷ A Constituição Federal de 1988, em seu Capítulo II, art. 194, define que Seguridade Social “compreende um conjunto integrado de ações de iniciativa dos poderes públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e a assistência social”.

¹⁸ Publicização: comportam variadas e divergentes leituras, que incidem nos projetos de reforma do Estado, nas quais se expressam a participação da sociedade, no âmbito das políticas públicas, para o atendimento de demandas populares, situando-se na contracorrente da reforma neoliberal conduzida pelo Estado (DEGENNSZAH, 1999, p. 62).

ainda, a área institucional, que tem papel relevante na sociedade, já que expressa respostas políticas do Estado às necessidades da população, cujo foco é o acolhimento dos usuários, a atenção especial à família e a busca pela emancipação.

Fica claro, portanto, que é a partir das condições concretas da realidade social que vão se definindo as particularidades do Serviço Social como profissão interventiva, “[...] que vem sendo responsável pela mediação Estado, burguesia e classe trabalhadora, daí a importância de se situar no contexto das transformações societárias, já que trabalha com políticas públicas destinadas a tratar da questão social” (FONTANA, 2005, p.175).

Historicamente, o Serviço Social teve como principal empregador o Estado, cuja maior incidência de contratação sempre teve por objetivo operacionalizar as políticas sociais. Assim, o assistente social trabalha no seu cotidiano com a questão social, que tem como pano de fundo a desigualdade, a exclusão e a resistência. De fato, o Serviço Social, como uma profissão conjuntural, necessita decifrar as novas mediações, que se expressam e precisam ser enfrentadas, e/ou captar formas de pressão social para atenuá-las. Dessa maneira, vem travando embates teórico-metodológicos, acompanhando o processo de desenvolvimento da sociedade num determinado contexto e momento histórico.

Assim, saber fazer leituras críticas, ético-políticas e de conjuntura é de extrema importância para os assistentes sociais, para que possam construir formas cada vez mais substantivas de consolidação do projeto profissional.

Martinelli (2005b, p.72), amplia essas reflexões, afirmando que

Na verdade, o assistente social é um profissional que trabalha permanentemente na relação entre estrutura, conjuntura e cotidiano.

[...]

É com o movimento do real que temos de aprender a dialogar, é em direção a ele que precisamos lançar nosso olhar, aguçar nossa razão, estimular nossa consciência crítica, de forma que se possa desvendá-lo, lançando as raízes da possibilidade de construção de práticas sociais, múltiplas, plurais, capazes de contribuir efetivamente para a produção do novo.

O assistente social é socialmente necessário, pois atua sobre as questões de sobrevivência social e material dos setores majoritários da população trabalhadora; atua, assim, no campo das refrações da questão social. Seu trabalho

produz efeitos materiais, especialmente no campo dos conhecimentos, valores, comportamentos, cultura, e interfere na vida das pessoas com as quais trabalha cotidianamente.

Os assistentes sociais contribuem para a criação de formas de um outro consenso – distinto daquele dominante – ao reforçarem os interesses de segmentos majoritários da coletividade. Contribuem nesta direção ao socializarem informações que subsidiem a formulação, gestão de políticas públicas e o acesso a direitos sociais: ao viabilizarem o uso de recursos legais em prol dos interesses da sociedade civil organizada; ao interferirem na gestão e avaliação daquelas políticas ampliando o acesso a informação a indivíduos sociais para que possam lutar e interferir na alteração dos rumos de vida em sociedade (IAMAMOTO, 1998, p. 19)

Embora o Serviço Social seja uma profissão de caráter interventivo, sua prática profissional não pode parar na ação interventiva, pois deve buscar, no processo da pesquisa, apoio e sustentação para uma ação profissional mais dinâmica e questionadora, que caminhe concomitantemente com os diferentes e velozes movimentos da sociedade contemporânea. Sua prática, no entanto, não deve ser de uma ação investigativa que busque tão somente a nuança do real, mas sua compreensão; assim, requer que seja uma ação profunda e contínua para dar conta da pluralidade existente nas relações sociais, que trazem consigo, e conjuntamente, a singularidade e a particularidade.

Nos dias atuais não se tem como negar a complexidade das relações profissionais do Serviço Social: é preciso reconhecer a importância de novos conhecimentos para a ação profissional, que oportunizem a criação e a inovação de procedimentos técnicos e operativos, instrumentalizando os requisitos teóricos para a ação profissional.

A formação do assistente social não ficou alheia a todo este movimento, acompanhando seus desdobramentos e determinações, inserindo-se na busca pela competência teórico-metodológica, técnica-operativa e ético-política, orientada pela tradição marxista, em interlocução com os conhecimentos das várias áreas das ciências humanas e sociais. Desta maneira, foi se construindo uma proposta curricular que, amplamente discutida no âmbito técnico-operativo, buscou apreender a dinâmica da sociedade, em sua totalidade e historicidade. Essa proposta foi aprovada em 1996, pela ABEPSS, após articulação junto a outros parceiros, como o

CFESS e Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS), profissionais, intelectuais e estudantes.

O lócus da pesquisa, no processo de formação dos assistentes sociais na graduação, se faz presente na disciplina intitulada “Pesquisa” ou “Pesquisa Social”, inserida nos currículos desde a estruturação do Serviço Social enquanto profissão legalmente estruturada no Ministério da Educação. A disciplina, porém, estava atrelada à idéia de levantamentos e diagnósticos da realidade social para posterior intervenção. Deve-se ressaltar ainda, que a produção científica e teórica contou com o apoio de entidades – como a União Católica Internacional de Serviço Social, Conselho Internacional de Escolas do Serviço Social, a Associação Latino Americana de Escolas de Serviço Social (ALAESS), a Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social (ABESS) e o Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais (CBCISS) – na organização de eventos e seminários para discussão de temas relacionados ao Serviço Social e à sua articulação com os aportes teóricos (MARTINS, 2004).

O Centro Latino Americano de Trabalho Social (CELATS) voltou-se às discussões e eventos levantados no Movimento de Reconceituação e passou a ser articulador das discussões de temáticas nas áreas científicas, teórico-metodológicas e técnicas do Serviço Social no continente latino-americano, bem como, posteriormente, efetivou a publicação de produtos científicos em revistas especializadas, o que contribuiu para a revisão do currículo de 1982, no qual a pesquisa passou a ser discutida e assumiu outra posição no organograma curricular.

A década de 1990, norteadada pela ideologia neoliberal, que fragiliza as conquistas da Constituição Federal de 1988, fez surgir a necessidade de repensar as demandas postas à profissão e, assim, o seu processo de formação profissional. Novos debates se iniciaram, promovidos pela articulação da ABEPSS e do Conselho Federal de Serviço Social.

Nesse trilhar, emergiu a proposta de Revisão Curricular para os cursos de graduação em Serviço Social, que teve, nas Diretrizes Curriculares, a direção social da formação em Serviço Social: o perfil do bacharel em Serviço Social e os novos componentes curriculares, baseados em núcleos temáticos; a articulação ensino-pesquisa-extensão; a participação em atividades de pesquisa científica, monitoria e

extensão; a flexibilização curricular através de oficinas, atividades complementares, seminários temáticos e outros.

Com relação à pesquisa, a proposta do novo currículo apresenta:

[...] afirmação da investigação como atividade vital para a própria atualização e reprodução do Serviço Social. Em um mundo em constante mutação exige-se profissionais em geral – e do assistente social em particular – competência e agilidade na pesquisa e desvendamento da realidade, isto é, na apreensão da dinâmica dos processos sociais. Esta observação adquire especial relevo ao se considerar o caráter prático-interventivo da profissão. Assim, além do estímulo às preocupações investigativas e às atividades de iniciação à pesquisa na graduação e a pós-graduação, enquanto níveis particulares do processo de qualificação acadêmico profissional na área do Serviço Social (CARDOSO et al., 1997, p.19).

Segundo Yamamoto (2000, p.72-73), o que se busca na formação profissional do assistente social:

[...] é uma formação generalista, ampla e densa, que permita ao assistente social situar-se no mundo contemporâneo, fazer leitura dos processos sociais em propostas e frentes de trabalho. Enfim, indagar a realidade e produzir conhecimentos significativos para a sociedade e projetar ações pertinentes. A defesa do projeto ético-político do Serviço Social ante a crise contemporânea exige que se aproprie do processo de “reforma do ensino superior”. Estabelecer um diálogo crítico com suas justificativas, antecipar-se na formulação de respostas instituídas. É fundamental assegurar a unidade na condição política do debate no âmbito das entidades de representação da categoria e, particularmente, junto às Unidades de Ensino. [...] E ampliar as formas de canais de defesa do ensino superior a serviço da coletividade.

A pesquisa, assim, assume papel importante no processo de formação profissional e esta indicação é legitimada no projeto pedagógico dos cursos de Serviço Social, fruto da construção de pesquisas dos profissionais, na busca pela transposição da posição de consumidor das teorias produzidas pelas ciências sociais para produtor de conhecimento, questão objeto deste estudo.

O reconhecimento da **importância do processo de formação profissional**, sustentada pelas Diretrizes Curriculares proposta pela ABEPSS para a apropriação da pesquisa no exercício profissional, delineou-se nas falas dos sujeitos:

Acredito que na formação acadêmica do aluno de Serviço

Social, deva ser focado muito mais a real necessidade deste profissional ser um pesquisador, como hoje os alunos estão vendo. (Sujeito 1, assistência social, 12 anos)

Utilizo a pesquisa de praxe, especialmente como supervisora de estágio. Sem dúvida, hoje a formação tem esta preocupação, o que é muito positivo para o aluno e para o campo de trabalho. (Sujeito 4, saúde, 21 anos)

Atribuo a postura de usar a pesquisa à minha formação profissional, já que a Faculdade que cursei me capacitou e preparou para fazer uso da pesquisa no meu trabalho profissional. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

Os novos profissionais, estes que se formaram mais recentemente, estão dando mais importância. Eu tenho... tive estagiárias nos últimos três anos e todas elas com esse perfil de pesquisadoras (Sujeito 9, saúde, 7 anos)

Percebo que a relação com a Faculdade, através dos alunos, nos aciona para a pesquisa e a produção de conhecimento. (Sujeito 12, assistência social, 28 anos)

Eu, na minha vida acadêmica, a pesquisa que fiz foi o meu TCC. Hoje não, a formação tem outra visão. Então a faculdade já está formando profissionais que assim que entrarem no mercado de trabalho, já vão entrar como pesquisadores, atuando já como pesquisadores. (Sujeito 17, saúde, 7 anos)

Atualmente a pesquisa vem sendo focada na graduação. Sentimos esta posição no aluno, durante o estágio e também na realização e orientação dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos estagiários. (Sujeito 27, saúde, 7 anos)

Acredito que o assistente social formado mais recentemente esteja mais desperto para a pesquisa, pela sua formação. (Sujeito 32, organizacional, 2 anos)

Atribuo minha postura de pesquisadora aos ensinamentos adquiridos na graduação e pela comprovação da eficiência da prática da pesquisa no contexto profissional que pude vivenciar quando estudei. (Sujeito 34, organizacional, 2 anos)

Ficou ainda demonstrado o peso atribuído à **academia, como espaço privilegiado de formação e efetivação de pesquisa**, bem como ao processo de estágio, como elementos motivadores e impulsionadores de produção de conhecimento, fortalecendo a convicção de que os sujeitos e o contexto da pesquisa, foram uma escolha acertada para a realização desta pesquisa, como pode ser comprovado nos depoimentos que se seguem:

Ser supervisora, estar com os alunos é maravilhoso, eu acho que me motiva a aprender e a gente faz junto a pesquisa e isso dá vontade de continuar, de buscar novos conhecimentos. (Sujeito 1, assistência social, 12 anos)

O facilitador que impulsiona a pesquisa é a presença dos estagiários, sempre levando coisas novas de pesquisa, trazendo bastante referencial, linhas de pesquisa [...] É uma coisa, que motiva, sabe? Que dá um gás pra gente continuar pesquisando. Os resultados das pesquisas dos alunos no campo de estágio são sempre de conquistas, e muito grandes. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Eu tenho quatro estagiárias daqui da ITE. Eu acho super importante a participação das estagiárias. Já faz tempo que estou formada, então às vezes podemos ficar um pouco acomodadas, mas a faculdade, ser supervisora, me leva a ver que precisamos estar fazendo pesquisas para ter novos conhecimentos, para ter condições de estar sempre melhorando nossas ações. Os alunos nos cobram, nos fazem estar antenados com os números, com os resultados. (Sujeito 5, assistência social, 5 anos)

As práticas e representações da pesquisa, restritas ao meio acadêmico podem, contudo, favorecer a falta de iniciativa e de preparação dos profissionais para serem pesquisadores, já que o trabalho cotidiano, por si, impõe limites para o exercício da pesquisa, dificultando o rompimento da dicotomia prática profissional-pesquisa científica, o que também foi visualizado pelos sujeitos da pesquisa e pode ser comprovado nos depoimentos que se seguem:

Muitos profissionais às vezes pensam que a pesquisa fica uma coisa muito acadêmica. Eu sinto isso, mas tudo bem que tem melhorado bastante, eu acho que essa questão da importância da pesquisa na prática profissional também vem se modificando. (Sujeito 1, assistência social, 12 anos)

A maioria dos profissionais acredita que a pesquisa é somente para pessoas com interesses acadêmicos ou que desejam apresentar trabalhos. Todo profissional poderia utilizar a pesquisa para conhecer melhor a realidade e poder criar ações criativas e ousadas. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Acho assim bem interessante, de não ser só a pesquisa como questão acadêmica, mas de todas as informações que a gente tem. Lá na instituição onde eu trabalho também, tem quanta informação importante, que precisa ser sistematizada, acredito que a pesquisa faz parte do trabalho cotidiano. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

É preciso que o profissional do Serviço Social se veja como um agente da prática, com competência para refletir criticamente sobre a sociedade capitalista dentro de seu cotidiano, e assim, estabelecer uma conjugação íntima entre a teoria e a prática, já que a ação profissional é fundamental, tanto para a construção da intervenção como para a investigação profissional.

Baptista e Battini (2009, p.8) trouxeram importante reflexão sobre a questão, ao colocar que:

Nesse processo de separação entre “aqueles que pensam” e “aqueles que agem”, no Serviço Social, o saber se acantonou na academia, e o não saber, na prática: as pessoas que aspiram o saber abandonam a prática e partem para a academia; produzem um conhecimento transmitido no processo de formação, o qual deixa de ser utilizado pelo fato de muitas vezes ser considerado, pelas pessoas que assumem responsabilidades práticas, inadequados para subsidiar sua ação.

Esse não equacionamento dos desafios da conjuntura cotidiana (das condições de trabalho, das relações de poder, etc.) na necessária dimensão teórico-prática, frequentemente leva a pensar o Serviço Social apenas a partir de uma teologia, em uma perspectiva de “pureza” que situa o olhar do profissional acadêmico em um espaço ideal, anacrônico, estranho ao objeto, sem vínculos com a sua constituição e a sua prática, contrapondo a “impureza” da prática, insistentemente denunciada e desqualificada, à “pureza” das reflexões de cunho teórico-político.

Ainda cabe ressaltar que, contemporaneamente, a Universidade vem se defrontando com mudanças no seu contexto,

[...] ditadas pela lógica do mercado e pela cultura globalizada dos últimos anos 90, [...] tendo que enfrentar extenso conjunto de questões, [...] mudanças substantivas com o redesenho do “mapa institucional do ensino superior”, que vem se caracterizando pelo crescimento de instituições privadas, que não parecem, com raras exceções, “priorizar o ensino, a pesquisa ou a extensão, fora dos interesses do mercado (YAZBEK, 2005a, p.153).

Essa contextualização traz como preocupação a exigência premente da revisão e do redimensionamento de conteúdos da formação profissional, de maneira que eles suscitem uma ampla leitura e subsequente enfrentamento das transformações societárias. Para tal, há que se empenhar para que as Universidades e IES sejam efetivamente um espaço de aprendizagem e de conhecimento, e

tenham por objetivo despertar vocação, incentivar talentos e habilidades, propiciar a reflexão e o exercício da pesquisa em seus alunos, já que é nesse contexto que nascem novos pesquisadores e docentes pesquisadores.

Lehfeld (1999, p. 37) ainda situou, nesta questão, a iniciação científica – hoje uma realidade a ser implantada e implementada nas IES e que tem uma missão já explicitada na própria denominação – cujo público-alvo são os alunos dos primeiros anos da graduação

O aprendizado do processo de pesquisa se desenvolve à medida que o acadêmico vai se exercitando, analisando suas conquistas em cada estudo. Pode-se partir da pesquisa mais simples e menos ambiciosa, porém com certa importância e originalidade, chegando-se a um conhecimento descritivo dos fenômenos ou da realidade estudada.

A iniciação científica foi colocada como elemento impulsionador para o efetivo uso da pesquisa no exercício profissional do assistente social:

No primeiro ano, os alunos já estão fazendo pesquisa, estão na iniciação científica, que é um trabalho, uma pesquisa, e acredito que motiva... estão sempre em busca de novos temas, para fazer outros tipos de pesquisa. (Sujeito 4, saúde, 21 anos)

Hoje, na faculdade, tem um instrumento que está ajudando os alunos a serem pesquisadores; fazem a pesquisa e assim vão ter o hábito e o domínio de pesquisa. É a iniciação científica, que eu não tinha ouvido falar quando eu me formei. (Sujeito 5, assistência social, 5 anos)

Com este e outros processos, a Universidade deve primar por alunos que, ao saírem do meio acadêmico, tenham adquirido espírito e autonomia científica para continuarem a ser pesquisadores, construindo conhecimentos e conscientes de que a pesquisa é um diálogo transformador e um processo político de conquista e de criação, que depende da qualidade política do pesquisador, no contexto da respectiva sociedade, de se ver acima de tudo como cidadão.

Battini (2003, p.17) reforçou a questão ao dizer que:

O exercício permanente da pesquisa, impulsionado pela atitude investigativa, como expressão do inconformismo, da crítica reiterada à realidade, do questionamento rico e vivo sobre os fatos, cria possibilidades

de novas explicações, permitindo ir além do limite dado (BATTINI, 2003, p.17).

A produção do conhecimento é condição de superação e renovação que se realiza no exercício da pesquisa científica.

Para os propósitos desta tese, apresenta-se no próximo item deste capítulo uma aproximação à temática “pesquisa”, objetivando-se compreendê-la como totalidade de reprodução material e espiritual do ser social.

3.3 A articulação pesquisa/intervenção profissional

[...] a única finalidade da ciência é aliviar a miséria da existência humana
(Brecht)

O mundo contemporâneo vive tempos de incertezas, sentimentos de incapacidade de compreender a nova configuração da sociedade mundial, cujos contornos econômicos, geopolíticos, ideológicos e outros se modificam aceleradamente. Fica evidente que surgiram novas mediações¹⁹ nas expressões da questão social e assim, as demandas postas às profissões sofreram também as mesmas acelerações. A realidade desafia não só o Serviço Social, mas todas as profissões a dar respostas a essas demandas postas à história humana, nas múltiplas determinações (YAZBEK, 2005a, p.11).

Os sujeitos da pesquisa, em suas respostas nos questionários, expuseram sua **percepção quanto às transformações societárias**, bem como de sua velocidade, e atribuíram à pesquisa a forma de apreensão deste real em movimento, compreendendo-a como objeto de trabalho do assistente social:

¹⁹ Mediações: “[...] São expressões históricas das relações que o homem edificou com a natureza e conseqüentemente, das relações sociais daí decorrentes, nas várias formações sócio-históricas que a história registrou. A mediação funciona como condutos por onde fluem as relações entre as várias instâncias da realidade; são elas que possibilitam conceber-se a realidade como totalidade (PONTES, 1997, p.78).

A pesquisa é um avanço para o conhecimento, já que vivemos numa era de conhecimentos e de rapidez. (Sujeito 1, assistência social, 12 anos)

A pesquisa proporciona, às profissões, respostas para problemas que são postos todos os dias. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

A pesquisa é o processo de investigar e compreender a realidade, a fim de criar ou reforçar alternativas para o desenvolvimento de ações profissionais. (Sujeito 15, saúde, 7 anos)

É um processo de aprendizagem do profissional; tudo muda rapidamente e precisamos estar atentos. (Sujeito 32, organizacional, 2 anos)

O mundo hoje, com toda esta aceleração, pede conhecimento, senão, não damos conta das nossas demandas. (Sujeito 36, assistência social, 3 anos)

Santos (2003a, p.1) ressaltou a condição fundamental do conhecimento, que é o de imprimir privilégio a quem o constrói e detém, afirmando que:

O conhecimento científico é hoje a forma oficialmente privilegiada de conhecimento e a sua importância para a vida das sociedades contemporâneas não oferece constatação. Na medida de suas possibilidades, todos os países se dedicam à promoção da ciência, esperando benefícios do investimento nela. Pode-se dizer que, desde sempre, as formas privilegiadas de conhecimento, quaisquer que elas tenham sido, num dado momento histórico e numa dada sociedade, foram objeto de debate sobre sua natureza, as suas possibilidades, os seus limites e o seu contributo para o bem-estar na sociedade. De uma forma ou de outra, a razão última do debate tem sido sempre o fato de as formas privilegiadas do conhecimento conferirem privilégios extracognitivos (sociais, políticos, culturais) a quem as detém. Só assim não seria se o conhecimento não tivesse qualquer impacto na sociedade ou, tendo-o, se estivesse equitativamente distribuído na sociedade. Mas não é assim.

Severino (1995, p. 50) ampliou esta a compreensão:

[...] podemos entender as relações do conhecimento com o universo social. Com efeito, o conhecimento pressupõe um solo de relações sociais, não apenas como referência circunstancial, mas como matriz, como placenta que nutre todo seu processamento. Trama esta de relações sociais em que se tece a existência real dos homens [...] que não se caracteriza apenas pela coletividade gregária dos indivíduos, como ocorre nas “sociedades” animais! Um elemento específico interfere no social humano, o poder, tornando política à sociedade.

Sob esta ótica, Santos (2003b, p. 10) trouxe importantes considerações à crítica que é feita à globalização neoliberal, sem que se olhe para o outro lado de suas determinações. O autor destacou que graças a essa globalização, é possível viver

numa sociedade do conhecimento, uma sociedade da informação, da comunicação e do conhecimento. Erroneamente fazemos uma análise crítica do neoliberalismo sem dar conta da sociedade do conhecimento e, no entanto, a globalização neoliberal não existe sem ela.

“A relação entre pesquisa e produção de conhecimento é ineliminável”, como pontuou Setubal (1995, p. 27), pois não há construção de conhecimento sem o uso da pesquisa científica – que se vale indispensavelmente de métodos e instrumentais e que deve transmitir racionalidade, ordenação, otimização de esforços, garantir o espírito crítico, permitir a criatividade e devassar o novo, sem no entanto, se levar pelo imediato e por generalizações apressadas, garantindo coerência e consistência no seu resultado.

Assim sendo, tornou-se necessário trazer inicialmente concepções sobre pesquisa, já que na contemporaneidade vem sendo muito exercitada e valorizada em todas as áreas da vida humana. Para tal, esta pesquisa amparou-se em alguns autores, como Demo (1995; 2001), Cervo e Bervian (1996), Lehfeld e Barros (2000) e Gatti (2002).

De acordo com Lehfeld e Barros (2000), pesquisa é um ato dinâmico e humano de questionamento e de aprofundamento, como tentativa de desvelar determinados objetos. Seu objetivo é a busca por uma resposta significativa a um problema, valendo-se da metodologia científica e de técnicas adequadas para a obtenção de dados relevantes. Através da pesquisa se chega a um conhecimento novo e a uma maior precisão teórica sobre o objeto de estudo, uma forma de contribuir para a formação de uma consciência crítica. A pesquisa científica consiste na observação dos fatos como estes ocorrem, na coleta e registro de dados relevantes para posterior análise. É assim, um processo reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que exige criatividade, iniciativa, persistência, dedicação e que conduz a descobertas originais.

Cervo e Bervian (1996, p. 208), discorrendo sobre o assunto, afirmaram que a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas: inicia-se com um problema ou dúvida, faz uso do método e de instrumentos científicos e de procedimentos adequados, podendo, de acordo com a qualificação do pesquisador, ter objetivos e resultados diferentes.

Para Gatti (2002), a pesquisa é um exercício sistemático de indagação da realidade observada, na busca por conhecimentos que ultrapassem o imediatismo. Possui um fim determinado e fundamenta e instrumentaliza o profissional no desenvolvimento de práticas comprometidas com a mudança do contexto e com a qualidade de vida dos cidadãos.

Alguns entendem por pesquisa o trabalho de coletar dados, sistematizá-los e, a partir daí, fazer uma descrição da realidade. Outros fixam-se no patamar teórico e entendem por pesquisa o estudo e a produção de quadros teóricos de referência, que estariam na origem da explicação da realidade. Descrever restringe-se a constatar o que existe. Explicar corresponde a desvendar por que existe. Outros mais acreditam que pesquisar inclui teoria e prática, porque compreender a realidade e nela intervir formam um todo só, tornando-se vício oportunista ficar apenas na construção descritiva, ou apenas na especulação teórica (DEMO, 1995, p.13).

Segundo Demo (1995) a pesquisa é um componente necessário a toda proposta emancipatória e que envolva teoria, método e prática que tenham por objetivo captar a realidade além do que se vê. Pesquisar supõe uma atitude sistemática e cotidiana de envolvimento em um processo de elaboração própria, com argumentação teórica e prática. É assim, um diálogo crítico e criativo com a realidade, em que a condição de ser transformadora depende da qualidade política do pesquisador no contexto da respectiva sociedade.

A trajetória do homem no mundo evidencia que ele sempre atuou na natureza com o objetivo de suprir suas necessidades – que estão em constante mutação, num processo mútuo de transformação e superação homem/natureza que vai se acumulando e passando de geração em geração, formando a história humana e dando-lhe condição de avançar no conhecimento e de superar-se, num movimento de transformação infinito.

A atividade básica da ciência é a pesquisa – já que esta vincula pensamento e ação – e os problemas são frutos da vida prática e acontecem no real.

O avanço científico é impulsionado sempre por um conflito ou contradição, pela necessidade de inovação, por isso não pode ser considerado acabado, exclusivo, conclusivo e definitivo, mas em constante construção.

Pode-se dizer que a pesquisa é uma condição de produção de conhecimento científico, de novos saberes, e assim, merecedora de reflexão e de utilização.

Seabra (2001, p.14) destacou que

O conhecimento é o meio pelo qual se descobre a natureza dos fenômenos, pela manifestação de suas aparências que são captadas mediante o emprego de instrumentos e pelos sentidos dos homens, segundo sua maior ou menor capacidade para perceber o real.

O ato de conhecer é o processo de interação efetuado entre o indivíduo e a realidade, permitindo descobrir a sua forma de ser ou pelo menos, adquirir respostas provisórias para um problema definido. As soluções para os problemas são o que se pode chamar de conhecimento propriamente dito.

Valorizando os sujeitos da pesquisa e suas experiências, apresenta-se suas **concepções sobre a pesquisa:**

Pesquisa é a busca de saber e para realizar uma pesquisa deve ser levado em conta os recursos humanos e materiais, tais como, a disponibilidade de tempo, o indispensável suporte financeiro e a utilização de uma metodologia científica adequada. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

A pesquisa é o respaldo técnico que traz novos conhecimentos, oportunizando ao profissional não só a atualização bem como é o meio de expressar e divulgar seus conhecimentos, contribuindo para a qualificação da profissão. (Sujeito 4, saúde, 21 anos)

É uma prática que oferece o permanente aperfeiçoamento pessoal e profissional, dando maior poder de crítica e visualização dos fatos ao seu redor. (Sujeito 20, sociojurídico, 18 anos)

A pesquisa é o processo de investigar e compreender a realidade, a fim de criar ou reforçar alternativas para o desenvolvimento de ações profissionais. É um processo de aprendizagem, tanto do indivíduo que a realiza, quanto da sociedade. (Sujeito 32, organizacional, 2 anos)

A pesquisa é um instrumento de grande peso, causa impactos de grande relevância em nossa ação, devido à sua contribuição ao conhecimento teórico do profissional, ao aumento da criticidade e da visão global da atuação. (Sujeito 47, saúde, 2 anos)

Nos depoimentos, ficou evidenciado que os sujeitos concebem a pesquisa como um processo que visa o conhecimento, que oportuniza a compreensão da realidade, que se efetiva através da visão crítica do pesquisador, trazendo melhoria na atuação profissional e transformação da realidade; porém, precede e necessita de investimento e sistematização, devendo assim, valer-se do uso da metodologia científica e ser efetivada por um sujeito qualificado.

O processo de produção humana envolve sempre uma realidade em transformação e tem como característica central as relações sociais, já que o homem vive em relação com outros homens e é neste contexto que se constitui como ser social.²⁰ É na apropriação do mundo pelo homem, efetivada pela prática social, que o conhecimento é produzido. Ou seja, o conhecimento origina-se nas experiências sociais do homem, no cotidiano de sua vida, e assim para sua compreensão recorre-se a algumas categorias, como a práxis e a mediação, que se fundamentam na ontologia de Marx.

A apreensão da categoria práxis apoiou-se em Lefèbvre (1968), Kosik (1976), Vázquez (1977) e Bourguignon (2005). Trata-se de uma categoria filosófica constitutiva do ser social e que permite compreender as possibilidades de objetivação do processo do homem na luta pela satisfação de suas necessidades e da construção de suas relações sociais no contexto sócio-histórico.

O homem é um ser da práxis porque o homem é ser prático, ativo, que age sobre a natureza em função de atender suas necessidades de sobrevivência como espécie; porque orienta a satisfação de suas necessidades pela sua vontade e intenção de dominar a natureza, desvendar seus mistérios e superar obstáculos à sua existência; porque é um ser de relações, ou seja constrói a si mesmo e a sua existência através das relações que estabelece em condições sócio-históricas determinadas e porque é histórico, ou seja se movimenta no contexto das transformações societárias, reproduzindo o conhecimento acumulado pela humanidade (BOURGUIGNON, 2005, p. 56).

De acordo com Vázquez (1977), a práxis é a categoria central no marxismo, já que é ontológica e fundante da história e assim, sob sua ótica, é que os

²⁰ Ser social: categoria teórico-marxista que busca identificar a sociabilidade como uma característica humana, forjada na relação do homem com a natureza, a partir do trabalho. Integra substancialmente as dimensões da produção e reprodução da vida social.

problemas da história, do ser, da sociedade e do conhecimento são abordados. Pode-se entendê-la como o conjunto das objetivações humanas, por meio do qual os homens realizam-se enquanto seres humanos genéricos e se tornam seres sociais, que se expressam, se desenvolvem, criam e recriam relações sociais.

Kosik (1976) ampliou a compreensão, apontando que práxis é a atividade prática consciente, capaz de (re)criar necessidades e capacidades materiais e espirituais, instituindo um produto concreto antes inexistente. Esse conceito foi bastante desenvolvido por autores marxistas e não deve ser confundido com o de prática, já que envolve um pensar e um fazer. É nesse contexto também, que o conhecimento é produzido, como forma de expressão do homem no decorrer da história, numa relação com objetos e com outros homens; é assim sua apropriação do mundo através de uma prática social.

Em resumo, a práxis se nos apresenta como uma atividade material, transformadora e ajustada a objetivos. Fora dela, fica a atividade teórica que não se materializa, na medida em que é uma atividade espiritual pura. Mas por outro lado, não há práxis, como atividade puramente material, isto é, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracteriza a atividade teórica. Isso significa que o problema de determinar o que é a práxis requer delimitar mais profundamente as relações entre teoria e prática (VÁZQUEZ, 1977, p.208).

Na produção de conhecimento, a pesquisa se torna o instrumento de mediação entre o pesquisador (homem) e o objeto de pesquisa (realidade a ser compreendida). De acordo com Kosik (1976, p. 44) “a realidade social não é conhecida como totalidade concreta se o homem, no âmbito da totalidade, é considerado apenas e sobretudo como objeto na práxis histórico-objetiva da humanidade, não se reconhece a importância do homem como sujeito”.

Dessa forma, a mediação agrega duas dimensões: uma ontológica, já que pertence ao mundo real, e outra reflexiva, que para ser elaborada necessita da razão para conseguir ultrapassar o plano do imediato e partir em busca da essência – e para este alcance é imprescindível “que se construam intelectualmente mediações para reconstruir o próprio movimento do objeto” (PONTES, 2000, p.41). Assim sendo, a mediação tem papel importante na questão metodológica, devendo se estruturar pela razão, através da reflexão, para poder compreender o objeto, seu movimento e contradições, bem como para orientar a intervenção.

As mediações são as expressões históricas das relações que o homem edificou com a natureza e, conseqüentemente, das relações sociais daí decorrentes, nas várias formações sócio-humanas que a história registrou.

O conhecimento é, portanto, resultante da confrontação entre o homem e a realidade, é relativo ao real e ao pensamento; seu resultado é a teoria, que é uma compreensão inteligível do homem sobre a realidade. Assim sendo, sem as medições as teorias se tornam vazias, da mesma forma que sem as teorias as mediações se tornam cegas.

Segundo Martinelli (1993, p. 136-138),

As mediações são categorias instrumentais, através delas é que a ação profissional é operacionalizada. [...] as medições são instâncias de passagem, vias de penetração no real, que se expressam nos instrumentos, técnicas, estratégias e recursos, objetivando assim a prática e o profissional enquanto ser social. São sempre históricas e sociais [...]; são determinadas pela finalidade e objetivos que se busca atingir [...]; são o conjunto de instrumental necessário para o desenvolvimento do percurso dialético essencial a práxis, [...] estão referenciadas a uma teoria de base que as ilumina; [...] são sempre produtos coletivos e devem ser socialmente construídas para serem historicamente viáveis.

Baptista (1992, p.85) referiu que o conhecimento não é uma unidade, mas uma totalidade complexa, que inclui em si uma diversidade e uma heterogeneidade de conhecimentos produzidos em diferentes momentos históricos e por múltiplas determinações. Concluiu que existem diversos modos de conhecimento, entre os quais um é dominante, inerente ao sistema capitalista, “que impregna todo o sistema e modifica as condições de funcionamento dos demais”.

A mesma autora destacou ainda, que a construção do conhecimento se faz por um processo de aproximações sucessivas, de modo ascensivo e imbricado na vida humana, dotado de particularidades, casualidade e dinâmica própria. Desta forma, em momentos de transição ou crise, incidem-se novas composições e, como resultado, emergem novos saberes e apropriações diversas do conhecimento, em diferentes contextos. O processo do conhecimento, portanto, é um processo de tensão de paradigmas²¹, condição necessária para a transformação da sociedade.

²¹ Paradigmas: apesar da ambigüidade do termo, tem sido usado para caracterizar o estado da investigação e duas tendências conflitantes em pesquisa, neste século: um paradigma que se caracteriza pela adoção de uma estratégia de pesquisa modelada nas ciências naturais e

Entende-se que a pesquisa científica é a única via de produção de conhecimentos, pensamento corroborado pela afirmativa de Bourguignon (2007, p. 52):

É fundamental compreender o processo de produção de conhecimento, como elemento de transformação da realidade social pela mediação do trabalho, reconhecendo o conhecimento como uma das expressões da práxis, como uma das objetivações possíveis do trabalho humano frente aos desafios colocados pela relação entre o homem, a natureza e a sociedade. Neste contexto, a pesquisa ganha significado ontológico, ou seja, existencial e laborativo, pois faz parte da natureza humana perguntar pelo desconhecido para, através das possibilidades de respostas, atender às necessidades do homem em suas dimensões individual e coletiva, produzindo e reproduzindo sua própria existência, não de forma mecânica, mas de forma complexa, processual, contraditória e histórica.

O neoliberalismo trouxe alterações substantivas na vida dos sujeitos com os quais o assistente social vincula-se profissionalmente e também nas suas condições de trabalhador. Enfim, as significações da variação da macro-estrutura política, econômica, social e cultural, denominada globalização, incidem no processo de trabalho dos profissionais, entre eles o assistente social.

E por ser uma profissão de caráter interventivo, para poder atuar, o Serviço Social necessita decodificar as manifestações desse contexto – nas mais diversas dimensões que circunscrevem a funcionalidade ocupacional da profissão – e precisa fazer uso da pesquisa.

O próximo item apresenta como se dá a produção do conhecimento no âmbito de uma profissão que é essencialmente interventiva e fonte plena de vitalidade. Avançando nas análises, são delineados os significados que os sujeitos atribuem à vinculação da pesquisa com a prática profissional do assistente social, trazendo suas vivências e experiências e participando ativamente como sujeito coletivo, na compreensão do vínculo da pesquisa com a prática profissional.

baseada em observações empíricas para explicar fatos e fazer previsões; e outro, que advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando as significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem (CHIZZOTTI, 1998, p.12).

4 A VINCULAÇÃO DA PESQUISA COM A PRÁTICA PROFISSIONAL: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS PELOS SUJEITOS

"Não basta interpretar o mundo é preciso transformá-lo".
(Marx)

A profissão do assistente social está engendrada no contexto sócio-histórico, portanto, o esperado é que o profissional consiga atender as demandas impostas pelas transformações societárias, que tenha criticidade e dinamismo; que se apóie na realidade, mas que tenha os olhos no futuro e sempre esteja em busca de conhecimento: não só daquele já produzido, mas também do que pode produzir. Espera-se que se sinta sujeito participante na construção de novos conhecimentos, pois trabalha com pessoas, com seus modos de vida, e esta condição lhe imprime privilégio no mundo científico e no universo do saber.

As demandas postas à profissão são dinâmicas, acompanham a velocidade das múltiplas determinações socioeconômicas, culturais e históricas, que produzem modificações constantes na realidade social. Assim, o assistente social precisa estar conectado com as transformações societárias, para que possa construir as alternativas necessárias ao exercício de sua profissão e exercê-la de forma competente e eficaz, de forma que a intervenção profissional não se reduza tão somente a atividades dirigidas aos usuários, mas que também se estabeleça uma profunda e profícua relação entre saber e fazer, construindo e qualificando as respostas dadas às demandas que lhes são atribuídas.

Nesta pesquisa, os resultados encontrados demonstraram que 100% dos participantes – assistentes sociais que atuam na região administrativa de Bauru e são supervisores da FSSB, nos vários campos de atuação – reconheciam a **relevância da pesquisa** no exercício profissional.

Com vistas a compreender de forma crítica esse tema, aprofundou-se a questão, indagando-se aos sujeitos **se atribuíam relevância à pesquisa** no exercício profissional. Os resultados encontrados estão apresentados na Figura 26.

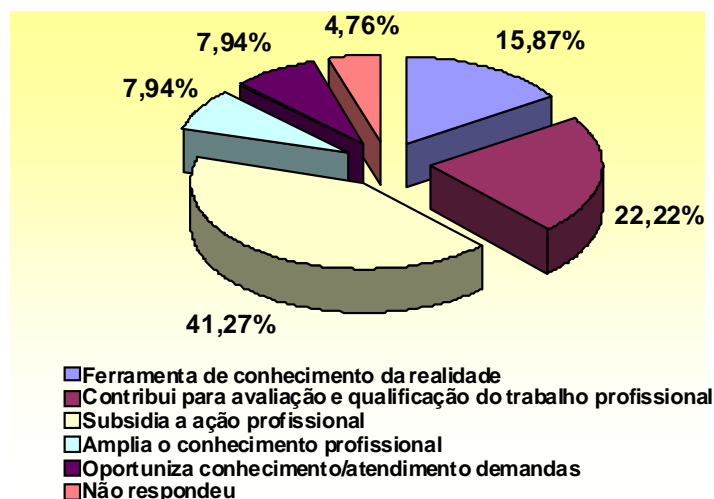


Figura 26 – Porcentagem de respostas quanto à relevância da pesquisa na profissão

As respostas obtidas reforçam o que vinha sendo evidenciado no estudo bibliográfico, corroborando a existência de uma vinculação positiva entre a pesquisa e a prática profissional, entendendo-se que ela possibilita qualificação e subsídios ao trabalho profissional e constitui-se um instrumento fundamental de conhecimento da realidade e das demandas profissionais, indicando o direcionamento da intervenção profissional.

A relevância da pesquisa na prática profissional foi reforçada e ampliada pelos sujeitos em seus depoimentos:

Atribuo enorme relevância à pesquisa para o desenvolvimento do meu trabalho profissional, pois penso que a atuação profissional deve estar engendrada na pesquisa para uma melhor compreensão da realidade apresentada. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

Atribuo relevância, na justificativa de que trabalhamos com as mais diversas expressões da questão social dentro do sistema capitalista. É necessário a compreensão das demandas emergentes e assim, é preciso apresentar-se com competência e criatividade e só o fazemos com o conhecimento científico da realidade, que é somente adquirido através da pesquisa. (Sujeito 5, assistência social, 5 anos)

Atribuo muita relevância já que é uma necessidade do profissional o acompanhamento da dinâmica social, o que oportuniza o aprimoramento e consequente competência ao profissional.. (Sujeito 42, saúde, 20 anos)

Atribuo relevância, porque a pesquisa revela as demandas a serem trabalhadas; isso oportuniza ao profissional avaliar o impacto do trabalho realizado. (Sujeito 44, assistência social, 6 anos)

A pesquisa na prática profissional do assistente social foi concebida como **parte integrante do trabalho profissional**. Verificou-se nas respostas, que os sujeitos atribuíam uma vinculação entre o processo de conhecimento e de intervenção na realidade social – considerada uma das formas de sustentação da competência e da manutenção da profissão no mundo do trabalho, bem como da efetivação do projeto ético-político da profissão. Esse pensamento se fez presente na expressão dos sujeitos, conforme depoimentos:

A pesquisa revela dados significativos quanto à nossa demanda profissional. É assim, reveladora, já que no cotidiano levantamos dados importantes. (Sujeito 10, saúde, 10 anos)

A pesquisa é um instrumento fundamental no trabalho do assistente social, norteia as ações para que possamos desenvolver um trabalho em prol dos usuários e dos colaboradores; é assim, o direcionador do trabalho. (Sujeito 14, saúde, 1 ano)

É um processo fundamental no trabalho do assistente social, que traz o aprofundamento do conhecimento das expressões da questão social e o aprimoramento da ação profissional.. (Sujeito 22, assistência social, 20 anos)

A pesquisa é para mim um exercício fundamental na prática profissional, já que a realidade se modifica e novas demandas surgem e é preciso inovação nas ações. (Sujeito 23, assistência social, 3 anos)

A pesquisa é uma ferramenta de trabalho que dá subsídios para nossa prática, que está em constante mudança e que assim atinge nossos usuários. (Sujeito 25, organizacional, 1 ano)

É um instrumento importante, que traz informação sobre a necessidade de atendimento, atribuindo eficácia ao trabalho. (Sujeito 28, saúde, 8 anos)

É um instrumento revelador que detecta demandas de ações que por vezes ficam camufladas, além de apontar e medir a eficácia da ação profissional.. (Sujeito 33, educação, 13 anos)

A pesquisa é um instrumental utilizado para a coleta de dados para conhecer as necessidades dos usuários, avaliar o trabalho profissional e para o planejamento de ações. É para mim, um termômetro do meu trabalho. (Sujeito 38, assistência social, 4 anos)

Para Battini (2009a, p. 55), a atitude investigativa é uma exigência da intervenção profissional do assistente social, pois é a condição da ultrapassagem do aparente para a essência dos fenômenos. A prática investigativa acaba por balizar os caminhos propostos no exercício profissional, conscientizando que a teoria não trata apenas de pensar o fenômeno, como mera atitude contemplativa, mas dirige o pensamento a uma mudança real, numa **perspectiva superadora**. A pesquisa pode ser trabalhada como uma forma de fortalecimento das necessidades e intenções de luta da população, imprimindo a direção ético-política do conhecimento produzido. Esses aspectos também foram atribuídos pelos sujeitos, conforme depoimentos:

A pesquisa na prática profissional é parte integrante dentro do propósito interventivo, com foco no empoderamento e emancipação da população. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

É uma ferramenta fundamental para a prática profissional. Com ela podemos planejar, levantar dados e resultados, levantar demandas a serem trabalhadas e avaliar a ação profissional, com perspectivas de transformação da realidade. (Sujeito 52, organizacional, 6 anos)

A pesquisa amplia a possibilidade de intervenção transformadora da realidade posta. Sem seu uso, a intervenção é apenas pontual e não trará soluções efetivas. (Sujeito 55, assistência social, 2 anos)

De acordo com Kameyama (1995, p. 101), a teoria e a prática se constituem aspectos inseparáveis do conhecimento e devem ser considerados na sua unidade, levando-se em conta que “a teoria não só se nutre na prática social e histórica como também representa uma força transformadora, que indica a prática os caminhos da transformação”.

Faleiros (1997, p. 72) destacou a vinculação da investigação com a intervenção na prática profissional, entendendo que esta só deixará de ser pragmática e empiricista se os profissionais

[...] souberem vincular as intervenções no cotidiano a um processo de construção e desconstrução permanente de categorias que permitam a crítica e a autocrítica do conhecimento e da intervenção. A prática crítica não se reduz à mera aplicação do conhecimento que vem de fora dela, mas

ela própria gera a necessidade de reformulação do conhecimento. As questões que se colocam nas situações singulares não podem reduzir-se à simples representação de cada agente, mas precisam se inscrever em questões mais amplas para se ver como esta interpretação está se transformando, pois a prática coloca ao mesmo tempo o imperativo da transformação.

A vinculação investigativa e interventiva na prática profissional foi também exposta pelos sujeitos, os quais destacaram que a pesquisa proporciona **qualificação ao trabalho profissional:**

Eu acho que a pesquisa, ela é imprescindível para ter qualidade no trabalho. Porque sem pesquisa, sem saber o que o usuário quer, o que é necessário, com dados e até para criar projeto eu acho que é inviável. Às vezes, a gente vai fazer algum projeto de acordo com interesses nossos e não de acordo com o interesse do usuário, por isso a gente sempre tem que utilizar. Então eu acho que se o profissional não andar junto, pesquisa e prática, não vai ter qualidade. Eu faço essa correlação, a pesquisa é prática com qualidade, senão você vai fazer uma prática vazia sem fundamento. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

A pesquisa contribui com o trabalho, porque oportuniza um fazer "não por fazer", mas um fazer embasado. Então eu acho isso um aspecto positivo para a qualificação da prática profissional.. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

Sobre esse aspecto, Baptista (2006) ressaltou

[...] não apenas a idéia do lugar e importância na prática do Serviço Social, no âmbito do exercício da profissão, mas também a da legitimidade dessa investigação como objeto de reflexão científica, uma vez que ela permite realizar, ao mesmo tempo, uma crítica de superação dos conhecimentos já existentes e elaborar conhecimentos que apontem novos caminhos e condições que permitam aos assistentes sociais responder, sem perda de sua coerência teórico/prática, as exigências pragmáticas de sua ação profissional.

Ficou evidenciado que os sujeitos da pesquisa vinculam a pesquisa com o exercício profissional qualificado, destacando que o alcance dos resultados da pesquisa, como processo de conhecimento, é a condição fundamental para conseguirem responder às demandas que lhes são postas. Neste processo, é

fundamental a interpretação crítica da realidade numa perspectiva de totalidade e subsidiada na teoria crítica social.

Conforme Lehfeld (2004), o exercício da investigação no trabalho social “com o olhar e apoio da Teoria Social Crítica, nos dá suporte à construção e reconstrução do conhecimento, objetivando sempre as lógicas que reiteram as desigualdades e a exclusão social” que, para a autora são o pano de fundo da questão social e objeto de intervenção profissional do assistente social.

Iamamoto (1998) ampliou e justificou a questão, afirmando que:

Sendo o Serviço Social uma profissão – e, como tal, dotado de uma dimensão prático-interventiva – supõe uma bagagem teórico-metodológica como recurso para a explicação da vida social, que permita vislumbrar possibilidades de interferência nos processos sociais. Para isso, a apropriação do acervo teórico metodológico legado pelas ciências sociais e humanas e pela teoria social crítica, com pressuposto para iluminar a leitura da realidade, afigura-se como requisito indispensável, mas insuficiente. A dinamicidade dos processos históricos requer a permanente pesquisas de suas expressões concretas, informando a elaboração de propostas de trabalho que sejam factíveis, isto é, capazes de impulsionar mudanças pretendidas. Em outros termos, o domínio teórico-metodológico só se atualiza e adquire eficácia quando aliado à pesquisa da realidade, isto é de fenômenos históricos particulares que são objeto do conhecimento e da ação do assistente social.

Os sujeitos da pesquisa relataram sua percepção a esse respeito, conforme pode ser visto no depoimento que se segue:

Outra coisa que eu acho importante é que, pela nossa correria, a gente acaba evidenciando aqueles casos em que nós estamos presentes e acaba perdendo a visão de totalidade. Então a pesquisa traz essa proximidade da totalidade, realmente do que precisa ser trabalhado, o que é emergencial, o que pode ser implantado como preventivo... então eu acredito nessa importância. (Sujeito 19, organizacional, 13 anos)

Tratar da pesquisa em Serviço Social no enfoque que esta pesquisadora se propôs, valendo-se da literatura mapeada, e também da pesquisa empírica, com os significados atribuídos pelos sujeitos, profissionais e supervisores que constroem e atuam diretamente na formação profissional, possibilitou apontar a vinculação orgânica da pesquisa com a prática profissional do assistente social. Tem-se clareza

que esta relação se constrói no movimento histórico da profissão – efetivado em constante e crescente avanço teórico-prático – que necessita ser otimizado nesta realidade globalizada, em que o saber tem um peso relevante para a busca de respostas aos problemas cada vez mais complexos e contraditórios.

Com apoio em Baptista (2006), realizou-se um estudo sobre a investigação científica e sua intervenção na sociedade, algo que é condizente com a pesquisa em Serviço Social, desvendando-se sua trajetória histórica, a questão metodológica de sua aplicabilidade e legitimidade como objeto de reflexão científica.

A autora destacou que,

Esse tipo de pesquisa científica, voltada para uma ação sobre a realidade, tem suas exigências próprias relativamente à lógica, à epistemologia e às técnicas. Nesse sentido, à medida que um profissional assume como postulado para sua intervenção a associação fundamental entre prática e teoria, vê-se desafiado a construir um caminho científico para a investigação da sua ação no processo mesmo da intervenção. Considerando que esse processo deve passar, necessariamente, por uma prática objetiva de pesquisa e que o conhecimento buscado deve merecer validação em termos de cientificidade para o encaminhamento dessa discussão (BAPTISTA, 2006, p.17).

Numa perspectiva histórica, verificou-se que sua primeira explicitação foi na década de 1940, com o norte-americano John Dewey, na área da educação. Sua proposta era que a investigação se fizesse em dois níveis: “no dos fins alternativos” (que constituiriam a solução pensada) e no das “operações a realizar” (que de forma reduzida era a apropriação da análise crítica e do que esta apontava como válido), para a construção de novas propostas.

Nas décadas de 1950 e 1960, os trabalhadores sociais se empenharam em situar a pesquisa e efetivaram uma divisão entre a pesquisa básica e a pesquisa operacional, esta última indicada para os conhecimentos das ciências sociais à prática profissional. Somente na década de 1950 é que começou-se a refletir sobre a possibilidade da pesquisa básica no Serviço Social, que trataria de questões mais amplas, ligadas à base de conhecimentos da profissão, e a pesquisa operacional se dirigiria a situações particulares e concretas da ação profissional, possuindo assim fins utilitários, contributivos para a solução de problemas práticos (BAPTISTA, 2006, p.18-19).

Holtz (1966 apud BAPTISTA, 2006, p. 19-20) referiu que não se pode fazer uma separação absoluta entre essas abordagens da pesquisa, pois essa dicotomia tem valor apenas relativo, uma vez que no Serviço Social as pesquisas condensam as características de ambas as abordagens. Assim, o conhecimento que o assistente social se apropria no cotidiano de seu trabalho, visto que está em relação permanente com o real, necessita ultrapassar o imediato para poder ser um saber científico e efetivar a sistematização dos dados e de suas correlações. A autora pontua, então, que o desafio estaria em realizar estudos e análises de teorias construídas pelas ciências sociais, para convertê-las, de modo que viabilizassem a construção de uma teoria da prática do Serviço Social.

Ladrière (1977 apud BAPTISTA, 2006, p. 21) destacou que, na década de 1970, “o problema do reconhecimento da ‘cientificidade’²² das investigações e conhecimentos das ciências sociais” e, principalmente, as dificuldades ainda maiores da pesquisa e do conhecimento da ação interventiva, evidenciavam “a necessidade de mostrar o que há de científico no procedimento”, já que se dão nas práticas cotidianas e trazem indagações sobre o conhecimento construído, interrogando-o pela prática e pela teoria.

Pinto e Silva (1986 apud BAPTISTA, 2006, p. 22) ampliaram a compreensão da pesquisa em Serviço Social, ao colocar que:

Quando o objeto de pesquisa é o modo de relação de uma sociedade e o modo de intervir sobre ela, esse processo teológico de conhecimento não acontece apenas com relação ao pensamento – que é um aspecto parcial de uma realidade, mas tem necessariamente uma dimensão prática [...] o conhecimento não é um estado, mas um processo; caracterizam este último como um processo complexo de adaptação ativa e criadora do homem ao meio envolvente, implicando articulações entre prática e pensamento, vivências e representações/operações simbólicas.

Foi sentida a necessidade de resgatar a pesquisa em Serviço Social na trajetória histórica da profissão e para tal retomou-se a análise de produções teóricas acerca da história do Serviço Social. A constatação feita foi que havia apenas indicações da existência da pesquisa social como elemento constituinte do processo de formação profissional.

²² Aspas copiadas do autor

No II Congresso Pan-Americano de Serviço Social, em julho de 1949, houve divergências sobre as formas de discussão do Serviço Social e a conclusão das reflexões feitas foi que: “A pesquisa também não é uma subdivisão do Serviço Social, mas sim uma técnica de que se vale, para o conhecimento do meio” (FONTOURA, 1959, p.159). Ou seja, a pesquisa tinha como objetivo profissional o conhecimento do meio social onde o profissional desenvolvia seu trabalho, elucidando assim as influências recebidas das escolas européias.

No processo de aprofundamento de institucionalização da profissão, a formação profissional teve sua linha alterada, sofrendo a influência norte-americana. Desta forma, a pesquisa era tida como instrumento de apoio à prática dos assistentes sociais aliado aos métodos de caso, grupo e comunidade.

De acordo com Ammann (1984, p.146):

O Serviço Social da segunda fase (1945-1965) subordina-se a uma ação empirista e de caráter instrumental, dentro de uma perspectiva funcionalista, para a integração social, entendida esta como processo de participação do homem como beneficiário e como agente do desenvolvimento.

Em 1946 foi fundada a Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social, que tinha o objetivo de fortalecer a formação profissional, buscar a unidade do ensino e organizar o currículo das Escolas de Serviço Social no país. Entretanto, ainda permanecia a idéia da pesquisa e da produção de conhecimentos pautados na manutenção da ideologia cristã na formação profissional e na apropriação de conhecimentos de outras ciências para atender as demandas – que eram ainda nesta época os interesses do capital. A separação da ciência e da técnica, ou seja, de quem produz e de quem aplica o conhecimento, ainda se evidenciava e o Serviço Social caracterizava-se como disciplina aplicada. Isso dava margem para a compreensão de que era marcado pelo pragmatismo e pela dificuldade em pensar os fenômenos sociais com os quais interagia.

Na década de 1960, a atuação do Serviço Social tem maior ênfase no desenvolvimento de comunidade e não havia preocupação efetiva com o referencial teórico, utilizando-se a vertente positivista de cunho funcionalista. A partir da década de 1970, iniciaram-se os questionamentos de alguns profissionais sobre seu papel

na sociedade, processo vivido nos países da América latina com situações contextuais semelhantes.

Sobre a pesquisa nesse período, Fontoura (1959, p. 177) destacou:

[...] um trabalho de campo com o fim de conhecer bem a coletividade, seus males e seus recursos; visa delimitar um certo problema, verificar o que já existe feito e o que ainda é preciso fazer para debelá-lo. Cabe-lhe agrupar os fatos as instituições, reduzindo tanto quanto possível os resultados a números, quadros e gráficos. O trabalho da pesquisa é assim inseparável da Estatística.

Baptista (2006) referiu que, na década de 1980, o *Centro Latino Americano de Trabajo Social* (CELATS) tratou a questão da cientificidade no Serviço Social em um manual elaborado por Carlos Urrutia Boloña, que discutia a produção de conhecimento científico como investigação predominantemente instrumental. Para Boloña (s.d. apud BAPTISTA, 2006, p. 24), "esse caráter instrumental é verdadeiro ainda quando essa investigação não sirva para ação diretamente, mas abra um espaço valioso e rico que contribui para a eficácia profissional".

Sob este prisma, Baptista (2006, p.24-25) ressaltou que, de forma embutida, vê-se não apenas uma desqualificação do conhecimento voltado para a intervenção, mas também uma aceitação implícita de seu não-enquadramento em uma perspectiva dialética da investigação científica, à medida que determina que o sujeito de prática "trabalha imediatamente com o objeto real, não transformando-o em objeto científico". Na mesma obra, a autora contrapôs-se a tal pensamento, explicando que o conhecimento adquirido pela prática difere daquele adquirido pela experiência, mas não há uma mútua exclusão, porquanto todos possuem uma unidade básica, que é a de buscar a verdade e ser metodologicamente organizado.

Os estudiosos das ciências exatas costumeiramente colocam várias críticas em torno da cientificidade e base teórica das pesquisas nas ciências sociais e no Serviço Social. Essa desaprovação de setores da comunidade científica tinha maior incidência nos anos 1980 e 1990, diminuindo aos poucos, pelo apoio dos pesquisadores da Teoria Social Crítica e também pela mudança de paradigmas científicos, com a inserção da abordagem metodológica qualitativa.

Sposati (2006) em sua aula na disciplina *Construção de Conhecimentos em Serviço Social*, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUCSP, abordou a questão:

Talvez nós, pesquisadores da área do Serviço Social, possamos afirmar com mais experiências que outros o quanto há de discriminação no reconhecimento científico das produções sobre a experiência no campo das relações humanas. A ciência de fórmulas do laboratório, das equações se apresenta via de regra, com o efetivo poder científico. Uma das conotações atuais é a de falar em ciências duras e ciências moles, as humanas e sociais estão entre as ditas ciências moles.

Temos uma polêmica de décadas no Serviço Social, colocando inclusive a questão de ser ele “consumidor” da produção científica e não “produtor” da ciência que consome. A exemplo, no CNPq ocupamos o campo das ciências sociais aplicadas. É claro que isto repõe o debate da ciência como forma de conhecimento e como prática social.

Os pesquisadores do Serviço Social vivenciam, em seu cotidiano, a grande discriminação que existe em reconhecer o valor científico das produções sobre a experiência no campo das relações sociais, onde ainda reina o poder científico das fórmulas e equações, podendo aí se explicar a falta de cultura e hábito de pesquisa na categoria profissional.

Foi somente a partir dos anos de 1980, que o serviço Social obteve reconhecimento pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como uma área específica de pesquisa, sendo-lhes atribuída as seguintes linhas de investigação: Fundamentos do Serviço Social, Serviço Social Aplicado, Serviço Social do Trabalho, Serviço Social da Educação, Serviço Social do Menor, Serviço Social da Saúde e Serviço Social da Habitação. Atualmente, o serviço Social integra, juntamente com as áreas de Direito, Comunicação, Economia, Administração, Arquitetura, Demografia e Economia Doméstica, a grande área de Ciências Sociais Aplicadas, o que recolocava o debate da ciência como forma de conhecimento e prática social (KAMEYAMA, 1998).

Um olhar retrospectivo, especialmente para as duas últimas décadas, permite afirmar que o Serviço Social deu um salto quantitativo e qualitativo na sua produção científica e na sua prática profissional, haja vista sua presença marcante na política da sociedade, na luta e na construção de amparos legais no campo dos direitos sociais. Sem dúvida, hoje o Serviço Social é uma categoria que, além da

prática interventiva, incorporou uma atitude investigativa no cotidiano profissional e passou a ser integrado por pesquisadores, ganhando reconhecimento nas agências oficiais de fomento. Outrossim, ainda é uma categoria que necessita ser ampliada e se tornar visível nos extramuros da profissão.

Nesta perspectiva, para Baptista (1992, p.84), a relação do Serviço Social com o conhecimento social contemporâneo tem se colocado historicamente como um desafio para os assistentes sociais, acrescentando que:

Esse enfrentamento se faz hoje, mais uma vez e de maneira mais forte, uma vez que o Serviço Social se vê como parte desse conhecimento, dessa totalidade, e está lutando para, por um lado, desvelar, como parte, que contribuição pode dar à produção do conhecimento social; e, por outro lado situar que tipo de apropriações ele pode fazer do que já existe acumulado e como pode fazê-las.

A mesma autora apontou questões que estão presentes nas pesquisas efetivadas pelos assistentes sociais, ou seja, em investigações que têm como perspectiva a intervenção profissional. Esse tipo de pesquisa não significa que a investigação seja necessariamente utilitarista, uma vez que se faz necessário que o pesquisador encaminhe suas reflexões e os resultados obtidos no contexto histórico, social, político e técnico, ultrapassando práticas espontâneas e ações apenas pontuais, em prol de uma ação dotada de intencionalidade e comprometimento, com vistas à abertura de espaços de emancipação social (BAPTISTA, 2006, p. 28-34).

Nessa ótica, o ponto de partida da ação profissional é o espaço social, com suas determinações estruturais e políticas; ou seja, se dá numa dimensão institucional, em âmbito de microacontecimentos, na relação direta usuário-profissional, enfim, na intervenção profissional. Nesse espaço e processo é que acontecem as experiências de novas maneiras de ação, que devem ser acompanhadas de análise crítica, capaz de questionar o conhecimento instituído, pela prática direta e pela prática teórica.

Os profissionais têm motivos diversos para investigar e são estes que definem a natureza da investigação, que pode ser para instrumentalizar a prática e/ou construir conhecimento científico. Existem semelhanças e diferenças na construção do objeto: um é objeto de pesquisa e o outro objeto de ação;

concomitantemente, um se volta para conhecer a realidade em si e o outro para a intervenção nesta realidade, que tem exigências próprias no tocante à lógica, à epistemologia e às técnicas.

No processo de pesquisa em Serviço social, porém, o objeto de estudo deve ser necessariamente o objeto de ação, pois na formulação retorna-se a cada uma e a ambas, num processo de realimentação, já que para intervir é necessário se conhecer. O ponto de partida é a realidade em sua concretude, que não se faz de imediato, mas desvelando-se seus elementos constitutivos e sua estrutura, para se ter maior clareza do objeto de intervenção.

A pesquisa das situações concretas é o caminho para a identificação das mediações históricas, necessárias à superação da defasagem entre o discurso genérico sobre a realidade e os fenômenos singulares com os quais se defronta o profissional no mercado de trabalho. A principal via para superar a dicotomia entre teoria e prática²³ é a pesquisa, já que requalifica a ação profissional e preserva sua legitimidade. Guerra (1995, p.184) fez pontuações importantes quanto à questão:

Ao considerar sua prática profissional e histórica chancelada pelo inexorável, ao atribuir às teorias uma autonomia absoluta frente à prática, os agentes perdem de vista a sua particularidade enquanto ser social, particularidade esta localizada nas faculdades subjetivas de que dispõem para a superação da facticidade fenomênica posta nas/pelas suas relações sociais [...] anulando as particularidades, se dissolvem as medições, resultado das bases materiais sob as quais a ordem burguesa se produz e se reproduz, somente a concepção de práxis enquanto materialização da razão e está constituída, constituinte e constitutiva do processo histórico, pode balizar adequadamente a relação materialidade/idealidade, teoria/prática e a racionalidade que dão deriva.

O desempenho do profissional/pesquisador vai ser determinado inicialmente pelo controle que ele tem de sua prática cotidiana, que é historicamente determinada e que serve como ponto de partida para o desenvolvimento do processo investigativo. É por meio da sua experiência que o profissional “por sucessões consecutivas vai desvelar sua objetividade, caminhando do particular para o universal, do campo das microatuações para o das relações sociais mais amplas,

²³ De acordo com Guerra (1995), a relação teoria e prática não é direta e imediata, ela se processa por mediações de natureza objetiva e subjetiva; envolve pois, experiência, conhecimento teórico, escolha adequada de conhecimentos técnicos e intencionalidade profissional. A autora afirma que o conhecimento ocorre sempre a *posteriori*, de forma processual, aproximativa e relativa.

para retornar ao particular, às ações localizadas em outro nível de reflexão” (BAPTISTA, 2006, p. 32). Nesse processo, o profissional tem como categorias centrais de sua prática: a totalidade e a contradição, que revelam e ocultam a essência dos fenômenos sociais.

Para Martinelli (1995), não existe prática sem mediações, pois as práticas são as instâncias de passagem teoria-prática, ou seja, quando o profissional transforma um conhecimento em ação. Não é uma construção individual, mas, coletiva, que ocorre em instâncias de reciprocidade, na relação profissional e usuário: é aí que emerge a práxis. Na relação teoria-prática, ambas pulsam em ritmos diferentes numa relação assimétrica. A teoria não se coloca em movimento por si só, ela alimenta a prática, que pode mudar a teoria; dessa forma, uma alimenta a outra, caminhando numa espiral.

A mesma autora entende que, para compreender a práxis, três elementos são importantes: a intervenção, a crítica reflexiva e a organização. Esta se constrói pelas determinações de estrutura, conjuntura e cotidiano, a instância mais próxima do sujeito. Necessário se faz, portanto, estar atento aos acontecimentos, forças em presença, cenários e sujeitos, este último – e somente ele – constrói e dá significados, de modo que a práxis produzida seja a histórica, que se fundamenta na visão da totalidade e, assim, propicia compreensão e explicação da realidade.

Segundo Pinto (1979, p. 219-227), devem ser considerados quatro aspectos para compreensão do papel da prática em relação à pesquisa científica:

- 1- *a intencionalidade como critério de verdade*, já que a pesquisa é motivada racionalmente pela finalidade material, subjetiva e existencial definida pelo homem;
- 2- *a natureza social da prática*, ou seja, a qualidade social da prática, da sua validação;
- 3- *a pesquisa como esforço coletivo*, a necessidade da ciência não ser mais desenvolvida por indivíduos isolados e sim articulada com outras áreas do saber;
- 4- *a pesquisa como realização do trabalho humano*, efetivamente, a ação do homem sobre a natureza, com fins criativos, que produza bens e que contemple seu espírito e a sua existência.

A pesquisa em Serviço Social, por ser feita no seio da prática profissional, merece o destaque que Abreu e Simionato (1998, p.133-134) lhe conferiram:

A produção teórica em Serviço Social tem essa marca: vinculação orgânica ao fazer profissional, isto é, define-se a partir e em função da prática profissional. O Serviço Social como profissão, ou seja, como uma especialização do trabalho coletivo, supõe, como função primeira, uma intervenção direta na realidade social referenciada em uma base de explicação desta realidade e da própria intervenção. Participa assim da produção de conhecimentos que embasam sua intervenção, inserindo-se no processo mais amplo de desvendamento do social enquanto totalidade.

Na pesquisa empírica efetivada nesta tese, foi perguntado aos sujeitos, se utilizavam a pesquisa na prática profissional. Mesmo tendo reconhecido a relevância da pesquisa e cientes da sua importância no exercício profissional constatou-se que a **utilização da pesquisa** ainda não é uma prática comungada de forma contínua na categoria profissional, como se pode constatar na Figura 27:

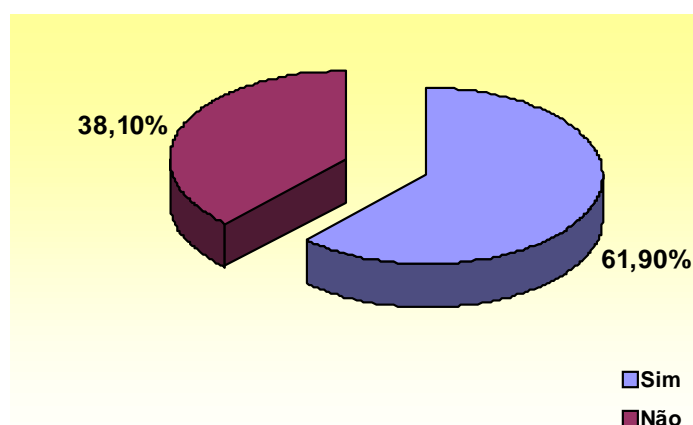


Figura 27 – Distribuição dos sujeitos quanto à utilização da pesquisa na prática profissional

Os resultados apontaram que 61,90% dos sujeitos pesquisados **utilizavam a pesquisa na sua prática profissional**. Considerando-se que esses profissionais atuavam nos espaços ocupacionais e efetivamente atribuíam identidade à profissão; que também eram supervisores de estágio, com papel fundamental na formação profissional é de se supor que exercem sua prática profissional em consonância com o projeto ético-político profissional e com as diretrizes curriculares.

Como se vê, o profissional do Serviço Social possui competência para a pesquisa, bastando para isso se apropriar desta condição, já que possui no seu próprio campo de trabalho uma condição privilegiada para construir conhecimentos, que é o acesso à vida cotidiana das pessoas.

Nesta questão, Yazbek (2005b, p.63) pontuou que:

[...] a profissão vem respaldando seu trabalho, a partir das sistematizações realizadas sobre seu processo de trabalho e temas que o permeiam, nutrindo-se do acervo intelectual e cultural herdado [...] São, do mesmo modo, importantes nesse processo as contribuições de pesquisas realizadas no universo do Serviço Social, relativas ao conhecimento dos processos sociais.

Iamamoto (1997, p. 8) complementou, colocando que ;

Para garantir uma sintonia do Serviço Social com os tempos atuais é necessário romper com uma visão endógena, focalista, uma visão de dentro do Serviço Social, prisioneira em seus muros internos [...] olhar para mais longe, para o movimento das classes sociais e do Estado em suas relações com a sociedade. É importante sair da redoma de vidro que aprisiona os assistentes sociais numa visão de dentro e para dentro do Serviço Social [...] Um dos maiores desafios é decifrar a realidade.

Quanto à incidência da utilização da pesquisa na prática do assistente social, os resultados desta pesquisa demonstraram que, entre os sujeitos, se faz presente a preocupação com uma aliança entre a ação interventiva e a produção de pesquisas científicas, denotando-se maior preocupação com a sistematização da prática e um movimento crítico de reavaliar esta prática através da teoria e de questionar a teoria através da prática.

Os sujeitos que revelaram fazer uso da pesquisa foram indagados ainda sobre **os motivos que os levavam a fazer este uso** na sua prática profissional. Os resultados reforçaram a tese de que a pesquisa propicia a construção do saber e a qualificação profissional, desdobrando-se em dois enfoques: o primeiro, de ser um instrumento para o conhecimento da realidade, de oferecer subsídios para o planejamento e atendimento das demandas e necessidades socialmente apresentadas, seja pelos desdobramentos das transformações societárias como pelos avanços legais alcançados, que trazem novos requisitos para o exercício profissional e que merecem ser focalizadas na intervenção profissional; o segundo, de subsidiar o profissional na avaliação e monitoramento dos serviços, ações e resultados de seu trabalho. A Figura 28 apresenta os resultados obtidos nesse quesito.

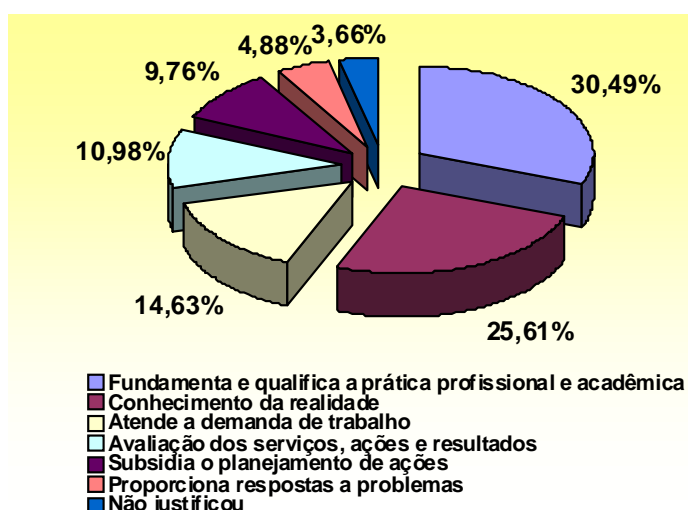


Figura 28 – Motivos que levam à utilização da pesquisa na prática profissional

Os sujeitos apontaram que as informações obtidas sobre a realidade social da população com as quais trabalhavam, efetivada através da investigação, traziam a articulação com as ações que o assistente social constrói e com as quais se instrumentaliza no seu trabalho profissional.

Sarmiento (1999, p. 108), neste sentido, destacou que:

[...] a prática investigativa está intimamente articulada com as práticas de avaliação e planejamento das políticas sociais, no fundo definidoras das conquistas e garantias dos direitos sociais, das quais os levantamentos socioeconômicos e o cadastramento de recursos são inerentes

As respostas reforçaram a condição de que o Serviço Social é uma profissão marcada na história como interventiva, exigindo assim, cotidianamente, um profissional competente. E, na contemporaneidade, mais do que nunca, se faz necessário que o profissional tenha uma visão crítica, já que se depara com determinações contraditórias. Para alcançar consistência teórica, para que sua intervenção profissional não se reduza tão somente a atividades dirigidas aos usuários, mas que estabeleça uma profunda e profícua relação entre saber e fazer, é preciso que os profissionais do Serviço Social construam e qualifiquem suas respostas às demandas, no contexto onde estão inseridos e que lhes são cobradas.

Para Martinelli (2005b, p. 71):

[...] que há uma particularidade histórica na concepção e no modo de pesquisar no âmbito de nosso exercício profissional. Concebemos a pesquisa como mediação constitutiva de nossa identidade e exercício profissional, inerente, portanto ao projeto da profissão. Tal projeto como construção sócio-histórica que é, institui-se como solo fecundo, onde se encontram fincadas as raízes de nosso exercício profissional e de nossos contextos de pesquisa, cuja direção social situa-se na perspectiva da emancipação dos sujeitos sociais.

Ainda com vistas a ampliar a compreensão e valorizar as experiências sociais dos sujeitos da pesquisa, foi indagado-lhes em quais **situações efetivavam a pesquisa na prática profissional**. Os resultados estão expostos na Figura 29.

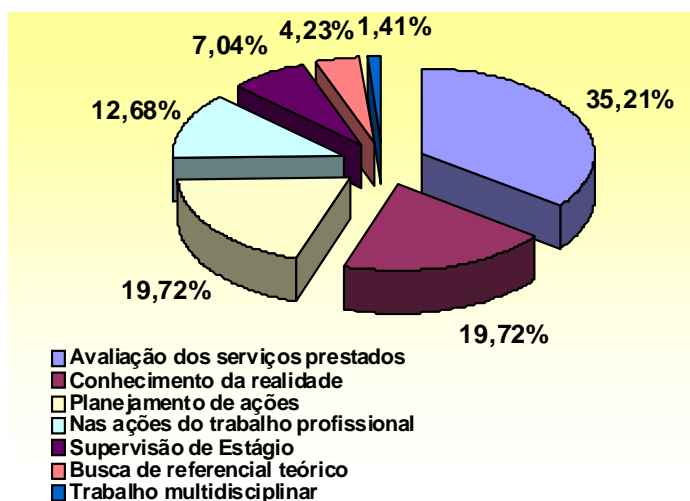


Figura 29 – Situações em que a pesquisa é utilizada na prática profissional

Novamente foi reforçada pelos sujeitos a posição de que percebem a relação da ação investigativa com a intervenção profissional como **possibilidade de transposição e de superação das práticas sociais**. Os resultados evidenciaram que eles aderem ao uso da pesquisa como possibilidade de avaliação do trabalho e de seus resultados, de embasamento teórico, de suporte para o planejamento de ações e também de troca de saberes com outras áreas, em uma relação de interdisciplinaridade, o que aponta para a sua condição de produtor de conhecimento e não tão somente de consumidor.

Para Martinelli (1999b, p. 11),

[...] quando falamos de práticas sociais, efetivamente não estamos nos reportando ao Serviço Social como uma prática específica, mas esse conjunto de práticas que têm, no âmbito das relações sociais, o seu campo significativo do trabalho.

Entre essas práticas sociais está a pesquisa, campo da investigação e parte do processo de trabalho do assistente social.

Como trabalhador especializado, em troca de um salário, o assistente social vende sua força de trabalho para o empregador e, assim, o Serviço Social ingressa no universo da mercantilização, no universo de valor. O Estado recolhe a mais valia²⁴ por meio de impostos, redistribui em forma de políticas sociais e o Serviço Social exerce seu trabalho, cujos resultados tem utilidade social e valor de uso e troca. Assim sendo, o assistente social participa do processo de produção ou redistribuição de mais valia, não a criando de forma direta, mas, colaborando para a reprodução da força de trabalho ou na prestação de serviços sociais. A bagagem teórico-metodológica (conhecimento) que o assistente social possui é o seu principal instrumento de trabalho e é com esta capacidade que faz a interpretação do contexto

²⁴ Mais-valia: forma específica que assume a exploração do trabalhador, no sistema capitalista. Resulta do fato de a força de trabalho (trabalhador) produzir mais produtos do que recebe como salário. O capital se apropria do trabalho excedente (interpretação da autora).

onde, como sujeito social, constrói a história, oportunizando-lhe construir estratégias para atender as exigências que lhe são demandas no mundo do trabalho.

Serra (2000, p.174), neste sentido, afirmou que:

Nunca é demais lembrar que o Serviço Social é, antes de tudo, uma profissão de intervenção social e que nossa utilidade social será maior ou menor na medida em que ela possa oferecer respostas úteis às necessidades sociais, principalmente em tempos de incertezas e desafios de hoje.

Na prática, o profissional do Serviço Social trabalha com demandas e só é possível conhecê-las à medida que se está aberto e atento para escutar, perceber os sujeitos com quem se trabalha. É no trânsito entre a forma de ser e a forma de aparecer que se instaura a importância da pesquisa (MARTINELLI, 1999a).

Esta situação foi percebida e atribuída pelos sujeitos em suas respostas:

Utilizo a pesquisa para elaborar projetos interventivos, já que através dela conheço a realidade social e os interesses da população usuária. [...] A utilizo para implantar um projeto novo e para apresentar resultados. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Utilizo a pesquisa para elaboração de planos e projetos no meu trabalho profissional.. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

Utilizo a pesquisa em todas as ações profissionais, ela sustenta as ações competentes. (Sujeito 11, assistência social, 3 anos)

Utilizo a pesquisa para avaliar o perfil dos usuários e pautar nossas ações profissionais com qualidade. (Sujeito 18, assistência social, 3 anos)

Utilizo a pesquisa para implantação e ampliação de programas e serviços e para a avaliação das ações realizadas. (Sujeito 22, assistência social, 20 anos)

Utilizo a pesquisa para elaboração de planos e projetos, levantando demandas e interesses da população e também na avaliação de programas e projetos. (Sujeito 44, assistência social, 6 anos)

Utilizo na avaliação das ações junto aos usuários, junto aos colaboradores e na avaliação dos serviços prestados e para o levantamento de demandas e propostas, sempre no sentido de estar sempre melhorando. (Sujeito 52, organizacional, 6 anos)

A respeito da utilização da pesquisa, Lehfeld (2004, 13) considerou que:

Nesta perspectiva, a dimensão da pesquisa extrapola o ato de conhecer pois se qualifica como social e ético-político além de teórico-metodológico. Imprimi-se no processo investigativo uma intencionalidade qualitativa de caráter eminentemente de transformação e mudança da realidade social.

Cabe destacar ainda, o que foi declarado pelos sujeitos: para a **efetivação do projeto ético-político**, o assistente social necessita fazer uso da pesquisa. Assim, a realidade empírica vai ao encontro do que foi apontado por Netto (1999), quando afirmou que a produção de conhecimentos tem forte significado para a construção do projeto profissional, haja vista que ela assinala a incorporação de matrizes teóricas e metodológicas compatíveis com a ruptura do conservadorismo e, assim, com a atualização de vertentes críticas, as quais colocam a categoria sintonizada com as transformações societárias da classe trabalhadora, com capacidade de criticar as relações sociais e econômicas do capitalismo vigente.

O projeto profissional da categoria tem em seu núcleo: o reconhecimento da liberdade como valor central e o compromisso com a autonomia e a emancipação – fundamentos correlatos ao da pesquisa em Serviço Social, que se dá através de uma relação dialógica, de escuta, de construção com os usuários dos serviços, os sujeitos sociais que constroem a história.

Vinculado a um projeto societário, o projeto profissional se propõe à construção de uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero. Netto (1999, p. 105) afirmou a “[...] defesa intransigente dos direitos humanos e a recusa do livre arbítrio e dos preconceitos, contemplando positivamente o pluralismo – tanto na sociedade como no exercício profissional”

O mesmo autor contempla ainda a dimensão política posicionando-se a favor da equidade, da justiça social, da cidadania, da democratização política e social, numa perspectiva de universalização do acesso aos bens e serviços, bem como na socialização da riqueza produzida.

Na perspectiva profissional, isso implica compromisso com a competência; aprimoramento intelectual; formação acadêmica qualificada, com alicerce em concepções teórico-metodológicas capazes de fazer a análise concreta da realidade social; e, estímulo à postura investigativa constante, aspectos cuja efetivação depende da luta geral dos profissionais.

Os sujeitos atribuíram significados à relação uso da pesquisa e luta pela efetivação do projeto ético-político profissional, como pode ser visualizado nos depoimentos que se seguem:

A pesquisa é a oportunidade onde o profissional procura conhecer, aplicar e efetivar o projeto ético-político, embasado em uma teoria metodológica. (Sujeito 4, saúde, 21 anos)

O profissional propositivo vale-se da pesquisa, o profissional acomodado, não. O profissional propositivo é comprometido com o projeto ético-político da profissão e, portanto, com a pesquisa, já que é um instrumento indispensável para a renovação de nossas ações. (Sujeito 21, saúde, 8 anos)

Concebo a pesquisa na prática profissional do assistente social como o acesso à cidadania, à justiça e aos direitos sociais. (Sujeito 45, assistência social, 1 mês)

Para mim, o que facilita o uso da pesquisa na minha prática é o aprimoramento de conhecimentos que realizo e minha postura profissional embasada no Código de Ética da categoria e Projeto Profissional. (Sujeito 55, assistência social, 2 anos)

A pesquisa é uma ferramenta que nos propicia a efetivação do projeto ético-político profissional. (Sujeito 59, assistência social, 6 anos)

Ficou ainda destacado, como já referendado anteriormente, a atribuição de significado à **interdisciplinaridade**, como atitude pertinente ao processo de pesquisa.

Martinelli (1998, p.136) se pronunciou a esse respeito da seguinte forma:

[...] Mais do que nunca, estamos diante de uma nova forma de conceber o saber, não um saber como posse, não um saber apenas como aquele campo de conhecimento que se tem domínio, mas um saber como algo que se exerce.

Assim como em outras áreas, o Serviço Social estabelece interlocução com outras categorias do conhecimento e de práticas profissionais. O que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca da pesquisa; é a transferência da insegurança, num exercício de pensar, construir. Isso pode ocasionar a troca, o diálogo, o aceitar do pensamento do outro. Exige a passagem da subjetividade para a intersubjetividade.

Martinelli (1998, p. 156) destacou que a interdisciplinaridade: “[...] favorece o alargamento e a flexibilização no âmbito do conhecimento, [e isso] pode significar uma instigante disposição nos horizontes do saber”.

Fazenda (2001, p.11 e 14) lembrou que :

A interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. [...] Exige, portanto, na prática, uma profunda imersão no trabalho cotidiano. [...] Conhecer o lugar de onde se fala é condição fundamental para quem necessita como proceder ou desenvolver uma atitude interdisciplinar na prática cotidiana.

A interdisciplinaridade, portanto, é o amadurecimento de uma nova concepção de saber, que rompe fronteiras entre disciplinas e posturas, recompõe fragmentações, oportuniza a totalidade em seu movimento. Essa é uma estratégia a ser apanhada e utilizada, pois hoje as práticas sociais solicitam criatividade, envolvimento, intencionalidade, parceria, diálogo e negociação para garantir a qualidade dos serviços. Reforçando essa visão, apresenta-se os depoimentos dos sujeitos:

Percebo a importância em fazer uso da pesquisa nos estudos de casos que fazemos no trabalho interdisciplinar, ela instrumentaliza nossa participação na equipe. (Sujeito 8, assistência social, 8 anos)

Utilizando a pesquisa, percebo que contribuo no trabalho interdisciplinar, passo a apreensão de dados que só o Serviço possui. (Sujeito 19, sociojurídico, 3 anos)

O trabalho interdisciplinar que temos no Hospital me cobra mais conhecimentos e assim me valho da pesquisa. (Sujeito 35, saúde, 5 anos)

Trabalho em uma equipe e isto exige que tenhamos conhecimentos da realidade para contribuir com as propostas e intervenções a serem planejadas. (Sujeito 62, saúde, 19 anos)

O trabalho de equipe do Hospital muito me despertou para a pesquisa, só assim contribuo com a equipe. (Sujeito 63, saúde, 26 anos)

Os sujeitos apontaram que o trabalho interdisciplinar impulsiona a produção de conhecimento e, assim, da pesquisa.

Severino (1995, p. 53) destacou um aspecto importante para reflexão, afirmando que o fundamental no conhecimento não é sua condição de produto, mas seu processo, já que o saber é resultante de uma condição histórica e realizada por um sujeito coletivo. Para o autor, tanto o agir, o saber também não deve ser fragmentado, para ter a perspectiva de totalidade e firmar o desafio da multiplicidade, pois a significação humana se faz com as experiências de sujeitos sociais. Daí impor-se “à ciência a necessidade de se efetivar como um processo interdisciplinar”, sendo válido tanto para as situações de ensino como de pesquisa.

Foi fortemente enfatizado pelos sujeitos/pesquisadores que, entre as situações que os levavam a utilizar a pesquisa estava a de oportunizar a **qualificação do próprio processo de trabalho.**

A pesquisa nos aciona para resolutividade e para a busca de soluções efetivas, dando assim qualidade ao trabalho. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

A pesquisa é o respaldo técnico que traz novos conhecimentos, oportunizando ao profissional não só a atualização, bem como é o meio de expressar e divulgar seus conhecimentos, contribuindo para a qualificação da profissão. (Sujeito 4, saúde, 21 anos)

A pesquisa traz a consciência ao profissional, mostra onde estão as limitações e onde estão as falhas. Sem pesquisa ficamos no 'achômetro'; a pesquisa evidencia a situação pontualmente e aponta para o que temos que trazer em nossas ações para serem qualificadas. (Sujeito 6, assistência social, 2 anos)

Para a qualificação é exigido que o profissional faça a apreensão do Serviço Social como instituição inserida na sociedade. Inserção que implica a

ocorrência de um encontro entre as intenções do profissional, o trabalho que realiza e os resultados que produz.

Para Yamamoto e Carvalho (1995, p.73), dois aspectos são indissociáveis quando se fala no exercício profissional do assistente social:

- como realidade vivida e representada na e pela consciência de seus agentes profissionais e que se expressa pelo discurso teórico e ideológico sobre o exercício profissional;
- como atividade socialmente determinada pelas circunstâncias sociais objetivas que imprime uma certa direção social ao exercício profissional, que independe de sua vontade e ou da consciência de seus agentes individuais.

Desta forma, o exercício profissional possui implicações políticas, pois a prática profissional é polarizada pelos interesses das classes sociais, possuindo dimensões objetivas e subjetivas. Yazbek (1999b, p. 90) focou as dimensões objetivas, os determinantes sócio-históricos do exercício profissional, e as subjetivas, isto é, a forma como o assistente social incorpora em sua consciência o significado de seu trabalho e a direção social que imprime ao seu fazer profissional.

É na trama das relações sociais concretas que são gestadas as condições de trabalho do Serviço Social, um processo que irá determinar seu espaço de profissionalização e assalariamento, sua integração ao mercado de trabalho – especialmente responsável pela execução de políticas públicas voltadas ao enfrentamento das sequelas da questão social. Nesse processo, o profissional se insere como mediador das políticas socioassistenciais, desenvolvendo atividades e cumprindo objetivos que lhe são atribuídos socialmente e que ultrapassam sua vontade e intencionalidade.

Apesar de ser reconhecida legalmente pelo Ministério do Trabalho (Portaria nº. 35 de 19/04/1949) como profissão liberal, o assistente social não tem se caracterizado como profissional autônomo, o que não significa que a profissão não disponha de relativa autonomia, como a singularidade que pode estabelecer na relação com seus usuários.

É necessário dizer também, que o Serviço Social ainda mantém traços da profissão, em cuja origem estão presentes elementos vocacionais como: a

valorização de qualidades pessoais e morais, o apelo ético, religioso ou político e o discurso altruísta e desinteressado (YAZBEK, 1999b, p. 94).

No processo de trabalho do assistente social, vão se constituindo particularidades decorrentes das respostas dadas às demandas que lhes são atribuídas, inserindo-se desde o atendimento de situações emergenciais nas instituições, o desenvolvimento de ações socioeducativas, participação conjunta com outros profissionais, atendimento de recursos materiais, informações, orientações, esclarecimento de direitos individuais e sociais, efetivando assim, uma mediação na relação Estado, Instituição e classes subalternas. Na atual conjuntura de precarização do trabalho à ordem do mercado, a intervenção profissional tem assumido novas configurações, como atuação em alternativas privatistas e no campo da filantropia.

É importante ressaltar que o assistente social, no seu trabalho cotidiano como trabalhador assalariado, convive com demandas institucionais; entretanto, é importante que o profissional efetive a ultrapassagem para a demanda profissional que “é a legítima demanda advinda das necessidades sociais dos segmentos demandatários dos serviços sociais” (PONTES, 1997, p. 164). Assim sendo esta “incorpora a demanda institucional, mas não se restringe a esta, podendo e devendo ultrapassá-la, [...] já que sua construção impõe ao profissional a recuperação das mediações ontológicas e intelectivas que dão sentido histórico à particularidade do Serviço Social numa dada totalidade relativa” (PONTES, 1997, p. 174).

Battini (1991), em sua tese de doutorado, reforçou a questão com suas contribuições, ao apontar que a prática investigativa é um modo de clarear as questões estruturais e conjunturais da ação profissional, a qual, para ter este alcance, deve assumir a dimensão científica rigorosa.

Nesse sentido o que particulariza a investigação nas relações sociais é o fato de terem seu horizonte um tipo de intervenção: a intervenção profissional. Esses profissionais se detêm diante das mesmas questões que outros pesquisadores, porém sua preocupação principal é a incidência sobre a prática que decorrerá do conhecimento produzido. É no movimento da ação que vão sendo elaboradas as pesquisas que irão construir novos conhecimentos. Para eles o saber crítico aponta para o saber fazer crítico. O sentido de sua reflexão é o da realização de uma crítica de superação dos conhecimentos já existentes, tendo como intencionalidade a sua apropriação em termos de prática, e o da construção de conhecimentos que apontem

novos caminhos para a reflexão teórica e ofereça novas condições para a intervenção profissional (BAPTISTA, 2006, p. 28-29)

Quanto ao uso da pesquisa na prática profissional os sujeitos destacaram o seu **alcance democrático** e a possibilidade de construir práticas efetivas e emancipatórias, marcadas pela participação uma vez que a pesquisa não é construída somente pelo profissional, mas com os sujeitos sociais, num processo horizontal e dialógico, que respeita e valoriza suas vivências, valores e concepções. Esse pensamento evidenciou-se nos depoimentos que se seguem:

Utilizo a pesquisa para elaborar projetos interventivos, já que através dela conheço a realidade social e os interesses da população usuária, trabalhando para a mesma. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Eu uso a pesquisa para elaboração de planos e projetos, levantando demandas e interesses da população e também na avaliação de programas e projetos para melhorar cada vez para a população. (Sujeito 8, assistência social, 8 anos)

A pesquisa oportuniza a aproximação com a população usuária e para oportunizar a satisfação dos usuários quanto aos serviços oferecidos. (Sujeito 19, sociojurídico, 3 anos)

A pesquisa é uma ferramenta que nos concebe parâmetros muito verdadeiros, que norteiam a ação profissional; conseqüentemente, transformados em benefícios para a população usuária. (Sujeito 27, saúde, 7 anos)

Ficou delineado pelos sujeitos da pesquisa a exigência posta ao profissional de buscar ativamente a recuperação do protagonismo dos usuários na luta pela garantia de seus direitos e superar relações de exclusão.

Para Sarmiento (1999, p. 108):

A sistematização e a divulgação do conhecimento construído sobre as condições de vida da população e dos recursos disponíveis para a garantia de direitos é papel crucial a ser desempenhado pelo Serviço Social, como requisito necessário para a tomada de consciência da qualidade de vida pela própria população, mobilização acerca dos direitos sociais e, fundamentalmente para democratização das relações socioinstitucionais.

Quando os sujeitos atribuem significado à efetivação da pesquisa em uma perspectiva democrática, estão trilhando pela efetivação do projeto profissional e dão sentido e direcionamento para a ação profissional.

De acordo com Martinelli (2009, p. 150), “demandam um permanente movimento/reconstrução crítica, pois projetos ético-políticos e práticas sociais devem pulsar com o tempo e com o movimento”

Para Khoury (1995, p. 134):

Como trabalhadores que somos, se nos preocupamos com a construção de caminhos mais democráticos para a realidade brasileira, não podemos desprezar propostas de democratização do próprio conhecimento, incorporando sujeitos sociais excluídos das explicações históricas, buscando compreender as razões e as maneiras de sua exclusão social.

É por meio da pesquisa, portanto, que se ampliam as possibilidades da leitura e apreensão da realidade, pois somente os próprios sujeitos, com suas experiências sociais, sabem dimensionar seus interesses, suas necessidades e, principalmente, suas potencialidades e habilidades, como uma forma de sociabilidade que reabra o espaço político retraído pela sociedade capitalista. A pesquisa é este caminho para a sociabilidade, é espaço de escuta, de mudança e assim, de democracia e de luta pela efetivação do projeto político da profissão.

Battini (2003, p.17) destacou que:

O exercício permanente da pesquisa, impulsionado pela atitude investigativa, como expressão do inconformismo, da crítica reiterada à realidade, do questionamento rico e vivo sobre os fatos, cria possibilidades de novas explicações permitindo ir além do limite do dado.

Ficou demonstrado que os sujeitos utilizam a pesquisa sob esta ótica e **reconhecem a riqueza existente nas expressões vividas e trabalhadas no cotidiano** da sua prática profissional, posicionamento evidenciado nos seguintes relatos:

No cotidiano, para o uso da pesquisa, você tem que ter flexibilidade, abertura, porque não dá pra você parar de repente e fazer aquela pesquisa. Mas acho que a gente tem que aproveitar os dados, porque às vezes, as

peças, parece que tratam a pesquisa como uma coisa fora, então agora eu vou fazer uma pesquisa. Eu falo dessa pesquisa no cotidiano, de estar vendo esses dados que temos, que trabalhamos, dados sócio-histórico familiar. Creio que a gente tem que aproveitar esses dados do cotidiano, observar a realidade, tendo é esse *feeling* de organizá-los. No cotidiano, devemos estar abertas a tudo, a ter um olhar de observador, fazer pesquisa, de perguntar, de coletar dados que me orientam e balizam as alternativas para meu trabalho profissional. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Então eu penso que a pesquisa é algo extremamente importante para nossa prática profissional e ela se efetiva todos os dias dentro dos instrumentais que o Serviço Social tem e usa no dia a dia, na sua prática, no contato com nossos usuários, nas nossas avaliações. Porque é o começo meio e fim, é planejamento, execução, monitoramento e avaliação. Então é o tempo todo, a gente passando por esse processo. O uso da pesquisa é facilitado pela abundância de dados disponíveis para a coleta de dados na nossa própria prática profissional. (Sujeito 49, sociojurídico, 32 anos)

Facilita o contato direto com a população; temos acesso direto a ela cotidianamente. (Sujeito 44, assistência social, 6 anos)

O cotidiano é uma fonte reveladora, já que é nele que se constrói a relação do assistente social/pesquisador, por isso é preciso ser problematizado e sistematizado, para assim se dar conta da complexidade da realidade social. Assim sendo,

Para as profissões sociais, e para o Serviço Social especialmente, esta é uma característica de maior importância, sobretudo se consideramos que somos profissionais que chegamos o mais próximo possível do cenário da vida cotidiana das pessoas com as quais trabalhamos. O que para muitas profissões é relato, para nós é vivência, o que para muitos profissionais é informação para nós são fatos, plenos de vida, saturados de história. E isto é inteiramente crucial, reforçando a concepção de que as profissões são configurações eminentemente dinâmicas, sociais, históricas, concretas que se reproduzem (MARTINELLI, 1997, p. 22).

Apoiada no referencial de Martinelli, Bourguignon (2008, p. 22) ampliou o entendimento ao dizer que:

Entendemos que, na trajetória histórica da profissão a atitude investigativa se faz presente sendo constitutiva e constituinte da prática profissional. Constitutiva porque a prática profissional está fundamentada na relação

dinâmica teoria/prática, fazendo parte da natureza da profissão buscar compreender criticamente os fenômenos sociais para fundamentar sua intervenção. Constituinte porque inegavelmente, os avanços observados na esfera da produção de conhecimento, da prática no âmbito das políticas públicas e da formação profissional mobilizam a reconstrução crítica da própria natureza profissional. Neste processo a profissão sofre determinações estruturais que, contraditoriamente, tanto desafiam, como por vezes, lhe criam barreiras, impedindo que na sua singularidade da prática profissional, muitos profissionais ainda não percebem a vinculação orgânica entre intervenção/investigação.

Entende-se que, no Serviço Social, o conhecimento tem múltiplas formas, alicerçadas no projeto ético-político, de ser concebido e exercitado: ele é produto de um processo metodologicamente construído com base na pesquisa, na realidade onde se efetiva sua prática social, ultrapassando o imediato, mas, se processa pela mediação do raciocínio lógico e da consciência sobre o objeto em estudo, mesmo quando o profissional desenvolve uma prática que aparentemente é interventiva. Trata-se, pois, de uma experiência social, adquirida num momento histórico, sendo importante resgatar a capacidade criadora existente no Serviço Social e valorizar seus esforços como construtor de um saber que tem sua particularidade.

Para Setúbal (1995, p. 31) duas vertentes se refletem no entendimento da pesquisa em Serviço Social: ,

[...] entre os diferentes entendimentos de conhecimento que perpassam o modo de ser e de se constituir do Serviço Social, duas vertentes nos parecem fundamentais, pois refletem diretamente no entendimento da pesquisa: uma que atribui ao conhecimento valor apenas instrumental, generalista e útil ao desenvolvimento de uma prática considerada eficaz e outra que coloca o conhecimento no patamar constituído pelas diferentes formas de ação e percepção do Serviço Social no seu constituir-se histórico. A visão instrumental parte do princípio de que o conhecimento origina-se e sustenta-se na própria prática profissional com o auxílio de teorias generalizadoras que viabilizam certa compreensão do objeto para intervenção imediata, Tal conhecimento nos conduz a uma percepção empirista, compreensão distanciada e conseqüentemente insuficiente do objeto na sua manifestação abstratamente elaborada. A segunda vertente defende o conhecimento como produto dialético que apreende, em um só momento, a forma de se expressar do Serviço Social, num determinado tempo e espaço, bem como alternativas viáveis de intervenção. Não é um conhecimento apriorístico, sensível, mas organiza-se a partir da correlação de forças políticas e ideológicas contidas nas relações sociais.

As respostas obtidas junto aos sujeitos desta pesquisa, demonstraram que, a contextualização da pesquisa na sua prática profissional cotidiana está estreitamente ligada à trama institucional, com vistas ao atendimento das demandas; estas se transformam e se movimentam socialmente, ao longo do tempo. Os sujeitos relataram que a pesquisa possui relevância às suas finalidades, com vistas a qualificar uma prática social concreta, que se apresenta para o profissional como um desafio, e comprova a intencionalidade e comprometimento profissional, uma vez que está ligada à “significância real”²⁵ do ato de pesquisar.

Os sujeitos apontaram ainda, que entendem que a pesquisa deve ser utilizada não só no sentido da instrumentalização, mas construída pela **mediação**, com vistas a oportunizar alternativas de intervenção e de apreensão não só do contexto, mas das configurações do capitalismo contemporâneo, de forma a propor transformações históricas e políticas, conforme pode ser comprovado com os depoimentos que se seguem, expressos no grupo focal:

Eu acredito, assim, que devemos pensar na pesquisa enquanto dia a dia e se pautar naquela pesquisa estatística ou qualitativa, que você pega lá um determinado indicador, que você levanta e você trabalha em cima dele, não utilizando apenas como um levantamento de dados no nosso dia a dia, mas estabelecendo um diálogo com o que foi falado pelos nossos usuários, o que está escrito num determinado documento. (Sujeito 52, organizacional, 6 anos)

Cabe ao profissional competente fazer pesquisa aplicada ao seu cotidiano, juntando os dados, que é o diferencial, que é realmente você garantir um atendimento de qualidade que atenda as reais necessidades; não fazer por fazer, não atender simplesmente o que eu acho que é bom, mas, sim o que é realmente. Eu acho, é o nosso ganho, a gente precisa despertar, os dados estão lá, depende de como que eu vou utilizar... Esses dados, sem análise, servem só para burocracia; é preciso analisar o dado para planejar ações e as intervenções que vai fazer. (Sujeito 59, assistência social, 6 anos)

Na ótica de Pontes (1997, p. 172),

²⁵ Setubal (1995, p. 41) coloca que se trata de pesquisa que se efetiva a partir de características concretas.

Os sistemas de mediação que articulam o ser da profissão na dinâmica social vão se estruturando histórica e processualmente. Ficam submersos na imediatividade da forma de aparecer da profissão na sociedade, e particularmente nas instituições. Em face disto, se se deseja uma real aproximação ao conhecimento do objeto de intervenção da profissão, necessário se faz empreender uma verdadeira caça às mediações que se articulam na intimidade do tecido sócio-institucional. Sem a apreensão dos sistemas de mediações, torna-se impossível uma melhor definição teórico-metodológica para o fazer profissional, que pode, neste caso, descambar para ações que necessariamente se restringirão aos limites da demanda institucional.

Entende-se que ficou demonstrado o esforço dos profissionais em utilizar a pesquisa. Neste processo, acabaram revendo e reconstruindo o cotidiano de trabalho, que é desgastante, que exige maleabilidade e maturidade profissional para que a força de trabalho não se efetive somente em tarefas, mas em uma prática social, numa perspectiva histórica e política.

A pesquisa como processo investigativo é determinante na prática profissional, pois por seu intermédio é possível decifrar as demandas reprimidas, diluídas em situações particulares, com as quais o profissional lida cotidianamente, e oportunizam a compreensão da situação numa perspectiva de totalidade, aglutinando forças que se expressam coletivamente, numa dimensão emancipatória.

O profissional tanto pode reduzir-se a um mero agente burocrático, prestando serviços na instituição, como também pode ampliar alternativas em defesa da cidadania. A força do trabalho tem seus limites e suas compensações expressos por meio de uma garantia social definida pela força do direito, que precisa ser exigido para não ser recuado. Isso implica ação consistente dos sujeitos, historicamente constituídos na representação de si mesmos e dos outros (FALEIROS, 1997, p. 137)

Setubal (1995, p. 41) dá sua contribuição ao dizer que:

À medida que o Serviço Social fica vigilante às demandas sociais de hoje, já que não são as mesmas de ontem, transforma o seu modo de ser e aparecer, não numa ladainha justificadora – que em movimentos circulares só consegue reafirmar os feitos e os idos de sistemas sociais anteriores, e que por isso nunca rompem com as situações conservadoras – mas sim num conhecimento resultante e subsidiário da sua existência, para dessa forma avançar em passos largos com a sociedade. E então, sem a magia do método científico, sem a volúpia geralmente provocada pela segurança proveniente da certeza da aprovação do que já foi dito e elaborado, mas, numa postura de vanguarda, que só se vê fazendo, se construindo num ato

criador constante e desafiador da sua própria razão de ser inacabado, é que a pesquisa tem a sua lógica temporal desvendada.

Tendo em vista que o conhecimento é algo sempre inacabado e que a pesquisa viabiliza o conhecimento legitimado dentro de sua provisoriedade temporal, indagou-se aos sujeitos sobre a **frequência com que utilizavam a pesquisa** em sua prática profissional. Constatou-se que 35,90% a utilizavam continuamente; 25,64% o faziam sempre que necessário; 15,38% a utilizavam diariamente; 10,26% anualmente; 5,13% trimestralmente/semestralmente e 7,69% faziam uso dela mensalmente (Figura 30).

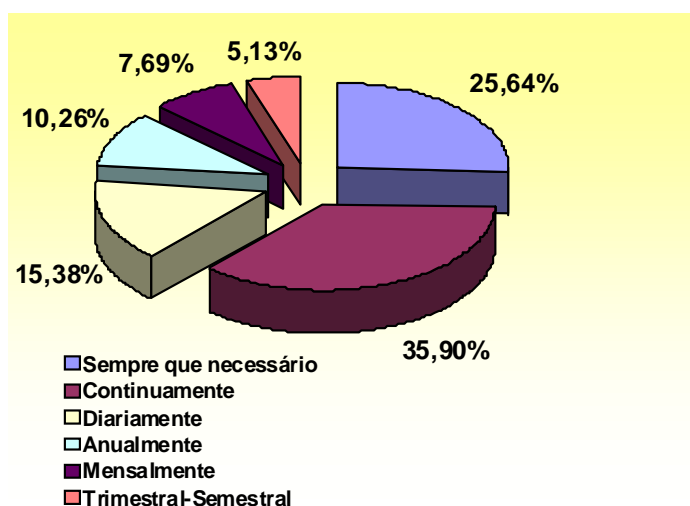


Figura 30 – Distribuição dos sujeitos, de acordo com a frequência com que utilizam a pesquisa

Pôde-se constatar que os sujeitos que utilizam a pesquisa na prática profissional (76,92%) a concebem numa perspectiva de vinculação entre a investigação e a intervenção – se somados os que responderam continuamente (35,90%), diariamente (15,38%) e sempre que necessário (25,64%). Para complementação desta análise e ampliação da compreensão dos dados objetivos, apresenta-se, a seguir, as respostas dos sujeitos nos seus depoimentos:

Utilizo a pesquisa no meu trabalho cotidiano [...] e a uso continuamente. (Sujeito 1, assistência social, 12 anos)

A pesquisa é utilizada no diagnóstico e na avaliação da realidade. Realizo a pesquisa anualmente e nas abordagens, diariamente. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

A frequência de utilização é variável. A utilizo para implantar um projeto novo e para apresentar resultados em congressos. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Utilizo em todas as ações profissionais e assim, a utilizo diariamente. (Sujeito 11, assistência social, 3 anos)

Utilizo a pesquisa diariamente, na abertura de cadastros para avaliar o perfil dos usuários e pautar nossas ações profissionais. (Sujeito 18, assistência social, 3 anos)

Utilizo a pesquisa para implantação e ampliação de programas e serviços e para a avaliação das ações realizadas, fazendo-as anualmente. (Sujeito 22, assistência social, 20 anos)

Utilizo a pesquisa tanto para o atendimento dos usuários como na orientação da estagiária e assim, uso toda vez que é necessário. (Sujeito 25, organizacional, 1 ano)

Utilizo para avaliação e monitoramento de projetos, para levantamento do perfil dos usuários e avaliação do clima organizacional, fazendo-a sempre de acordo com a necessidade. (Sujeito 31, organizacional, 2 anos)

Utilizo na avaliação das ações junto aos usuários, junto aos colaboradores e na avaliação dos serviços prestados e para o levantamento de demandas e propostas. Realizo pesquisas mensalmente. (Sujeito 52, organizacional, 6 anos)

De acordo com Setubal (1995), a pesquisa deve ser vista como um processo vivo, capaz de possibilitar a apreensão de variadas determinações; nunca deve ser vista como produto acabado, mas infinitamente em transformação, impulsionada por movimentos dialéticos pertinentes da história e, portanto, tendo como condicionador o tempo. Daí se justifica o conhecimento dogmático ter perdido adeptos, já que o pesquisador sente a necessidade de aprofundar conhecimentos anteriores e de elaborar novos conhecimentos.

A situação encontrada reforça o que já foi colocado e ressaltado, ancorado na mesma autora e obra, que pontua que o conhecimento pode ser reconhecido e exercitado de duas formas: o que pode ser analisado na pesquisa empírica, onde a maioria pode efetivar o processo de pesquisa na prática cotidiana

através da mediação, como pode denotar também que a concebem numa perspectiva de instrumentalização do trabalho profissional.

Ressalte-se que as informações obtidas pela presente pesquisa são insuficientes para afirmar categoricamente a forma como os sujeitos reconhecem e constroem o processo de conhecimento, já que essa questão não foi aprofundada junto a eles em virtude dos objetivos traçados para este estudo. Para tal, seria necessário ter levantado junto aos participantes outros indicadores, como periodicidade, tempo de duração da pesquisa, forma de sistematização e organização.

Com relação à **perspectiva de pesquisa** que utilizam no trabalho profissional, qualitativa ou quantitativa, os sujeitos apontaram, na sua maioria (82,05%), que utilizavam a pesquisa nas duas abordagens, de forma concomitante. Apenas 2,57% utilizavam tão somente a quantitativa e 15,38%, de forma exclusiva, a qualitativa (Figura 31). Com vistas a ampliar o entendimento de suas opções, foi solicitado ainda aos sujeitos que justificassem sua opção metodológica e os resultados encontrados estão expostos a seguir (Figura 32).

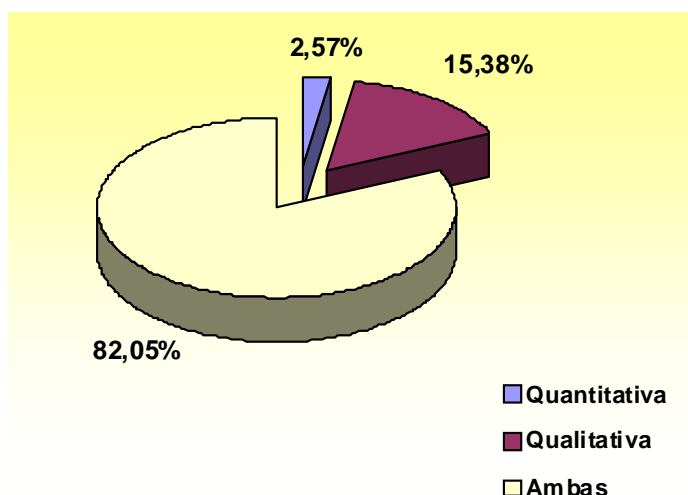


Figura 31 – Tipo de pesquisa utilizada na prática profissional

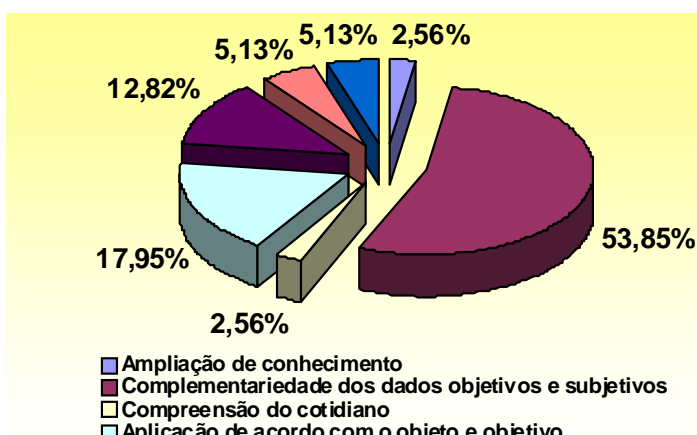


Figura 32 – Justificativas utilizadas para a opção metodológica utilizada

Para ampliação da compreensão acerca da opção metodológica, apresenta-se também os depoimentos dos sujeitos:

Utilizo ambas perspectivas. Entendo que essa interlocução se faz necessária. No agir profissional é preciso analisar os dados quantitativos e qualitativos para ter-se uma melhor compreensão da realidade e uma intervenção mais efetiva. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

Utilizo a pesquisa do tipo qualitativa, pela necessidade, na minha prática profissional, de compreender o cotidiano e a vivência da população, para intervir com qualidade. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Utilizo as pesquisas qualitativas e quantitativas, onde a opção se faz de acordo com o objeto de pesquisa. (Sujeito 4, saúde, 21 anos)

Utilizo a quantitativa e a qualitativa. Para conhecer e coletar dados quantitativos para estatísticas de atendimento, número de demandas para serviços e programas e número de usuários atendidos e ainda realizo uma avaliação qualitativa, buscando o significado subjetivo destas questões. (Sujeito 44, assistência social, 6 anos)

Utilizo ambas, pois nos proporciona tanto a objetividade como a subjetividade que está presente na realidade social. (Sujeito 45, assistência social, 1 mês)

Entendo que a pesquisa quanti-qualitativa possibilita o ganho de conhecimento, através do aprofundamento e da possibilidade de se quantificar os dados e situações que geram mudanças qualitativas e assim, a transformação. (Sujeito 63, saúde, 26 anos)

Em todas as pesquisas há a exigência de metodologia e assim, do método, já que estão imbricados. O método é o caminho central da pesquisa, é um modo de apreensão do real, que tem por base uma concepção de mundo, na qual o pesquisador se apóia para investigar determinada realidade/fenômeno.

O Serviço Social, na sua trajetória de produção de conhecimentos, se apropriou de três principais perspectivas: positivismo, fenomenologia e materialismo dialético (LARA, 2007).

Segundo Lara (2007), o positivismo valorizava a observação e o interesse pela natureza, a relevância da probabilidade e da dedução, a matematização da natureza, a noção de experiência, causalidade e previsibilidade. Mas, seu triunfo se deu com a utilização de uma lógica hipotético-dedutiva e uma metodologia de experimentação de hipóteses, validada por processos dedutivos matemáticos. Sua difusão nos meios científicos foi tão grande que perdurou como o único paradigma aceitável nos meios acadêmicos e foi assim estendido à análise da sociedade, buscando trazer explicação para os fatos à semelhança das ciências da natureza.

Em suma, esse paradigma tem como postulado a existência de objetos fora da consciência e independente dela. O resumo desses objetos constitui a natureza ou o mundo exterior que existe em si e se impõe como uma evidência que reconhece a supremacia do mundo objetivo. O sujeito (consciência) é um receptáculo que recolhe as impressões gravadas pela natureza exterior.

No início do século, as controvérsias metodológicas [...] sobre as ciências humanas, a crítica ao naturalismo que adotava modelos explicativos das ciências da natureza para as ciências do homem, as insuficiências metodológicas insuperáveis do naturalismo, adensaram as críticas e orientaram novos caminhos de compreensão das ciências humanas e sociais. [...]

Mas foi Husserl (1859-1938) quem se interessou em dar um estatuto de rigor para as ciências humanas [...]. Para isto, Husserl propõe um caminho que ultrapasse as aparências imediatas das coisas e alcance os fenômenos, a essência das coisas em sua manifestação. A ciência das essências repousa na intuição de que “toda consciência é consciência de alguma coisa” e visa um objeto que não é ela e que não pode estar contido nela. Por esta operação, o sujeito se torna consciente desse ato pelo qual dá uma significação ao objeto (CHIZZOTTI, 1998, p. 14-15).

Assim, por apresentar limitações e ser insuficiente para a construção de conhecimentos nas ciências humanas e sociais, emerge o método da fenomenologia, apresentado por Husserl, que está na base das teorias existencialistas, que revelam a superioridade do vivido.

O Serviço Social, desde o Movimento da Reconceituação, vem fundamentando suas pesquisas na Teoria Social Crítica, de Marx. A concepção dialética é uma oposição à abordagem positivista, já que procura investigar a conexão íntima do movimento do real.

Marx (2002, p.21) afirmou que:

A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, fica espelhada, no plano real, a vida da realidade pesquisada.

Nessa abordagem, o conhecimento é sempre um processo de reconstrução da realidade concreta, que tem por referência um determinado objeto. Esse processo se realiza mentalmente, por aproximações às múltiplas determinações e relações e na processualidade histórica do objeto, pois tem por objetivo apreendê-lo na sua totalidade, sem a pretensão de esgotar sua complexidade e dinamicidade. Para essa apreensão, são referências fundamentais a totalidade, historicidade e mediação. A contradição é o princípio básico da lógica dialética e está presente tanto na realidade como no pensamento.

Kosik (1976, p.36-37) ampliou a compreensão do método dialético, afirmando que:

Para que o pensamento possa progredir do abstrato ao concreto, tem de mover-se no seu próprio elemento, isto é, no plano abstrato, que é a negação da imediatez, da evidência e da concreticidade sensível. A ascensão do abstrato ao concreto é um movimento para o qual todo início é abstrato e cuja dialética consiste na superação desta abstratividade. O progresso da abstratividade à concreticidade é, por conseguinte, em geral, movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno, da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto. O processo do abstrato ao concreto, como método materialista do conhecimento da realidade, é a dialética da totalidade concreta, na qual se reproduz idealmente a realidade em todos os seus planos e dimensões.

Chizzotti (1998, p. 52) afirmou que as pesquisas têm sido caracterizadas pelo tipo de dados coletados e pela análise que se faz deles, podendo ser:

- quantitativas: prevêm a mensuração de variáveis preestabelecidas, procurando verificar e explicar sua influência sobre outras variáveis, mediante a análise da frequência de incidências e de correlações estatísticas, O pesquisador prescreve e prediz;
- qualitativas: fundamentam-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta.

Baptista (1999, p. 32) ampliou o conhecimento acerca da metodologia quantitativa, dizendo que:

A pesquisa quantitativa dominou as investigações em ciências humanas e sociais, até por volta da década de 70, sustentada pelo positivismo, “é baseada em observações empíricas para explicitar fatos e fazer previsões” [...] analisa a realidade e o processo de conhecimento com o uso de técnicas que buscam a objetividade através de uma lógica formal com neutralidade no processo de investigação; a realidade é exterior ao indivíduo e a apreensão dos fenômenos é feita de forma fragmentada [...]

A metodologia da experimentação busca a veracidade ou falsidade de hipóteses, validadas por processos dedutivos matemáticos tipo causa e efeito. Os resultados são expressos em números, intensidade e ordenação; a realidade é exterior ao sujeito, com interdependência entre sujeito e objeto; as relações são lineares, ou seja, o processo é unilateral entre pesquisa e pesquisador. Buscam-se o consenso, conhecimentos operacionais e índices quantitativos [...]

A coleta de dados é acumulativa e linear e a frequência de incidências é controlada e mensurada, e a análise é feita mediante correlações estatísticas.

A investigação quantitativa é uma estratégia de investigação que conceitualmente delimita propriedades de seus sujeitos de estudo, com o fim de associar números a suas magnitudes, graus ou tipos em que estes as possuem e que utiliza procedimentos estatísticos para resumir, manipular e associar esses números. Medir, nessa metodologia, é associar números às propriedades do objeto de estudo. Utilizam-se números porque “estes possuem uma série de propriedades que fazem mais fácil o alcance dos objetivos de certas investigações” (CÉRON, 2006, p. 31, 38-39).

“A história da metodologia qualitativa é recente e mistura-se com a criação das ciências do homem em contraponto às ciências da natureza” (LEHFELD, 2004, p. 17), tendo em vista que não davam conta da compreensão da realidade humana e

que necessitavam de estudo na dinâmica histórica. É utilizada no Serviço Social por se aproximar muito aos pressupostos da profissão, como “concepção do sujeito, a questão da identidade, os modos de vida, as experiências sociais e culturais, as representações sociais e a diversidade de formas de práticas sociais e políticas dos grupos sociais e da sociedade em geral” (LEHFELD, 2004, p. 20).

Martinelli (1999c, p. 22-23) destacou que os pressupostos que dão fundamento à pesquisa qualitativa são: “o reconhecimento da singularidade do sujeito, reconhecimento da peculiaridade da experiência do sujeito e o reconhecimento da importância em conhecer o modo de vida do sujeito, a experiência social cotidiana”. Apontou ainda que são requisitos importantes para a abordagem qualitativa: “realizar pesquisa através da prática, falar a partir do lugar da experiência, trabalhar a partir de uma proximidade crítica com os sujeitos; ter sempre no horizonte o valor social da pesquisa, seu retorno ao campo de intervenção e aos sujeitos (MARTINELLI, 2005a, p.120-121).

Os resultados desta pesquisa empírica mostraram que os pesquisados utilizam de forma conjunta as metodologias quantitativas e qualitativas, complementarmente. De acordo com Minayo (1994), o conjunto de dados quantitativos e qualitativos excluem qualquer dicotomia, já que a realidade abrangida interage de forma dinâmica.

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e de relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p. 22).

A complexidade da realidade social muitas vezes requer o tratamento quantitativo e qualitativo e, nesse sentido, é necessário “perceber com clareza e afirmar com convicção que a relação entre a pesquisa quantitativa e qualitativa não é de oposição, mas de complementaridade e de articulação” (MARTINELLI, 1999c, p. 27).

Com relação à opção metodológica, tem sido recorrente o uso da metodologia qualitativa, justificando-se que a metodologia quantitativa não é usada

muitas vezes pela falta de domínio e habilidade dos profissionais em lidar com dados estatísticos.

Lehfeld (2004, p. 23) destacou que é preciso

[...] reconhecer que se trata de um desafio pois a pesquisa qualitativa é bem mais difícil e mais complexa de ser realizada que a pesquisa quantitativa. [...] Não se pode fugir da formalização da pesquisa qualitativa apesar de se colocar a realidade acima do método. O embasamento histórico-filosófico e teórico-metodológico são os sustentadores desses estudos.

Cabe ressaltar que a utilização das duas abordagens foi a opção metodológica na construção desta tese, pelo seu sentido de complementaridade, razão pela qual muitas pontuações já foram realizadas no item 2.4 do Capítulo 1.

Com relação aos **instrumentos de coleta de dados da pesquisa**, Fontana (2009) ressaltou que, para a construção de uma pesquisa científica, é necessário que, entre outras preocupações, o pesquisador tenha atenção com a seleção de instrumentos que vai utilizar para coletar e levantar os dados da realidade social que serão posteriormente analisados, visto que sua escolha está diretamente relacionada ao objeto de estudo. Assim, para fazer a apreensão de um objeto de estudo, o investigador deve apoiar-se em meios e instrumentos de pesquisa.

Para Chizzotti (1998, p. 51),

A definição da técnica e a elaboração do instrumento mais adequados à pesquisa não são arbitrárias. Estão conexas com as hipóteses que se quer comprovar, com os pressupostos que são assumidos e com a análise que se fará do material coligido. As técnicas e os instrumentos decorrem, pois, de decisões que são tomadas no início da pesquisa, com a formulação do problema a ser investigado.

O pesquisador deve debruçar-se no objeto de estudo e apoiar-se em meios e instrumentos que propiciem a concretização do seu ato de investigação, de forma que o resultado seja um conhecimento científico. Com relação aos instrumentos de pesquisa, Pinto (1979, p. 463) enfatizou que todo instrumento material retrata uma idéia objetivada, materializada, pela qual o pesquisador busca apreender as diversas dimensões da realidade, em processo de conhecimento. Amplia ainda mais sua reflexão, ao dizer que :

[...] Todo aparelho científico é na verdade, um momento do processo histórico do conhecimento, tal como as idéias que conduziram a construí-lo e aquelas que seu emprego fará surgir. Só nesta perspectiva o cientista exercerá uma atividade não apenas fecunda, no sentido banal da expressão, pelo fato de aplicar bem a aparelhagem possuída, mas ainda criadora, pois, do uso dela terá um resulta do inventivo (PINTO, 1979, p. 468)

Quando realiza uma investigação, o pesquisador raramente utiliza apenas um único instrumento de coleta de dados, mas todos que forem necessários e apropriados para o contexto de sua pesquisa. Na maioria das vezes, há uma combinação de dois ou mais instrumentos, que são usados concomitantemente. Cabe ser ressaltado que, na etapa do planejamento, a escolha dos instrumentos é uma tarefa árdua e fundamental, pois é trata-se da efetiva concretização da coleta de dados.

Minayo (1994, p. 16) fez uma forte reflexão sobre a questão, colocando que “o endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis”.

Os instrumentos de coleta de dados mais utilizados nas pesquisas sociais, e assim nas pesquisas em Serviço Social, de acordo com vários autores são: a observação, a entrevista, o formulário, o questionário, o depoimento pessoal, a história de vida, o grupo focal e a análise documental (LEHFELD; BARROS, 1990; GIL, 1991; CHIZZOTTI, 1998). A escolha dos instrumentos deve estar ligada à opção metodológica da pesquisa: quantitativa, qualitativa e, quando se utiliza ambas, numa perspectiva de complementaridade.

Os sujeitos que revelaram fazer uso da pesquisa na prática profissional, delinearam os tipos de instrumentos que utilizavam em suas investigações, apontando mais de um instrumento, apresentados na Figura 33.

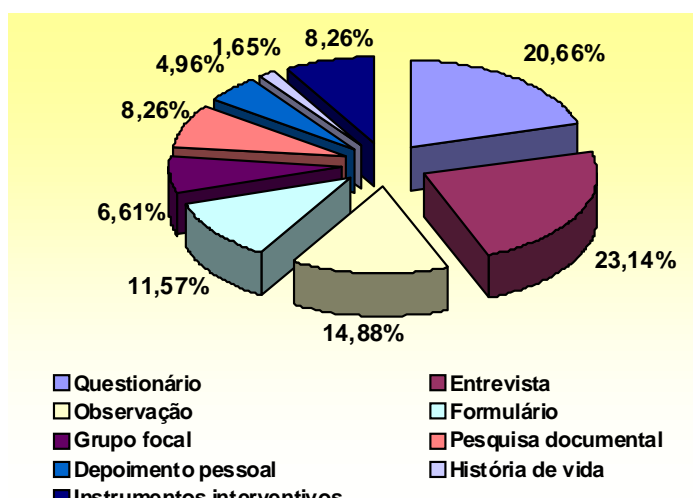


Figura 33 – Instrumentos de pesquisa mais utilizados pelos sujeitos

Os instrumentos que tiveram maior incidência foram respectivamente: a entrevista (23,14 %), o questionário (20,66%), a observação (14,88%), o formulário (11,57%), a pesquisa documental (8,26%), o grupo focal (6,61%), o depoimento pessoal (4,86) e a história de vida (1,65%). É preciso ressaltar que 8,26% das respostas dadas não são instrumentos de pesquisa científica, mas instrumentos interventivos do Serviço Social, como: a visita domiciliar, encaminhamento, diálogo, relatório e reunião.

Ficou demonstrado assim que a ação investigativa possui uma vinculação com a ação interventiva, o que chega a causar relativa confusão nos profissionais na sua operatividade, já que ambos (pesquisa e intervenção) ocorrem no processo de trabalho.

O profissional, para utilizar a pesquisa, precisa dominar o conjunto de instrumentais inerentes a ela e, mais que isso, utilizar habilidades para reconstruir instrumentos de investigação e não simplesmente reproduzir o que está descrito nos manuais de pesquisa.

As pesquisas em Serviço Social, na sua grande maioria, geram conhecimentos sobre a constituição do processo de trabalho e sobre os sujeitos com os quais se trabalha, uma conexão inseparável, mas que deve ser efetivada com discernimento de valores e de procedimentos para alcançar o rigor científico e metodológico necessário, por diversas razões: seus objetivos, embora não divergentes, são distintos, uma vez que, na ação investigativa, o processo de mediação se faz no intuito de conhecimento; e, na ação interventiva, o foco é o enfretamento e a superação, calcado no delineamento das estratégias advindas desse movimento criador do pesquisador.

Prates (2004, p. 132) destacou que

[...] a pesquisa é um importante instrumento de intervenção social, não só porque propicia a obtenção de dados sobre a realidade e desoculta relações, contradições, mascaramentos, mas também porque é um espaço para o desenvolvimento de processos sociais, pois sujeitos se capacitam, se organizam, se mobilizam ao longo do processo, se o processo é valorizado enquanto tal.

No processo investigativo, a ação profissional do assistente social, além de buscar o deciframento da essência dos fenômenos, vendo-o em movimento, se preocupa também em “buscar alternativas concretas de transformação para provocar o que Marx (1989) chamou de pequenas convulsões revolucionárias” (PRATES, 2004, p. 132).

O assistente social trabalha com interesses e com relações que possuem determinações sociais, históricas, econômicas, políticas e culturais dentro de uma sociedade capitalista que cria, organiza e regula, de acordo com seus interesses de mercado. Assim, na sua intervenção profissional, existe a necessidade de utilizar a pesquisa para resgatar e conhecer a vida dos cidadãos, articular as relações e necessidades pessoais, sociais, culturais e políticas. Nesse aspecto, o profissional está se valendo da instrumentalidade²⁶, dando intencionalidade às atividades que realiza.

O assistente social trabalha com as expressões da questão social – ligadas à capacidade de mobilização e participação das classes sociais –, buscando justiça e igualdade. Para isso, necessita ter criticidade, capacidade de reflexão e análise, a fim de perceber as transformações societárias e decifrar e delinear alternativas e possibilidades no atendimento concreto de seus usuários.

Para Guerra (1995, p.198):

[...] uma reflexão mais acurada sobre o termo instrumentalidade nos faria perceber que o sufixo “idade” tem a ver com capacidade, qualidade ou propriedade de algo. Com isso, infere-se que falar de instrumentalidade do Serviço Social remete a uma determinada capacidade ou propriedade que a

²⁶ Instrumentalidade: a categoria instrumentalidade é configurada no seu aspecto mais amplo e geral, como uma condição do processo de trabalho, como uma atividade pré-idealizada e direcionada para o alcance de finalidades, na ordem burguesa passa a ser uma mediação na relação entre os homens (GUERRA, 1995, p.23).

profissão adquire na sua trajetória sócio-histórica, como resultado do confronto entre teleologias e casualidades. Estamos, pois, nos referindo às propriedades e às capacidades sócio-históricas que a profissão vai adquirindo no confronto entre as condições objetivas e as posições teleologias de seus agentes profissionais e dos agentes sociais que demandam o exercício profissional, entre as respostas profissionais e as demandas colocadas à profissão, as quais atribuem-lhe determinados significados e reconhecimento social, que precisam ser compreendidos.

Nessa perspectiva, caminha-se para o fazer, que é a efetivação da prática social – e é importante ressaltar que toda prática social é teórica, educativa e política. É teórica, ou seja, traz consigo: “articulação de saberes, [...] não existe prática desarticuladora de saberes [...] o que acumulamos na vivência com os sujeitos usuários das instituições é extremamente valioso” (MARTINELLI, 1995, p. 147). Neste sentido, como já dito anteriormente, a teoria (saber) alimenta a prática e vice-versa; uma inexistente sem a outra.

Na aproximação com as categorias *educativa* e *política* vem a resposta da categoria *poder*, visualizando-se o espaço ocupado e o alcance que as práticas sociais podem e devem ter.

A prática verdadeiramente educativa é aquela que oferece a possibilidade de trabalhar com os sujeitos e que constrói a história. Como foi destacado por Martinelli (1996), em palestra na Universidade do Piauí:

Temos todo um potencial de trabalho como educadores, como veiculadores privilegiados de informação. Somos educadores no sentido pleno do termo, trabalhamos com a consciência, com a linguagem [...]. Se cada pessoa que passar por nossa sala, por nossa prática, por nossa vida, nós poderemos sensibilizar para essa possibilidade de se instruir como sujeito político nos marcos dessa sociedade, estaremos, com certeza, trazendo uma grande contribuição.

Martinelli (1996) ressaltou ainda, que é preciso dialogar com a categoria da política pública no Brasil – que não é uma política para todos, mas só para os pobres. Ser atendido por uma instituição pública significa fracasso; é assim, uma cidadania invertida, pela não universalização dos direitos. É preciso, pois, com urgência, aderir a uma nova leitura a respeito da cidadania e dos direitos e com o poder, que

não pode ser pensado como uma realidade que está distante de nós que jamais podemos chegar a alcançá-la. Se assim o vemos, perderemos o espírito de luta, e Manfredo na reflexão realizada nos estimula quando coloca que: o homem se faz homem na medida em que desce de sua distância para o mundo finito e contingente de alternativas através da construção de uma forma específica de vinculação com o mundo das coisas e com o mundo humano, ou seja, o homem se faz homem na História (MARTINELLI, 1996, p. 189).

Fica claro que, para a apreensão da vida social, é necessário ter uma ótica de totalidade, que desvende o conjunto de determinações que tecem a malha social (política, social, histórica, econômica e cultural) e que estão presentes até mesmo numa solicitação do plantão social. Essas determinações se articulam e se movimentam, o que torna importante ir além do objetivo aparente, na busca do invisível, do significado. Através da prática, é possível objetivar o subjetivo (sentimentos, emoções, crenças, valores, representações), tão significativo para a singularidade, que é imprescindível para a construção do coletivo.

Martinelli (1996) essa questão é tão relevante, que declarou enfaticamente:

A minha maior esperança, o meu maior compromisso político, é fazer com que cada assistente social desse país compreenda que tem uma prática que se consolida no cenário da vida privada dessas pessoas. É uma prática que se faz no cenário público, mas que chega à vida privada, abrindo-se, portanto, grandes possibilidades para uma prática educativa... é nessa vida cotidiana que podemos trabalhar no sentido educativo de revolucionar consciências e de sensibilizar o trabalhador para os engodos que o mercado de trabalho prepara para ele.

Na prática profissional, a mediação é indispensável, permeia o trinômio saber-fazer-poder. O profissional tem o saber, que o conduz a fazer, ou seja, lhe propicia condições para dar respostas às demandas, e assim emerge o poder, que nada mais é do que a possibilidade de fazer, de mudar, de transpor. Todos os elementos desse trinômio estão articulados entre si e sem possibilidade de separação.

O papel do assistente social na contemporaneidade é muito mais que de executor de políticas sociais. É preciso avançar, participar na implementação e gestão dessas políticas, para conseguir dar respostas a quem de direito, que é a população usuária, e é preciso fazê-lo com qualidade.

Para Yamamoto (1997, p. 32),

O novo perfil que se busca construir é de um profissional afinado com a análise dos processos sociais, tanto em suas dimensões macroscópicas quanto em suas manifestações quotidianas; um profissional criativo e inventivo, capaz de entender o tempo presente, os homens presentes, a vida presente e nelas atuar, contribuindo, também para moldar os rumos de sua história.

Por ser uma profissão interventiva e pela própria historicidade, o Serviço Social tem como desafio não se deixar levar pelo imediatismo, pela praticidade, ou seja, somente pelo saber do senso comum, que o leva a desenvolver práticas fragmentadas. O profissional, na contemporaneidade, tem que ter determinação reflexiva e, conseqüentemente, intencionalidade para buscar fundamentação teórico-metodológica, numa perspectiva de aproximação com a realidade nas suas múltiplas determinações, com propostas voltadas a projetos sociais e assim, com caráter político.

Para Yamamoto (1998, p. 22):

É de suma importância pesquisas e projetos que favoreçam o conhecimento do modo de vida e de trabalho e correspondentes expressões culturais dos segmentos populacionais atendidos, criando um acervo de dados sobre as expressões da questão social, nos diferentes espaços ocupacionais do assistente social. O conhecimento criterioso dos processos sociais e de sua vivência pelos indivíduos sociais poderá alimentar ações inovadoras, capazes de propiciar o atendimento a efetivas necessidades sociais dos segmentos subalternizados, alvos das instituições sociais. Esse conhecimento é pré-requisito para impulsionar a consciência crítica e uma cultura pública democrática, além das mistificações difundidas pela mídia. Isso requer, também, estratégias técnicas e políticas no campo da comunicação social – no emprego da linguagem escrita, oral e midiática –, para o desencadeamento de ações coletivas que viabilizem propostas profissionais além das demandas instituídas.

Nesse movimento consiste parte da complexidade do processo interventivo, como apontou Baptista (1992, p.17), ao afirmar que na prática profissional dos assistentes sociais

[...] as mediações entre a elaboração teórica e a intervenção, se dão de maneira complexa: os sujeitos se põem diante de problemas muito específicos, têm que responder a questões muito concretas, numa

sociedade extremamente diversificada. Neste espaço, o profissional não tem apenas que analisar o que acontece, mas tem que estabelecer uma crítica, tomar uma posição e decidir por uma determinada intervenção. (p. 20)
 [...] exprime não apenas a capacidade técnico-operativa de quem a realiza, mas também, e principalmente, sua posição existencial, política e ideológica face às relações da sociedade em que vive.

Faleiros (1993, p. 119), sobre essa questão, ressaltou que a base de uma prática crítica exige, por parte do profissional, uma postura crítica, mencionando que:

Pensar a sociedade como contraditória, conflituosa, não só na sua gênese, mas na sua dinâmica relacional do dia a dia, exige a ruptura do imediato que encanta e produz encantamento pela encenação e fetichismo das representações.

[...] é um processo da superação da contradição entre o agir e pensar, fazer e refazer, o enfrentar as contradições e forças em presença, trabalhando-se o objetivo e o subjetivo, a compreensão e a transformação das relações de força para mudar as condições de ação dessas forças, tornando-as mais favoráveis.

Constatou-se que 61,90% dos sujeitos pesquisados utilizavam a pesquisa no trabalho profissional. O levantamento dos **elementos facilitadores** para a efetivação do processo da pesquisa revelou que os respondentes utilizam a pesquisa na sua prática: pela eficácia dos resultados e o seu alcance no trabalho profissional (32,94%); pela facilidade de acesso aos sujeitos/pesquisados e o objeto de estudo, já que fazem parte do processo de trabalho (20,00%); pelo estímulo recebido pela instituição em que trabalham (17,65%); pelo domínio metodológico que possuem (7,06%); pelo interesse, disciplina e compromisso profissional (5,88%); pela formação profissional que consolidou as Diretrizes Curriculares propostas pela ABEPSS (5,88%); pela necessidade emergida pelo SUAS (4,71%); por propiciar planejamento para as ações (2,35%); e, por propiciar a práxis profissional (2,35 %).

Merece destaque que foram apontados como facilitadores, de forma mais categórica: elementos relacionadas ao alcance do processo de pesquisa (conhecimento da realidade, alterações das políticas públicas – SUAS –, planejamento de ações, participação e transformação social e a efetivação da práxis profissional), seguido pelos que estão diretamente relacionados às condições de trabalho do profissional (apoio da institucional, a facilidade de acesso ao objeto de

estudo), condições positivas da formação profissional focadas para o perfil de profissional pesquisador (domínio metodológico) e, de natureza interna, foi apontado o compromisso profissional e o domínio metodológico, como pode ser observado na Figura 34.

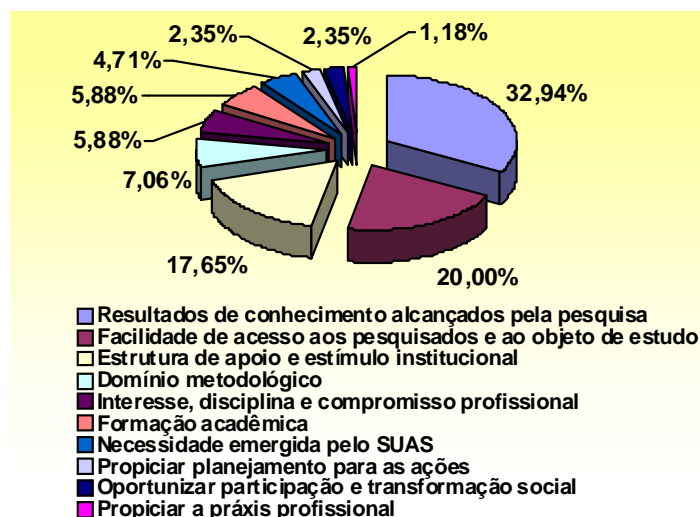


Figura 34 – Aspectos facilitadores para o uso da pesquisa

Os resultados dos depoimentos dos sujeitos apontaram e reforçaram os dados objetivos coletados, demonstrando que o que impulsiona o uso da pesquisa no trabalho do assistente social é a **necessidade que ele possui na sua prática profissional de acompanhar a dinâmica dos processos sociais**, para o domínio das particularidades da questão social e para acompanhar o movimento da sociedade, o que vislumbrado pelos sujeitos em seus depoimentos:

A realização da pesquisa viabiliza a apreensão das relações entre o usuário e a sociedade e assim, oportuniza ao profissional uma compreensão fidedigna da realidade. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

Atribuo minha postura de pesquisadora aos ensinamentos adquiridos na graduação e pela instituição me dar autonomia para o meu trabalho. (Sujeito 21, saúde, 8 anos)

O que tem facilitado o uso da pesquisa é a credibilidade que a equipe deposita na importância deste instrumental para a prática profissional. (Sujeito 60, assistência social, 2 anos)

A partir de múltiplas demandas e novos sujeitos é que se encontra o Serviço Social, já que a profissão se consolida como parte integrante do aparato estatal e de empresas privadas, tendo como matéria-prima de seu trabalho as questões sociais. O significado sócio-histórico e ideopolítico do Serviço Social está inserido no conjunto das práticas sociais acionado pelas classes e mediadas pelo Estado, em face das sequelas da questão social.

[...] encontra-se organicamente vinculada às configurações estruturais e conjunturais da questão social e às formas históricas de seu enfrentamento-que são permeadas pela ação dos trabalhadores, do capital e do Estado. (ABESS/CEDEPSS, 1996, p.154)

O Serviço Social, profissão conjuntural que acompanha e sofre implicações do movimento da sociedade, experimenta alterações significativas no exercício profissional e no mercado de trabalho, algo comprovado pelos sujeitos em seus depoimentos, ao afirmarem que **a implantação e implementação da Política Nacional da Assistência Social (PNAS)** vêm impulsionando a utilização da pesquisa na prática profissional.

Pode-se dizer que a Constituição de 1988 – que consagrou um avanço social para além dos direitos civis e políticos, inserindo os direitos sociais – ampliou a ingerência da sociedade civil organizada, no tocante à formulação, gestão e controle das políticas sociais, através de instâncias de participação, expandindo o espaço de intervenção para o assistente social. Essas alterações se fizeram presentes nas políticas públicas, especialmente na Política Nacional da Assistência Social, como apontado nos depoimentos dos sujeitos, apresentados a seguir:

Com a nova perspectiva de descentralização da Assistência Social através do C.R.A.S., a pesquisa vem sendo solicitada para levantar perfil da população e os serviços que necessitam, acredito que a pesquisa será ampliada na prática profissional. (Sujeito 11, assistência social, 3 anos)

Entendo que as exigências do S.U.A.S. venham facilitar a utilização da pesquisa, já que está na sua normatização e é muito relevante para a melhoria do trabalho a ser desenvolvido no sistema de proteção social, seja ele básico ou especial. (Sujeito 12, assistência social, 28 anos)

Coloco como facilitador e motivador para a utilização da pesquisa, a Política Nacional da Assistência Social através de sua normatização que são a intersectorialidade e a informatização. (Sujeito 22, assistência social, 20 anos)

A normatização da Política Nacional da Assistência Social que solicita do profissional uma maior proximidade com a população usuária, no sentido de acolher e trabalhar a vulnerabilidade, trouxe a necessidade de se efetivar mais investigação e pesquisas. (Sujeito 23, assistência social, 3 anos)

Eu acredito que as alterações das políticas, de modo geral, não só o SUAS, mas das políticas públicas em geral, pois as normativas e as legislações vêm exigindo a integração enquanto saúde, educação, assistência e para que isto ocorra na prática, precisa se ter conhecimento desta realidade, e com uma pesquisa tenho condições de conhecer os caminhos para articular, requisitar ou de acionar, me tornar militante no sentido do acesso a bens e serviços e à cidadania. Atribuo a postura de usar a pesquisa por ser uma das demandas de minha atuação, trabalho no C.R.A.S., onde se faz necessário o diagnóstico atualizado das áreas de vulnerabilidade e risco social, o que impulsiona o uso da pesquisa no desvelamento da realidade vivida pela população usuária. (Sujeito 52, organizacional, 6 anos)

Em 1993, com a regulamentação da LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social) e a responsabilização do Estado, a política da assistência social firmou-se no campo do direito e ganhou sua maioridade jurídica ao recusar-se realizar suas ações numa condição clientelista, assistencialista e tutelar, adquirindo estatuto de política pública. Isso, porém, trouxe muitos desafios: superação da cultura que norteia as ações do Estado e das entidades sem fins lucrativos que atuam na esfera da política pública; avançar no processo de avaliação da gestão da política, em suas diferentes instâncias; consolidar um processo de controle social, com efetiva participação da sociedade civil, nos conselhos paritários; assegurar financiamento adequado à complexidade das ações de enfrentamento à pobreza, pautando-se no desenvolvimento de ações de prevenção, de proteção e inclusão social; repensar as ações destinadas à família de baixa renda, apontando seu lugar no âmbito das políticas públicas.

Assim sendo, para um cenário novo, que necessita ser apreendido para a proposição de ações que dêem respostas coerentes às suas demandas. O lugar da família nas políticas públicas é uma questão que merece aprofundamento e está em debate no contexto da profissão. O Serviço Social, profissão conjuntural que

acompanha e sofre implicações do movimento da sociedade, sofre alterações significativas no exercício profissional e no mercado de trabalho.

Foi ainda elucidado de forma marcante pelos sujeitos, que **o domínio e o exercício metodológico impulsionado e subsidiado pela formação profissional** são facilitadores no processo de pesquisa, bem como o estímulo do contexto institucional e a facilidade de contato com a realidade social, já que estão presentes na prática profissional:

No nosso trabalho devemos nos valer da pesquisa porém, ressalto que muitas vezes a fazemos de forma empírica, sem planejamento, o que gera uma visão distorcida, onde perdemos o foco central. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

Atribuo a utilização que faço da pesquisa, na minha prática, aos ensinamentos adquiridos na graduação e pela comprovação da eficiência da prática da pesquisa no contexto profissional. (Sujeito 21, saúde, 8 anos)

O que facilita o uso da pesquisa na minha prática é a minha capacitação metodológica, que recebi na graduação. (Sujeito 31, organizacional, 2 anos)

Os elementos facilitadores da pesquisa na prática profissional são os conhecimentos e o domínio metodológico, advindo da formação profissional, que me propiciam facilidade no seu uso. (Sujeito 45, assistência social, 1 mês)

O que facilita o uso da pesquisa na minha prática é o acesso ao público, a competência teórico- metodológica que possuo e a capacidade crítica de ver a sociedade em movimento. (Sujeito 54, assistência social, 10 anos)

Foi ressaltado ainda pelos pesquisados, que a **práxis** se apresenta como elemento facilitador na utilização da pesquisa, pois a teoria é movida por uma prática e esse espaço de operação e movimento acontece na própria prática, o que é a especificidade do Serviço Social na divisão sociotécnica do trabalho. Embora tenha sido apontado numa pequena incidência (1,18%), deve ser referendado, pela importância que possui no processo de conhecimento, como já colocado nesta tese, e como pode ser demonstrado com os depoimentos que se seguem:

A pesquisa oportuniza ao profissional a relação teoria e prática, numa relação constante entre as mesmas. (Sujeito 5, assistência social, 5 anos)

O profissional precisa da teoria assim como da prática e a pesquisa faz esta ponte. (Sujeito 31, organizacional, 2 anos)

A dimensão investigativa da práxis pressupõe um resultado da pesquisa, entendida como produto real e objetivo, pois considera o ato de conhecer um exercício que objetiva criar um novo objeto para uma nova ação, visando a transformação do real. Esse movimento torna implícito que a teoria e a prática formam uma unidade indissociável, ao mesmo tempo em que se mantêm autônomas.

Quando questionados sobre a **possibilidade que vislumbravam de fazerem mais uso da pesquisa na prática profissional**, 100% dos sujeitos responderam afirmativamente: tanto aqueles que faziam uso como os que responderam que não utilizavam a pesquisa no trabalho profissional.

Com vistas a ampliar o entendimento sobre o objeto da tese, os sujeitos foram ainda solicitados a apontar as **perspectivas para a utilização da pesquisa de forma contínua na prática profissional**. Os resultados obtidos (Figura 35) apontaram a necessidade de alterações nas condições de trabalho (19,61%), o aprimoramento constante do profissional (15,69%), falta de hábito e domínio metodológico (12,75%), ampliação do compromisso profissional (10,78%), criação de cursos e grupos de estudo e de pesquisa (9,80%), maior focalização da pesquisa na formação profissional (6,86%), a ampliação de assessorias de pesquisa (3,92%) e maior divulgação dos resultados de pesquisas (2,94%) e, vale ressaltar, 17,65% não responderam.

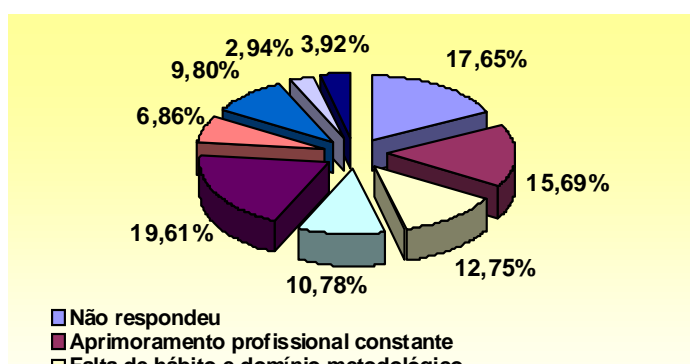


Figura 35 – Aspectos apontados como perspectivas para o uso contínuo da pesquisa na prática profissional

Com vistas a analisar a questão do uso contínuo da pesquisa na prática profissional, sob a ótica da vinculação entre investigação e intervenção profissional, é importante lembrar que, quando foi indagado aos sujeitos se utilizavam a pesquisa na prática profissional, um total de 38,91% informou que não fazia uso dela, apresentando as **justificativas** apresentadas na Figura 36.

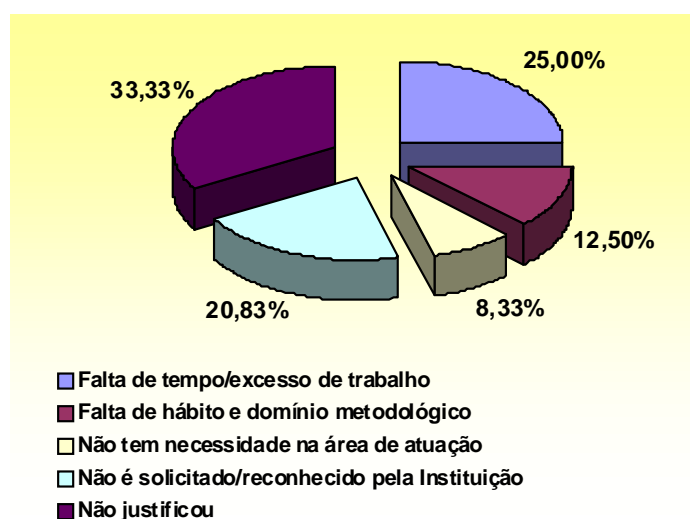


Figura 36 – Justificativas dos sujeitos para a não utilização da pesquisa na prática profissional

As respostas apontadas pelos sujeitos para a não utilização da pesquisa na prática profissional foram: a falta de tempo e o excesso de trabalho (25%); que não há necessidade na área de atuação (8,33%); não é reconhecida/solicitada pela

instituição (20,83%). Essas argumentações, somadas, representam 41,66% de respostas imbricadas na própria **condição de trabalho** do assistente social: na sua maioria vinculada ao trabalho assalariado em uma instituição que impõe ao profissional demandas a serem absorvidas. Foi ainda apontado ainda a falta de hábito e domínio metodológico (12,50%) e 33,33% não justificaram.

Visando ampliar o entendimento sobre a questão, apreender as dificuldades e entraves vivenciados pelo profissional para que não ocorra a vinculação da ação investigativa com ação interventiva, indagou-se aos sujeitos a respeito dos **elementos dificultadores**. Os resultados encontrados podem ser visualizados na Figura 37.

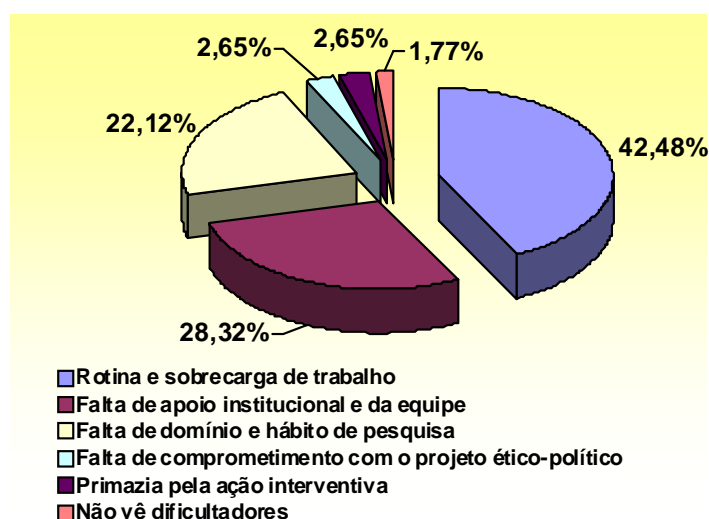


Figura 37 – Elementos que dificultam a aplicação da pesquisa na prática profissional

Os resultados obtidos apontam que apenas 1,77% não vêem elementos dificultadores para a utilização da pesquisa na prática profissional; 42,48% apontaram a rotina e a sobrecarga de trabalho; 28,32%, a falta de apoio institucional e de equipe; 22,12%, a falta de domínio e hábito de pesquisa; 2,65%, a falta de comprometimento com projeto ético-político e 2,65% a primazia pela ação interventiva.

Com a construção da grelha de análise, onde apresenta-se os significados atribuídos pelos sujeitos, bem como sua interpretação, ficaram evidenciados, na inter-relação estabelecida entre as categorias (perspectiva para o uso contínuo,

justificativa da não-utilização e os dificultadores para o uso da pesquisa), indicadores em comum.

Merecem destaque **as condições de trabalho do profissional**. Foi atribuído significância à rotina e sobrecarga de trabalho e à falta de apoio e estímulo institucional da própria equipe de trabalho, o que pode ser comprovado com os depoimentos que se seguem:

Os elementos que dificultam no meu exercício profissional a prática da pesquisa são: a falta de apoio da equipe e gestão, a falta de recursos financeiros e a preocupação institucional com a produtividade e quantidade de atendimento oferecido. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

O que dificulta é a falta de integração da equipe, que nem sempre é coesa e integrada e tudo mais, não adianta, não tem como realizar pesquisas, que são fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. (Sujeito 5, assistência social, 5 anos)

Pela falta de tempo, da correria do dia a dia, ele nem aplica, ele nem tenta fazer o uso da pesquisa. Muitas vezes o que acontece é que o profissional, ele, no dia a dia dele, ele tem os dados, mas ele nem dá conta disto, não sistematiza o que levantou. (Sujeito 6, assistência social, 2 anos).

O grande dificultador é o tempo, já que existe muita cobrança com produção e prazo, nem sempre sendo possível realizar a sistematização do trabalho. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

Trabalhamos na maioria das vezes "apagando incêndios", intervindo na problemática trazida pelos usuários e não sobra tempo para a pesquisa, que é um instrumento que muito contribui para a qualidade do nosso trabalho e que deveria ser utilizado por todos os profissionais. (Sujeito 9, saúde, 7 anos)

Não utilizo a pesquisa, na minha prática profissional, pela falta de tempo, pois a rotina de trabalho é intensa. (Sujeito 12, assistência social, 28 anos)

Penso que as dificuldades são: a grande demanda de serviços e atendimentos a serem realizados e a ausência de incentivo e compreensão da gestão sobre a importância de destinar tempo para a pesquisa e a aferição de dados. (Sujeito 41, assistência social, 11 anos)

Na minha prática profissional, a pesquisa está cada vez mais presente, porém, para que se torne contínua, é necessário que nos planos de trabalho se planeje momentos para a pesquisa, para que assim os gestores compreendam a importância de sua utilização na qualificação do trabalho e a importância do destino de tempo para a sistematização dos dados. (Sujeito 44, assistência social, 6 anos)

A pesquisa é de extrema necessidade no trabalho do assistente social, pois somente através dela é que podemos levantar dados da realidade a ser trabalhada, porém devido à grande demanda de trabalho, nem sempre os dados pesquisados são sistematizados. (Sujeito 45, assistência social, 1 mês)

O Serviço Social, no Brasil, afirma-se como uma profissão estreitamente integrada ao setor público, face à progressiva ampliação do controle e do âmbito da ação do Estado junto à sociedade civil. A profissão se consolida, como já dito, como parte integrante do aparato estatal e de empresas privadas, dos quais o assistente social é um assalariado a serviço.

Mesmo dessa forma, o assistente social não pode pensar a profissão como um processo de reprodução das relações sociais, independentemente das organizações institucionais a que se vincula, como se a atividade se encerrasse em si mesma. As profissões sociais se articulam em demandas socialmente produzidas.

A vivência na prática profissional confirma que a população usuária chega até os assistentes sociais por intermédio de uma organização institucional. São indivíduos de diferentes classes sociais, que buscam uma infinidade de bens de serviços dos quais necessitam. Nessa lógica, a instituição se coloca como intermediária entre esses bens de serviços e a população usuária.

É a instituição quem permite a participação do indivíduo na sociedade e a vivência do papel profissional. É assim, o lugar onde se constroem mutuamente a unidade e a multiplicidade, já que muitas vezes não é permitido o exercício profissional e relacional, mas, o desempenho de um determinado papel para aquela instituição. Muitas vezes, as relações nas instituições se processam entre papéis e não entre sujeitos humanos, e a alteridade torna-se preconceito e instrumentalização do outro. "Portanto é o lugar onde o homem vive sua particularidade, mas também é onde pode superá-la" (SAWAIA, 1995, p. 103).

Ainda nesse contexto, pontuou Martinelli (1995, p. 147):

[...] as instituições em si mesmas consideradas, são abstrações [...]. Nós seres humanos é que lhe damos vida cotidianamente com o exercício profissional, o qual, coerentemente com nosso projeto político singular em articulação com projetos sociais mais amplos, deverá impulsionar o processo de transformação da realidade.

O assistente social precisa lembrar sempre, em todos os minutos, dessa vitalidade pela qual é responsável em sua prática. É preciso reconhecer-se como sujeito, não único, posto que os usuários também o são. É nesta perspectiva que emerge o espaço, a força social capaz de construir verdadeiros caminhos de libertação e democracia.

Os sujeitos desta pesquisa utilizavam a pesquisa na prática profissional e relataram suas vivências nessa perspectiva, conforme depoimentos efetivados no grupo focal:

Eu não sei se vocês sentem, mas às vezes eu sinto que eu sou meio fora do esquema, porque eu sempre fui criativa, mesmo dentro do serviço público, onde muitos se acomodam e acham que a pesquisa dá muito trabalho e me questionam: "Para que você inventa tanto... Acha que vai conseguir mudar a vida daqueles pacientes que não tem mais cognição?" Mas, gente, eu vou inventar sempre; eu sou funcionária pública, meu serviço é para o povo. Quero me aprimorar e pesquisar o que é interesse da população. Quero ter fundamento científico para atuar de forma competente, implantar projetos emancipatórios. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Mesmo remando contra a maré, onde muitos me perguntam "pra que tanta pesquisa?"... Mas precisamos de indicadores para dar direção ao meu trabalho e assim eu utilizo a pesquisa muito, tenho o hábito de fazer pesquisas. Eu efetivo várias pesquisas no hospital, faço na região quando às vezes precisamos conhecer uma realidade que será trabalhada pela equipe, sistematizo, documento, crio relatórios que divulgam os resultados. (Sujeito 48, saúde, 8 anos)

Para Baptista (1995, p.13), é importante

assinalar que, se por um lado a instituição tem o monopólio do objeto e dos recursos institucionais, se é ela que define o significado objetivo do papel do profissional e a expectativa que existe com relação a ele, por outro lado, é o modo particular, subjetivo, como o profissional elabora a sua situação na instituição, estabelecendo sua própria ordem de relevâncias, que vai dar o sentido de seu trabalho.

Sposati (1995, p. 76) alerta para outro aspecto significativo,

[...] trabalhamos continuamente com a diferença. Mas infelizmente, o domínio institucional da regulação pela homogeneidade termina fazendo com que muitas das práticas sejam reguladoras do enquadramento, da expulsão da diferença e não da possibilidade da diferença.

Foi ressaltado ainda, pelos sujeitos, que a ampliação da utilização da pesquisa se faz com o **aprimoramento constante do profissional** (15,69%), o que pode ser constatado com os depoimentos que se seguem:

É necessário investir, o profissional precisa fazer uma capacitação... A falta do conhecimento do profissional de utilizar os instrumentos compromete o trabalho profissional e a população, o que é pior. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos).

Para um maior uso da pesquisa na prática, penso que é necessário o investimento no aprimoramento profissional dos profissionais. (Sujeito 24, assistência social, 8 anos)

Vejo como perspectiva de ampliação da pesquisa, de forma contínua e sistemática, que os profissionais busquem a atualização e capacitação para o exercício profissional, sendo que a pesquisa faz parte do agir profissional do assistente social nos dias atuais. (Sujeito 31, organizacional, 2 anos)

É preciso que haja maior investimento na categoria, oferecendo-se mais cursos de capacitação, já que muitos não acompanham a dinâmica social. (Sujeito 42, saúde, 20 anos)

A capacitação continuada é um instrumento de socialização do acúmulo teórico, metodológico, ético e político da profissão, nas mais diversas áreas e não necessariamente ocorre no espaço da Universidade.

É fundamental que a categoria participe dos encontros, debates, seminários e outros eventos oferecidos pelos órgãos representativos, espaços que possibilitam socializar o conhecimento, propor, demandar e construir propostas para o exercício profissional. A participação é sempre um elemento estratégico, que possibilita a politização de relações sociais e assim, de trilhas para uma intervenção crítica.

É importante enfatizar que essa participação tem dois sentidos: um que reconhece o caráter interventivo da profissão – e que nem sempre os profissionais

trilharão uma carreira acadêmica, porém, compreendendo que a formação acadêmica possibilita: uma aproximação ao conhecimento produzido e acumulado pela categoria; motivação para o exercício da pesquisa nos espaços sócio-ocupacionais dos profissionais. O outro sentido remete à necessidade de as IES e entidades da categoria reconhecerem as demandas trazidas pelos profissionais, bem como a articulação de respostas a estas demandas, para atendê-las.

Neste sentido, ocorreram duas experiências interessantes, de capacitação e atualização profissional, realizadas pelas entidades da categoria. A primeira foi o “Curso de Capacitação em Serviço Social e Política Social”, realizada pela ABEPSS e pelo CFESS, articulados com o Centro de Educação Aberta (CEAD) da Universidade de Brasília, no ano de 1999. Por ter como característica o fato de ser um curso na modalidade de ensino a distância, oportunizou a participação de profissionais de todo o território nacional e tinha como objetivo geral:

[...] capacitar os assistentes sociais para uma compreensão da realidade brasileira e seus impactos no trabalho profissional – demandas, respostas e peculiaridades diante da questão social – objetivando a ampliação da competência teórica, política e técnica desses profissionais e do seu compromisso com a consolidação do projeto ético-político do Serviço Social na atualidade (CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 1998, p.6).

A outra experiência foi o “Curso de Capacitação Ética para Agentes Multiplicadores”, que trata de uma parte do projeto *Ética em Movimento*, apresentado e aprovado no XXVIII CFESS/CRESS, que tinha como objetivo responder às demandas éticas postas ao CFESS/CRESS no tocante: à fiscalização do exercício profissional, ao trabalho das comissões de ética, à implementação do Código de Ética, à ação educativo-preventiva e à publicização do posicionamento ético-político inscrito no Projeto Ético-Político Profissional²⁷.

Com vistas a dar continuidade ao processo de capacitação dos profissionais, o CFESS e a ABEPSS lançaram o *II Curso de Especialização a Distância*, com a temática *Serviço Social: direitos e competências profissionais*,

²⁷ Trecho extraído do Relatório das Sessões Temáticas do XIX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais: trabalho e Projeto Ético-político profissional. Goiânia: CFESS, jul 1998.

tendo como objetivo "[...] qualificar o exercício profissional e contribuir para a análise crítica do Serviço Social no âmbito das relações entre capital e trabalho e Estado e sociedade, no contexto da crise capitalista contemporânea" (CFESS/ABEPSS/CEAD-UNB, 2008).

O que merece destaque é que o curso, assim como no primeiro oferecido, apresentava um módulo específico à pesquisa, que tinha como objetivo geral: "instrumentalizar o assistente social para elaboração de projeto de pesquisa como parte constitutiva do exercício profissional e subsídio fundamental para elaboração da monografia ou trabalho de conclusão de curso (CFESS/ABEPSS/CEAD-UNB, 2008).

O acesso ao material e a sua análise permitem afirmar que ele é, sem dúvida, um avanço para a qualificação da categoria, para o deciframento e enfrentamento das expressões da questão social. Porém, seu conteúdo poderia ser ampliado com as relevantes construções teóricas existentes acerca da temática da pesquisa em Serviço Social, produzidas por autoras como Baptista, Battini, Setubal, Martinelli e Bourguignon, sobre a vinculação da ação investigativa com a ação interventiva.

Neste trabalho, foi ainda delineado pelos sujeitos que a ampliação do uso da pesquisa pelos profissionais está ligada ao **compromisso profissional**, uma vez que a pesquisa emana exigências no seu processo de construção, conforme pode ser demonstrado com os depoimentos que se seguem:

A pesquisa deve ser usada de forma contínua e sistemática, só que para isso é preciso que o profissional tenha compromisso com a profissão e com a população usuária (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

Acredito que devido o capitalismo, que pensa sempre na quantidade, o uso da pesquisa será gradualmente sistematizado, no entanto, haverá muitos obstáculos e somente aquele com compromisso com a profissão é que conseguirá praticá-lo. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

A pesquisa é um processo elaborado de forma dinâmica, visando contribuir com as ações e instrumentais do profissional, fundamentando seu comprometimento com a profissão e com a instituição e com os usuários. (Sujeito 8, assistência social, 8 anos)

Acredito que só faz uso da pesquisa aquele que tem compromisso com a profissão e assim, com a população para quem trabalhamos. (Sujeito 23, assistência social, 3 anos)

O interesse e o comprometimento do profissional pela busca de conhecimentos para a realização de ações emancipatórias com a população. (Sujeito 42, saúde, 20 anos)

Para Sawaia (1995, p. 108)

O conhecimento não é determinado apenas pela clareza da percepção do aparelho cognitivo ou pela exatidão das inferências do indivíduo, mas por compromissos anteriores com o sistema conceitual e afetivo, para se criar campos relacionais e dialógicos. O que não pode ocorrer é a cristalização da mesmice [...] para tanto contra ditaduras impostas às nossas necessidades, às nossas emoções, às nossas ações para recuperar o homem rico em necessidades, aberto à alteridade

De acordo com os depoimentos dos sujeitos desta pesquisa, o compromisso com o trabalho profissional é intrínseco aos **sentimentos cognitivos do pesquisador** (motivação, crença, valores, vontade, etc.):

O que facilita é o meu ser pessoal hoje, e o que me motiva a procurar sempre estratégias é ver a população atendida de acordo com o que ela deseja... da necessidade dela. Enfim, eu acho que o que facilita é a minha vontade, o meu ser pessoal. (Sujeito 1, assistência social, 12 anos)

Um facilitador pra mim é a minha vontade, [...] Eu acho que é um compromisso ético meu, de estar aprimorando, de estar vendo a necessidade da população. Então isso é um compromisso meu, isso facilita e atender a demanda, interesse da população... pra mim também, que me motiva. (Sujeito 48, saúde, 8 anos)

Bom, é... Eu acho que falar de fazer pesquisa... Estamos falando também da motivação profissional mesmo... eu acho que parte do profissional estar motivando. É ele que tem que buscar, fazer pesquisas, cursos, buscar coisas novas. Muitos profissionais ficam quietinhos no meu canto... Para se fazer pesquisa é preciso ter audácia, não protelar, pois aprimorar é preciso. (Sujeito 52, organizacional, 6 anos)

Olha, eu acho que o facilitador é o profissional acreditar no que faz, não sou só um mero executor. Sou um profissional que pensa e que tem compromisso, que acredito que meu trabalho pode fazer diferença. (Sujeito 59, assistência social, 6 anos)

Vale elucidar ainda, que o projeto político da profissão aponta a necessidade do compromisso do assistente social com a **competência profissional**. Ampliando o entendimento, Queda (1997, p. 23-24) relatou conclusões significativas a respeito de competência, dizendo que :

- A competência profissional se mostra e se expande na inter-relação com um conjunto diversificado de sujeitos competentes.
- A competência se move e se desenvolve num espaço/tempo concreto. É necessário, portanto, observar as demandas, desafios, motivações, insumos que este mesmo espaço/tempo propicia à sua emergência e expansão.
- Reconhecimento e auto-estima profissional são energias no desenvolvimento da competência.
- Saber fazer bem é resultante da capacidade de interligar as dimensões teórica, técnica e política inerentes à ação profissional. Estas dimensões não são parcelares ou superpostas, nem tampouco indissociáveis apenas no discurso.
- A competência, expressa na capacidade de tornar indissociável as dimensões teórica, técnica e política.
- Olhar que articula o particular na totalidade é um dos quesitos da competência.
- A competência é resultante da experiência enquanto ancoragem na mobilização e articulação de velhos e novos conhecimentos.
- A competência não é uma categoria isolada do compromisso ético. Ela precisa estar ancorada em valores éticos.

Assim sendo, um dos maiores entraves, que ainda se faz presente para o alcance da competência profissional, é a superação da desarticulação da técnica e da política nas ações profissionais, visto que não existe política sem técnica nem técnica sem compromisso. A competência, além de ser construída, é também compartilhada. Queda (1997, p. 6) qualificou a discussão ao colocar que:

Ser competente também é ser apaixonado e gerar paixões, caminhar na utopia e na esperança; partilhar a competência, estimulando a de seus companheiros de equipe, a dos usuários que atende; da instituição que atua e a dos grupos com os quais convive, germinando esperanças e utopias, investigando e formando novos sujeitos competentes.

Os sujeitos expressaram a vinculação do uso da pesquisa com o compromisso do profissional, que lhe remete ao exercício profissional competente, como pode apontado no relato abaixo:

A pesquisa é para o assistente social um instrumento relevante para a prática competente, uma vez que traz ao profissional uma maior abrangência de conhecimentos e uma visão ampliada da realidade social. (Sujeito 45, assistência social, 1 mês)

Os sujeitos apontaram outro indicador, que também se fez presente no estudo bibliográfico realizado, que é **a falta de hábito e de domínio metodológico em pesquisa, pelos profissionais**. Esta situação deve ser analisada sob a própria trajetória histórica da profissão, visto que o Serviço Social realiza sua prática interventiva atendendo a interesses contraditórios: participa dos mecanismos de dominação e exploração, ao mesmo tempo em que responde às necessidades de sobrevivência da classe trabalhadora. O Serviço Social constitui-se em instrumento a serviço dessa luta e pela formação profissional – que não tinha a direção social atribuída nas atuais diretrizes curriculares, já que o processo de formação assim como a própria profissão acompanha o movimento e processo sócio-histórico. Essa condição, já referendada em outros momentos da tese, pode ser ampliada com os depoimentos abaixo:

Creio que o desafio central da pesquisa é o seu correto emprego na ação cotidiana, onde a mesma deve ser pautada no método científico e nós assistentes sociais não tivemos na nossa formação e mesmo culturalmente não fomos incentivados a executar pesquisas. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

O dificultador é o domínio metodológico; vejo que nós profissionais temos dificuldade em lidar com os dados que temos na nossa própria prática. Não tivemos experiências e assim não temos esta habilidade. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

[...] Ainda não posso afirmar que tenho domínio metodológico. O profissional precisa adquirir o hábito de realizar pesquisas, organizar estatisticamente os dados, já que temos contato com a realidade diariamente. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

Apesar de muito importante no trabalho profissional, não existe o hábito de utilizá-la no meu espaço profissional

e eu tenho, com franqueza, dificuldade em sistematizar os dados que coletamos na realidade que trabalhamos. (Sujeito 12, assistência social, 28 anos)

Não utilizo a pesquisa pela falta de hábito, já que não foi agregado na minha formação a cultura e o domínio metodológico da pesquisa. (Sujeito 15, saúde, 7 anos)

Não uso a pesquisa na minha prática profissional. Indubitavelmente, esta postura é oriunda de minha formação acadêmica, da vivência profissional nos espaços que atuei e pela própria cultura da sociedade, que não estimula a pesquisa. (Sujeito 20, sociojurídico, 18 anos)

Creio que especialmente a falta de prática na aplicação das pesquisas sejam os dificultadores para o assistente social ter o perfil de pesquisador. (...) O assistente social, de maneira geral, não está habituado a fazer pesquisas, pois quando nos formamos era pouco focada, nossos trabalhos eram ligados somente à prática. Hoje, graças a Deus, faz parte da formação. (Sujeito 28, saúde, 8 anos)

A pesquisa é sempre utilizada, porém, a sistematização dos dados ocorre esporadicamente e sinto que temos dificuldades em fazê-lo. (Sujeito 44, assistência social, 6 anos)

É escasso o conhecimento teórico e metodológico quanto à pesquisa científica, pois não era sentido tanto sua necessidade; hoje ela é fundamental. (Sujeito 55, assistência social, 2 anos)

Ainda sobre esta questão, foi trazida pelos sujeitos a **dificuldade de sistematização**, um requisito do conhecimento científico, como pode ser visualizado nos depoimentos seguintes:

A pesquisa revela dados significativos quanto à nossa demanda profissional. É assim, reveladora, porém, mesmo no cotidiano, levantando dados importantes, não temos o hábito e o domínio para sistematizá-los, portanto, não posso dizer que utilizo a pesquisa na minha prática. (Sujeito 10, saúde, 10 anos)

É um instrumento importante, que traz informação sobre a necessidade de atendimento, atribuindo eficácia ao trabalho. Acredito que o assistente social, de maneira geral, não está habituado a aplicar pesquisa, embora hoje faça parte de sua formação. (Sujeito 28, saúde, 8 anos)

A pesquisa é um exercício contínuo, inerente ao agir profissional. Nos pautamos em pesquisas no espaço de atuação, que é tão rico de informações, porém, reconheço a necessidade do aprofundamento destes dados para a publicização dos resultados e a construção de conhecimento para a categoria profissional. (Sujeito 34, organizacional, 2 anos)

A pesquisa foi apontada pelos sujeitos como inegavelmente necessária no exercício profissional do assistente social na contemporaneidade, porém, também se reconheceu a **pouca tradição de pesquisa** no Serviço Social, conforme relatos que se seguem:

Dentro da própria equipe, ficam me questionando... "para que está fazendo pesquisa, não fazemos isto"... (Sujeito 6, assistência social, 2 anos)

Logo que iniciei meu trabalho comecei a fazer pesquisas e percebi que os funcionários, os usuários e os gestores estranhavam e, por certos momentos, senti resistência, mas continuei, hoje eles apreciam os resultados das pesquisas que realizamos. (Sujeito 38, assistência social, 4 anos)

Quanto às deficiências mais frequentes, relacionadas à pouca tradição em pesquisa, Kameyama (1998, p.72-73) apontou: a dificuldade de identificar ou delimitar o objeto da pesquisa; a dificuldade do pesquisador em elaborar seu quadro teórico, necessário para orientar sua análise; a dificuldade em realizar a mediação entre universalidade, singularidade e particularidade; muitas pesquisas ficam no nível de sistematização bibliográfica; tendência ao pragmatismo; pesquisas de caráter isolado que abordam universos muito particulares; rebatimento tardio de temas na área do Serviço Social, tendência a utilização de métodos qualitativos, considerando que o método quantitativo é de caráter positivista; amplitude de áreas temáticas, ocasionando a fragmentação de conhecimentos; a falta de política coerente de pesquisa com definição de prioridades e objetivos.

A pouca tradição de pesquisa se vincula ainda à divulgação e publicação da produção de conhecimentos, já que a pesquisa deve ser concebida como um recurso de desenvolvimento da ciência a serviço da sociedade, necessitando ser divulgada para não se tornar inócua. O que é notório é que a categoria tem dificuldade em fazer publicações, pois, embora em ampliação, os meios ainda se mostram insuficientes e acabam por ficar praticamente restritos às publicações de pesquisas vinculadas à pós-graduação e aos meios acadêmicos.

O processo de divulgação da produção de conhecimento em Serviço Social é restrito, sendo necessário ampliar as estratégias para isso, já que deve ser pensado como meio e espaço para reconhecimento da profissão e divulgação de seu

diferencial em relação a outras áreas de conhecimento, cujos horizontes temáticos são amplos.

Diante dos depoimentos coletados, tanto nos questionários como nas falas do grupo focal, foi percebido um **sentimento de humildade** por parte dos sujeitos, ao reconhecerem os próprios limites quanto ao processo da pesquisa.

Não é ignorância do que somos, mas conhecimento, ou reconhecimento do que não somos [...] Humildade é conhecer os próprios limites. Aceitar que sabe algo de modo imperfeito, incompleto, que, a qualquer momento pode ser questionado, reformulado e mesmo superado. (ALVES, 2001, p.61 e 64)

O que merece destaque é que os sujeitos **reconheceram as possibilidades de aprendizagem sobre o processo de pesquisa**, mostraram-se abertos para ações de superação, em prol de estarem caminhando na direção do projeto profissional, bem como na mesma velocidade que a globalização vem se impondo. O depoimento que se segue foi expresso no grupo focal:

Eu acho que o que ajudaria a questão é a faculdade estar fazendo inclusão de dados de pesquisa nos relatórios que as alunas apresentam para a disciplina de estágio até de outras. Eu acho que é uma forma da gente começar exercitar. Então pra quem ainda não tem essa prática, seja pelo motivo que for... então a gente estará começando a buscar, porque o que nós não podemos é apenas dizer que não sabemos fazer, que é difícil... Tem que fazer, tem que ir atrás. Então vamos começar de alguma forma, iniciando através dos trabalhos ancorados pela faculdade. Porque daí sim vamos criar o hábito. Vamos fazer uma, depois uma próxima, vai só aprimorando. A gente vai vendo as falhas que teve na primeira pesquisa, vai tentar corrigir na segunda, na terceira. Então daí sim a profissão está sempre na busca de melhorar o uso da pesquisa. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

Além de reconhecerem a possibilidade de superação, relataram ainda que a ampliação e utilização contínua da pesquisa na prática profissional se fará com a **implantação e implementação de ações junto à categoria, no sentido de estimular e instrumentalizar os profissionais quanto ao processo de pesquisa**, sua sistematização e seus resultados.

Acredito que com uma maior divulgação e avaliação dos resultados das pesquisas, no sentido que dão respostas efetivas para as expressões da questão social, a faremos de forma contínua e sistemática. (Sujeito 5, assistência social, 5 anos)

Nossa profissão necessita da pesquisa para que possa ter mais credibilidade e visibilidade, porém, os profissionais precisam tomar conhecimento desta questão, já que não é do perfil do assistente social ser pesquisador. (Sujeito 7, assistência social, 19 anos)

Os resultados das pesquisas precisam ser mais divulgados... a partir do momento em que o profissional se depara com os benefícios obtidos, iremos ver a necessidade do seu uso de forma contínua e sistemática. (Sujeito 27, saúde, 7 anos)

Acredito que, para o uso da pesquisa na prática profissional, é necessário ser desenvolvido um trabalho maior na graduação, pois quando me formei, a pesquisa já estava incorporada ao meu trabalho profissional. (Sujeito 38, assistência social, 4 anos)

A pesquisa será valorizada na prática profissional, à medida que ocorrer um maior incentivo e preparo na graduação para que a pesquisa seja entendida como uma rotina na prática profissional. (Sujeito 42, saúde, 20 anos)

Para que se efetive de forma contínua, acredito que os profissionais têm que passar a vê-la como um instrumento facilitador e não como algo que "dá trabalho e é cansativo". (Sujeito 47, saúde, 2 anos)

Acredito que o assistente social formado mais recentemente esteja mais desperto para a pesquisa. Vislumbro grandes possibilidades, porém é preciso investir na capacitação dos profissionais que estão nos diversos campos de atuação. (Sujeito 59, assistência social, 6 anos)

Para a superação destas situações é preciso que o profissional seja levado a refletir e conhecer os resultados das pesquisas, de forma a vencer dois comportamentos: o "medo" de pesquisar, já que só se aprende a pesquisar, pesquisando, e a acomodação, que também não combina com o espírito investigativo.

É preciso que o próprio profissional se coloque como protagonista, reconhecendo sua competência, rompendo o imobilismo, esforçando-se por compreender o lugar social da profissão nas complexas relações societárias.

Netto (1993) destacou uma questão pertinente, ao afirmar que os profissionais do Serviço Social – seja pela insegurança e fragilidade na formação,

desmotivação pela baixa remuneração ou condicionadas pelo lastro conservador e por outras razões – colocam-se em uma atitude defensiva e pouco ousada. Isso, face às novas demandas, acarreta a perda da possibilidade de ampliação do espaço profissional. É sabido que o trabalho profissional do assistente social está inserido majoritariamente no meio institucional, que é um trabalho desgastante e que exige maturidade para não se deixar cair na rotina, seja pela falta de tempo ou de incentivo, mas, é preciso que tenha como compromisso maior a efetivação do projeto ético-político profissional, que tem nos direitos humanos sua centralidade.

A pesquisa empírica demonstrou uma incidência de **equivocos em relação à prática da pesquisa** enquanto processo de conhecimento, cometidos pelos sujeitos da pesquisa, que são supervisores de estágio e participam ativamente na formação profissional, como pode ser visto nos depoimentos seguintes:

Atualmente a pesquisa só é realizada nos Trabalhos de Conclusão de Curso dos estagiários. (Sujeito 27, saúde, 7 anos)

Deve ser ressaltado que o mercado de trabalho, as instituições não exigem a pesquisa na prática profissional do Serviço Social. (Sujeito 28, saúde, 8 anos)

Acredito que para se efetivar o uso da pesquisa, de forma contínua e sistemática, tem que haver profissionais específicos na área de pesquisa no campo de trabalho. (Sujeito 32, organizacional, 2 anos)

No momento, o campo de atuação não necessita de pesquisa. (Sujeito 56, assistência social, 2 anos)

As atribuições que hoje executo, não oportunizam que eu faça uso da pesquisa, mas a instituição proporciona um vasto campo de pesquisa e até incentiva. (Sujeito 57, educação, 3 anos)

O quadro delineado nessas falas é preocupante e necessita de ações para sua superação, por ser um “desafio para a sobrevivência da categoria profissional e para sua qualificação acadêmica, ética, política e técnica, reafirmando a importância e a necessidade social da profissão”. (A COORDENAÇÃO..., 1999, p.6)

Pautado no que destacou Iamamoto (1997, p. 37-38) ao dizer que o assistente social deve atuar na realidade para compreender as partes constitutivas da configuração do trabalho do assistente social e ter a pesquisa como condição

essencial ao exercício profissional, de forma a não ser tratada pela categoria como algo fora da prática profissional mas, integrante do exercício da profissão, pois é a condição de formular propostas efetivas à materialização do projeto profissional.

O exposto mostra a ocorrência de avanço para a profissão, visto que os profissionais inserem a pesquisa como constitutiva e constituinte de seu processo de trabalho, imprimindo a efetivação da mediação na prática profissional. Esta questão foi pontuada pelos sujeitos:

A ação profissional deve valer-se mais da utilização da pesquisa, já que é por meio dela que temos uma melhor compreensão das expressões da questão social, apresentadas no cotidiano profissional. (Sujeito 2, assistência social, 3 anos)

Todo profissional poderia utilizar a pesquisa para conhecer melhor a realidade e poder criar ações criativas e ousadas. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Ela possibilita um conhecimento mais aprofundado da clientela atendida e da sua realidade; permite uma atuação efetiva e dinâmica. É uma necessidade constante, fazendo parte da rotina e da prática do profissional. (Sujeito 42, saúde, 20 anos)

A pesquisa é imprescindível na nossa prática; permite ao profissional um conhecimento global no campo em que atua. (Sujeito 46, assistência social, 6 anos)

O que foi constatado é que os profissionais sabem da necessidade da utilização da pesquisa, especialmente pelo alcance de seus resultados na qualificação da prática profissional.

Simionatto (2005) fez uma relevante reflexão, ao dizer que:

Observa-se, contudo, um descompasso, um hiato mesmo, entre a produção dos grupos de pesquisa e as exigências do próprio campo profissional. Essa lacuna denota que, se por um lado, avançou-se consideravelmente na produção de conhecimentos em relação aos “macroprocessos sociais”, por outro, ainda existem dificuldades na mediação com situações particulares à profissão.

Frente aos dificultadores já expostos pelos sujeitos, muitas vezes o profissional acaba não efetivando pesquisas das situações particulares de sua

prática profissional e assim, os objetos de pesquisas ficam desconectados das necessidades presentes no cotidiano da prática profissional.

Foi reconhecida pelos sujeitos, a necessidade de ampliação do uso da pesquisa no processo do trabalho profissional e, com vistas a traçar caminhos e possibilidades para o efetivo vínculo entre ação investigativa e ação interventiva, foi solicitado a eles que dessem **sugestões para a ampliação do uso da pesquisa no trabalho do assistente social**. Os resultados estão demonstrados na Figura 38.

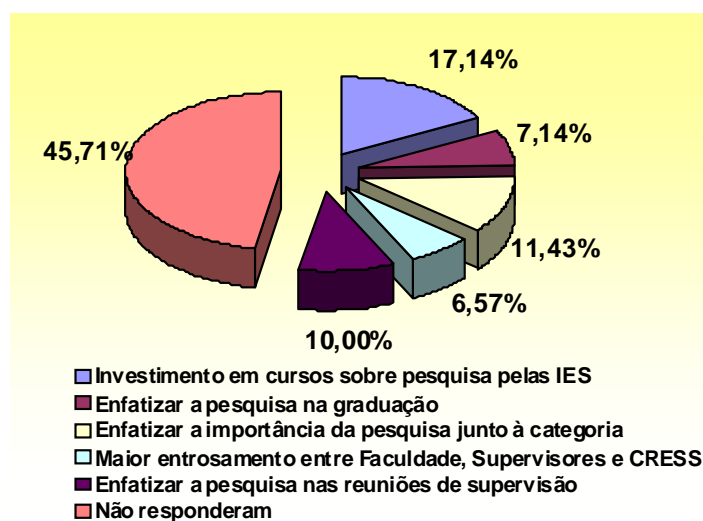


Figura 38 – Sugestões dos sujeitos para ampliar o uso da pesquisa no trabalho profissional

Observa-se que a maioria dos sujeitos (45,71%) não apresentaram sugestões, expressando “não sei dizer”, “a pesquisa vai nos dizer”, “desculpa mas não sei” e outras na mesma perspectiva, não dizendo nada. O “indizível”²⁸, porém, também tem significado, já que a linguagem é a representação do pensamento e o silêncio não deixa de ser linguagem, como reconhecimento do pensar do sujeito social.

Cabe ainda ressaltar e valorizar as atribuições dos sujeitos que, com suas vivências e experiências cotidianas, imprimem sentido à prática social. As sugestões apontadas e suas respectivas incidências são apresentadas a seguir:

- 17,14% apontaram a necessidade das IES investirem em cursos/oficinas sobre a pesquisa na prática profissional;

²⁸ Expressão utilizada por Queiroz (1992).

- 11,43% deram ênfase à importância do uso da pesquisa junto à categoria;
- 10% afirmaram que o tema pesquisa deve ser discutido nas reuniões de supervisão;
- 7,14% destacaram a necessidade de continuidade de investimento na formação profissional,
- 6,57% defenderam um maior entrosamento entre Faculdade, Supervisores e CRESS, no sentido de oportunizar a discussão e apropriação da pesquisa no Serviço Social.

Na verdade, todas as respostas apontadas pelos sujeitos têm como centralidade a IES, que é o espaço/organismo responsável pela formação profissional. A responsabilidade das IES com relação à pesquisa/produção de conhecimentos é grande, pois são consideradas o lugar onde o Estado ou a sociedade pode/deve cultivar a busca pela verdade, a investigação da verdade e a sua transmissão, sendo assim um patrimônio social e uma instituição cultural de interesse público.

A ABEPSS prioriza a pesquisa na formulação de sua proposta de currículo mínimo, reconhece que a investigação e a capacitação continuada dos profissionais e professores são requisitos indispensáveis para a qualificação de assistentes sociais conciliados com novos tempos (IAMAMOTO, 1997, p. 38). Trata-se do processo que abrange ensino, pesquisa e extensão, considerando que:

Para a formação de profissionais, a pesquisa é um elemento imprescindível, tanto com o postura permanente de investigação na dinâmica do conjunto de disciplinas e demais componentes curriculares do curso de Serviço Social, quanto e, sobretudo, no desenvolvimento de processos globais e sistemáticos de pesquisas que garantam a iniciação científica e formação de posturas investigativas do corpo discente, bem como a consolidação do processo de formação de pesquisadores docentes e de profissionais não docentes envolvidos na formação profissional (CARDOSO, 1998, p.29).

Os sujeitos reconheceram que a alteração do currículo foi importante e que seus desdobramentos e a concretude da realidade educacional vêm trazendo

alcance e visibilidade à profissão. Assim, foi delineado que o currículo deve ser reiterado e ampliado, pois apontaram para a **necessidade/continuidade de investimento na formação profissional, ações implantadas e implementadas de acordo com as Diretrizes Curriculares**, conforme depoimentos que seguem:

Acredito que na formação acadêmica do aluno de Serviço Social, deva ser focado muito mais a real necessidade deste profissional ser um pesquisador. (Sujeito 1, assistência social, 12 anos)

Aqui na faculdade realmente eu concordo com o que ela falou na grade curricular... melhorou, mas deve-se estar incentivando mais ainda a pesquisa, porque lá fora ela é importante demais para o exercício profissional.. (Sujeito 8, assistência social, 8 anos)

No meu entendimento, a prática da pesquisa é de relevante importância, deve ser aplicada com ênfase no decorrer da graduação, para que tal prática cadencie o aprendizado e a reflexão completa da realidade. (Sujeito 20, sociojurídico, 18 anos)

Acredito que os cursos de graduação têm ainda buscado formar profissionais executores e precisa ser ampliada a necessidade de ser pesquisador, para que ocorra o hábito de realizar pesquisas. (Sujeito 35, saúde, 5 anos)

Acredito que o estímulo e apoio das faculdades durante a formação, muito irá contribuir para que a pesquisa venha a ser adotada como instrumento da prática profissional.. (Sujeito 47, saúde, 2 anos)

Creio que deveria ocorrer o incentivo aos alunos desde a graduação, a compreenderem, realizarem e utilizarem pesquisas no cotidiano do estágio, para reconhecerem a importância da pesquisa como instrumento de gestão e transformação social, o que refletiria nos campos de estágio e na categoria profissional. (Sujeito 55, assistência social, 2 anos)

O projeto de formação profissional define como necessário à sustentação do desenvolvimento de capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, as seguintes diretrizes vinculadas à prática investigativa:

- 1- apreensão crítica do processo histórico como totalidade;
- 2- investigação sobre a formação histórica e os processos sociais contemporâneos que conformam a sociedade brasileira, no sentido de apreender as particularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social no país;
- 3- apreensão do significado social da profissão desvelando as possibilidades de ação contidas na realidade;

- 4- apreensão das demandas – consolidadas e emergentes – postas ao Serviço Social vai mercado de trabalho, visando formular respostas profissionais que potencializem o enfrentamento da questão social, considerando as novas articulações entre o público e privado;
- 5- exercício profissional cumprindo as competências e atribuições previstas na legislação profissional em vigor (ABESS/CEDEPSS, 1997, p.62).

A pesquisa é uma particularidade do Serviço Social, porém, cabe cuidado para que não se restrinja esta condição apenas para a academia. É preciso colocá-la nas bases fundamentais e expandi-la para a categoria de maneira que sejam desenvolvidas competências, atitudes e habilidades para a prática da pesquisa no exercício profissional. Destaque-se a necessidade de engajamento dos profissionais que estão fora da academia por um tempo considerável, quanto ao projeto da profissão e a direção social da formação social, calcada nas necessidades emergidas do exercício profissional, pelo acesso a um processo formativo continuado.

As sugestões oferecidas pelos sujeitos atribuíram significado ao reconhecimento da necessidade sentida pelos profissionais de se investir **em ações que propiciem a aquisição de estímulo à postura investigativa e a aquisição de domínio metodológico por parte dos profissionais**, por intermédio de ações diversas (capacitações, oficinas, grupos de pesquisa e outros).

É grande a incidência de campos de estágio nos espaços sócio-ocupacionais da região em estudo e a IES tem uma trajetória histórica construída: é referência de conhecimento e promoção de capacitação no espaço geopolítico onde está inserida.

Outro aspecto a ser ressaltado é que grande parte dos profissionais da região acabam atuando como supervisores de estágio. Esta atribuição de espaço pela IES ficou delineado nos depoimentos:

Acho eu e os supervisores deveriam ser estimulados a trazer resultados de sua prática, o nos levaria a pesquisar e sistematizar os dados e até uma forma de valorização, de motivação. E eu acho importante também envolver mais os supervisores na Faculdade, tem muita coisa para se aprender e acabamos devolvendo para os alunos, já que somos supervisores. Nós temos também muita coisa para contribuir, coisas que levantamos na realidade, estou falando enquanto resultado da pesquisa,

mas enquanto prática profissional. (Sujeito 19, organizacional, 3 anos)

Está precisando mudar um pouco mais essa questão dos nossos encontros de supervisores.[...] É preciso trabalhar a pesquisa na formação e oportunizar o supervisor neste processo. Eu acho que está faltando um pouquinho é participação [...] vamos estimular mais. (Sujeito 52, organizacional, 6 anos)

Eu realmente acho que é o profissional tem que estar buscando, se motivando. Agora na nossa realidade, eu acho que deveria ter muito mais investimento, principalmente aqui na ITE, investir muito mais em curso para os profissionais, pra atualização deles. Oferecer cursos para os profissionais... tem gente que se formou há tempo e precisamos estar reciclando sempre. Sugiro que na reunião de supervisores se efetive encontros, seminários, que oportunizem a visibilidade de pesquisas e assim do trabalho do assistente social. (Sujeito 59, assistência social, 6 anos)

Daí a sugestão dos sujeitos com relação à **organização de grupos de estudo/pesquisas, em parceria da IES com o CRESS**, para e efetivação de uma maior interação entre o corpo docente, discente e supervisores, expressas nos depoimentos seguintes:

Acredito em cursos de aprimoramento profissional de Serviço Social. É preciso que os órgãos representativos invistam mais no exercício da pesquisa, para criar um novo hábito de trabalho entre os profissionais. (Sujeito 26, assistência social, 2 anos)

É preciso a organização de grupos de pesquisa para a discussão de dados e a divulgação dos resultados do nosso trabalho. (Sujeito 34, organizacional, 2 anos)

Seria bom a criação de cursos focados para a pesquisa, que o CRESS organizasse cursos desta natureza, de outras bem até que tem oferecido. (Sujeito 38, assistência social, 4 anos)

Sugiro o aumento do número de atividades práticas de pesquisa durante a graduação, onde o aluno participaria em todas as etapas da pesquisa, inclusive no resultado final e isto seria através da Supervisão de Estágio, absorvido pelos profissionais supervisores. (Sujeito 49, sociojurídico, 32 anos)

Se faz importante que a categoria profissional tenha clareza do projeto ético-político da profissão, pois com a visão de transformação, fica claro a importância da pesquisa na prática profissional. (Sujeito 45, assistência social, 1 mês)

Precisamos mudar a mentalidade que a pesquisa dá trabalho, é preciso estimular os profissionais e mostrar que isto pode ser uma prática no cotidiano. (Sujeito 48, saúde, 8 anos)

Promover discussões e reflexões sobre a pesquisa, mostrando os resultados que se alcançam com o seu uso. (Sujeito 50, saúde, 20 anos)

A sugestão é a qualificação dos profissionais através de Oficinas sobre o tema Pesquisa. (Sujeito 57, educação, 3 anos)

Sugiro que ocorra um maior entrosamento entre a Faculdade, os Supervisores e o Conselho Regional de Serviço Social, para que se intensifique a prática da pesquisa. (Sujeito 61, saúde, 24 anos)

Creio que a faculdade deveria propor cursos, grupos de pesquisa para os supervisores, as reuniões deveriam focar a temática da pesquisa e sua metodologia. (Sujeito 62, saúde, 19 anos)

Ficou delineado pelos sujeitos que uma das alternativas, para uma maior utilização da pesquisa no trabalho profissional do assistente social, é que a IES estabeleça uma relação afinada com as demandas profissionais, mediante criação de grupos de estudo/pesquisa, estabelecendo linhas de pesquisa.

O grupo de estudo/pesquisa deve ser visto como um recurso pedagógico que objetiva a construção de conhecimento, destinado a realimentar a prática do ensino/aprendizagem. Realiza-se pelo estudo sistemático e contínuo de temas elencados pelos participantes, fazendo parte do processo Ensino/Pesquisa/Extensão. Destina-se a alunos (graduação e pós-graduação), professores, supervisores/profissionais da área de Serviço Social e de outras áreas, promovendo a interdisciplinaridade e a socialização de saberes entre seus participantes.

O profissional dispõe da força de trabalho e possui também a força social e política que constrói a história, que precisa ser fortalecida. Neste sentido Faleiros (1997, p.137) destacou que:

Este fortalecimento implica estabelecer ações de conjunto, estratégias e táticas entre pessoas-sujeitos e organizações para que se produzam efeitos de exigência de direitos, ruptura de laços de opressão e dominação no cotidiano, desenvolvimento da esfera da compreensão e da identidade pessoal no seu relacionamento.

Os sujeitos conferiram responsabilidade ao órgão de classe (CRESS), quanto ao atendimento das necessidades atribuídas socialmente pelos profissionais. Destacaram a capacitação da categoria para o exercício contínuo da pesquisa e relataram que falta um processo mais dialógico com seus sujeitos sociais, como pode ser constatado no depoimento:

Eu acho que falta ainda pesquisa no próprio órgão representativo nosso, o CRESS. Então... assim... eu... eu acho que ainda as pessoas que se dedicam a esses cargos elas são muito teóricas, elas não têm o tempo da prática e eu acho que não falta instrumento de pesquisa pra ouvir quem está com a mão na massa, quem faz o exercício do Serviço Social. Creio que é preciso ouvir mais a base, como esta pesquisa está fazendo. (Sujeito 19, organizacional, 3 anos)

O projeto da profissão reforça as sugestões e necessidades atribuídas pelos sujeitos ao **aprimoramento dos profissionais**, porém entende-se que, para a efetivação desse processo, é necessária a construção de uma vontade e de uma ação coletiva sustentada pelos órgãos representativos da categoria.

A produção de conhecimento se efetiva com a pesquisa, que por sua vez se fundamenta no real. Assim, o Serviço Social é privilegiado pela sua atuação transversal, nas múltiplas expressões da questão social, cujo papel é reconhecido e legitimado na defesa e garantia de direitos humanos e das políticas públicas, que o materializam e oportunizam uma amplitude temática vasta.

Pela vivência profissional na área prática e/ou acadêmica, especialmente após o estudo bibliográfico realizado para a construção desta tese, delineou-se a trajetória de lutas e conquistas do Serviço Social na produção de conhecimentos, algo que, nas últimas décadas, vem exigindo a transposição da dicotomia teoria/prática, para sua inserção no mundo do saber como sujeito produtivo e não apenas consumidor de conhecimentos.

Hoje, mais que vontade, muitas vezes pautada na iniciativa individual, tornou-se necessário que o assistente social seja um pesquisador para que possa produzir um conhecimento comprometido com as demandas específicas da profissão

e de seus enfrentamentos, como possibilidade de objetivação de sua prática profissional.

Nenhuma profissão da área social conseguirá chegar ao final do milênio somente com capacidade operacional. A essa a capacidade operacional é indispensável que se somem também a consistência argumentativa, a fundamentação teórica, a construção do saber (MARTINELLI, 1999b, p.12).

O grande nó a ser desfeito, para que o Serviço Social altere sua posição na divisão social do trabalho, esbarra no aspecto discutido anteriormente. Por lidar com as questões sociais – que hoje, mais do que nunca, pontuam-se na pluralidade, alteridade e contrariedade – o profissional do Serviço Social precisa ter o compromisso de buscar, de ver além, não como um saber de arquivo, mas vivo, com possibilidade de alimentar, de revelar, de construir uma prática nova com o mesmo pulsar da malha social que se transforma; com leveza, como um sinônimo de prazer, de paixão.

“Precisamos ter um olhar múltiplo, pois a urgência das respostas podem nos levar a uma visão fragmentada e assim a uma prática esvaziada de determinações reflexivas, marcada por um monismo ritualístico” (MARTINELLI, 1995, p. 140).

O desafio de vincular a ação investigativa à ação interventiva é uma tarefa que não dá para ser cumprida de forma individual; requer o comprometimento de cada profissional e organização política da categoria, através de seus órgãos representativos, entendidos aqui como o CFESS, o CRESS, a ABEPSS, o ENESSO, sindicatos e demais associações de assistentes sociais. A questão em tela envolve, além da produção, o financiamento e a divulgação; desta forma, é preciso a transposição do sujeito individual (cada profissional) para o sujeito coletivo (categoria), deixando de ser vontade e passando a ser luta.

O assistente social tem potencial e requisitos; é pesquisador e produtor de conhecimento e tem como horizonte a prática profissional, que nada mais é que a intervenção profissional decorrente de um conhecimento já produzido e acumulado. O conhecimento produzido pelo Serviço Social é fruto do movimento em sua própria ação profissional, o que requer do profissional: reflexão crítica e intencionalidade na

apropriação da prática – para a superação dos conhecimentos já adquiridos e a ampliação e apontamento do novo – do criativo, para o estabelecimento de uma nova relação com as determinações sociais existentes no seu universo de trabalho, não apenas de explicação da realidade social mas de sua instrumentalização para o trabalho profissional, com vistas a contribuir com a transformação para uma sociedade mais justa e igualitária, e atribuir a identidade profissional direcionada ao projeto ético-político.

O depoimento a seguir, de um sujeito da pesquisa, reforça a questão:

O uso da pesquisa de forma contínua pelos profissionais nos ajuda a ampliar a nossa profissão. Eu acho que aí nossa profissão vai ter visibilidade, muito maior do que temos. Sendo pesquisadores somos produtivos e assim podemos mostrar a conta. (Sujeito 3, saúde, 13 anos)

Foi nesta direção que efetivou-se esta contribuição científica visando compreender e trazer respostas para acertar o compasso entre pesquisa e intervenção na prática profissional do assistente social, ampliando os muros de construção da pesquisa para além da academia, no espaço onde a profissão efetivamente se nutre e constrói sua identidade.

Finaliza-se este capítulo, apresentando-se o depoimento de um sujeito da pesquisa, que reforçou a convicção desta pesquisadora quanto à escolha do tema da tese e, alimentou ainda mais a credibilidade na pesquisa como práxis social e de superação, que precisa ser mais ampliada e efetivada pelo assistente social.

Porque se eu já acreditava na pesquisa, depois de participar de sua pesquisa, neste grupo focal, com o relato de vocês, eu vou acreditando muito mais. E por que não expandir mais? Então vamos marcar encontros, seminários, onde vamos crescendo enquanto pesquisadoras de forma interativa. (Sujeito 59, assistência social, 6 anos)

5 CONCLUSÕES: COMPARTILHANDO OS CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS

A cada dia, o Serviço Social vem construindo e reconstruindo sua identidade profissional, já que seu exercício profissional está inserido no movimento sócio-histórico da sociedade. Identidades construídas e atribuídas constituem-se, pois, um par dialético, sempre presente no jogo de forças sociais.

No estudo realizado, delineou-se um quadro da profissão, que por muito tempo viveu com uma identidade atribuída pelo poder/capital, mas que, ao longo de sua trajetória foi se despertando, atingindo a consciência crítica da categoria profissional e imprimindo a visão de que o assistente social – juntamente com os usuários dos serviços e com profissionais de outras áreas – é sujeito na construção e transformação da realidade, fruto do capitalismo, que se apresenta dramática, com sede de democracia e cidadania.

Esta afirmação parece a princípio ousada, mas justifica-se com propriedade, alicerçada nas palavras de Severino (1995 , p. 48):

Poucas áreas das ciências humanas têm revelado tanta inquietação teórica como o Serviço Social [...] se observa a intensa produção bibliográfica [...] esse esforço que o Serviço Social faz para repensar suas raízes é muito significativo [...] o Serviço Social vem buscando ultimamente fazer seu acerto de contas com o capitalismo.

A análise do Serviço Social, no tempo presente e para o futuro, deve situá-lo na trama das relações da vida em sociedade e das respostas que o Estado e a sociedade lhe demandam. A profissão trabalha cotidianamente no campo da política e dos direitos sociais; assim sendo, sua ação profissional pode e deve trazer resultados concretos na qualidade de vida das pessoas, especialmente das classes mais pobres, que se efetivam com o acesso a serviços, recursos, programas e ações das políticas sociais.

O cenário advindo do neoliberalismo, com tantas transformações societárias, trouxe para o Serviço Social um contexto muito desafiador – não só no aspecto de intervenção, mas de investigação e compreensão das manifestações da

questão social – do qual se pode elencar: as metamorfoses do mundo do trabalho; a reestruturação das políticas sociais públicas, com a descentralização e a exigência de demandas de ações de planejamento e gestão de políticas; o crescimento do terceiro setor; a implantação e implementação do controle social através dos conselhos paritários nas diversas políticas públicas; os avanços legais e assim, um novo contexto e novos sujeitos, sem contar ainda com a diluição das fronteiras profissionais e a expansão do trabalho interdisciplinar.

Tudo isso trouxe e tende a trazer mais desafios para prática profissional do assistente social, tornando necessário romper com o conservadorismo do pensamento e da ação profissional e buscar um processo de renovação pluralista, apoiado na Teoria Social Crítica, a qual expressa nitidamente a necessidade de construir o conhecimento e o saber para ser um profissional pesquisador, fundamentado no projeto político da profissão e nas diretrizes curriculares da formação profissional.

O Serviço Social é uma profissão que vem descobrindo a importância da pesquisa e os profissionais vêm se despertando para a necessidade de utilizá-la no seu processo de trabalho, por compreenderem que ela proporciona uma sustentação fundamental para o deciframento das expressões da questão social e para a intervenção nas demandas que lhes são postas socialmente. Esta preocupação foi demarcada com o Movimento da Reconceituação, um momento forte de reflexão da própria profissão e de sua história, com apoio na matriz marxista.

A partir da década de 1970 foi possível perceber no exercício profissional do assistente social, que ação investigativa estava inter-relacionada à ação interventiva, pois ambas se efetivam no mesmo espaço, ou seja, na trama das relações sociais. Essa postura é a estratégia que a categoria vem buscando para vencer sua prática profissional rotineira e avançar para o delineamento de um perfil que vai ao encontro ao projeto ético-político da profissão.

Assim, compartilha-se o pensamento de Yamamoto (1998,49), que pontuou:

Alimentado por uma atitude investigativa, o exercício profissional cotidiano tem ampliadas possibilidades de vislumbrar novas alternativas de trabalho nesse momento de profundas alterações na vida em sociedade.

A motivação e inclinação de estudar a questão da utilização que o assistente social faz da pesquisa no seu trabalho profissional é, no mínimo, uma inquietude trazida no plano da compreensão da identidade da profissão, calcada na preocupação da necessidade da competência teórico-metodológica e da produção de conhecimentos que a profissão precisa e vem adotando, mas que necessita ser alimentada para se manter cada dia mais viva e necessária na sociedade contemporânea.

Ficou delineado na pesquisa construída, que o Serviço Social já contribuiu e tem muito ainda a fazer para construir um mundo melhor, que valorize o homem como sujeito sócio-histórico. Historicamente, está comprovado que é uma profissão capaz de intervir na realidade social de forma crítica e criativa, de produzir conhecimentos sobre essa realidade que trabalha e sobre sua própria intervenção, condição que é um privilégio no âmbito da pesquisa e da construção da ciência.

A pesquisa em tela:

- oportunizou um estudo monográfico de Bauru e da região, demonstrando a inserção de alunos e professores presentes nos municípios, possibilitando caracterizar os sujeitos desta tese, profissionais e supervisores da FSSB, que trabalham cotidianamente na 7ª. Região Administrativa do Estado de São Paulo, retratando assim o contexto dos espaços sócio-ocupacionais nos quais estão inseridos;
- permitiu ainda, trazer o “estado das artes” na temática do Serviço Social quanto à articulação da pesquisa com a intervenção profissional;
- delineou os significados atribuídos pelos sujeitos sobre o uso da pesquisa na sua prática e a incidência de vinculação entre a investigação e a intervenção profissional do Serviço Social, demarcando os limites e apontando as possibilidades para superar este desafio posto à profissão contemporaneamente.

A pesquisa que ora se encerra oportunizou a comprovação das hipóteses levantadas inicialmente, como se pode verificar pelas conclusões sintetizadas a seguir, sobre a vinculação da pesquisa com a prática profissional:

- constatou-se que existe uma considerável produção sobre a temática *Pesquisa em Serviço Social*. Esta incidência se acentuou gradativamente no tempo e acompanhou a trajetória da profissão, que teve uma maior produção nas décadas de 1980 e 1990, e vem se mantendo;
- os sujeitos se mostraram conscientes das implicações do quadro de transformações societárias advindas do neoliberalismo e da necessidade do conhecimento científico para: ^{a)} a estabilização da profissão no mundo do trabalho, o que já é um grande avanço para a superação do pragmatismo que assolou a profissão, pela sua própria especificidade, mas que vem sendo superado; ^{b)} para efetivar a análise das características que configuram o modo de operar do capitalismo contemporâneo, de forma a trazer a construção de explicações numa perspectiva de consciência social e política, com vistas a delinear novos caminhos, alternativas e estratégias;
- os sujeitos atribuíram grande importância ao processo de formação profissional na utilização da pesquisa na prática profissional, bem como ressaltaram o mérito da Reforma Curricular proposta pela ABEPSS para a apropriação da pesquisa no exercício profissional;
- os sujeitos pontuaram que a academia é um espaço privilegiado e o processo de estágio e o programa de iniciação científica são elementos motivadores e impulsionadores do processo de formação e de efetivação de pesquisa e, assim, de produção de conhecimento;
- cem por cento dos assistentes sociais que atuam na região administrativa de Bauru e são supervisores da FSSB, nos vários campos de atuação, reconhecem a relevância da pesquisa no exercício profissional, justificando-a:
 - ✓ pelo sentido de qualificação e subsídios ao trabalho profissional;
 - ✓ como instrumento fundamental de conhecimento da realidade bem como das demandas profissionais;
 - ✓ pelo direcionamento dado à intervenção profissional;

- ✓ por ser considerada como uma das formas de sustentação da competência e da manutenção da profissão no mundo do trabalho;
 - ✓ por caminhar em direção à efetivação do projeto ético-político da profissão;
 - ✓ por ter perspectiva superadora, que pode ser trabalhada como uma forma de fortalecimento das necessidades e intenções de luta da população;
 - ✓ como possibilidade de qualificação das práticas sócio-institucionais;
 - ✓ pelo seu alcance democrático, marcado pela participação dos sujeitos.
-
- ficou constatado ainda, que a utilização da pesquisa tem sido uma prática comungada de forma contínua na categoria profissional, já que 61,90% dos sujeitos pesquisados a utilizavam na sua prática profissional. Evidenciou-se que a pesquisa vem fazendo parte do processo de trabalho do assistente social, pois afirmaram utilizá-la, colocando-a como sustentação no processo de trabalho profissional e elencando sua participação efetiva no planejamento, avaliação e monitoramento de serviços e ações criados para responderem às demandas colocadas às profissões, nos diversos espaços sócio-ocupacionais em que a profissão se inseriu na sua trajetória histórica;
 - os sujeitos que relataram fazer uso da pesquisa, o faziam por considerá-la um meio de avaliação e de base para as suas ações, pelo embasamento teórico e de suporte para o planejamento que ela propicia e também pela possibilidade de troca de saberes com outras áreas, em um processo de interdisciplinaridade, o que aponta para a condição de produtor de conhecimento, a partir da sistematização de conhecimentos;
 - ficou demonstrado que os sujeitos utilizam a pesquisa, reconhecendo a riqueza existente nas expressões vividas e trabalhadas no cotidiano da sua prática profissional ligada à trama institucional; a pesquisa realizada por eles objetiva atender as demandas, que se transformam e

se movimentam socialmente, cuja construção se faz pela mediação, na perspectiva da práxis, na relação teoria e prática;

- foi apontado ainda, que os elementos facilitadores para o uso da pesquisa são o domínio metodológico, impulsionado e subsidiado pela formação profissional, que vem enfatizando o exercício da pesquisa; o estímulo do contexto institucional e a facilidade de contato com a realidade social;
- na sua maioria, os sujeitos vislumbravam a possibilidade de fazer mais uso da pesquisa na prática cotidiana através do compromisso profissional, já que a pesquisa traz exigências no seu processo de construção, de aprimoramento e capacitação continuada dos profissionais – o que vem acontecendo por meio dos cursos de pós-graduação (*strictu e lato sensu*), elemento primordial para a produção de conhecimento das profissões;
- a maioria dos sujeitos (82,05%) utilizava a pesquisa quantitativa e qualitativa para o levantamento dos dados necessários à sua prática profissional, usando como instrumentos: a entrevista (23,14%), o questionário (20,66%) e a observação (14,88%);
- os sujeitos atribuíram a não utilização mais sistemática da pesquisa na prática profissional à falta de hábito e domínio metodológico em pesquisa, à dificuldade de sistematização e de uma vinculação mais aberta da prática ao meio acadêmico durante a formação profissional, que acompanhou o movimento sócio-histórico, embora existam avanços com a reforma curricular;
- reconheceram os próprios limites quanto ao uso da pesquisa e evidenciaram ainda possibilidades de aprendizagem sobre o processo de pesquisa, vendo esta superação como imprescindível, já que é o caminho para a efetivação do projeto ético-político.
- ficou evidenciado uma perspectiva crítica e autocrítica por parte dos sujeitos, que se mostraram conscientes do quadro e do contexto atual em relação ao seu próprio exercício profissional e aos desafios cotidianos que são postos à profissão. Esta situação deve ser

ressaltada, por expressar a busca de superação dos entraves e dificultadores do exercício profissional;

- como sugestões para a ampliação do uso da pesquisa na prática profissional, apontaram a implementação de ações junto à categoria, no sentido de estimular e instrumentalizar os profissionais sobre o processo de pesquisa, sua sistematização e seus resultados, por meio de: ^{a)} investimentos em ações que propiciem a aquisição de postura investigativa e de domínio metodológico por parte dos profissionais, por meio de ações diversas (capacitações, oficinas, grupos de pesquisa e outros); ^{b)} ênfase na importância do uso da pesquisa junto à categoria; ^{c)} inserção da questão da pesquisa nas reuniões de supervisão da IES; ^{d)} continuidade de investimento na formação profissional; ^{e)} estabelecimento de parcerias entre a IES e o CRESS, no sentido de oportunizar a discussão e apropriação da pesquisa no Serviço Social, para a efetivação de uma maior interação entre o corpo docente, discente e supervisores.

Romper a dicotomia entre prática profissional e pesquisa é um desafio que está posto à profissão, indiscutivelmente. E ficou claro, com o estudo realizado, que esta transposição só se fará por um processo mediado na própria realidade, com a participação dos sujeitos históricos, que são os assistentes sociais que atuam nos diversos espaços ocupacionais onde a profissão é demandada e legitimada.

Firma-se aqui o compromisso de efetivar o retorno dos resultados da presente pesquisa aos sujeitos que dela participaram e ao contexto onde ela se construiu, que foi na FSSB, buscando-se socializar a realidade apreendida e lutar pela implantação e implementação das medidas apontadas pelos sujeitos. Esse retorno será feito dando-lhes a centralidade inerente ao seu papel, buscando ampliar o conhecimento dos profissionais sobre o processo da pesquisa, seus resultados, aportes metodológicos e outros.

Este trabalho tem ainda o compromisso de veicular os conhecimentos alcançados, junto aos órgãos representativos da categoria, pois ficou nítido que

trata-se de questão coletiva, ou seja, da passagem da ação do sujeito individual para o coletivo e assim, da condição de vontade para a de luta.

Este foi o horizonte da pesquisa que possibilitou dar evidência a esta tese, com a esperança de que possa ser luz para a ampliação do uso da pesquisa no exercício profissional. Deseja-se que a pesquisa seja compreendida em sua importância e que seja percebida como condição fundamental para a consolidação do Serviço Social na divisão sociotécnica do trabalho, bem como para que a profissão participe ativamente na conquista por uma sociedade mais justa e igualitária.

Partilha-se que não há solidão nesta luta, que também é dos sujeitos participantes desta pesquisa, o que fez ficar mais forte e determinada a vontade de estender os resultados obtidos a todos quantos estão inseridos no contexto do Serviço Social, como bem expressa o seguinte depoimento:

A pesquisa é a ferramenta fundamental para a obtenção de conhecimentos da realidade; é assim, imprescindível na minha prática profissional. Penso que os Assistentes Sociais têm que ser eternos pesquisadores. (Sujeito 26, assistência social, 2 anos)

Finaliza-se esta tese com o poema de Thiago de Mello (Santiago do Chile, Abril de 1964), intitulado “Os Estatutos do Homem (Acto Institucional Permanente)”, que muito tem a ver com o processo de pesquisa, fala da verdade, da esperança, da democracia, da liberdade e outros atributos que compartilha-se neste momento de emoção, já que grande foi a entrega – e por muito tempo – a este sonho que agora é realidade:

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade. Agora vale a vida e, de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV

Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único:

O homem, confiará no homem como um menino confia em outro menino.

Artigo V

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

Artigo VI

Fica estabelecida, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX

Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Artigo X

Fica permitido a qualquer pessoa, qualquer hora da vida, uso do traje branco.

Artigo XI

Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido, tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo único: Só uma coisa fica proibida: amar sem amor.

Artigo XIII

Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

Artigo Final

Fica proibido o uso da palavra liberdade, a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem.

REFERÊNCIAS

CFESS/ABEPSS/CEAD-UnB. (Org.) Apresentação. In: _____. Apresentação. In: CFESS/ABEPSS/CEAD-UnB. (Org.). **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1: Crise contemporânea, questão social e serviço social. Brasília: CFESS-ABEPSS-CEAD/NEAD-UnB, 1999.

ABESS/CEDEPSS. Proposta básica para o projeto de formação profissional. Documento (nov. 1995). **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, v. 17, n. 50, p. 143 -171, 1996.

ABESS. Associação Brasileira de Ensino em Serviço Social. **Proposta Nacional de Currículo Mínimo para o curso de Serviço Social II**. Rio de Janeiro: Oficina Nacional de Formação Profissional, 1996. Mimeografado.

ABESS/CEDEPSS. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social/ Centro de Documentação em Pesquisa e Políticas Sociais e Serviço Social. Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social, com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembléia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 7, Edição Especial, 1997. 168p.

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. O ensino do trabalho profissional nas regiões da ABEPSS – Região SUL II. **Revista Temporalis**, Rio Grande do Sul:ABEPSS, n.8, p. 99-104, 2004.

ABREU, Marina Maciel; SIMIONATO, Ivete. A situação da pesquisa em Serviço Social no Brasil. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 7, Edição Especial, p. 113-140, 1998.

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

ALVES, Claudio Humilde; FAZENDA, Ivani C. A. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo:Cortez, 2001.

AMMANN, Safira Bezerra. A produção científica no Brasil.**Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, Cortez, n.14, p. 144-176, 1984.

BAPTISTA, Miryan Veras. A produção de conhecimento social contemporâneo e sua ênfase no Serviço Social. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 5, p. 84-95, 1992.

BAPTISTA, Miryan Veras. A ação profissional no cotidiano. In: MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 110-121.

BAPTISTA, Miryan Veras. **A investigação em Serviço Social**. São Paulo: Veras; Lisboa: CPIHTS, 2006. 124 p.

BAPTISTA, Miryan Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social**. São Paulo: Veras, 2009. 175 p.

BARREIRA, Irly; CARVALHO, Alba Maria Pinto de. A pesquisa no debate contemporâneo e o Serviço Social. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 5, p. 43-83, 1992.

BATTINI Odária. **O estado das artes no Serviço Social**: estudo sobre a construção do conhecimento na prática profissional do assistente social. 1991. 207f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

BATTINI, Odária. A pesquisa nas ciências sociais: desafios e perspectivas. **Revista Emancipação**. Ponta Grossa: UEPG, v. 3, n. 1, p. 9-23, 2003.

BATTINI, Odária. Atitude investigativa e prática profissional. In: BAPTISTA, Mirian Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social**. São Paulo: Veras Editora 2009a. p. 30-53.

BATTINI, Odária. O lugar da prática profissional no contexto das lutas dos assistentes sociais no Brasil. In: BAPTISTA, Mirian Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social**. São Paulo: Veras Editora 2009b. p. 129-138.

BOCHEMBUZO, D. 50% dos novos cidadãos são migrantes. **Jornal da Cidade**, Bauru, 21 jan. 2001a. Geral, p.12.

BOCHEMBUZO, D. Universidades são ímã populacional. **Jornal da Cidade**. Bauru, 21 jan. 2001b. Geral, p.13.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. 2005. 339f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10, n. especial, p. 46-54, 2007.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. São Paulo: Veras; Ponta Grossa: UEPG, 2008. 232p.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 5 out. 1988.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/geral/publicacoes.asp>>. Acesso em: 19 set. 2008.

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **Supervisão em Serviço Social**: o supervisor, sua relação e seus papéis. São Paulo: Cortez, 1995.

CARDOSO, Franci Gomes. A pesquisa na formação profissional do Assistente Social: algumas exigências e desafios. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 8, p. 27-32, 1998.

CARDOSO, Isabel Cristina da Costa et al. Proposta básica para o projeto de formação profissional: novos desafios para o debate. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 7, p. 15-57, 1998.

CARVALHO, Alba Maria Pinto de. O projeto de formação profissional do assistente social. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 1, p. 17-42, 1993.

CARVALHO, Denise Bontempo; SILVA, Ozanira Silva e. (Orgs.). **Serviço Social, pós-graduação e produção de conhecimento no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2005.

CÉRON, Manuel Canales. **Metodologias de investigación social**. Santiago: Lon Ediciones, 2006. 408 p.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. **Código de Ética do Assistente Social**. Lei no. 8.662/93 de Regulamentação da Profissão. Brasília: CFESS, 1997.

CFESS/ABEPSS/ CEAD-UnB. (Org.). **Programa de capacitação continuada para assistentes sociais**. Módulo 5: Intervenção e Pesquisa em Serviço Social. Brasília: CEAD, 2001.

CFESS/ABEPSS/ CEAD-UnB. (Org.). **Programa de capacitação continuada para assistentes sociais**. II Curso de Especialização a Distância. Serviço social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: UnB, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 19., 1998, Goiânia. **Relatório das sessões temáticas**. Goiânia: Conselho Federal de Serviço Social, jul. 1998.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002. Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto, nov. 2002. p. 1-26.

DATA-ITE. **Pesquisa 2003**. Instituição Toledo de Ensino: Faculdade de Ciências Econômicas de Bauru, 2003.

DEGENNSZAH, Raquel Raichelis. Organização e gestão democrática das políticas sociais. In: CFESS/ABEPSS/ CEAD-UnB. (Org.). **Programa de capacitação continuada para assistentes sociais**. Módulo 3, O trabalho do Assistente Social e as políticas sociais Brasília: CEAD, 1999.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. ampliada. São Paulo: Atlas, 1995.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FALEIROS, V. P. **O saber e o poder institucional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FALEIROS, V. P. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1997.

FAZENDA, Ivani. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

FONTANA, Maria Inês. Identidade profissional: Uma construção coletiva incessante. In: **Construindo o Serviço Social**, Bauru: Edite, n. 7, p. 101-132, 2001. p.101-132.

FONTANA, Maria Inês. As transformações societárias e os desafios para o Serviço Social: uma construção coletiva incessante. **Construindo o Serviço Social**, Bauru: Edite, n. 7, p. 161-180, 2005.

FONTANA, Maria Inês. **Pesquisa em Serviço Social**. Apostila. Bauru: FSSB-ITE, 2009.

FONTOURA, Amaral. **Introdução ao Serviço Social**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1959.

FUNDAÇÃO SEADE. **Indicadores de saúde e qualidade de vida dos municípios. 2000**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>>. Acesso em: 26 set. 2008.

FUNDAÇÃO SEADE. **Indicadores de saúde e qualidade de vida dos municípios. 2005**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>>. Acesso em: 26 set. 2008.

FUNDAÇÃO SEADE. **Indicadores de saúde e qualidade de vida dos municípios. 2007**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>>. Acesso em: 26 set. 2008

FUNDAÇÃO SEADE. **Caracterização territorial e demográfica dos municípios. 2008**. Quadro 1. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>>. Acesso em: 26 set. 2008

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. 77 p. (Série Pesquisa em Educação, v.1)

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. O Serviço Social na contemporaneidade: dimensões históricas, teóricas e ético-políticas. **Debate CRESS-CE**, Fortaleza, n. 6, 1997.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Ensino e pesquisa no Serviço Social: desafios na construção de um projeto de formação profissional. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 6, p. 101-116, 1998.

IAMAMOTO, Marilda V. Reforma do Ensino Superior e Serviço Social. **Temporalis**, Brasília: Valci, n. 1, p. 35-80, jan./jul. 2000.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Os caminhos para a pesquisa no Serviço Social. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 9., 2004. Porto Alegre. **Conferência...** Porto Alegre, 3 dez. 2004a.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social** – Ensaios Críticos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004b.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema de contas nacionais. **Perfil de valor adicionado de economia dos municípios – 7ª região**. Figura nº 3. 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=sp>>. Acesso em: 20. set. 2008.

IGC. Instituto Geográfico e Cartográfico. (São Paulo, SP). Regiões de governo do Estado de São Paulo. **Mapa Regiões Administrativas do Estado de São Paulo**. Figura 1. São Paulo, 2008a. Disponível em: <<http://www.igc.sp.gov.br/index.htm#prodcartog>>. Acesso em: 18 set. 2008.

IGC. Instituto Geográfico e Cartográfico. (São Paulo, SP). Regiões de governo do Estado de São Paulo. **Mapa da Região Administrativa de Bauru**. Figura 2. São Paulo, 2008b. Disponível em: <<http://www.igc.sp.gov.br/mapasRas.htm#bauru>>. Acesso em: 18 set. 2008

KAMEYAMA, Nobuco. Concepção de teoria e metodologia. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 3, p. 99-116, 1995.

KAMEYAMA, Nobuco. A trajetória da produção de conhecimentos em Serviço Social: avanços e tendências (1975- 1997). **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 8, p. 33-76, 1998.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Projeto História: história e oralidade**, São Paulo: EDUC, n. 22, 2001.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LARA, Ricardo. Pesquisa e Serviço Social: da concepção burguesa de ciências sociais à perspectiva ontológica. **Katálisys**, Florianópolis, v.10, n. especial, p. 142-157, 2007.

LEFÈBVRE, Henri. **Sociologia de Marx**. Tradução de Carlos Roberto Alves Dias. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1968.

LEFÈBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEHFELD, Neide Aparecida de Souza; BARROS, Aidil Jesus da Silveira. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1990.

LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Os primeiros passos na universidade**. 3. ed. Franca: UNESP-FHDSS, 1999.

LEHFELD, Neide Aparecida de Souza; BARROS, Aidil Jesus da Silveira. **Fundamentos da metodologia científica**. 2. ed. ampl. São Paulo: Makron Books, 2000.

LEHFELD, Neide A. de Souza. A prática da pesquisa qualitativa no Serviço Social- alguns aportes metodológicos e operacionais. In: José Filho, Mário; LEHFELD, Neide A. de Souza (Orgs.). **Prática de Pesquisa**. Franca: UNESP, 2004. p. 11- 24.

LUKÁCS, Gyorgy. **Ontologia do ser social: os princípios fundamentais de Marx**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: identidade e alienação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Notas sobre mediações**. São Paulo: PUC-SP, 1993. Mimeografado.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Uma abordagem socioeducacional. In: MARTINELLI, Maria Lúcia; RODRIGUES, Maria Lúcia; MUCHAIL, Salma Tannus. (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 139-151

MARTINELLI, Maria Lúcia. Palestra proferida na Universidade Federal do Piauí. Teresina, 24 out.1996.

MARTINELLI, Maria Lúcia. A nova identidade profissional. **Serviço Social Hospitalar**, São Paulo: CASS/Hospital das Clínicas, n. 1, 1997.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O Serviço Social na transição para o próximo milênio: desafios e perspectivas. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, v. 19, n.57, p.133-148, 1998.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Coord.). **O uso da pesquisa qualitativa na pesquisa em Serviço Social: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999a. p. 7-8.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Seminário sobre metodologias qualitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Coord.). **O uso da pesquisa qualitativa na pesquisa em Serviço Social: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999b. p.11-18.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Coord.). **O uso da pesquisa qualitativa na pesquisa em Serviço Social: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999c. p. 19-30.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Os métodos na pesquisa: a pesquisa qualitativa. **Temporalis**, Recife: ABEPESS, n. 9, p.117-130, 2005a.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Pensar a identidade: eis a tarefa. Um ensaio sobre a identidade profissional do Serviço Social. In: KARSCH, Úrsula (Org.). **Estudos do Serviço Social Brasil e Portugal II**. São Paulo: EDUC, 2005b. p.65-78.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Sentido e direcionalidade da ação profissional: projeto ético-político em Serviço Social. In: BAPTISTA, Mirian Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social**. São Paulo: Veras Editora 2009. p. 130-149.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

MARTINS, Rosane Aparecida de Souza. A pesquisa no processo de formação do assistente social na graduação: de 1930 a 2000. In: LEHFELD, Neide Aparecida de Souza; JOSÉ FILHO, Mário (Org.). **Prática de Pesquisa**. Franca: UNESP, 2004. p. 55-72.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (v. I).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1999.

MUNIZ, Egli. O projeto pedagógico da Faculdade de Serviço Social de Bauru. **Construindo o Serviço Social**, Bauru: ITE-FSSB, n. 14, p. 97-160, 2004.

NETTO, José Paulo; FALEIROS, Vicente de Paula. Teoria, método e história na formação profissional. **Caderno ABESS**, São Paulo:Cortez, n.1, p. 20-28, 1993.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo:Cortez, v,17, n. 50, p.87-132, 1996.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**:uma análise do Serviço Social pós 64. 4. ed. São Paulo: Cortez,1998.

NETTO, José Paulo. A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea. In: In: CFESS/ABEPSS/CEAD-UnB. (Org.). **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1: Crise contemporânea, questão social e serviço social. Brasília: CEAD, 1999.

PACCHIONI, Margareth Maria. **Estágio e supervisão**: uma reflexão sobre a aprendizagem significativa. Americana: Stiliano, 2000.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

POCHMANN, M; AMORIM, R. (Orgs.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez; 2003.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: versão oficial. São Paulo: Cortez, 2004.

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PONTES, Reinaldo Nobre. Mediação: categoria fundamental para o trabalho do Assistente Social. In: CFESS/ABEPSS/CEAD-UnB. (Org.). **Capacitação em Serviço Social e Política Social**: Módulo 4: O trabalho do Assistente Social e as políticas sociais. Brasília: CEAD, 2000.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e fontes orais. In: **Tempo**, Rio de Janeiro: Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, v. 1. n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, São Paulo: Programa de História PUCSP, n. 14, p. 25-39, 1997.

PRATES, Jane Cruz. O planejamento da pesquisa social. **Temporalis**, Porto Alegre: ABEPSS, v. 4, n. 7, p. 123-143, 2004.

QUEDA, Clorinda Luz Queda. Um estudo da competência e intervenção profissional no Serviço Social. **Construindo o Serviço Social**, Bauru: Edite, n. 2, p. 6-26, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O pesquisador, o problema de pesquisa e a escolha de técnicas: algumas reflexões. **Caderno CERU**, São Paulo: Universidade de São Paulo, Textos 3, 2ª. série, 1992.

RELATÓRIO de avaliação institucional da FSSB - ITE. Bauru: ITE, 2007. 121p.

RODRIGUES ON, Maria Lúcia. O Serviço Social e a perspectiva interdisciplinar. In: MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 152-158.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre a ciência "revisitado"**. Portugal: Afrontamento, 2003a.

SANTOS, Boaventura de Souza. O papel da produção de conhecimento na transformação social. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL "O PAPEL DA SOCIEDADE CIVIL NAS NOVAS PAUTAS POLÍTICAS". 2003. São Paulo. **Conferência...** São Paulo: ABONG, 2 set. 2003b.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. **Perfil regional, 2007**. Disponível em: <<http://www.planejamento.sp.gov.br/des/textos8/Bauru.pdf>> Acesso em: 20 set. 2008.

SARMENTO, Helder Boska de Moraes. Serviço Social, das tradicionais formas de regulação sociopolítica ao redimensionamento de suas funções sociais. In: CFESS/ABEPSS/CEAD-UnB. (Org.). **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 4: O trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília: CEAD, 1999.

SAWAIA, Bader Burihan. A falsa cisão retalhadora do homem. In: MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1996.

SEABRA, Giovanni de Farias. **Pesquisa científica: o método em questão**. Brasília: UnB, 2001.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder/USP, 1967.

SERRA, Rose M. S. **O Serviço Social do Rio de Janeiro na crise do Estado brasileiro e em face do projeto neoliberal**. São Paulo: Cortez, 2000.

SETUBAL, Eglair Alencar. **Pesquisa em Serviço Social: utopia e realidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. O poder da verdade e a verdade do saber. In: MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995.

SIMIONATTO, Ivonete. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social. *Temporalis*, n. 8, 2004.

SIMIONATTO, Ivonete. Os desafios da pesquisa e da produção do conhecimento em Serviço Social. *Temporalis*, v. 5, n. 9, p. 51-61, 2005.

SPOSATI, Aldaísa. Conhecimento da verdade e o exercício do poder. In: MARTINELLI, M. L.; RODRIGUES, M. L.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 66-77.

SPOSATI, Aldaísa. Palestra proferida na aula inaugural da disciplina “Produção de Conhecimento”, no curso de pós-graduação de Serviço Social da PUC-SP ago.2006.

TEIXEIRA, Francisco José S.; OLIVEIRA, Manfredo. **Neoliberalismo e reestruturação produtiva**: as novas determinações do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1996.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da práxis**. 3. ed. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

YAZBEK, Maria Carmelita. O Serviço Social como especialização do trabalho coletivo. In: CFESS/ABEPSS/ CEAD-UnB. (Org.). **Programa de capacitação continuada para assistentes sociais**. Módulo 2: Reprodução social, trabalho e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999a.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade. In: CFESS/ABEPSS/ CEAD-UnB. (Org.). **Programa de capacitação continuada para assistentes sociais**. Módulo 4: O trabalho do Assistente Social e as políticas sociais Brasília: CEAD, 1999b.

YAZBEK, Maria Carmelita. Desafios profissionais do serviço Social no Brasil. In: KARSCH, Úrsula (Org.). **Estudos do Serviço Social Brasil e Portugal II**. São Paulo: EDUC, 2005a. p.11- 24.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os caminhos para a pesquisa no Serviço Social. **Temporalis**, Recife: UFPE, v. 5, n. 9, p. 147-160, 2005b.

YAZBEK, Maria Carmelita. Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade. Texto escrito para o Curso de Especialização Lato Sensu em Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. CFESS/ABEPSS, 2009.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBIERO, Célia Maria Grandini. **Ensinar e aprender: desafios constantes na formação profissional do Serviço Social.** 2000. 194 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

ALBIERO, Célia Maria Grandini et al. Projeto Pedagógico da Faculdade de Serviço social de Bauru. **Revista Construindo o Serviço Social**, Bauru: Instituto de Pesquisas e Estudos/Divisão Serviço Social, Edite, n. 11, p.15-84, 2003.

ALBIERO, Célia Maria Grandini. **Na aquarela do Brasil: as cores se misturam na “supervisão sistemática” e na “avaliação qualitativa” no estágio acadêmico em Serviço Social.** 2006. 383 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BAPTISTA, Mirian Veras. A prática social/prática profissional: a natureza complexa das relações profissionais cotidianas. In: BAPTISTA, Mirian Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social** São Paulo: Veras, 2009a. p. 13-28.

BAPTISTA, Mirian Veras. A relação teoria/método: base do diálogo profissional com a realidade. In: BAPTISTA, Mirian Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social** São Paulo: Veras, 2009b. p. 29-52.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições Setenta, 1979.

BATTINI, Odária. Atitude investigativa e formação profissional: a falsa dicotomia. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n.45, p. 142-146, 1994.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social.** Uma crônica do salário. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

FALEIROS, Vicente de Paula. Questões presentes para o futuro. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 17., n. 50, p. 9-39, 2004.

FAVERO, Eunice Terezinha. Desafios e perspectivas do exercício profissional do assistente social na efetivação de direitos. In: BAPTISTA, Mirian Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social.** São Paulo: Veras, 2009. p. 130-149.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Maria Emília F. **Serviço Social e construção do conhecimento: contextos, lógicas e significados no Serviço Social português.** 2006. 391f. Tese

(Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2006.

FOLDER de divulgação. CFESS/ABEPSS. **Proposta do II Curso de Especialização á distância**, 2004.

FONTANA, Maria Inês. **O trabalho juvenil em perspectiva**. 2001. 204f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.

GRASMCI, Antonio. **Quaderni del cárcere**. Edição Crítica de Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 4 v, 1977.

GUERRA, Yolanda. O ensino da prática no novo currículo: Elementos para o debate. **Construindo o Serviço Social**. Bauru. Instituto de Pesquisas e Estudos – Divisão Serviço Social: EDITE n.12, 2003 p. 203-222.

GUERRA, Yolanda. O conhecimento crítico na reconstrução das demandas profissionais contemporâneas. In: BAPTISTA, Mirian Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do assistente social**. São Paulo: Veras Editora 2009. p. 54-79.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Os caminhos para a pesquisa no Serviço Social**. Palestra Gravada. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social PUC/São Paulo, 2005.

KOIKE, Maria Marieta dos Santos et al. Caracterização da área do Serviço Social. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 7, p. 77-92, 1998.

KOURMROUYAN, Elza. A pesquisa do indizível – a escuta do outro. In: MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 95-112.

LANCHA, Raquel de Souza Palma; LEHFELD, Neide Aparecida Souza. O Serviço Social e a prática da pesquisa científica. **Revista Serviço Social e Realidade**, v. 12, n. 2, 2003, p. 111- 117.

LÔWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 2003.

LUKÁCS, Gyorgy. **Introdução a uma estética marxista** - sobre a particularidade como categoria estética. Tradução de Carlos Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

MACIEL, Marina; CARDOSO, Franci Gomes. A metodologia do Serviço Social - a práxis como base conceitual. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 3, p. 162-181, 1993.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O ensino teórico-prático do Serviço Social: demandas e alternativas. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, v.15, n.44, p.71-76 ,1994.

MARTINELLI, Maria Lúcia. A pesquisa qualitativa: elementos conceituais e teórico-metodológicos. **Serviço Social Hospital**, São Paulo: Coordenadoria de Atividades do Serviço Social do Hospital da Clinicas/FMUSP, v.10-11, 2006.

MOTA, Ana Elizabete. Reestruturação do capital, fragmentação do trabalho e Serviço Social. In: MOTA, Ana Elizabete. (Org). **A nova fábrica de consensos**. São Paulo: Cortez, 1998.

MUNIZ, Egli et al. Regulamento de estágio. **Construindo o Serviço Social**, Bauru: Edite, n. 11, p. 85-98, 2003.

NETO, Ana Maria Quiroga Fausto. Produção científica e formação profissional- os paradigmas do conhecimento e seu reatamento no cotidiano do ensino, pesquisa e exercício profissional. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 6, p. 20-28, 1998.

PAIVA, Beatriz Augusto. Reflexões sobre a pesquisa e processo de formulação e gestão. In: CFESS/ABEPSS/CEAD-UnB. (Org.). **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 4: O trabalho do Assistente Social e as políticas sociais. Brasília: CEAD, 2000.

PEREIRA, Potyara. **A assistência social na perspectiva dos direitos**: crítica aos padrões dominantes de proteção aos pobres no Brasil. Brasília: Thesaurus, 1996.

PINTO, João Bosco. Buscando uma metodologia de pesquisa para o Serviço Social: reflexões de um professor de pesquisa à margem dos paradigmas. **Caderno ABESS**, n. 6, São Paulo: Cortez, 1998.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. **Revista Projeto História**, São Paulo: Programa de História PUCSP, n. 14, p.7-24, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**, São Paulo: Programa de História PUCSP, n. 15, p.13 a 33, 1997.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUCSP, n. 22, p. 9-36, 2001.

RAICHELIS, Raquel. **Esfera pública e Conselhos de Assistência Social**: caminhos da construção democrática. São Paulo: Cortez, 1998.

SADER, Eder. **Quando os personagens entram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez, 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 20 ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Ademir Alves. As relações Estado-sociedade e as formas de regulação social. In: CFESS/ABEPSS/CEAD-UnB. (Org.). **Capacitação em Serviço Social e**

Política Social: Módulo 2: Reprodução social, trabalho e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999.

SILVA, Lídia Maria Monteiro Rodrigues da. A construção do conhecimento e o ensino. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 6, 1998.

SPOSATI, Aldaísa. Conjuntura nacional e demandas para o Serviço Social. **Caderno ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 6, 1998.

WANDERLEY, L. E.; BOGUS, L. M. M. ; YAZBEK, M. C. **Desigualdade e questão social**. São Paulo: EDUC, 2000.

YAZBEK, Maria Carmelita. O Serviço Social e a construção dos direitos sociais. In: BAPTISTA, Miryan Veras; BATTINI Odária (Orgs.). **A prática profissional do Assistente Social**. São Paulo: Veras Editora 2009. p. 107-128.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Bauru, outubro de 2008

Cara(o) Assistente Social Supervisor(a) de Estágio da FSSB:

É com grande satisfação que encaminhamos pelo nosso aluno e seu estagiário, este **questionário** (um dos instrumentos de coleta de dados) **de nossa pesquisa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Lucia Martinelli**, cujo objeto de estudo é a utilização da pesquisa pelo assistente social no seu trabalho profissional.

Convidamos desta forma, você supervisor, a ser **sujeito de nossa pesquisa**, já que temos apreço pelo trabalho desenvolvido nesse espaço ocupacional, pelo relevante papel que exerce na formação de nossos alunos, bem como pela identidade profissional que expressa no contexto onde está inserido.

Esclarecemos que estamos encaminhando, **a todos os supervisores da FSSB**, o presente instrumento de coleta de dados, através do aluno supervisionado, que por questões éticas e metodológicas não terão identificação, já que posteriormente serão tabulados e analisados com vistas aos objetivos científicos planejados. Assim sendo, **solicitamos que sejam respondidas todas as questões**, que se sintam à vontade para expressar suas concepções, vivências e experiências, sendo esta a relevância da pesquisa em tela. O **instrumento deverá ser devolvido** em mãos ao **aluno supervisionado, num prazo de dez dias, no mesmo envelope que foi encaminhado**, sem identificação e fechado. Para **aprofundamento do objeto** de estudo realizaremos, posteriormente, a aplicação de outro instrumento de coleta de dados, o **grupo focal**, onde a escolha de seus elementos se fará subsequentemente, embasados nas respostas obtidas neste presente questionário, daí a importância de se responder integralmente o instrumento em anexo (parte A e parte B), o que oportunizará a comunicação prévia do mesmo, bem como a confirmação de presença.

Antecipadamente agradecemos sua atenção e participação e nos comprometemos a apresentar os resultados obtidos neste estudo oportunamente.

Maria Inês Fontana
Professora da FSSB

Egli Muniz
Diretora da FSSB.

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO DA PESQUISA****PARTE A: Perfil do sujeito**

Área de atuação _____ Município _____

Nº. de estagiários que supervisiona _____

Idade _____ Estado civil _____ Sexo _____

Ano formação _____

Unidade Escolar _____

Há quanto tempo trabalha como assistente social? _____

Há quanto tempo trabalha neste espaço ocupacional? _____

Tem outra graduação? _____

Fez alguma pós-graduação? _____

Se sim, qual nível? _____ (especialização, mestrado, doutorado)

Em que área? _____ (Serviço Social, outra: citar qual)

Há quanto tempo é supervisora de estágio? _____

Teria disposição em participar do grupo focal para discutir a questão em estudo?

Sim () não () Porque _____

Se afirmativo:

Qual o horário preferido para sua participação: manhã () tarde () noite ()

Precisa de ajuda de custo sim? () não ()

Qual o telefone que poderíamos informar e confirmar presença no caso de selecionado? Tel _____

Se tiver: e-mail _____

Obrigada pela participação! Sem ela não alcançaremos nossos objetivos!

PARTE B: Quanto ao objeto de estudo**Responda as questões:**

1. No seu trabalho cotidiano você utiliza a pesquisa em sua prática profissional?

() sim () não

Se responder negativo, responda a partir da 7ª questão.

Se negativo:

2- A que atribui sua postura?

Se afirmativo:

3- Em que situações você a tem utilizado?

4- Com que frequência a utiliza?

5- Em quais perspectivas?

() quantitativa () qualitativa () em ambas

A que atribui esta opção metodológica?

6- Quais os instrumentos de coleta de dados mais utilizados nas pesquisas que realiza? Cite-os _____

7- Acredita que o Assistente Social, no seu trabalho, poderia fazer mais uso da pesquisa?

sim não

Justifique sua resposta:

8-Como você concebe a pesquisa na sua prática profissional do assistente social?

9- Atribui relevância na utilização da pesquisa para o desenvolvimento de seu trabalho profissional?

sim não

Por quê?

10-Quais são os elementos que você atribui como facilitadores para a utilização da pesquisa na prática profissional?

11- Quais elementos que, para você, se colocam como dificultadores para a efetivação da pesquisa no exercício profissional?

12- Quais são as perspectivas que você vislumbra para o que o uso da pesquisa se efetive de forma contínua e sistemática pelo Assistente Social em sua prática profissional cotidiana?

13- Teria sugestões para alteração da questão deste estudo com vistas à qualificação da prática profissional do Assistente Social?

Obrigada!

A. S. Ms. Maria Inês Fontana
Professora da FSSB
Aluna Doutorado – PUC/SP
e-mail: minesfontana@terra. com.br
telefone: res: 14- 32276485 cel 14-81110771

APÊNDICE C**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, _____

RG _____, abaixo assinado, estando devidamente esclarecido (a) sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa a ser realizada pela pesquisadora Maria Inês Fontana, aluna do Curso de Pós-Graduação em Serviço Social- nível doutorado, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli, concordo em participar da pesquisa, sob a condição de preservação da minha identidade tanto na coleta dos dados como, no tratamento e divulgação dos mesmos.

Bauru, _____ de _____ de 2008

Assinatura

APÊNDICE D

ROTEIRO DAS QUESTÕES NORTEADORAS DO GRUPO FOCAL

- 1- Como se efetiva o processo de pesquisa na sua prática profissional?

- 2- Quais são as demandas mais expressivas no seu trabalho, que têm exigido a prática da pesquisa?

- 3- Quais os elementos facilitadores e dificultadores para o uso da pesquisa no trabalho profissional do Assistente Social ?

- 4- Quais as condições necessárias para ampliação e valorização da pesquisa na prática profissional do assistente social?